BOSQUEJO METRICO
DA
HISTORIA DE PORTUGAL

POR

ANTONIO JOSÉ VIALE

SOCIO EFFECTIVO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

OPUSCULO APPROVADO

PELO

CONSELHO GERAL DE INSTRUCÇÃO PUBLICA

5.ª Edição muito acrescentada e seguida de um resumo da mesma historia em prosa
e de notas ao texto metrico

When truth is sufficient to fille the mind,
fiction is worse than useless.

JOHNSON.

1886

Lallemant Frères, Imp. Lisboa

FORNECEDORES DA CASA DE BRAGANÇA

6, Rua do Thesouro Velho, 6

BOSQUEJO METRICO

BOSQUEJO METRICO

DA

HISTORIA DE PORTUGAL

POR

ANTONIO JOSÉ VIALE

SOCIO EFFECTIVO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

OPUSCULO APPROVADO

PELO

CONSELHO GERAL DE INSTRUCÇÃO PUBLICA

5.ª Edição muito acrescentada e seguida de um resumo da mesma historia em prosa e de notas ao texto metrico

> When truth is sufficient to fille the mind,
> fiction is worse than useless.
>
> JOHNSON.

1886

LALLEMANT FRÈRES, IMPRENSA, LISBOA

FORNECEDORES DA CASA DE BRAGANÇA

6, Rua do Thesouro Velho, 6

Eu d'esta vida só fico contente
Que as glorias memorei *da lusa gente.*

VIALE.

PROLOGO DA 4.ª EDIÇÃO

O titulo d'este opusculo declara bastantemente qual é a sua natureza e qual o fim a que é destinado.

Onde não se descobre indicio algum de inspiração; onde não se revela creação alguma da phantasia; onde não se empregou artificio algum na traça e contextura das differentes partes de um todo; não ha certamente poema heroico, nem ainda poema historico ornadamente narrativo. O auctor do *Bosquejo* nem aspira aos louros de poeta, nem pretendeu compor um poema, ainda no mais modesto significado da palavra. Não prometteu apresentar ao publico um painel historico ou uma serie de quadros historicos; nem ainda uma galeria de retratos bem desenhados e coloridos. Propoz-se delinear com simples contornos os vultos dos nossos monarchas, acompanhando a imagem de cada um d'elles com a mais ou menos individualisada menção de alguns varões eminentes em armas ou letras, que deram realce a cada reinado; e emquanto

*

a estes não guardou sempre uma ordem chronologica absolutamente rigorosa.

A mingua de poesia propriamente tal procurou o auctor compensa-la, quanto lhe foi possivel, empregando algum desvelo no tocante á dicção e ao estylo, e algum esmero emquanto á metrificação. Os seus esforços n'estes dois pontos têem sido alentados com indulgente favor por distinctos litteratos, e principalmente pelo douto, mimoso e suavissimo vate Castilho, a quem entre nós, não só em poesia, mas em outros ramos de litteratura, podemos sem adulação applicar o epitheto dado por Dante ao philosopho de Estagira: «*Il maestro di color che sanno.*»

Emquanto á obrinha considerada como livro auxiliar para a instrucção da mocidade portugueza, a sua utilidade parece ponto fóra de duvida, pois lhe foi favoravel o juizo do conselho geral de instrucção publica, que não duvidou honra-la com a sua approvação, auctorisando o seu uso nas aulas publicas.

O summario da historia de Portugal em verso, com o titulo de *Bosquejo Historico-Poetico*, sahiu á luz, pela primeira vez em 1854, na typographia da *Revista Universal*, contendo 233 oitavas. Uma abreviação do mesmo opusculo, comprehendendo apenas 100 estancias, imprimiu-se em Braga na *Typographia Lusitana* em 1857.

Em 1858 saíu dos prelos da *Imprensa Nacional* o *Bosquejo Historico*, intitulado com mais propriedade *Metrico*, em vez de *Poetico*, e constando de 290 oitavas.

Na mesma typographia se imprimiu o *Bosquejo Metrico* em 1861, abrangendo 324 oitavas.

Na presente edição o numero das oitavas sobe a 400, e a plena intelligencia do texto metrico se acha facilitada aos estudantes não só pelo *Resumo Historico* em prosa, e pelo *indice alphabetico* dos nomes proprios, mas tambem pelas notas agora pela primeira vez publicadas.

Muitos outros factos poderiam haver sido apontados, muitos outros nomes poderiam ter sido mencionados no *Bosquejo*, se o auctor não houvesse posto constante mira em ser tão parco na indicação de factos de importancia secundaria, como em ser conciso no estylo; julgando que em escriptos escolares tem menos inconvenientes alguma deficiencia (aliás não difficil de supprir) do que uma enfadonha sobegidão e uma esteril abundancia.

AOS ALUMNOS DA REAL CASA PIA DE LISBOA

Filhos do pae celeste, orphãos na terra,
Mas mimosos da lusa caridade,
Nobres exemplos este livro encerra
De alto valor, e de christã piedade:
Lendo de nossos reis, na paz, na guerra,
Tantas acções de esforço e heroicidade,
Vereis que, d'elles digna, a lusa gente
Briosa sempre foi, sempre valente.

Lereis que um povo antigo subjugára
Todas, quasi, as nações do velho mundo:
Outro vedes, que ovante os plainos ara
(Dominador feliz) do mar profundo:
Vedes outra nação, não menos clara,
Do bom gosto empunhar sceptro jocundo;
Nas armas sendo, a um tempo, insigne e déstra,
E nas artes da paz modelo e mestra.

De antiga ou de moderna estranha gloria
Não vos offusque o brilho: a patria vossa
Logar excelso conquistou na historia,
De que nação nenhuma a desapossa:
De acções tão dignas de immortal memoria
Como façanhas mil da gente nossa,
Povo algum não blazona: é nescio, ou louco,
Quem ter tão nobre patria estima em pouco.

Não tem hoje o poder que teve outr'ora...
Mas, livre, em seu valor tem firme esteio:
Da discordia e cubiça os damnos chora...
Á discordia, á cubiça ah! ponde um freio:
Não pratica outro culto, a Christo adora:
Não ha n'isso mister de exemplo alheio:
Deveu ao brio e á fé riquezas, brilho:
Honrae vossos avós; segui seu trilho.

BOSQUEJO

METRICO

CANTO I

I

Novo cantor da patria ascenda ao Pindo:
A celebrar seus fastos se abalance,
E, de ficções a historia revestindo,
De segundo Camões renome alcance:
Eu, tão só da verdade a luz seguindo,
Folgo indicar n'um rapido relance,
Sem que chame em auxilio Apollo, as musas,
Luso, aos filhos de Lysia, as glorias lusas.

II

Da derradeira Hesperia o solo ameno,
No extremo occaso (Portugal agora)
Onde ar puro se logra, um céu sereno,
E os dons mais bellos de Pomona e Flora,
Lusitania chamou-se. O povo peno,
Que sulca, afouto, o mar, terras explora,
Em região tão rica e tão fecunda,
Dilata o seu poder, colonias funda.

III

Eleva-se porém na ausonia terra,
Povo rival da flórida Carthago:
Esplendido porvir se lhe descerra,
Do qual seu nobre orgulho é já presago.
Filho, que tal se crê, do deus da guerra, —
Todo marcio furor, — não despe o sago...
Para a sua ambição é já pequeno
O conquistado italico terreno.

IV

Eis que as hostes de Roma, ao peno infestas,
Vem, sedentas de sangue, ao clima hispano...
Auxilios a Carthago, ó Lysia, prestas,
Causa á lacia nação de immenso damno.
Após tres lutas horridas, funestas,
Succumbe emfim o barbaro africano:
Roma, qual soberana, em alto solio,
Ao mundo dicta leis no Capitolio.

V

A Lysia as dita em vão... Do monte Herminio
O pastor Viriato, escuro e pobre,
Por dois lustros resiste ao seu dominio,
Sem que jamais seu animo soçobre.
Assim, ó Roma, o barbaro assassinio,
Obra de um teu pretor cobarde e dobre,
Na longa lide em que o vigor esgotas,
Pagas, com justa pena, em cem derrotas.

VI

Sempre afeito a vencer, morde-se e brame,
De raiva insano, o tumido latino,
Pelos lusos vencido; embora clame,
Que é prole illustre do immortal Quirino.
Esquece o brio antigo em tal certame;
Teme arrostar as furias do destino...
Quem julgar-se ousará mais forte e sabio
Que Unimano e Pompeu, que Plaucio e Fabio?

VII

«Viriato se immole». Infames braços
Cravam trédos punhaes no inerme peito,
Quando o heroe, dando folga aos membros lassos,
Jaz, immerso no somno, em duro leito.
Mas embora os mais graves embaraços
Suscite á nobre causa o torpe feito;
Da Italia, em breve, singular reforço
Chega, opportuno, ao lusitano esforço.

VIII

Entre os lusos Sertorio, em raiva acceso,
Latino, contra o Lacio as armas vibra:
Sustenta do commando o grave peso,
E as mais dispares forças equilibra.
Contra a lusa nação, quasi indefeso,
Na traição o romano emfim se libra:
Ao antigo sequaz do forte Mario
Arranca a nobre vida um vil sicario.

IX

Morto o bravo caudilho, em pranto, em luto,
Desanimada, fica a Hespanha inteira;
Que vê d'esforços mil perder-se o fructo,
Bem que inda pugne, intrepida, guerreira:
Até que Octaviano, audaz e astuto,
Póde ganhar victoria derradeira,
Dos povos, que pungira a prisca injuria,
Com brandos modos desarmando a furia.

X

Então por cinco seculos, submissa,
Paga tributo a Roma a lusa gente,
A Roma que, com barbara injustiça,
O mundo opprime, altiva e prepotente:
Mas ao seu fasto e sordida cubiça
Chega o termo fadado. O Omnipotente,
Tanto orgulho e furor mais não soffrendo,
Manda ao povo oppressor castigo horrendo.

XI

(Mas antes que na Hespanha derribado
Fosse o colosso do poder romano,
De Christo a sancta grei viu sublimado,
Á cadeira de Pedro um lusitano:
Nas sacras lettras mestre abalisado,
Pastor zeloso, sabio soberano,
Damaso a Guimarães de quem foi filho,
Deu ao berço natal fulgente brilho.

XII

Nem tão só por virtude e zelo sancto
Na igreja digno foi da summa alteza,
Foi versado na douta antiguidade,
Uniu doçura á pastoral firmeza.
Sem descurar a sacra potestade
Carmes dictou, primores de belleza.
Rosaes de Jerichó, Damaso em Roma,
Pio vate, aspirara o vosso aroma.)

XIII

Varios em lingua e leis, em crenças varios,
Boreaes povos, de indole ferina,
Excita á lucta (asperrimos contrarios)
De Roma em damno, a colera divina.
Eis ameaçam, brutos, sanguinarios,
Aos lacios muros ultima ruina,
Vingar fazendo assim vetustos planos,
Godos e suevos, vandalos e alanos.

XIV

Da Germania e da terra escandinava,
Vem o imperio assaltar com furia infrene.
Ei-los na Hespanha já, qual ignea lava,
Descendo os altos montes de Pyrene!
Roma despota fôra; agora escrava
Quer o céu vingador que chore e pene,
Vendo do seu poder o grão colosso
Desfeito em pó, com misero destroço.

XV

(Mas se o prisco poder, fulgor profano,
Perdeste, ó Roma de Quirino e Numa,
Exerces um poder mais do que humano
Hoje, ó Roma christã, com gloria summa.
Em ti tem séde fixa o soberano
Pastor da grande grei, que é santa e uma;
E assim te posso, afouto e verdadeiro,
Metropole chamar do mundo inteiro.)

XVI

O pugnaz invasor na Hesperia abranda,
A pouco e pouco, os barbaros costumes,
E deixada de Ario a seita infanda,
Da pura fé recebe os claros lumes.
Quasi esquecidos, de uma e de outra banda,
Figadaes odios, pristinos ciumes,
De paz e affecto vinculo sincero
Une o godo feroz e o bravo ibero.

XVII

Similhante á do grande Constantino
Gloria ganha na Hespanha Recaredo,
E mais cauto e sagaz, nunca ao malino
Influxo cede de infernal enredo.
Adora a Christo, Deus, ao Pae Divino
Em tudo igual. Os padres de Toledo
Exultam de prazer: concorde, toda,
O erro e a scisma abjura a gente goda.

XVIII

De discordias civis fatal resulta!
Nova cruenta guerra Hespanha assola:
De Rodrigo a ambição não fica inculta;
Julião ao seu odio a patria immola.
Co'a nefanda traição a Libya exulta;
A bandeira do arabio já tremola
(Que horror!) após terrificas batalhas,
Derribada a da Cruz, em cem muralhas.

XIX

Os proceres opprime, e o clero e a plebe,
O sectario do falso, impio, propheta:
Mas para resistir-lhe eis se apercebe
Pelaio, da fé santa insigne athleta.
Na mente a heroica empreza, audaz, concebe;
Infatigavel tende á nobre méta;
Arma-se, «ás armas» brada, e nas Asturias,
Rebate, rei christão, as mauras furias.

XX

Ao som da rouca tuba, em toda a parte
Arma-se a grei christã, prodigios obra:
Da Cruz ovante ao inclyto estandarte
A cerviz, vezes cem, o mouro dobra;
Outras, resiste impavido, e d'est'arte
Não larga a presa opima, alentos cobra:
Seculos dura a lide e se propaga
Mais e mais, e de sangue a Hesperia alaga.

XXI

Mas protege os christãos favor celeste!
Surge na terra hispana estado novo,
Que em prol da fé, Senhor, crescer fizeste,
Qual d'arvore vivaz feliz renovo.
Embora Africa toda auxilio preste
Ao sarraceno hispano; o luso povo
Vae vence-lo, e plantar, dos céus bemquisto,
Té nos confins do mundo a Cruz de Christo!

XXII

O borgonhez Henrique ao solo hesperio
A lança vem brandir. Guerreiro invicto,
Da gente maura em damno, em vituperio,
Longo sustenta, asperrimo, conflicto.
Governa o Sexto Affonso o hispano imperio,
E em premio a tal valor, com santo rito
Quer que o famoso heroe se una a Tareja,
E, conde, Portugal conquiste e reja.

XXIII

Do assim havido illustre senhorio
Em breve Henrique os terminos dilata:
Continuo affronta o mauro poderio;
Castellos, hostes, rende e desbarata,
Nem menos que bellaz, devoto e pio,
De Christo o grão sepulchro, humilde acata,
E ao Redemptor, que ali jazêra outr'ora,
Entre a turba fiel, prostrado adora.

XXIV

Affonso Henriques, já na inteira idade,
Mau grado á mãe, assume a governança:
Firma da patria a plena liberdade,
E contra o fero mouro empunha a lança.
Heroico campeão da christandade,
Em mystica visão, ditoso, alcança
Do divinal favor certeza expressa,
E em prol do novo reino alta promessa.

XXV

Posto o mouro em Ourique em plena rota,
É proclamado rei, com ledo auspicio,
Das quinas o brazão no campo adopta;
Da visão, da victoria, ao mundo indicio.
Assoma á foz do Tejo amiga frota:
Não perde Affonso ensejo tão propicio;
Aos muros de Lisboa o cerco aperta,
E, após renhidas luctas, os liberta.

XXVI

Na Extremadura, oppresso, retrocede
Em toda a parte o barbaro agareno:
Mas, bravo e pertinaz, inda não cede
Alem do Tejo aurifero e sereno.
Na guerra, sem descanço, o rei procede;
Conquista transtagano amplo terreno,
E faz ali nos muros e campinas
A bandeira ondear das sanctas quinas.

XXVII

A bem do novo lusitano estado
Vivas preces ao céu Bernardo envia,
E, desde Claraval, ao rei soldado
Abendiçôa o zêlo, e a valentia.
Rege depois um inclyto prelado
A braccharense grei devota e pia,
Godinho, e, sancto, faz que não desdiga
Do seu fulgor primeiro a séde antiga.

XXVIII

(Da augusta Braga a igreja florecente,
Que aos tempos apostolicos remonta,
Sempre fiel, catholica fervente,
Para tudo o que é bom zelosa e prompta,
Exemplo de piedade á lusa gente,
Tem por timbre e brazão da Cruz a affronta;
Vigora-a com influxo poderoso
Um Torquato, um Giraldo, um Fructuoso.)

XXIX

Benigno, sobre Affonso o céu derrama
De sua graça influxos salutares:
Todo em christão fervor elle se inflamma,
Sacros cenobios funda, erige altares.
Exalta em toda a parte a voz da fama
Do grão monarcha os feitos singulares;
Porém, firmeza na ventura humana
Quem se atreve a esperar, quanto se engana!

XXX

Seus erros juvenis Affonso expia,
Com viva dor, nos annos já maduros:
Vencido e preso, em aspera porfia,
De Badajoz o vêem os altos muros;
Mas quando o filho, intrepido, auxilia,
Prestes novos trophéus eis tem seguros:
Descerca Santarem, e em breve espaço,
Colhe virente palma o velho braço.

XXXI

Então o resto de teus cheios dias
Passas, Affonso, em paz e no retiro,
Todo em sanctas acções, em preces pias,
Emquanto o sol perfaz um annuo gyro.
Com dor geral do povo que regias,
Emfim exhalas o ultimo suspiro,
Deixando, por acções de eterno lustre,
Fundado e triumphante um reino illustre.

XXXII

Justo não é, que por ingrato olvido,
Aqui de alguns heroes os nomes cale,
Cujo valor concorre, em grau subido,
Para que Affonso tanto se assignale.
Em lealdade e esforço esclarecido,
Egas Moniz, quem ha que a ti se iguale?
Livrado o seu senhor, comtigo á morte
Offertas, prompto, os filhos e a consorte!

XXXIII

Quem nas ondas, pugnando em santa lide,
Dá do luso valor primeiro exemplo?
É Roupinho, que igual ao grão Pelide
No mar, na terra, attonito contemplo.
Queimára a maura frota; o céu decide
Dar-lhe paz perennal no eterno templo:
Por seu Deus, por seu rei, vertendo o sangue,
Na destroçada nau succumbe exangue.

XXXIV

Pois de ti que direi, que a fama antiga
De Codro, Decio e Cocles, escureces,
Martim Moniz, que na tremenda briga,
Em sacrificio á patria te offereces?
Já no castello o mouro não se abriga;
Surdo foi Mafamede ao voto, ás preces...
Se o guerreiro tropel teu corpo esmaga,
Tens do feito sem par no Empyreo a paga!

XXXV

Tu, Guterres tambem, tronco dos Cunhas,
Tens ao pregão da fama igual direito:
Foram, lusos, germanos, testemunhas,
Na mesma lucta, de teu alto feito.
Sob o muro soberbo, á furia oppunhas
Do bravo defensor teu bravo peito:
Quebras ferrada porta, o mouros aterras,
E a entrada da cidade aos teus descerras.

XXXVI

Nem é menos rasão que o luso vate
Aqui de um sacerdote o nome aponte,
Que a soberba inimiga, orando, abate,
Qual outr'ora Moysés no arabio monte.
Pelo rei, pela patria, em cru combate,
Todo ardor, o soldado a morte affronte:
Theotonio invoca a Deus, em Deus se estriba,
E assim mauros pendões vence e derriba.

XXXVII

Ao reinado de um rei tão bravo e pio
Dá tambem lustre o inclyto prelado,
Que filhos de Agostinho dirigiu
Na perfeição do religioso estado:
Nas margens do Mondego então se viu
Do hipponente doutor vivo treslado.
Salve Theotonio antistite primeiro
De exemplar celeberrimo mosteiro!

XXXVIII

Cognome honroso, que durou na historia,
Deu-te, forte Gonçalo, a marcia lide;
Que em buscar nobre presa, alta victoria,
Toda gastaste a trabalhosa vida.
Em Evora por ti não menos gloria,
Giraldo *Sem pavor*, é merecida:
Por destemor igual, feitos diversos,
Pobre feudo aceitae de toscos versos!

XXXIX

Cingida a fronte de virente louro,
Que nas campinas beticas ceifára,
Ascende Sancho ao solio, e o fausto agouro
Confirma, heroe, qual antes se mostrára.
Com germanico auxilio arranca ao mouro
Silves, forte cidade, antiga e clara:
A fama, que seu nome eleva ao polo,
Povoador o diz do patrio solo.

XL

Mais do que este brazão, ditoso torna
Sancho Primeiro a prole feminina,
Sobre a qual os seus dons profusa entorna
A suprema adoranda Essencia Trina.
A Mafalda e a Thereza a fronte adorna
Regia corôa — a Sancha outra mais dina —
A de esposa de Christo — e as tres festeja
Nos altares, devota, a sancta igreja.

XLI

Eis, triplice flagello a lusa terra,
Mudada a sorte, subito devasta:
Em damno seu, a peste, a fome e a guerra,
Fazem contra os fieis liga nefasta:
Do Algarve occupa o mouro o prado e a serra;
Em vão o luso o passo lhe contrasta;
Mas prestes em Thomar, em Torres Novas,
Dão de esforço os christãos brilhantes provas.

XLII

Vem d'Africa Yacub mais reforçado:
Toma Alcacer, Palmella, e fero avança;
Mas ache embora, então, propicio o fado,
Só victorias ephemeras alcança.
O christão leonez vê castigado
O crime seu da monstruosa alliança;
Que a expensas d'elle o lusitano medra,
Rendidas Tuy, Sampaio e Pontevedra.

XLIII

Eis o Segundo Affonso o sceptro toma,
E á gente hispana, em horrido perigo,
Prompto soccorro manda, e a furia doma
Na propria terra ao barbaro inimigo.
Alcacere do Sal, que de Mafoma
Prestar soe ao sequaz seguro abrigo,
E d'onde elle os christãos assalta e offende,
Com bátavo reforço oppugna e rende.

XLIV

N'esta illustre facção palmas ceifaste
Em defensão da fé, nobre Soeiro:
Para louvar-te não ha voz que baste,
Christão pastor, pontifice guerreiro.
Mais de um rei mouro embora te contraste,
E em soccorro dos seus corra ligeiro;
Alcacer cae, e em turbida desordem,
O solo os infieis aos centos mordem.

XLV

De leso amor fraterno a fama argue
Affonso, que não pouco assim deslustra
Os generosos dotes que possue,
Com que no marcio ardor seu nome illustra.
As inclytas irmãs da herança exclue,
E só temor em parte o intento frustra;
Que o leonez se oppõe altivo e bravo,
E Roma o força ao justo desaggravo.

XLVI

Assim de Affonso os dotes soberanos
Desdoura da cubiça o torpe effeito;
Do escandalo porém compensa os damnos,
Defensor da virtude e são direito.
Numerosas promulga, em poucos annos,
Próvidas leis em publico proveito;
Fructo do accordo unanime e sincero,
Entre o monarcha, os proceres e o clero.

XLVII

Accordo que depois, por desventura,
Entre o clero zeloso e o rei altivo,
Sem mutua queixa pouco tempo dura,
Que cedo entre elles ferve odio mais vivo.
Do braccharense a rigida censura
Dá de Affonso ao furor novo incentivo:
Honorio, de mór damno emfim presago,
Congráça, então, a custo, o sceptro e o bago.

XLVIII

Da metropole nossa amparo e gloria,
Antonio, a quem devoto o mundo admira,
Que prisco ou novo heroe, na nossa historia,
Mais pasmo excita, mais respeito inspira?
Permitte, que ao fazer de ti memoria,
Humilde aqui te invoque a minha lyra,
E do Segundo Affonso a dita exalte,
Sob o qual déste á patria o mór esmalte.

XLIX

Lisboa te viu nascer. (Feliz tres vezes
A familia Bulhões, que deu tal filho
Ao asceta de Assiz, e aos portuguezes
Um sagrado brazão de immenso brilho!)
Em ti houveram italos, francezes,
Consolador, apostolo, caudilho,
N'este do mundo misero desterro,
Na guerra contra o vicio e contra o erro.

L

Padua, que seu (sem jus) folga chamar-te,
De possuir teus ossos se gloría:
Em ti (que és filho seu) tem baluarte
Firme, seguro, a lusa monarchia:
Mas não só n'ella e em Padua — em toda a parte,
Por tuas sanctas preces e valia
(De sanha vos mordei monstros estygios)
Obra o Senhor innumeros prodigios.

LI

Sancho Segundo occupa o regio throno;
Perde-o porém depois, julgado indino:
Não se entrega da inercia ao molle somno,
Como affirma, fallaz, rumor malino.
A terra transtagana em seu abono
Recorda acções de esforço peregrino;
Mas corruptos privados não sopeia,
E, expulso, busca asylo em terra alheia.

LII

N'ella, a principio, com as furias arca,
Intrepido varão, do fado adverso;
Vida vive depois austera e parca,
Á celeste mansão todo converso.
De lealdade ao misero monarcha,
Dignos de alto louvor em prosa e em verso,
Vencendo riscos mil, fadigas, peitas,
Daes nobre exemplo então, Pacheco e Freitas.

LIII

Pacheco, em Celorico, a fé jurada
A Sancho guarda, e firme permanece:
Do Mondego a princeza celebrada
Igual illustre exemplo ao mundo off'rece.
Não abre as portas, não entrega a espada
Ao conde bolognez, nem lhe obedece,
Freitas, antes que o rei a quem servia
Morto veja, e lhe beije a dextra fria.

LIV

Em dois reinados, de valor mil provas
Dás, Correia immortal, no Algarve oppresso,
Quando lucta sanguinea ali renovas,
Contra o mouro, a quem damna o teu regresso.
Fôra arrojo cantar nas minhas trovas
Tanta peleja, e prospero successo,
Ó novo Josué, que assim te acclama,
Teus portentos narrando, a voz da fama.

LV

O Tercio Affonso, após civil procella,
Do governo, já rei, dirige o leme:
Vendo quanto a justiça acata e zela,
O bom vassallo folga, o impio treme.
O mouro, a quem no Algarve o rei debella,
Ou foge, ou curva o collo e escravo geme:
Portugal não vê mais nas torres suas
A bandeira ondear das meias luas.

LVI

Nem só no reino avito ás hostes mauras
Faz curvar a cerviz, raio de guerra:
Por seu auxilio a capital restauras,
Bravo Fernando, da vandalia terra.
Da fortuna aproveita as brandas auras
Affonso, e em solo alheio, o mouro aterra:
Sempre feliz nos bellicos azares
Prestes, ovante volve aos patrios lares.

LVII

Grave stigma (inda mal!) severa e justa,
No nome d'este rei a fama imprime,
Que entre os grandes heroes da estirpe augusta
Logar lhe faz haver menos sublime:
Mathilde quantas lagrimas te custa
Da ingratidão do esposo o torpe crime!
Por Brites, cujo pae convem-lhe amigo,
Esquece o nó sagrado, o affecto antigo!

LVIII

Debalde o grão pastor, a voz alçando,
O novo enlace adultero condemna:
Depois, morta Mathilde, aos rogos brando,
O valída e remitte a justa pena.
Ditoso exerce Affonso o regio mando;
Mas eis que após a dita e a paz serena,
Vê no solo feliz da Lusitania
Brotar, crescer, pestifera zizania.

LIX

Queixa-se o clero, e clama em altos brados,
Que o monarcha é tyranno, e opprime a igreja :
Ausentes chora Lysia os seus prelados ;
Roma exhorta, ameaça, e emfim troveja :
Conselhos vãos ! Anathemas baldados !
Resiste o rei, que de ceder se peja :
Só no leito da morte as iras doma,
E curva o collo altivo ás leis de Roma.

LX

No reinado de Affonso, eximio troço
De bravos e de heroes brilha e campeia :
Qual, entre estatuas cem, éneo colosso,
Avulta entre elles immortal Correia.
Presago o mouro de fatal destroço,
Após tanta derrota, ao vê-lo, areia :
Na hispalica facção, grande entre grandes,
Incute igual terror Martim Fernandes.

LXI

Estes varões ao nome lusitano
Dão gloria : dá-lhe gloria inda mais clara
Pedro, que a Europa denomina Hispano,
E que, João depois, cinge a tiara.
Nas sacras letras, no saber humano,
Prodigio do seu seculo, brilhára ;
Propicio o céu dispõe que ufana veja
Lisboa um filho seu reger a igreja.

LXII

Diniz, filho de Affonso, hymnos merece
Que a sublime cantor inspire a musa:
Entre os hispanos principes fenece,
Por sabio arbitrio seu, lide confusa.
Por fundador, ufana, o reconhece
Do alcaçar de Minerva a Athenas lusa;
E a par d'este brazão, que tanto o exalta,
O de *Rei Lavrador* seu nome esmalta.

LXIII

Em mil logares, sedulo, desmouta
Estereis matagaes, terras maninhas;
Onde houvera paul, charneca ou mouta,
Laurejam messes, purpureiam vinhas.
Ao inclyto mister tambem se afouta
Que humanas mentes torna ao céu vizinhas:
Das Camenas irmãs, dadoras do estro,
Na liça divinal se mostra déstro.

LXIV

Tambem de outro laurel a fronte cinge;
Funda e sagra a Jesus milicia nova,
Que á do Templo succede, e as armas tinge
De sangue, e dá de si fulgente prova:
Que na paz, d'outra gloria ao cimo attinge,
Com que o prisco fulgor em si renova,
Pois se cumprem por ella altos desenhos,
Sulcado o pégo immenso em frageis lenhos.

LXV

Por longos annos a Diniz, fagueira,
De seus dons liberal, sorriu ventura;
Mas (instavel por genio e traiçoeira)
Depois lhe mostra torva catadura.
Perto do termo da mortal carreira,
Prova o longevo rei viva amargura,
Ao ver que negra inveja os braços arma
Do filho, a quem a custo emfim desarma.

LXVI

Nobre conde D. Pedro abre aos vindouros
Exemplo e assumpto para grave estudo:
De antiguidade hispanica thesouros
Lhes lega, auctor veridico e sisudo.
Outro principe aspire a marcios louros,
Espada ou lança empunhe, embrace escudo:
Elle rompe dos évos a caligem,
E de familias cem revela a origem.

LXVII

Do Quarto Affonso as inclytas proezas
Agradecida exalta a hispana gente,
Que deve, em parte, ás forças portuguezas
Do Salado a victoria refulgente.
Desluz o rei tão nobres gentilezas,
De barbaro rigor vencida a mente,
Quando permitte á inveja embravecida
Que roube á linda Ignez a doce vida.

LXVIII

Do principe lograva ardente affecto
(Qual não lográra a misera Constança)
A semventura Ignez. Com torvo aspecto
Inveja a mira, e jura atroz vingança...
Castro, ouvindo o lethifero decreto,
Aos pés de Affonso, tremula, se lança:
Co'os filhinhos gentis piedade implora;
Mulher, esposa e mãe, supplica e chora.

LXIX

Abalado, movido, Affonso escuta
Da afflicta dama os rogos derradeiros;
A compaixão sopeia, em grave lucta,
Da ira cega os impetos primeiros.
Ignez ousa esperar... Com sanha bruta
Vem saltea-la monstros carniceiros...
Ella, sem que uma queixa então profira,
«Meu Deus! meu Pedro!» exclama, e exangue expira.

LXX

Logo (pena talvez d'erros antigos)
Affonso vê romper guerra intestina:
Vingar-se Pedro quer; não vê perigos;
Leis não acata; freme e desatina.
No meio emfim dos campos inimigos
Brites á paz os animos inclina:
Interpõe preces, pranto, e não socega
Té que amansa do filho a furia cega.

LXXI

Pedro, esposo infeliz, de Affonso herdeiro,
Vinga, logo que empunha o regio sceptro,
Da cara Ignez a morte, que primeiro
Deplorou, saudoso, em flebil metro.
Affavel, generoso e justiceiro,
Se dos sons d'aurea lyra, eburneo plectro,
Acções dignas não faz nas marcias lides,
De monstros livra a terra, é novo Alcides.

LXXII

Com atroce rigor os réus castiga;
Mas da justiça é defensor e esteio;
E assim apaga, em parte, a nodoa antiga
De não ter posto á ira um justo freio,
Quando á viva paixão que o move e instiga,
Dando soltas, punira o crime alheio,
Pondo por cego, insano, desafogo,
O não culpado reino a ferro e a fogo.

LXXIII

Mais formoso que bravo e que discreto,
Reina após Pedro o prodigo Fernando,
Cuja ambição fatal e vão projecto
Ao povo causa estrago miserando:
De Castella rival sempre inquieto,
No governo dos seus remisso e brando,
Com as mais sanctas leis não tendo conta,
Faz a nobre vassallo atroz affronta.

LXXIV

Mas não é seu reinado em tudo infesto
A sã moral, á publica ventura:
Para freio do mau, louvor do honesto,
Instaura, justo, salutar censura:
Aos proceres denega um jus funesto,
Que impunidade aos dyscolos segura:
O vil ocio, que o povo e os reis desdoura,
Punindo, anima a próvida lavoura.

LXXV

Nem fallecem á patria, exhausta, afflicta,
Quando mais arde a guerra e os seus flagellos,
Filhos heroes, que na geral desdita
De brio e de valor sejam modelos.
Debalde um terno affecto o peito agita
De Faria e de Paes. Os seus castellos
Resistem; e ao da patria amor superno
Cede, e á fé dada ao rei, o amor paterno.

LXXVI

Deu nove reis ao throno lusitano
Do excelso conde Henrique a prole augusta;
Nascidos de consorcio soberano,
Qual entre summos principes se ajusta.
Padece quebra após, e grave damno
Arvore tão fructifera e robusta;
Mas por um ramo seu esclarecido
Vamos vêr todo o damno resarcido.

CANTO II

I

Antes que longa idade o quebrantasse,
Perde o molle Fernando a doce vida:
Herdeiro falta, a quem o sceptro passe
Sem fera lucta, estranha e fratricida:
Brites, fructo (se o é) de indigno enlace,
A occupar o throno se convida:
O povo, que do hispano o jugo execra,
De Aviz ao mestre que o defenda obsecra.

II

João, filho de Pedro, o encargo aceita,
Sabio caudilho, bravo cavalleiro;
Quando a rainha menos o suspeita,
Dá crua morte ao detestado Andeiro:
Chama ás armas a gente ás armas feita;
Repulsa e vence o cúpido estrangeiro:
Taes dotes, obras taes o povo movem
A pôr no throno o denodado joven.

III

O Primeiro João na lusa terra
Impera assim, por triplice direito:
O sceptro dão-lhe, o sangue, o jus da guerra,
E o povo, que decide o grande pleito:
Toda a força de Hespanha o não aterra
(De Aljubarrota o diga o nobre feito)
Ganha e firma, heroe claro em toda a idade,
O solio, a paz e a patria liberdade.

IV

O rei hispano as forças portuguezas,
Bravo, com triplas forças assaltára;
Mas força, esforço, bellicas proezas,
Tudo é vão contra heroes que o céu ampara:
Mallogradas dos seus as gentilezas
O prisco marcio ardor o desampara;
E assim vê dissipar-se o tão risonho,
De imperar sobre nós, dourado sonho.

V

Quem, sem labéu d'ingrato, esquecer póde,
Tal lucta recordando, o grão Pereira,
Que então (e sempre) invicto, á patria acode,
Bravo dos bravos na sazão guerreira?
(Que por fim, como quem de si sacode
O pó de longa, turbida, carreira,
Despe a loriga, e envolto em pobre manto,
A Deus só quer servir, asceta e sancto.)

VI

A par ou quasi a par do grande Nuno,
Seu valor Mem Rodrigues assignala:
A patria se honra de tão nobre alumno,
Que assim concorre, intrepido, a salva-la:
Nem no devido encomio aqui desuno
D'estes varões varão que ambos iguala
Em valor n'esta asperrima jornada,
Aos iberios funesta — Antão de Almada.

VII

Quando, de paz serena em pleno goso,
O grão perigo que passou pondera,
Prova dá memoranda o rei ditoso
De animo grato e devoção sincera.
Sacro padrão levanta e magestoso
(Pois quer que aos altos dons que do alto houvera,
Quanto possivel é, responda e quadre)
Das hostes ao Senhor e á Virgem Madre.

VIII

Sempre audaz e feliz, fendendo as vagas,
Vae saltear na Libya o mauritano:
Ceuta soberba, nas ardentes plagas,
Curva a cerviz ao jugo lusitano.
Depois, sob o pendão das sanctas chagas
Manda que sulque o tumido oceano,
Um filho seu, Henrique, a quem a fama,
Entre os grandes heroes, heroe acclama.

IX

Este, em Sagres, cosmographo profundo,
De futeis cortezãos fugindo o trato,
Fundára escola proveitosa ao mundo
Mais que a Stoa, Lyceu ou Peripáto.
(A seu alto valor, genio fecundo,
Ali, como signal de affecto grato,
Hoje emfim, reparado o longo olvido,
Um singelo padrão vemos erguido.)

X

Sob os auspicios seus, o pégo undoso
Sulcam novos Jasões, que o mundo admira,
Mais que o rei da Thessalia aventuroso
Dignos d'epica tuba, ismenia lyra.
O Euxino este assoberba, e, cubiçoso,
Em conquista sem par puzera a mira,
Elles chegam, sulcando os mares largos,
Mais longe vezes cem que a immortal Argos.

XI

Commettem mór empreza, e os não vigora
Certeza de um thesouro, em risco tanto.
Ei-los á véla já de foz em fóra...
Corre em terra dos seus o amargo pranto.
Ide, nautas heroes! Da roxa aurora
O berço outros verão. Vós entretanto
Mostrae ao mundo novas maravilhas,
No immenso campo equoreo amenas ilhas.

XII

Perestrello, Cabral, Teixeira e Zarco,
Com inveja vos olha a Europa inteira:
Por fabula julgado o herculeo marco,
Muito alem floreaes lusa bandeira.
Ignota a Ptolemeu, Strabão, Hipparco,
Nossa colonia é já gentil Madeira:
Dobrado o Bojador, é justo, Eannes,
Que da empreza feliz, ledo, te ufanes.

XIII

Emquanto ao rei e ao reino o luso arrojo
Terras sujeita que descobre ao mundo,
O mauritano o vê, com grave enojo,
O furor arrostar do mar profundo:
Sedento de vingança e de despojo,
Ceuta roubar-lhe tenta, e, furibundo,
Armas toma, áquem mar busca reforços,
Rabido, emprega os ultimos esforços.

XIV

Baldados todos são: por duas vezes,
Ao grão poder de toda a Barbaria
Oppõem os poucos bravos portuguezes,
Com fructo e gloria, a usada valentia.
Honra perenne ao inclyto Menezes,
Que a praça que João só d'elle fia
Defende, contra assaltos e entreprezas,
Com mil d'esforço illustres gentilezas!

XV

Duarte da facundia á illustre palma
Tem jus, e á do saber proficuo e vario;
Mas então da fortuna o vento acalma,
Ou antes sopra rijo, a nós contrario.
Nada val siso, ardor, grandeza d'alma,
Em Tanger, contra o barbaro adversario;
Quando pelo arraial que salvo fica,
Fernando, o sancto heroe, se sacrifica.

XVI

Do inclyto infante as barbaras cadeias,
Em balde, ó terno irmão, quebrar anhelas:
Penar o vês nas libycas areias,
Martyr da sancta fé, que attento zelas:
A custo a magua atroz no peito enfreias,
E ('stimulo á virtude e ás acções bellas)
No estudo contra a dor buscando asylo,
Dictas maximas d'oiro em nobre estylo.

XVII

Depois quando terrifico flagello
De crua peste afflige os teus vassallos,
Todo attento ao seu bem, de reis modelo,
Desprezas fasto, commodos, regalos.
A patria, grata ao paternal desvelo,
Do contagio aos lethiferos abalos
Ao ver-te succumbir, deplora afflicta,
Qual desdita geral, esta desdita!

XVIII

Filha do rei *facundo*, Catharina
Em virtude e saber refulge tanto,
Que bem merece o nome de heroina,
E encomios mil em remontado canto.
Poz em romance a ascetica doutrina
Do véneto doutor, prelado e sancto,
Cujas sanctas lições, do mundo longe,
Se aspira á perfeição, pratica o monge.

XIX

De Affonso em nome, intrepido, governa
Pedro (após Leonor) com raro siso,
Por dois lustros, em paz; nem da paterna
Gloria desdiz, no publico juizo;
Mas torpe enredo de discordia interna
Torna-o suspeito ao rei com falso aviso;
Elle que a defender-se, armado, corre,
Reputado traidor, combate e morre.

XX

Gentis proezas faz, de Pedro ao lado
Em lance tão fatal, risco tamanho,
Almada, em ardideza abalisado,
Claro no patrio solo e em solo estranho.
Sabe que jaz o infante emfim prostrado...
A morte affronta com horrendo assanho...
Ninguem com tal guerreiro arrosta a salvo;
Té que succumbe, de mil golpes alvo.

XXI

Desventurado heroe! (se quem perece
Ao seu rei resistindo em cru certame,
Bem que por nobre impulso, inda merece
Que sem labéu a historia heroe lhe chame)
Por fim teu brilho em parte se escurece
Funesto effeito de um enredo infame!
Teu nome illustre foi, sem mancha a vida,
Misera a morte em lucta fratricida!

XXII

Sanhuda embora contra o nobre infante,
Não póde crua, atroz malevolencia
Impedir que justiça a voz levante,
E exalte o seu valor, zêlo e prudencia,
Nem que aos remotos seculos brilhante
Passe o seu nome, e em solida sciencia
Claro, logre entre nós sincera estima,
Por mais de um douto escripto em prosa e em rima.

XXIII

Das patrias leis o codigo primeiro,
Sendo Affonso inda infante, se promulga,
Fixa norma ao juiz, que justiceiro,
Por elle sem perigo as causas julga.
Com applauso geral do reino inteiro,
A desejada nova se divulga;
Todos folgam, o voto esclarecido
Do Primeiro João vendo cumprido.

XXIV

Na Libya o Quinto Affonso a lança enrista,
Exemplar de valor e de destreza:
Arzila, Alcacer, Tangere, conquista,
Novos trophéus da gloria portugueza;
Mas em Toro é forçoso que desista,
Mau grado ao seu valor, da altiva empreza:
O sceptro deixa e a patria, e emfim de novo
Volve a reger, monarcha, o luso povo.

XXV

Mostra assim n'este rei, na paz, na guerra,
Seu genio instavel a fugaz fortuna:
Corôa o seu valor na maura terra;
Suas vélas, galerno, o vento enfuna;
Mas de dita maior lhe as portas cerra:
Que ao sceptro proprio estranhos sceptros una
Estorva, e frustra, com total mudança,
De Affonso a dupla, altissima esperança.

XXVI

Fernando de Aragão da esposa o priva,
Priva-o do throno excelso de Castella:
Joanna, que o perdera, ao mundo esquiva
Foge, e a Deus se consagra em pobre cella.
Do monarcha consola a magoa viva.
A filha, angelical, sancta donzella;
Outra Joanna, em caridade e zêlo,
De esposas de Jesus mestra e modelo.

XXVII

Já da luz do saber, fulgente assoma
O crepusculo entre nós. Á gente lusa
Seus thesouros revela a antiga Roma;
Pule-se a lingua incondita e confusa:
De Octavio o nobre exemplo Affonso toma;
Com prazenteiro rosto, e mão profusa,
Os sabios agasalha, e á patria gloria
Pregão suscita de latina historia.

XXVIII

Novo Osymandias, busca e ajunta, ufano,
De escriptos immortaes rico thesouro,
Mais prezados do douto soberano
Que perlas, que rubis, que metal louro:
Assim prepara ao povo lusitano
Das letras, e saber, a idade d'ouro,
E desde já consagra em seu palacio
Culto ás musas gentis do antigo Lacio.

XXIX

Coutinho e Castro dão em seu reinado
Honra á patria, e mais brilho ao lustre avito:
Peres e Almeida esforço abalizado
Mostram de Toro no infeliz conflicto:
De seu grão genitor vivo treslado,
Menezes immortal, guerreiro invicto,
Por salvar o seu rei de indubio exicio,
A vida entrega, alegre, em sacrificio.

XXX

O Segundo João em gloria, em dita,
Poucos reis tem iguaes nos fastos lusos:
De um poder oppressor o jus limita,
Fonte caudal de innumeros abusos.
Faz que em sertões da Libya a Cruz bemdita
Proscreva os cultos vãos, os feros usos,
E, descoberto o cabo Tormentorio,
Dá fausto nome ao fero promontorio.

XXXI

Alvo do atroz rancor de seus magnates,
A quem tolhe o poder, o fasto humilha,
Vence, feliz, as tramas, os combates,
E a proposta vereda, ousado, trilha.
Qual bravo heroe nos horridos combates,
Qual modelo de reis na historia brilha;
Mas seus feitos a fama exalte embora,
Feia nodoa de sangue os desprimora.

XXXII

Parte, juiz, executor, castiga
Do duque de Vizeu atroz offensa
João, que com disfarce o réu obriga
Contra si mesmo a proferir sentença:
Já, por suspeita de rebelde liga,
Sem que prova cabal d'isso o convença,
Um Bragança infeliz, truncado o collo,
Tingíra de vermelho o verde solo!

XXXIII

Imperando João, lançam semente
Do eloquio divinal, cultores pios,
Com indefesso ardor, na Libya ardente,
Ferteis tornando os sáfaros baldios.
Nem esquece entretanto a forte gente,
Nos horrores da guerra os marcios brios.
Targa o diga e Çamice, e a cavalgada
Do mauro alcaide rota e debellada.

XXXIV

Borba, Menezes, Tavora, aos vindouros
Deixam exemplos de immortal bravura;
Alvo das settas dos ferozes mouros,
Alçam a fronte intrepida e segura:
Nem a lembrança dos ceifados louros
Ficará sepultada em noite escura;
Se já não vivem Lopes e Azurara,
Pina a seguir seu trilho se prepara.

XXXV

Nos fastos nossos, nos da Europa inteira
Terás memoria eterna, illustre Dias;
De nenhuma outra nau seguindo a esteira,
Em àrdua empreza, intrepido, porfias:
Da Libya á extremidade derradeira
Os teus bateis aventuroso guias;
E então dispõe o céu que a salvo dobres
O Tormentoso cabo que descobres.

XXXVI

Emquanto assim o esforço lusitano
Mares devassa, barbaros debella,
Da dor mais viva ao luso soberano
O peito assalta subita procella:
Affonso o filho seu, que brinca ufano,
Nimio audaz corredor, perdida a sella,
Perde nos braços seus (fatal corrida!)
Mancebo, em choça humilde, a esposa e a vida.

XXXVII

Eis Manuel no solio! Eis sublimado
Ao fastigio da gloria o luso nome!
Eis chega o praso a Lysia assignalado,
Em que estranhas nações descubra e dome.
Digno do grande rei, por seu mandado,
Nobre varão, de fulgido renome,
Ao remoto Oriente, em fragil pinho,
Abre, primeiro, o incognito caminho.

XXXVIII

Afortunado rei, na mente abranges
Alta, duplice empreza, e ao cabo a levas!
A innumeras nações, que banha o Ganges,
Por ti de Christo a luz dissipa as trevas;
E vencidas pagãs, mauras, phalanges,
A tamanho poder teu reino elevas,
Que, com applauso igual de reis e povos,
Assumes, rei de reis, dictados novos.

XXXIX

Nem só marcia facção, nautico apresto,
Noite e dia, em teu animo revolves;
Na reforma das leis, aos máos infesto,
Mostras que ao bem geral a mente volves.
Um acto só lhe impece, acto funesto!
De geral expulsão na pena envolves
Todo um povo infeliz, sem mais delicto,
Que cega obstinação no antigo rito!

XL

Igual fazes sentir rigor injusto
Á prole d'Ismael, que então, submissa,
No solo (outr'ora seu) viver sem susto
Só quer, ao fasto estranha e á vã cubiça.
Monarcha em tudo o mais clemente e justo,
Surdo á voz da piedade e da justiça,
De inico pacto ás leis prestando assenso,
És causa ao povo teu de um damno immenso.

XLI

Mas justo em tudo o mais?... Ah! não. Verdade
Contra o louvor amplissimo se insurge:
Ella, filha do céu, minha deidade,
Presto em meus carmes, vívida resurge.
De Pacheco esqueceste a heroicidade...
De seu sepulchro humilde um brado surge
(E razão para a queixa existe e sobra)
Que feia ingratidão, ó rei, te exprobra.

XLII

Sete vezes venceu dos Malabares
Com pouca lusa força a força immensa;
Feitos em terra obrára e obrou nos mares,
Que quasi excedem toda a humana crença:
E qual foi por acções tão singulares,
Após triumpho pomposo, a recompensa?
Em terra estranha, profugo, mendigo,
Viveu, morreu, sem lar, e sem abrigo.

XLIII

Albuquerque de heroes heroe modelo,
Embora um vasto imperio te conquiste...
Torpes enredos de fingido zêlo
Contra tal homem, complacente ouviste:
O grande capitão mal póde crê-lo,
Mas tudo sabe emfim... Queixoso e triste,
Vendo tal desamor, e odio tão cego,
A grande alma exhalou no undoso pégo!

XLIV

Oh! se dos fastos da inclyta Ulysseia
A pagina rasgar possivel fôra,
Em que nodoa lançou sanguinea e feia
Do fanatismo a furia assoladora!
Mas honra a Manuel que não fraqueia,
Ao crime irroga a pena vingadora,
Novas scenas de horror, próvido, evita,
E d'Israel defende a prole afflicta!

XLV

Epoca digna de immortal memoria,
Por grandes feitos, por heroes, brilhante,
A quem deve o fulgor de immensa gloria
O rei descobridor, feliz e ovante!
Lyra ou tuba não ha, nem voz de historia,
Que quanto o mereceis vos louve e cante,
Varões cujas acções o mundo acclama,
Coutinhos, Athaide, Almeidas, Gama!

XLVI

Mas entre os capitães que ás patrias quinas
Daes por terra e por mar victorias cento,
Em acções de valor quasi divinas
Sois, Pacheco e Albuquerque, o mór portento.
Tu, Pacheco, em Cochim mortes fulminas,
Ao feroz Samorim frustrando o intento:
Que heroe ha que mais lide e gloria merque
Dos seus em prol, que tu, grande Albuquerque?

XLVII

Grande te acclama a patria agradecida,
Que por ti conquistou poder mui grande:
Foi teu fito, na heroica e longa lida,
Que reinos Portugal sujeite e mande;
Que a sancta crença, n'Asia diffundida,
Trévas dissipe, corações abrande,
E para Christo lucre os mais tenazes
De Mafoma e de Brahma impios sequazes.

XLVIII

Vencedor de Malaca, Ormuz e Goa,
Domador de cem povos do Oriente,
Não te viu regressar a grão Lisboa
Dos ganhados laureis cingida a frente;
Mas tua fama pelo mundo vôa;
Todas já não domina a lusa gente
As vencidas por ti nações da aurora...
Brilha o teu nome, qual brilhára outr'ora.

XLIX

A fama não menor no marcio jogo
Tem jus o grande Almeida. Africa o vira
Pôr Quiloa e Mombaça a ferro e fogo
(Da revolta e traição vingança dira)
Após, perdido o filho, em desafogo
Da mais intensa dor ardendo em ira,
A quem quer que a victoria lhe contenda,
Faz provar do seu braço a furia horrenda.

L

Diga-o de Calecut a forte armada,
Digam-no Yaz, Hocem, Dabul punida,
Arabes, rumes, que á fulminea espada
Dedalde oppõem braveza desmedida.
Ovante eis volve ao Tejo... Alvorotada,
Horda de cafres vil lhe arranca a vida:
Tal, no porto ao entrar com pandas vélas,
Nau se perde, escapada a cem procellas!

LI

Infausto fim no cabo Tormentoso,
Em lucta ingloria, teve o grão caudilho:
Quanto em Chaul foi menos lastimoso
O de Lourenço, heroe, seu digno filho!
Ambos subiram ao celeste goso,
Deixando rasto de sidereo brilho·
A patria, ufana, taes varões memora,
Applaude o seu valor, por elles chora.

LII

Applaude a patria, applaude o mundo inteiro
O grande heroe que portugueza frota
Levando ao Ganges, nauta aventureiro,
Por nunca d'antes conhecida rota,
Do seu valor um digno pregoeiro
Teve, e terá na idade mais remota:
Mais venturoso heroe que o macedonio
Que a falta chora de pregão meonio!

LIII

Venturoso tambem (inda que as musas
Não te hajam esmaltado o nome e a fama)
Cabral, que, destemido, os mares cruzas,
Recem-sulcados pelo illustre Gama!
Quer Deus que a frota, próvido, conduzas,
A salvo do tufão que horrendo brama,
Á nobre terra, então inculta e agreste,
A que de *Santa Cruz* o nome déste.

LIV

(Terra vasta, feliz, fecunda e bella,
Quasi um segundo Edén, dos céus mimosa,
Onde em ser liberal mais se desvela
Natureza opulenta e dadivosa.
Outra não póde competir com ella,
Região fertil, rica e deleitosa;
Té lhe cedem a palma as celebradas
Média, Ophir, Tempe e as ilhas Fortunadas).

LV

A par d'estes varões varão illustre
Cumpre aqui nomear, que ao patrio ninho
Deu (talvez seu mau grado) eterno lustre,
Mas em proveito do poder vizinho.
Não sentes, Magalhães, que te deslustre,
Contra o rei que te aggrava, odio mesquinho!
Feito o gyro do globo, em erma praia
Te vara o coração lança malaia.

LVI

Sempre fiel ao rei, sulcas, Sequeira,
Feliz descobridor, ignotas vagas;
Nem com orgulho, ou mira interesseira,
Das brilhantes acções o lustre apagas.
Das quinas, Lopo, arvoras a bandeira
Da Taprobana nas longinquas plagas:
Junto aos vossos, emfim justo é que ponha
Os nomes de Tristão e de Noronha.

LVII

Lustrosa armada esquipa, e ousado a leva
Com denodado arrojo á Libya ardente,
Jaime, duque immortal, que mais eleva
Da Brigantina estirpe a gloria ingente.
A culpa expia assim de uma acção séva;
Rende Azamor, aterra a maura gente,
Que igual temendo proxima ruina,
Lhe abre as portas de Tete e de Almedina.

LVIII

Perlas, oiro, rubis, em copia immensa
O domado oriente ao Tejo envia;
Que mil bens, generoso, o céu dispensa
Á christã portugueza monarchia.
Propaga mais e mais de Christo a crença
O rei nas plagas d'onde nasce o dia,
E, de victorias cem colhendo o fructo,
A Deus primicias paga e amplo tributo.

LIX

Assim o attesta a fabrica sagrada
Por sua gratidão, piedade e zêlo,
Com regio fausto erguida, e consagrada
Á Virgem Mãe na praia do Restello;
Assim o prova o brilho da embaixada
(Tal que Roma exultou, pasmando ao vê-lo)
Quando Tristão, do luso soberano
Levava os ricos dons ao Vaticano.

LX

Nem por victorias só, ditoso, brilha
Manuel, e por fulgida riqueza;
Do terceiro seu toro inclyta filha,
Maria, esmalta a gloria portugueza;
Do seu sexo ornamento e maravilha,
Entre socias gentis, gentil princeza,
Colhe, largando os feminis lavores,
Das musas no vergel fructos e flores.

LXI

Ás Sigêas irmãs (que brilho eterno
Dão á nação franceza e á gente hispana)
O proprio engenho e o merito paterno
Ganham favor na côrte lusitana.
Qual outra, em tempo antigo ou no moderno,
Nobre matrona, hellenica ou romana,
Ousaria jámais nos dotes d'alma
A Hortencia Castro contender a palma?

LXII

Quanto em Pella dictára o 'Stagirita,
Quanto ás margens do Sena o bom lombardo,
Tudo folga aprender, tudo medita,
Ao mimo feminil sem ter resguardo.
Por seu vasto saber, que assombro excita,
Merece e ganha, em litterario alardo,
Em que ponto não ha que não deslinde,
Mais de um regio louvor, de um regio brinde.

LXIII

Vae tendo lustre, sob o rei ditoso,
A lingua portugueza em prosa e em verso,
Antes mesmo que um genio portentoso
Lhe dê primor, e brilhe no universo.
Com disfarce lamenta, em som mavioso,
Bernardim, o rigor do fado adverso,
E ás florinhas susurra e aos arvoredos,
Ao som da sanfonina, os seus segredos.

LXIV

Do *Principe Perfeito* acções e dotes
Garcia narra e louva em claro estylo;
Das musas aggregado aos sacerdotes,
Não transpõe do seu templo o peristylo:
Com sentenças moraes, agudos motes,
Ao povo soe fallar, folga instrui-lo;
Modesto vate, a muito não se arroja:
Praz aos bons, punge o vicio, os maus anoja.

LXV

Bebe o lacio saber em puras fontes
Barbosa, e a mais de um sabio a palma arranca,
Applaudido em Florença, e áquem dos montes,
Assombra a gente ibera, a gente franca:
Da erudição dilata os horizontes,
Sabio doutor na douta Salamanca,
E, das letras no ensino e na reforma,
Dá, Vives portuguez, exemplo e norma.

LXVI

Cada vez mais brilhar na paz, na guerra,
Vistes, filhos de Lysia, a lusa gloria:
Nação nenhuma entre as nações da terra
Logar mais nobre conquistou na historia!
Todos os versos que estes canto encerra
Gravae, ufanos, na tenaz memoria:
Eu, após breve folga, ao thema rico
Volvendo, um novo-canto a vós dedico.

CANTO III

I

Vimos té agora o povo lusitano
Ao romano poder, na prisca idade,
Com valor resistir mais do que humano,
Em defensão da cara liberdade:
Autónomo surgir, e soberano,
Vimo-lo após, em prol da christandade,
E alem mar, vencedor, em climas novos,
Dictar leis desde o Tejo a estranhos povos.

II

Assim subiu ao cume da ventura,
Do céu mimosa, a gente lusitana:
Veiu a descer depois; que pouco dura
(Sorte ás nações commum) a dita humana!
Mas sempre a mesma em brio e na bravura,
Resistiu firme á furia castelhana,
Só docil (sacudindo o jugo alheio)
De seus reis naturaes ao doce freio.

III

Igual na nossa idade o luso esforço
Se ostentou, nobre exemplo, ao mundo inteiro,
Contra as phalanges do soberbo corso,
Sob o sabio, immortal, anglo guerreiro.
Massena embalde pede em seu reforço
Cohortes mais e mais: por derradeiro,
Chamem-lhe embora o *Filho da victoria*,
Cede ao luso valor a terra e a gloria!

IV

Se da senda directa ao fim proposto
Da patria o sancto amor causou desvio,
Após proemio tal, com novo gosto,
Da breve narração retomo o fio.
Assim, conforme o nobre presupposto,
Á virtude animando o luso brio,
De nossos reis e heroes, com grato enlevo,
Nobres feições a bosquejar me atrevo.

V

O Terceiro João, volvendo a mira
Ás ferteis regiões da roxa aurora,
Presidios, armas, de Africa retira,
Com que na Asia o poder dilata e escora:
Nem a marcios laureis sómente aspira;
Da Santa Cruz a nova terra explora,
E n'um solo introduz, deserto e inculto,
Gente, fabrico, leis, policia e culto.

VI

(Transatlantica terra, aos lusos cara,
Deu-te sagrado nome o alto mysterio
Da sacrosanta Cruz. Salve, preclara,
Ditosa região, florente imperio!
Um sceptro paternal te rege, e ampara
Contra civis facções: d'esse hemispherio
És exemplo ás nações: com igualdade
Prézas ordem, direito, e liberdade.

VII

Sempre mais em poder, riqueza e lustre,
De Lysia amigo e irmão, cresce e prospera:
Nunca os esforços de teus filhos frustre,
Flagello das nações, discordia fera:
Escude-te o valor, a paz te illustre,
E em piedade pura e fé sincera,
Entre os povos dos mundos, velho e novo,
Só, ditoso, te iguale o luso povo!)

VIII

Todos ao bem dos subditos dedica
João, prudente e activo, os seus cuidados:
Lysia então não inveja, illustre e rica,
Os da Europa mais flóridos estados:
Á publica instrucção elle dedica,
Com vivo empenho, esforços bem logrados;
Seu reinado, nas artes de Minerva,
De idade d'ouro o nome inda conserva.

IX

Nos jogos marciaes não menos brilha:
Pela fé, pela patria, obram façanhas,
Dos antigos heroes seguindo a trilha,
Novos heroes, em cercos e campanhas.
São de alto esforço ao mundo maravilha
Sousas, Cunhas, Rolins, Pires, Saldanhas,
Limas, Silveiras dois, claros mil vezes,
Mascarenhas, Galvões, Cabraes, Menezes.

X

Varões illustres, qualquer d'elles dino
Do galardão das musas soberano,
Qual o daria o vate venusino,
Qual a Eneas o deu o mantuano!
Aos céus ergueu alguns o claro Elpino,
Com estro igual ao do cantor thebano:
Para todos cantar desate agora
Um Pindaro, um Alceu, a voz canora.

XI

Nenhum d'elles deveu a um mero acaso,
Faceis tropheus, louvor, alto conceito:
Merito proprio ás honras do Parnaso
A todos conferiu justo direito.
Ufano, e sem temor, a inveja emprazo
A citar capitães de invicto peito
(Lembre embora os heroes de Pydna ou Zama)
Mais dignos dos pregões de eterna fama.

XII

Do valor portuguez foram primeiro
Vizinha arena as terras africanas,
Depois que um rei feliz quanto guerreiro
Ganhára Ceuta ás hostes mauritanas;
Quando depois, em concavo madeiro
Se abriu caminho ás plagas indianas,
Foi Asia, alem do Tigre, alem do Bactro
Da lusa gloria esplendido theatro.

XIII

Quantos foram do Tejo ali mandados,
Nome deixaram immortal na historia:
Uns, descobrindo climas ignorados,
Outros, ceifando as palmas da victoria.
Hão sido n'este canto memorados
Alguns dos que á nação deram mais gloria,
De outros muitos nas bellicas emprezas
A India viu as inclytas proezas.

XIV

Ali Sampaio faz que a gente lusa
Cada vez mais nas armas se distinga:
Cambaia obedecer-lhe em vão recusa,
Elle ao jugo a constrange, a affronta vinga.
O rei de Calecut, embora induza
A mandar-lhe soccorro o de Narsinga,
Frustrados seus ardis e seus furores,
Curva-se humilde aos bravos vencedores.

XV

A rica Baharem ao grão Correia
Tambem vencida cede, e a paz implora:
Pagar tributo aos lusos reis pacteia
Das perlas mais gentis da côr da aurora.
A soberba Bintão, que não receia
As quinas affrontar que o Gange adora,
De Mascarenhas próva, em cru combate,
Golpe fatal que as furias lhe rebate.

XVI

Por armas, por saber, inclyto infante
Luiz, esmalta a fama á 'stirpe augusta:
Mancebo, humilha em Tunes o turbante,
Com Cesar, vencedor, na plaga adusta.
Embora á summa alteza o não levante
Politica invejosa, ou sorte injusta,
Não perde em que de um throno o fado o prive:
Mais claro que cem reis na historia vive.

XVII

Altivolante espirito, devassa
Da região etherea o campo immenso:
Do nosso globo a portentosa traça
Continuo estuda com ardor intenso:
Depois, mimoso da celeste graça,
Despreza gloria vã, profano incenso,
Castalia esquece e Urania, e Dirce e as nymphas;
De Siloé só bebe as sacras lymphas.

XVIII

Longo tempo depois feliz memora
Nobre engenho, teus feitos singulares,
Castro, por cuja morte afflicto chora
Mais de um povo nos indicos palmares.
Tal no oriente qual na Libya outr'ora,
Dio vaes soccorrer, talhando os mares,
E dás, libertador, vingado o filho,
Ao nome portuguez um novo brilho!

XIX

D'estes e outros heroes á ingente gloria
Dão realce afamados escriptores,
Inscrevendo no templo da memoria
De seu denodo os feitos e primores.
A musa que preside á vera historia
Já conta em Lysia férvidos cultores:
Quem ha que a palma entre elles não conceda
Ao luso Livio, a Osorio, a Castanheda?

XX

Barros por mais de um titulo merece
Pregão honroso de perpetua fama:
A prosa portugueza elle ennobrece,
N'ella elegancias mil a flux derrama.
Com os feitos que narra e que engrandece
Em patrio amor os animos inflamma.
Nas letras gloria duplice conquista
Eximio historiador e romancista.

XXI

Letras, sciencias, do supremo lume
Duplice facho, emanação celeste,
Povo que vos não préze em vão presume
O labéu evitar de inculto e agreste.
Tal o luso não é. Propicio nume,
Após marcios trophéus, quer que se apreste
Grecia e Lacio a emular nas nobres lides
Em que brilharam Tullio, Homero, Euclides.

XXII

Das musas não aprazem aos cultores
Pompas vãs, espectaculos, bulicio:
O Mondego, escholares e doutores,
Vos chama ao vosso placido exercicio:
Al, junto aos seus prados e frescores,
Tereis de novo gazalhoso hospicio.
Salve de engenhos nutridora ufana
Nobre Coimbra, Athenas Lusitana!

XXIII

Ás ribeiras então do rio ameno,
Que amenos campos banha e fertiliza,
Corre de jovens bando não pequeno,
Qual o sedento á fonte que divisa:
Para apagar-lhe a sêde, a um regio aceno,
As mesmas margens flóridas já piza
Mais de um douto estrangeiro, a quem proclama
Luzeiros de sciencia a voz da fama.

XXIV

Prestam ao mesmo tempo igual serviço
Lusos mestres á docil mocidade,
Pacificos rivaes: todos com isso
Promovem a commum utilidade.
Ninguem de rude acoime ou de remisso
O povo portuguez d'aquella idade...
Bastára a desmentir o torpe aleive
Os Gouveias citar, Rezende e Teive.

XXV

Soltae na patria prospera e tranquilla,
Portuguezes, ao canto as doces vozes:
A nobre poesia o gosto instilla
Do *bello*, até nos animos ferozes.
O povo attento está: folga de ouvi-la
Deplorar casos lugubres e atrozes,
Plebeus baldões notar com vivas cores,
Cantar armas, heroes, o campo, as flores.

XXVI

De Menandro rival, rival de Plauto,
Lustra Vicente a scena lusitana:
Com chiste sempre novo, em farça, em auto,
Em comedia, diverte e o tempo engana.
Todos patentes faz (talvez incauto)
Os escondrijos da malicia humana:
É delicia dos seus, de estranhos pasmo,
A regia côrte o diga, e o grande Erasmo.

XXVII

Bemquisto do monarcha, e aos bons aceito,
Miranda, probo, culto, ingenuo e grave,
De Platão portuguez ganha o conceito,
Pela pura moral, dicção suave.
Os thesouros que encerra o sabio peito
Folga a todos abrir com aurea chave:
Sem que jámais do assumpto o tom desvaire,
Quanto escreve tem sal, siso e donaire.

XXVIII

O Flacco portuguez, douto Ferreira,
O cothurno de Euripides calçando,
Com tragico primor a vez primeira
Chora de Ignez o caso miserando.
Segue de Moscho a flórida carreira
Bernardes, e descanta, em som mais brando,
Affectos de zagaes, folguedos, magoas,
E do seu Lima as crystallinas agoas.

XXIX

Nem só Bernardes, vate entre pastores,
Extrahe mimosos sons de rude avena,
Com Caminha igualmente os seus favores,
Meiga, reparte a pastoril Camena:
Fernão tambem os logra, e não menores,
Fernão que o berço houvera em ilha amena,
Junto ao berço do sol, onde inda agora
Seus inclytos pendões o luso arvora.

XXX

Mil sonhos vãos de accesa phantasia
Conta Moraes, com phrase pura e tersa;
De paladins denodo e galhardia,
De nobres damas dita ou sorte adversa:
Com elle mais de um vate, noite e dia,
Em seu retiro, placido conversa,
E adorna, e esmalta assim, os seus poemas
Com galas mais louçãs, com finas gemmas.

XXXI

Eis já, fadado á negra desventura,
Cresce (Maro futuro) um nobre infante,
A quem doou munifica natura
Lyra sonora, tuba altisonante.
Mancebo, o claro engenho exerce, apura:
Não tardará que, meigo e altivo, cante
Nymphas, o Tejo, os pastoris cuidados,
E «As armas e os varões assignalados».

XXXII

Outros ao som da tuba, ao som da lyra,
Cantam armas, heroes, nymphas, pastores;
Conta infortunio atroz, ternura inspira,
Um de nossos mais inclytos cantores.
Quem lagrimas não verte ou não suspira,
Lendo da sorte os barbaros rigores,
De que, lustros depois, deixou memoria
Côrte Real na miseranda historia?

XXXIII

Desdita á vossa igual a nossa idade
Não viu, nem vira o seculo vetusto,
Sepulveda e Leonor, que a tempestade
Arremessou da Libya ao solo adusto.
Dos cafres alvo á bruta feridade,
Após fadigas mil, contínuo susto,
Vós co'a prole adorada emfim consome
O frio, a calma ardente, a sêde e a fome!

XXXIV

Antes que tal catastrophe narrasse
Côrte Real com lugubres accentos,
E, mavioso, em todos excitasse
De dó profundo ternos sentimentos,
Ufano quiz que a patria se orgulhasse
Lendo de filhos seus altos portentos:
Cantou ('stimulo novo ao marcio brio)
Os defensores da famosa Dio.

XXXV

Nem ás letras sómente, ás artes bellas
Tambem se applica a gente lusitana:
Sob auspicios reaes florecem ellas,
E o bom saber com todas se agermana.
Levára, abrindo ao vento ousadas vélas,
Seus pendões inda alem da Taprobana;
Em nenhum nobre estudo, ou clara empreza,
A accusarão de inercia ou de rudeza.

XXXVI

Já muitos lustros antes se extremára,
Na muda poesia um raro engenho,
Que a fama aos mais distinctos equipara
De artistico lavor no desempenho.
De dons natura não lhe fôra avara,
Na invenção foi insigne e no desenho:
Foi-lhe berço Vizeu; — Vasco o seu nome;
Grande por justo encomio e por prenome.

XXXVII

Depois, favor de reis munificente
Nobres engenhos mais e mais anima,
Com triplice incentivo efficazmente —
Liberal galardão, louvor, e estima —
Então, no reino em tudo florecente,
Mais de um pintor á gloria se sublima;
Mas a todos Coelho a palma leva,
E a mór altura, fulgido, se eleva.

XXXVIII

Varões em letras e artes extremados
Mais esmalte vão dar á patria gloria,
Emquanto heroes, caudilhos e soldados
Ceifam no campo as palmas da victoria;
Em tanto, por alvitres acertados,
Tem igual jus á posthuma memoria
Carneiro, que do povo a causa advoga,
E, privado incorrupto, illustra a toga.

XXXIX

No amor da fé catholica incendido,
O Terceiro João sempre forceja
Por conduzir o hereje, o impio descrido,
O judeu, ao redil da madre igreja:
Mas o zêlo melhor, mal dirigido,
Aonde a mira põe nem sempre alveja.
Do tribunal que em Lysia então se erige
Mil excessos ao ler, quem não se afflige?

XL

Quem, porém, de Xavier, lustre de Hespanha,
Não folga ao ler a historia portentosa,
Por quem tanta nação remota, estranha,
Da evangelica luz os raios gosa?
Mil vezes mais que bellica façanha
Val do apostolo a empreza gloriosa.
Lusa terra alem mar guarda teus ossos,
Propicio acolhe, ó sancto, os cultos nossos!

XLI

Emquanto Xavier da fé divina
As luzes leva ás regiões da aurora,
João, virtude excelsa exerce e ensina,
Que mais exalta quem a Christo adora:
O prelado da igreja granadina,
Vendo quanto em seu zêlo se afervora,
João de Deus o acclama. Um tal cognome
Em brilho excede o mais augusto nome.

XLII

Varão de Deus consagra, á Igreja aceito,
Gostoso, a seus irmãos fazenda e vida:
O fraternal amor, que arde em seu peito,
Contínua impõe-lhe trabalhosa lida.
Devem-lhe enfermos mil, conforto, leito,
Cura, desvelos, hospital guarida:
D'elle, e dos filhos seus e imitadores,
Oito nações publicam os louvores.

XLIII

Ao Terceiro João morte immatura
Arrebata, cruel, o filho amado;
O principe João, que da ventura
Tinha os mimos té ali sempre logrado:
Morre dos annos na gentil verdura,
Qual tenra flor se a pisa o duro arado.
Do mancebo infeliz, flebil, canora
Lyra do nosso Homero a perda chora.

XLIV

Sebastião succede em tenra infancia
Ao pio avô, que próvido confia
De Catharina ao zêlo, á vigilancia,
O regio herdeiro e a inteira monarchia.
Com prudencia, vigor, siso e constancia
A princeza a governa, e os passos guia
Do neto que educar tem a seu cargo,
Té que larga, espontanea, o duplo encargo.

XLV

Cresce o menino rei sob a tutela
De seu augusto purpurado tio:
Tem apenas dois lustros, já revela
Altos instinctos de mavorcio brio.
Só pensa e sonha no que mais anhela —
Em guerrear o mouro e o vão gentio —
Reina, e nunca cedendo ao ocio ignavo,
Um defeito tem só — é nimio bravo.

XLVI

Sem do publico bem directa mira,
Busca inutil fadiga, affronta azares;
Das feras o furor, furor lhe inspira,
Á furia expõe-se dos revoltos mares.
Se os conselhos de Aleixo elle seguíra,
Aproveitando os dotes singulares
Que do céu houve, o proprio precipicio
Evitára, e dos seus o infausto exicio!

XLVII

Emquanto o pio heroe em verdes annos
Medita, incauto, a mais infausta empreza,
Athouguia entre os povos indianos
Sustenta, invicto, a gloria portugueza.
Em Chaul, Goa, Achem, doma os tyrannos,
Que em vão lhe oppõem ardís, força e braveza,
E em tudo successor se mostra dino
De Coutinho, Noronha e Constantino.

XLVIII

De taes proezas mais e mais a fama
Ao lusitano rei no nobre peito
Do férvido desejo ateia a chamma
De obrar na Mauritania um grande feito:
Entre Moluco e Hamet odio se inflamma,
Que pretendem a um throno ambos direito:
SEBASTIÃO a maura inimicicia
Para a facção fatal julga propicia.

XLIX

Com temerario ardor brandindo a lança,
Nos areaes da Libya encontra a morte:
Não lhe é dado vencer; mas nome alcança
De campeão da fé zeloso e forte.
Cortada assim em flor tanta esperança,
Deplora Portugal da patria a sorte,
Vendo, além de carpir desar tamanho,
Impendente á cerviz um jugo estranho!

L

Porém antes que em parte a antiga gloria,
Tão fulgida até li, fosse eclipsada,
Perdido o rei e a palma da victoria
De Alcacer na miserrima jornada,
Varões crédores de immortal memoria,
Não com fero arcabuz, fulminea espada,
Mas com armas do céu, travam peleja
Contra a turba rebelde á madre igreja.

LI

João ainda reinava... Eis vão a Trento,
De toda a grei christã, sacros pastores,
A condemnar em sancto ajuntamento,
Sob o pastor supremo, impios errores.
Todo o sabio concilio admira attento,
Entre os da fé mais claros defensores,
Os que, com nobre ardor, no fixo prazo,
Manda o povo fiel, do extremo occaso.

LII

Ide athletas da fé! Com auso infando,
Que turba a doce paz, mil males gera,
De Luthero e Calvino o duplo bando
Da madre igreja as visceras lacera.
De vós, serviço e auxilio memorando
Á sancta causa, a patria exige e espera:
Lá vos vejo affrontar do inferno a raiva,
Azambuja immortal, Foreiro e Paiva!

LIII

Tu, bracharense Martyres, se tanto
Não te revelas orador facundo,
Reformador austero, humilde e sancto,
Brilhas não menos por saber profundo.
(Depois, largando o bago e o rico manto,
Vestido de cilicio, ignoto ao mundo,
Findas da vida o terreal caminho,
Em pobre claustro no teu caro Minho.)

LIV

Estes a igreja escuta, estes venera,
Mestres da fé christã, da moral pura,
Quando em Trento erros mil fulmina austera,
Filhos do orgulho e heretica impostura.
Nem só, seu vôo erguendo á mór esphera
Do divinal saber, se exerce e apura,
O portuguez então; por igual modo
Cultiva da sciencia o campo todo.

LV

Do nobre Gama a empreza peregrina
É por Camões cantada em versos de oiro;
Das drogas do oriente á medicina
Horta revela incognito thesouro;
Nunes, de Urania alumno, alta doutrina
Dicta, c'roado de Apollineo louro;
Do franco povo a flor pende dos labios
Dos Gouveias, de Vaz, eximios sabios.

LVI

Outro, na Ausonia, douto lusitano
Das lacias musas brilha entre os cultores:
Por seu vasto saber, sacro e profano,
Grangeia Estaço universaes louvores.
Bem que mais de um pontifice romano
O cumúle de graças e favores,
Invejoso não ha que as armas vibre
Contra quem tanto illustra o Tejo e o Tibre.

LVII

A sulcar, Pinto, ousado, te abalanças,
Em pinea fusta, pelagos remotos:
Ritos contas depois, poder e usanças
De povos e de reis, ao mundo ignotos.
Colhes mór fructo, Heitor, mais gloria alcanças,
Aos doutos caro e aos animos devotos,
Traçando em casta, flórida linguagem,
Da vida do christão a nobre imagem.

LVIII

Toma Henrique, o supremo regimento,
Rei após a catastrophe africana.
Douto, piedoso, e de paixões isento,
Dá lustre ao sceptro, e á purpura romana;
Mas vigor lhe fallece e fino tento,
Que opponha á força e á fraude castelhana:
Frouxo governa, hesita, e não decide
Da successão ao throno a grande lide.

LIX

Dão a vãs pertenções Castella, França,
Parma, Saboia o nome de justiça,
Que uma tão rica, tão illustre herança
Accende em todos férvida cobiça.
Antonio, que da plebe o voto alcança,
Entra, audaz contendor, na dubia liça:
Alba, com força enorme, ardor e tento,
Prestes lhe frustra o temerario intento.

LX

Sómente Catharina ao solio vago
Tem jus; porém sem força o jus que serve?
De seu negro porvir quasi presago,
O reino entre facções se agita e ferve:
Por evitar da guerra o horrendo estrago,
Dicta prudencia então que se reserve
Para sazão aos lusos mais benina
O brado em prol da estirpe Bragantina.

LXI

Não sobrevive á patria moribunda
O seu cantor sem par, o eximio vate:
Não cede á dôr privada mais profunda,
Pertinaz infortunio o não abate;
Á vida, em duros trances tão fecunda,
Só desgraça geral põe o remate.
Camões, da cara patria o fado corres:
Florece? Vives. Perde a gloria? Morres!

LXII

Quando o luso ao arabio em vão resiste,
Thomé, no amor fraterno ardendo absorto,
Em Alcacer os seus exhorta, assiste,
Té que é preso, ferido e semi-morto.
Depois medita e narra em prisão triste
(Que na aridez do acerbo desconforto
Infunde a graça mysticos orvalhos)
De Jesus as finezas e os trabalhos.

LXIII

Na profana eloquencia, e na sagrada,
Se distingue o doutissimo Pinheiro:
A fé propugna, contra os vicios brada,
É de sciencia vívido luzeiro;
Mas folga que Filippe o reino invada,
E o castelhano despota estrangeiro,
Intruso em Portugal, festeja e adula,
E assim o proprio credito macúla.

LXIV

O desditoso reino, afflicto, exhausto,
Contra estranho poder não tem defeza.
Com violencia, engano e altivo fausto,
O ibero opprime a gente portugueza.
Doze lustros sujeita ao jugo infausto,
O lustre antigo, a prospera riqueza
Vae perdendo, e recebe em toda a parte
Insultos cem do bátavo estandarte.

LXV

Não se ufane porém d'esses insultos
O bátavo feroz, que o luso brio
Não soe ultrages taes deixar inultos,
Nem seu nobre furor será tardio.
Não jazem, não, inanimes, sepultos,
Com a perda do antigo poderio,
Os portuguezes todos. Eis Furtado,
Que só por muitos vale, em campo armado.

LXVI

De Jafanapatão derrota, e mata
O soberboso rei, combate a liga
Do bátavo e do mouro, e desbarata,
Malaca defendendo, a força imiga:
Vence Cunhales, barbaro pirata,
Que com supplicio extremo emfim castiga:
Terror de belgas, turcos, malabares,
Morre o *grão capitão*, fendendo os mares.

LXVII

Tambem no campo equoreo o grão Botelho,
Mas pelejando, vencedor expira:
Hoste inimiga, bellico apparelho,
Mais de uma vez em vão lhe resistíra:
Em damno seu, por infernal conselho,
Com o gentio o bátavo se unira:
Todos vence. Do Jamba as feras ondas
Roubam a vida ao luso Epaminondas.

LXVIII

Ganha, com justo titulo, Ribeiro,
Duas vezes heroe, duplice palma:
Lucta esforçado, indomito guerreiro,
Todas reprime e doma as paixões d'alma.
Bravo e prudente, brando e justiceiro,
No Pegú, das facções a furia acalma:
Da nação que vencêra, e tem sujeita,
Vencedor de si mesmo, o throno engeita.

LXIX

Tres Filippes em ordem successiva,
Contra a lei, dictam leis no reino luso :
Novas iras inflamma, odios aviva,
Do poder usurpado o fero abuso.
Á portugueza gente, outr'ora altiva,
Geme ao ver-se sujeita ao mando intruso,
Qual o hebreu, quando exhala as ternas queixas
Na terra Assyria em lugubres endeixas.

LXX

Antonio, longe então do patrio solo,
Por conquistar o solio em vão forceja :
Qual piloto infeliz, toldado o polo,
Em bravo mar sem bussola veleja.
Opprime estranho jugo á patria o collo ;
Luctar que vale em tão dispar peleja ?
Fallece ao pretensor estranho auxilio ;
Seus dias finda pobre em triste exilio.

LXXI

Foco de luz, em quanto livre, Athenas
Não tivera rival no inteiro mundo :
Foi berço e séde das irmãs Camenas,
Solo em genios altissimos fecundo ;
Mas vê murchar-se tanta gloria, apenas
Cede ao Lacio de preza sitibundo,
E mais, depois que barbaro a constrange
A curvar a cerviz o turco alfange.

LXXII

Noxio foi, mas não tanto, á nossa terra
O dominio de hispanos oppressores:
Bem que altivos na paz, féros na guerra,
Eram povo christão os invasores.
Portugal em vil ocio não se encerra,
Mas, sobranceiro ao fado e aos seus rigores,
Alimenta, por nobre desafogo,
Do amor ao bom saber o sacro fogo.

LXXIII

Amarguras do triste captiveiro
Compondo obras pulcherrimas adoça:
Castro celebra o fundador primeiro
Da excelsa capital da patria nossa:
Do bom pastor o typo verdadeiro
(Raro haverá quem iguala-lo possa!)
Com estylo sem par, nobre e jocundo,
É por Sousa indicado á igreja e ao mundo.

LXXIV

Arraes, brazão de Beja e de Carmelo,
Rico em sciencia humana e na divina,
Com attico sabor e estylo bello,
Dicta preceitos de moral doutrina.
Cortezão e pastor, culto e singelo,
Rodrigues toca a flauta campezina;
Mas seu fado não quer que aos astros suba,
E com applauso igual emboque a tuba.

LXXV

Do Quinto Áffonso, com primores d'arte,
As libycas facções canta Quevedo:
Narra os horrores do cruento Marte,
Pinta amenos jardins, tartareo enredo:
A sublime belleza iguala em parte
Dos cantores do Gama e de Godfredo:
Calliope lhe deu, meiga sorrindo,
O segundo logar no nosso Pindo.

LXXVI

Brito, Nunes, Brandão, Faria e Couto
Consagram todo á patria o claro engenho:
Folga o povo que os lê, torna-se afouto;
Em breve ha de mostra-lo em nobre empenho.
Narra Lucena pio, ameno e douto,
Feliz do assumpto seu no desempenho,
De Xavier a sancta e longa lida,
O zêlo heroico, a portentosa vida.

LXXVII

Annos setenta em misero degredo
O povo de Israel gemeu captivo,
De Euphrates na ribeira, e quasi a medo
Threnos cantava, á magoa lenitivo.
Té que por fim folgava, attento e quedo,
De ouvir seus cantos o chaldeu altivo:
Eis já Cyro no throno... O grão guerreiro
Põe fim ao longo e duro captiveiro.

LXXVIII

Por sessenta annos negrejar medonho
Viu Portugal o turbido horisonte:
Eis de repente amostra o sol risonho,
Dissipado o negrume, a léda fronte.
Qual quem, ao despertar de horrendo sonho
Folga vendo-se são, seguro, insonte,
Livre de vão terror, de hostil assanho,
Folga Lysia, quebrado o jugo estranho.

CANTO IV

I

«Viva o Quarto João, do throno herdeiro»
Troço de heroes em Ulysseia brada;
«Viva João» repete o reino inteiro:
Subito exulta a patria restaurada.
Contra o risco de novo captiveiro
É segura fiança a lusa espada:
O novo rei, com salutar conselho,
Rapido apresta o bellico apparelho.

II

Com varonil esforço esforça á lide
A esposa de João os lusos peitos:
Elle, antes vacillante, emfim decide
Vindicar pela força os seus direitos.
O libertado povo, a quem preside,
Caudilhos assoberba á guerra afeitos,
E, no mavorcio jogo, ao mundo todo
Dá provas mil de indomito denodo.

III

O forte sexo então se immortaliza,
E tem direito a perennal memoria:
Cabe, com jus, á inclyta Luiza
Não pequeno quinhão da mesma gloria:
Vilhena assim não menos se abaliza,
Nem menos brilha, e brilhará na historia:
Os filhos arma, e os vê, tranquilla e forte,
Da patria em defensão correr á morte.

IV

Tambem, sem medo de final desastre,
Em tão riscoso trance, á prole sua
Conselho dá magnanima Lencastre
Que mais e mais alento ao peito influa.
De ambas com verde louro a fronte ennastre
A fama, que altos feitos perpetúa
De heroinas (opprobrio aos varões fracos!)
Quaes Thomyris, Zenobia e a mãe dos Gracchos.

V

A mais de um dos seus reis ergueu, forçado,
Assombrosos padrões o povo egypcio:
A cuja vista um animo assisado
Da vaidade sem par deplora o vicio:
Uso digno porém de ser louvado,
De nobres corações, seguro indicio,
Viu-se em Memphis reinar, e n'outras partes
Da illustre região berço das artes.

VI

Aos mais dignos varões, com terno affecto,
Sagrava, após o infausto passamento,
Saudosa a prole, sob o proprio tecto,
Pyramidal singelo monumento.
Portuguezes varões, quanto discreto
Fôra em parte imitar tal pensamento,
E ante os olhos ter sempre, em bronze, ou telas,
A imagem dos avós e as acções bellas!

VII

Com letras de ouro, em marmore gravados,
Em luso panteón ler inda espero
Vossos nomes, heroes assignalados,
Por quem Lysia sacode o jugo ibero,
E os dos outros varões abalizados
Do mavorcio mister no jogo fero,
Cujos feitos, ufano em grato enlevo,
N'este meu carme memorar eu devo.

VIII

Mas emquanto esse alcaçar erigido
Aqui não fôr aos seus libertadores,
Por tal denodo o galardão devido
Paguem-lhes vates, paguem-lhes pintores.
Eu, a quem, d'arte e engenho desprovido,
Fallecem estro, voz, pinceis e cores,
Deixando á nobre empreza aberto o campo,
Seis nomes sós, aqui, singelo estampo.

IX

Baena, Cunha, Almeida honrae meu canto,
E vós Mendonça, Mello e Antão d'Almada,
Por quem a patria enxuga o triste pranto,
De tão longo infortunio libertada.
Por poucos, que ligou vinculo sancto,
A façanha immortal fôra traçada;
Quarenta a preparaes, dignos magnates,
Que Almada ajunta, e afouta em seus penates.

X

E não deve sómente ao gladio, á lança,
Á plumbea pella a patria o seu resgate:
Em prol d'ella e da estirpe de Bragança,
Mais de uma penna applaude ou deu rebate.
Ribeiro gloria igual á gloria alcança
De heroe que vence em marcial combate;
Qual tu tambem, que outr'ora o jus denegas
A Beatriz em Lysia, ó nobre Aregas.

XI

Prestam depois serviço ao rei nativo
Do Demosthenes luso a voz e a penna;
Inda que, com ardor não menos vivo,
Lucta Vieira em mais sagrada arena.
(Nos dois mundos, de Deus ministro activo,
Com dicção pura, grave, ornada, amena,
Encanta, ensina e move o sabio e o rude,
Fulmina o vicio, exalta a sã virtude.)

XII

Suffocar tenta Hespanha o altivo brado,
E move embalde innumeras cohortes;
Prestes vê seu proposito frustrado,
Na lide horrenda com varões tão fortes:
Nem só defende o luso o solo amado,
Sem da guerra temer as varias sortes;
Que é digno de ser livre ao mundo amostra,
E as forças do oppressor opprime e prostra.

XIII

Galliza o diga, por Coutinho entrada
(Armem-se embora os feros moradores),
Diga-o Valverde, subito assaltada
Por Mello, digno de immortaes louvores.
De mais de um Mello a fulminante espada
Repelle então e humilha os invasores,
E preserva de incendios e ruinas
Os lusitanos muros e campinas.

XIV

De Montijo na horrisona batalha
Contraria sorte os nossos atropela:
Tomados os canhões, terror espalha
No luso campo a gente de Castella:
Mas subito Albuquerque o damno atalha,
E os mais fortes armigeros debella:
As hostes a quem já fortuna é falsa
Costa com elle ataca e vence e encalça.

XV

Em quanto o reino á furia castelhana,
Nunca vencido, impavido resiste,
Das victorias da gente lusitana,
Tremendo, altiva Hollanda, a fama ouviste.
Empolgáras na terra americana,
Em sazão para o luso infausta e triste,
Rica preza, ó Nassau; tu, Sigismundo,
A largarás, volvendo ao velho mundo.

XVI

Do novo luso mundo a illustre prole,
Co'a gente portugueza em sancta liga,
Do bátavo poder affronta a mole,
Ambas iguaes na bellica fadiga.
«Nas torres do Brazil não mais tremole
Bandeira estranha e acerrima inimiga:
Tão nobre terra a Deus e a nós pertence;»
Barreto exclama e pugna, assalta e vence.

XVII

Pugna em duros recontros repetidos,
Nem só ganha laureis de esteril gloria;
Sem do fero leão temer rugidos,
Lhe arranca a presa co'a final victoria.
Socios na grande empreza esclarecidos,
Vós, Vieira e Vidal, na nossa historia
Tereis de encomios fulgida corôa,
E Camarão comvosco e Figueirôa.

XVIII

Nem tão só no Brazil, das sanctas quinas
Novamente o pendão, feliz, tremola;
Fim põe o luso ás bátavas rapinas,
E em nova arena brilha, e se acrysola.
A cerviz, rei do Congo, humilde inclinas;
E tu, livre do belga, ardente Angola,
De Salvador Correia as leis recebes,
E das fontes da graça as aguas bebes.

XIX

Alvo do anglo furor, á foz do Tejo
Vem dois moços reaes buscar abrigo:
Para cevar seu odio armar-se vejo
Bando dos reis acerrimo inimigo:
João lhe frustra o barbaro desejo,
E a Mauricio e a Roberto, em tal perigo,
Contra os insultos da facção sanhuda
Seguro asylo dando, os guarda e escuda.

XX

Antes já dera, gratidão mostrando
Aos bons officios de um monarcha amigo,
De destemor exemplo memorando,
Bem que em lances de proximo perigo.
Pelo poder, embora formidando,
Ameaçado do iberico inimigo,
Mandára, envolta em guerra a nobre Italia,
Naval potente auxilio ao rei da Gallia.

XXI

De goivos e jasmins, lirios e louros,
Do tumulo juncar quizera agora:
N'um principe accumula os seus thesouros
O céu, mas cedo a patria o perde e chora.
O ausonio cisne, em versos vividouros,
De Marcello o agro fim carpíra outr'ora;
Theodosio iguaes merece encomios, pranto:
Pio vate lhe sagre um doce canto!

XXII

É do Quarto João sob os auspicios
Feliz na guerra a gente portugueza:
Tem Scipiões, tem Fabios, tem Fabricios,
Feros cabos no ataque e na defeza;
Dá-se tambem a nobres exercicios,
Bem estranhos á bellica fereza:
Terror a rouca tuba não lhe infunde,
E o saber cresce, medra e se diffunde.

XXIII

Mello, escriptor facundo e douto e arguto,
Em prosa e em verso instrue, diverte e exhorta;
Do templo da moral, com gloria e fructo,
Mostrando a senda, descerrando a porta:
Em mais de um lance de tristeza e lucto,
Com brando eloquio miseros conforta,
E a ditosos, do fado entre as caricias,
Augmenta, apura os gosos, as delicias.

XXIV

Na concisão, em Crispo tão louvada,
Pondo Freire de Andrade, attento, a mira,
Retrata o nobre Castro; instrue, agrada,
Sentimentos magnanimos inspira.
Ao epico laurel, depondo a espada,
Sá de Menezes, fortunoso, aspira:
Celebra heroe sem par, que ardido ataca,
E expugna a rica, próspera Malaca.

XXV

Cardoso erige á portugueza gloria
Monumento de altissima valia:
De prestantes varões não faz memoria
Claros por féra marcia galhardia;
Mas de christãos heroes nos conta a historia,
Que em sancta lucta, com tenaz porfia,
Vencidos d'alma os inimigos todos,
Conquistaram o céu por varios modos.

XXVI

Alguns, com mais que humana fortaleza,
Pela fé supportando atroz martyrio;
Outros guardando virginal pureza,
Flor mais mimosa que mimoso lirio;
Todos domando a propria natureza,
Illeso o siso, no geral delirio,
Das paixões entre assaltos e procellas —
Mancebos, velhos, donas e donzellas.

XXVII

Ao rei *restaurador* um rei succede
De fraco coração, de mente inerte,
Que em juvenis prazeres se desmede,
Sem que o marcio clarim seu brio esperte.
Mais vigoroso chefe a patria pede,
Que em torna-la feliz medite e acerte:
Deposto o Sexto Affonso, da desgraça,
No exilio ou preso, esgota a plena taça.

XXVIII

Toma as redeas do reino mal regido
Por um rei indolente e quasi insano,
O irmão ambicioso, astuto e ardido;
Mas não assume o titulo sob'rano
Se não annos depois, quando, opprimido
Pelo rigor de encerro deshumano,
(Termo final de asperrimo destino!)
Succumbe Affonso a morbo repentino.

XXIX

Mas emquanto, inda em placido remanso,
Só monarcha no nome, Affonso impera,
Não se entorpece o povo em vil descanso,
Nem do valor os impetos modera.
Com estupendo arrojo, em mais de um lanço,
Arrosta, rende e doma a furia ibera:
Vossos nomes no Pindo aos astros suba,
Magnanimos varões, sonora tuba!

XXX

Sim, só do cisne ismenio a voz canora
Devêra, ou tuba altisona meonia,
Os heroes celebrar que ostenta agora
Lysia, a par dos da Grecia e antiga Ausonia;
Mas rouca seja minha voz embora,
Nem meus labios banhasse a lympha aonia,
Pregôe ao menos de valor modelos
Jacques, Sancho, Menezes, Vasconcellos.

XXXI

Elvas, Ameixial, Castel-Rodrigo,
Theatro illustre são de nobres feitos;
Regio heroe entra em Lysia, e, fero imigo,
Bravos soldados manda á guerra afeitos,
Avança, Evora toma, e diz comsigo:
«Eis domados emfim os lusos peitos.»
Mas colhe d'esse ardor fructos amaros,
E Caracena iguaes em Montes Claros.

XXXII

Sancho aos fataes progressos do primeiro,
Que Lisboa ameaça furibundo,
Pondo, ditoso, o termo derradeiro,
No desalento o lança mais profundo:
Menezes, sempre heroe, de heroes herdeiro,
Rebate a vã jactancia do segundo,
Como a de Haro, sem susto e sem demora,
Nas linhas d'Elvas rebatêra outr'ora.

XXXIII

Em Castello Rodrigo igual fortuna,
Com gloria igual, os nossos acompanha:
Tropas embora intrepidas reuna
O magnate maior de toda Hespanha:
Ao seu rei promettêra o nobre Ossuna
Trophéus, despojos, inclyta façanha...
Promessas vãs! Ardis, feros, ataques,
Vencedor, tudo frustra o eximio Jacques.

XXXIV

Nestor no tento, Ajace na bravura,
Tambem mil planos frustra ao castelhano
Vasconcellos, que prospera ventura
Traz do Brazil ao solo transtagano.
Defeza ao rei e aos seus sempre segura,
Aos contrarios desdouro e immenso damno,
Muito o seu siso faz, muito o seu braço,
Qual o guerreiro, heroe do grande Tasso.

XXXV

Na mesma nobre transtagana terra
Lucta varão não menos denodado,
A quem hostil furor jámais aterra,
Todo ardor, sempre activo e sempre armado.
Em cinco lustros de porfiosa guerra,
Habil caudilho, intrepido soldado,
Castro, á frente de bravos portuguezes,
Cem vezes pelejou, venceu cem vezes.

XXXVI

Não menos a Albuquerque o peito inflamma
Do patrio sancto amor a chamma activa:
Outro mais bravo não o aponta a fama,
Em italica lucta, em lucta argiva.
Alconchel por heroe, primeiro, o acclama,
Salvaterra depois, depois Oliva;
Elvas, emfim, entre os mais fortes, forte,
Grande na lide o vê, grande na morte.

XXXVII

Tributar aqui deve a um estrangeiro
A nossa gratidão encomio justo —
A Schomberg, que do iberico fronteiro
Foi, comnosco luctando, açoute e susto.
Deveu-se em mais de um risco a tal guerreiro
Defensão ou victoria a menos custo:
Foram com este Iphicrates felizes
Sempre os nossos pendões e os aureos lizes.

XXXVIII

Honra e lustre immortal ao varão forte,
Que, seu rei defendendo e os patrios lares,
Com sereno semblante affronta a morte,
Que tanto assusta os animos vulgares;
Honra igual a quem tem por fixo norte,
Das discordias civis nos turvos mares,
O jus, a lealdade, e em risco summo
Nem revela temor, nem torce o rumo!

XXXIX

Perdido o throno, a esposa, a liberdade,
Geme em total olvido o rei deposto:
Torpe infracção dos fóros da amizade
De Affonso aggrava o triplice desgosto:
Só á que julga intrusa potestade
Não inclina a cerviz, mudando o rosto,
Nem o affecto leal no exilio esconde
De Castello Melhor o eximio conde!

XL

Pedro Segundo á lucta gloriosa
Põe termo em prol da causa lusitana,
Quando Castella, em armas desditosa
Por lustros cinco, emfim se desengana.
Então da paz o luso os fructos gosa,
Té que d'Austria em favor, na lide hispana,
Não se esquivando ás bellicas fadigas,
De novo arrosta as hostes inimigas.

XLI

Na guerra por dois lustros prolongada,
Não desdiz da mavorcia galhardia
Por mais de cinco lustros ostentada
Com nobre brio, heroica valentia.
Diga-o a repetida ovante entrada
Na capital da hispana monarchia.
Inda mal! tanto esforço se mallogra:
Gloria sim, mas sem fructo, o luso logra.

XLII

Mas antes que a discordia desparzisse
Entre os iberos seu lethal veneno,
E que de sangue, impavido, tingisse
O gall'hispano o hispanico terreno.
Dizpoz o céu que Pedro compellisse
Em Ceuta e Orão á fuga o sarraceno,
Ajudando a evitar desaire e damno
O luso rei ao rei do povo hispano.

XLIII

Hispana gente, entre as nações do mundo
Qual outra é mais que tu valente e clara?
Combatendo, ou sulcando o mar profundo,
Qual mais firme o perigo e a morte encara?
Ganhada, após conflicto furibundo,
Nobre conquista, a liberdade cara,
Em ti vê Portugal um povo amigo:
Salve, e feliz conserva o lustre antigo!

XLIV

Não só de Pedro ao fiórido reinado
Dão lustre a paz e a bellicas proezas;
Da milicia de Christo heroe soldado,
Brito o decora por christãs emprezas.
Mil e mil d'este luso ouvindo o brado,
Que seus erros condemna e vis torpezas,
No vasto Maduré se vão curvando
Da lei do sancto amor ao jugo brando.

XLV

Da boa nova arauto, immanas terras,
Prégando, illustra o sancto peregrino:
Sulca o mar, brenhas rompe, atrepa serras,
Dá-lhe forças e esforço o amor divino.
Brito, por Deus, da patria te desterras,
Tens na patria celeste o premio dino:
Se fero algoz pagão te arranca a vida,
Lá tens no empyreo a palma merecida!

XLVI

Emquanto em plaga inhospita indiana
O martyr finda a terreal carreira,
Quental, no patrio solo, a senda aplana,
Que, recta, leva á patria verdadeira!
A vencer das paixões na lucta insana,
Com zêlo ensina e placida maneira,
Sem que á lei mingue a força, e os maus adule,
Digno filho de Neri e de Berulle.

XLVII

D'estes sanctos varões mystica prole,
Outro douto varão, co'a voz, co'a penna,
Faz que do vicio o mau se desatole,
Procellas d'alma vezes mil serena:
Quer que tudo o christão á posse immole
Da eterna dita com que o céu lhe acena.
Aos ignaros dá luz; tibios, cobardes,
Inflamma, anima, ascetico Bernardes.

XLVIII

Asceta, e pae de rigidos ascetas,
Chagas se lhe avantaja em zêlo sancto:
Todas de satanaz desponta as settas,
Christão guerreiro sob humilde manto:
Com efficaz uncção, razões discretas,
Arranca ao peccador sincero pranto;
E ainda, solto da prisão terrestre,
É hoje de christãos conforto e mestre.

XLIX

Ganham então, no seculo, os Menezes,
Luiz, Fernando, immorredoura fama;
Promptos vestindo os bellicos arnezes,
Quando marcia trombeta á lide os chama:
Depois, nos nobres peitos portuguezes,
Quando a paz entre nós seus dons derrama,
Com o incentivo do louvor da historia,
Mais e mais avivando o amor da gloria.

L

Merito igual nas letras abaliza
Dois Macedos, um Sousa, outro Ribeiro:
Poeta e prosador, se immortaliza
Por nobre estylo altivolo o primeiro:
Com phrase menos alta, e mais concisa,
O segundo, estadista e conselheiro,
Ensina sã moral, e a de Aristippo
Se ufana de impugnar, luso Chrysippo.

LI

De erudição rarissimo portento,
Outro illustre Macedo o mundo espanta;
Mas saber arrogante é fumo, é vento,
Que inutil sobe ao ar, que pó levanta:
Aos posteros não lega um monumento
Que digno haja de ser de gloria tanta:
De tanto engenho, estudo, e altivos ausos,
Apenas colhe ephemeros applausos.

LII

Zeloso defensor da independencia,
Contra o poder despotico romano,
Canta Garcia a marcial pendencia
Ao Tibre causa de vergonha e damno:
Revela engenho e militar sciencia,
«Não tem primor, nem estro soberano.
Um Virgilio não é.» Não fosse embora.
Tambem Silio um Marão não foi outr'ora.

CANTO V

I

Em successos fecundos, abrir-se vemos
Novo seculo agora. A gente lusa
Poucos n'elle fará de esforço extremos,
Dignos dos altos sons d'epica musa:
Mas se altiva não sobe aos graus supremos
De heroismo, que esplendido reluza,
Da que herdou dos avós gloria distincta
Ao menos os brazões nunca despinta.

II

Eis o Quinto João o sceptro empunha,
Que na pompa e 'splendor do culto sancto,
Salomão portuguez, seu timbre punha,
Digno de pio encomio em doce canto.
Com pasmo o mundo vê (pois não suppunha,
Que um lusitano rei podesse tanto)
Os que elle erige excelsos monumentos,
Quasi iguaes aos de Roma altos portentos.

III

Em Mafra, por seu mando, erguida vejo
(Cenobio, alcaçar, templo) immensa mole,
Quando o céu cumpre um férvido desejo,
E adita o reino, e o rei, com regia prole.
Eis á rainha do sereno Tejo,
Porque sêcca infeliz não a desole,
Lá vem, do seio dos vizinhos montes,
Torrente d'agua alimentar as fontes.

IV

Á Carlos, pretensor do solio ibero,
João auxilio dá com sorte varia;
Sempre leal, munifico, e sincero,
Inda quando fortuna acha contraria:
E quando, no mar Jonio, o turco féro
Move ao povo christão guerra nefaria,
Ao barbaro infiel não dando corro,
Manda a Corfú promptissimo soccorro.

V

Do Tejo eis sae ufana a lusa armada,
Ás naus do turco em Matagan opposta:
De grossos galeões ei-la cercada;
De todos sem temor a furia arrosta.
A musulmana frota, destroçada,
Demanda em fuga a pelopeia costa:
A Italia canta assim, deposto o medo,
Fausto epinicio, em festival folguedo.

VI

Tambem por outros próvidos cuidados
João tem jus á posthuma memoria:
Sabios varões, por elle convidados,
Dão nova luz á lusitana historia:
Assim Leitão, Argote, e tres Machados,
Para si, para o rei grangeiam gloria,
Que são em casos mil os seus escriptos
Segura guia aos nossos eruditos.

VII

Menezes, de alta estirpe esclarecida
Azas desfere o vôo aventureiro:
Aguia real não é, mas não duvída
Fitar os olhos no Phebeu luzeiro.
Com briosa ambição, mas desmedida,
D'epicos vates emulo altaneiro,
Canta (e bellezas o seu canto encerra)
O heroe tronco dos reis da lusa terra.

VIII

Reis, erudito, um monumento erige
Á litteraria gloria portugueza:
Thesouro lacio-luso elle collige,
Auctor primeiro de tão nobre empreza;
E não só por tal obra applauso exige,
Como vate os merece: em agudeza,
Em conceituoso estylo, em fino gosto,
A par de Marcial póde ser posto.

IX

Como a vate e a pintor, dupla capella,
Qual a Rosa, a Vieira adorna a fronte:
Bella Ignez, por quem tanto se desvela,
Faz talvez que tão alto se remonte.
Pintura, arte sem par, mimosa e bella,
Formosas divas do Heliconio monte,
Então do vosso culto e dons celestes
No nosso artista um sacerdote houvestes.

X

Oito lustros attalicos thesouros
O magnanimo rei logra ditoso,
Mais que trophéus prezando, e marcios louros,
D'aurea paz o remanso deleitoso.
Não tão só por si — para os vindouros
Reis da fiel nação — titulo honroso
Ganha, que entre os christãos seu zêlo abona,
Dá-lhe Roma, e João d'elle blasona.

XI

Não só nos seus estados o cultivo
Das boas artes, sedulo, promove
Com efficaz munifico incentivo,
Por que seu lustre n'elles se renove;
De ardor tão nobre, e zêlo tão activo,
Quer que estranha nação effeitos prove:
Roma o diga, onde cantam seus louvores,
Ao som da lyra, os Arcades pastores.

XII

Sobe José Primeiro ao throno augusto:
Mil abusos reforma em tempo breve:
Do terremoto horrendo o damno, o susto,
Providente restaura, e faz mais leve.
Á escolha d'este rei, sagaz e justo
Estimador de merito, se deve
Ministro sem igual; mas cujos fastos
Dias recordam lugubres nefastos.

XIII

Ao crebro abalo da terrestre mole,
Lisboa rue, com horrido estampido;
Inunda o Tejo, e procelloso engole
Victimas cento o pégo embravecido;
Outras devora o fogo: á lusa prole
Nunca o céu se mostrou tão desabrido,
Nem brandiu contra Assur mais aguçada
O anjo da morte a fulminante espada.

XIV

Carvalho, em tão atroz calamidade,
Titulos ganha á mais fulgente gloria,
Por valor, zêlo, siso, actividade,
Raros na antiga e na moderna historia.
Do immenso beneficio a grão cidade
Grata conserva e perennal memoria,
E da nobre Ulysseia, a voz da fama
Segundo fundador, com jus, o acclama.

XV

Nocturno assalto a vida preciosa
Do rei põe em perigo. Ao céu propicio
Que a preserva, agradece, jubilosa,
A gente lusa o grande beneficio:
Mas haverá quem possa, em verso ou prosa,
Contar dos réus o barbaro supplicio,
Sem que se encha de horror, sem que se enoje?
De o recordar meu animo refoge!

XVI

Mil e mil campeões que nos certames
Se abalizavam da christã milicia,
Proscriptos vejo: cumplices infames
Serão em trama de infernal malicia?
Grande Carvalho, embora ao mundo clames,
Que foram réus então de atroz nequicia;
Antes que affirme tal, de alento á mingua,
Fique em silencio eterno a minha lingua.

XVII

Qual passageira nuvem carregada,
Que ao sol encobre o luminoso disco,
Presto desfaz-se (em chuva desatada)
Após crebro trovão, raio e corisco:
Tal entre nós, reinando a paz dourada,
Apenas se presente o grave risco,
Ouve-se ao norte o som da marcia tromba,
Trovão de guerra subito rebomba.

XVIII

Pombal consegue, em tanto sobresalto,
Que ao mór damno o reparo se antecipe;
Ao nosso reino, de caudilhos falto,
Chama estranho caudilho, — o nobre Lippe:
Não ousa Iberia o decisivo assalto,
Que em breve os sonhos seus talvez dissipe...
Pois Lysia á força hostil oppõe, segura,
Força, conselho e indomita bravura.

XIX

Carvalho em breve espaço assim repelle
Fera invasão do hispano poderio:
Quem ha que por manter mais lide e vele
Illeso, e pleno, o patrio senhorio?
Que no seio da paz mais vingue e zele
O commum interesse, o luso brio,
Sem que do anglo poder o dome, ou torça,
O prepotente orgulho, e a enorme força?

XX

O ocio inerte e vil banir procura,
Luso Colbert, da terra portugueza;
Que não sómente a marcial bravura
Dos reinos firma a solida grandeza.
Honra o commercio, a industria, a agricultura,
Fontes caudaes da publica riqueza,
E quer que com ardor, por varios modos,
Para a dita geral concorram todos.

XXI

Ao Ilisso, ao Asopo, ao Tibre, ao Sena,
Pouco já tem que inveje o Tejo e o Douro:
Sopra ás letras, em Lysia, aura serena,
Doutas frontes adorna o verde louro.
Dás a um frivolo orgulho a digna pena,
Cantas heroes, ao som da lyra de ouro,
De Pindaro rival no estro divino,
E de Boileau na graça, ó grande Elpino.

XXII

De doce eloquio, aos astros remontado,
Devolve Elpino rapida torrente;
Garção, doce cantor, mais repousado,
Commove os corações, illustra a mente.
Ao rio ameno que fecunda o prado,
Murmurando com placida corrente
(Qual não longe da fonte o Tigre ou o Nilo)
D'este vate semelha o nobre estylo.

XXIII

Bem que humilde mestér, com jus grangeia
Quita as inclytas honras do Permeso:
De altaneira ambição, de inveja feia,
O nobre animo seu conserva illeso:
Do engenho os dons gentis não alardeia,
E, pobre, é mais feliz que o lydio Creso:
Nem só toca na Arcadia ou flauta ou lyra,
Mais altos sons Melpomene lhe inspira.

XXIV

Nem só fervente culto então dedica
Portugal ás dulcisonas Camenas;
Às graves disciplinas não se applica
Com menos vivo ardor do que ás amenas.
Em todo o bom saber se ostenta rica,
De mui longo torpor saída apenas:
Nas margens do Mondego a ensina, e adestra,
Sophia, em douta e esplendida palestra.

XXV

Verney, Rocha, Pereira, é-vos devido
Tributo aqui de applauso e de louvores:
Dos estudos no methodo seguido
Signaláras Verney torpes errores:
Teus novos planos, Rocha, hão desparzido
De sciencia entre nós vivos fulgores:
Volvem por ti, Pereira, ás plagas lusas
A humanar-se comnosco as lacias musas.

XXVI

Livre do jugo da vetusta escola,
A mente exerce a innata actividade,
Nem do proprio saber tem por bitola
Saber alheio, humana auctoridade:
Mil sonhos vãos do Peripáto immola
Ao sancto amor da candida verdade,
E tenta, quanto é dado a engenho humano,
Penetrar da natura o eterno arcano.

XXVII

A prole de Israel e a gente lusa
Ambas podem citar com ufania
Um varão a quem França não recusa
Nobre laurel de altissima valia.
Archimedes bradara em Syracusa:
— Achei, achei — insano de alegria:
Achado vezes mil mais proveitoso
Pôde dar a Pereira orgulho e goso.

XXVIII

Aos olhos o phenicio os sons pintara;
Dera côr, dera corpo ao pensamento;
Mas só doutrina oral o enigma aclara,
E util ao mundo torna o grande invento.
Sem ella, será sempre á turba ignara
Um mysterio a escriptura: outro portento
A Pereira se deve: ao surdo-mudo
Das letras se franqueia o nobre estudo.

XXIX

De artificio Dedáleo um Phidias luso
Ao rei erige então um monumento:
Suppre engenho inventivo a mingoa de uso:
Obram Costa e Machado alto portento.
Ministro de um monarcha em dons profuso,
Se ás letras dás, Pombal, fecundo alento,
Em proteger não menos te desvelās,
Os misteres fabris, e as artes bellas.

XXX

Nas lidas do governo ao grão Carvalho,
Leal douto Seabra auxilio presta;
Sem forrar-se a vigilias, a trabalho,
Saber e zêlo eximios manifesta;
Mas á nobre carreira eis põe atalho
Trama de negra inveja aos bons infesta:
Victima insonte de infernal enredo
Geme em longinquo barbaro degredo.

XXXI

(Salvo da plaga inhospita africana,
Pôde á patria volver e, qual prestára,
Prestar serviço ao reino, e á soberana,
Com o solito ardor, prudencia rara.
Inda a inveja outra vez, com furia insana,
Propinou do infortunio a taça amara
Ao varão a quem nunca a injusta pena
Turbou da mente altiva a paz serena.)

XXXII

Estirpe varonil ao regio toro,
Surdo a preces, o céu negado tinha:
Maria reina; a fama em som canoro
Publica os dotes da immortal rainha.
Mantém do throno o rigido decoro,
Sancto zêlo seus passos encaminha,
E cauta poupa, em tempos aziagos,
Ao solo patrio os bellicos estragos.

XXXIII

Mas aos pactos fiel, luzido envia
Auxilio contra o gallo ao rei da Iberia;
Sempre constante, a lusa valentia
Dá dos vates ao canto ampla materia.
Os Pyrenéus em marcia galhardia
Vêem a prole brilhar da nobre Hesperia;
Tambem na fera lide (Hespanha o sabe)
Grande quinhão de gloria aos lusos cabe.

XXXIV

Maria outorga ás letras, á sciencia,
Em proveito commum, favor, amparo;
E deixa de real munificencia
Mais de um padrão aos posteros preclaro.
Eis Lafões, pondo termo a longa ausencia,
Á patria volve e, douto e ás musas caro,
Sob auspicios reaes ('stimulo e premio)
Os sabios honra, e ajunta em nobre gremio.

XXXV

Mais do que heroe em bellicos horrores
Que sempre é causa de funestos damnos,
Tens jus, Manique, a bençãos e louvores,
Por siso, zêlo, e caridosos planos.
Da patria entre os mais uteis servidores
Hão de gratos contar-te os lusitanos,
Sabio ministro, activo, vigilante,
Das artes protector, varão prestante!

XXXVI

Converte Almeida asperrima vereda
Que ao templo da sciencia conduzia,
Em ameno jardim, e desenreda
De tricas mil a sã philosophia:
Tão pio como Anselmo, Alcuino e Beda,
É no humano saber mais sabio guia.
Pena, que, claro por tão nobres partes,
Nimio culto rendesse ao seu Descartes!

XXXVII

A soberana, próvida, dirige
Ao porto da ventura a nau do estado;
Ao culto divinal templos erige:
Consagra aos pobres maternal cuidado:
Duplo golpe cruel seu peito afflige...
Perde PEDRO piedoso, o esposo amado,
De virtudes christãs modelo egregio,
Que a seu lado occupava o solio regio.

XXXVIII

Perde a José tambem, que em verde idade
Á patria dando altissima esperança,
Deixa de si vivissima saudade,
E ind'hoje vive na geral lembrança.
Assim reserva a Eterna Potestade
Ao infante João a regia herança;
A JOÃO, que do reino unido e inteiro
Veiu a ser o monarcha derradeiro.

XXXIX

A Maria saudosa um morbo lento
A mente abate, e as forças lhe quebranta:
João por ella ao leme acode attento,
Na procella cruel que se alevanta.
Do heroe da Gallia ao bello ardimento
Oppõe tanto vigor, prudencia tanta,
Que se frustram ardis, planos astutos,
E se logram da paz os doces fructos.

XL

Paz que, unindo-se ao gallo o rei hispano,
Com subita aggressão turbada fôra
Pelo feliz Godoy, que ostenta, ufano,
Titulo opposto á guerra assoladora.
Mas finda a lucta (com não leve damno)
Lysia respira, e, mera espectadora,
Vê girar da fortuna a varia roda,
E quasi ardendo em guerra a Europa toda.

XLI

Em quanto, livre do inimigo assanho,
O lusitano reino em paz prospera,
Guardam o luso mystico rebanho
Doutos prelados de virtude austera,
Em quem o zêlo pelo eterno ganho
Com mansidão se casa e se tempera.
Cenaculo, Avelar, Brandão, contemplo
Em vós, de um bom pastor o triplo exemplo!

XLII

Mais de um douto escriptor, em varios ramos,
Ostenta engenho e porfiado estudo:
Acode a mocidade aos seus reclamos,
E aspira a palmas no apollíneo ludo.
Nas disciplinas que da nobre Samos
Tanto illustrára o sabio, illustre em tudo,
Cunha se enleva todo, e em seus arcanos,
Douto, inicia os jovens lusitanos.

XLIII

Solta um vate blandiloquo, entretanto,
Com tal doçura harmonicos concentos,
Que, como Lino e Orpheo, por mago encanto,
Magoas adoça, enleva os pensamentos.
Delille, no primor de um doce canto,
E na expressão de brandos sentimentos,
Não ouse presumir que se avantage
Ao novo Ovidio, ao inclyto Bocage.

XLIV

Cedem na pompa, graça e galhardia,
Do Sado ao cisne outros gentis cantores;
Mas quem o bello e o merito aprecia,
Não lhes denega palmas e louvores.
Torres apraz por doce melodia;
Semedo abunda em chistes e primores;
Ardente enthusiasmo, a mente escaldas,
Não raras vezes, ao sublime Caldas!

XLV

Aos mais nobres laureis prepõe Gonzaga
De myrto e rosas vívida capella :
A teia lyra herdou tão doce e maga,
Mas assumpto cantou mais digno d'ella :
Nunca a torpes paixões tributo paga
A musa de Dirceu pudica e bella :
Aos do cantor de Laura iguaes estimo
Seus carmes, em frescor, ternura e mimo.

XLVI

Longe da patria, á patria, de contino
Filinto os olhos volve, e em seu proveito
Do nobre engenho emprega o dom divino,
No sancto amor da patria acceso o peito.
É de sublime arrojo, em mais de um hymno,
Qual Testi, ou qual Lebrun, typo perfeito :
Ou narre, ou pinte, ou louve, ou vitupere,
Ninguem levar-lhe a palma, ardido, espere.

XLVII

Uns emulam na lyra, outros na avena,
O vate de Venusa, o cisne andino ;
Rindo verbéra, sem calcar a scena,
Vicios do ignaro vulgo o Tolentino.
Não maldiz, não troveja : em phrase amena,
Dá lições que tempera o sal mais fino :
No tom cortez, na festival facecia,
Poucos tem que lhe opponha a sabia Grecia.

XLVIII

O reino vegetal, tão dilatado,
Tão rico e vario em producções sem conto,
É por dois portuguezes explorado,
Ambos de grande engenho, agudo e prompto.
Entre nós seu estudo desvelado
É fecundo e proficuo em mais de um ponto:
Sequazes de Linneu, na nossa terra,
Ganham fama immortal, Brotero e Serra.

XLIX

Grammatical doutrina estuda e explica,
Grammatico e philosopho, Barbosa;
Elegante escriptor se clarifica
Em prosa portugueza, em lacia prosa;
Mas vate sem primor, sem veia rica,
Que o favor das Pierides não gosa,
Rouba do grande Flacco ao texto opimo,
Interprete infeliz, vigor e mimo.

L

Ufano, em mais de um genero campeia
Macedo, prégador, critico, e vate:
(Menos furor mostrasse, e menos veia
Quando co'a penna os emulos combate!)
Bem que a si proprio damne, e inveja alheia
Com desfavor seus meritos quilate,
Escriptor (mordaz zoilo a furia abrande)
Fecundissimo foi, foi douto, e grande.

LI

Tambem grande em saber, tambem fecundo
Em doutas obras, Santos se abaliza:
Do novo regressando ao velho mundo,
Do Tejo e do Mondego as margens pisa.
Terso vate, philologo profundo,
Luminosas idéas vulgarisa,
E por elle, de livros Ulysseia
Rico thesouro ao publico franqueia.

LII

Aos astros se remonta illustre dama
No sacro ardor das Pierides accesa,
E qual Sapho grangeia eterna fama,
Mas decora-a mais siso, e mais belleza.
Quem préza o bom saber e os versos ama,
Lendo os carmes de Alcippe, em singeleza
Raros não menos que em doçura e graça,
Liba o nectar do Pindo em aurea taça.

LIII

Tambem d'excelsa estirpe, Catharina,
No mesmo côro das irmãs Camenas,
Engenho mostra e graça peregrina,
Em suave eloquio, em producções amenas.
Se aos zagaes Deshouliere em França ensina
A modular dulcisonas avenas,
Carinthia em Portugal, não menos grata,
Mas em tom mais subido, a voz desata.

LIV

Aureos preceitos de moral mais pura
Dicta em chistosos versos Maldonado:
Engenhosa ficção mais assegura
Das proficuas lições o resultado:
Mimosa graça e natural candura
Logar lhe assignam de Pignotti ao lado:
Não feriram melhor seu nobre escopo
O indio Bidpay e o phrygio Esopo.

LV

Nem só nas letras ao louvor da historia
Tem jus n'aquella idade a lusa gente;
Das artes no exercicio aspira á gloria
Mais de um engenho férvido e excellente.
Trilhe o vulgo da inercia a senda ingloria,
Nunca a sublime empreza eleve a mente,
Ou só Mammona adore em seu desvelo...
São numes d'alma nobre, o nobre e o bello.

LVI

De taes numes ao culto a vida inteira
Um varão consagrou, brazão do Douro,
Portuguez Zeuxis, inclyto Vieira,
A quem Roma não nega a palma e o louro.
Rendeu-lhes culto igual o grão Sequeira,
Que d'arte lhe disputa o sceptro d'ouro:
Grandes acclama Italia os dois pintores,
No genio, e nos artisticos lavores.

LVII

A musica tambem, arte divina,
Angelico mister, enlevo d'alma,
Que em nobres corações, maga, domina,
E acerbas magoas vezes mil acalma,
Então de Portugal a fama afina,
E a mais de um luso engenho outorga a palma:
Marcos a mais florente, a mais formosa,
Houve das mãos da diva dadivosa.

LVIII

Tu, o Todi, tambem, gloria do Sado,
Gloria de Lysia, vem honrar meu canto.
Quem melhor sobre o scenico tablado
Trajou galas louçãs, purpureo manto?
Quem chorando, o rigor de acerbo fado,
Soube mais arrancar suspiros, pranto?
Sempre brilhante, sempre encantadora,
Actriz eximia, sem rival cantora!

LIX

No reino, ao mesmo tempo, a industria activa,
Favorecida, mais e mais se apura:
Entre os jovens, do estudo o ardor se aviva,
Cresce a riqueza, e a publica ventura.
As letras Araujo ama e cultiva,
Sousa as protege, e com ardor procura
Que, a exemplo de Albion, Germania e Gallia,
N'ellas Lysia não ceda á Grecia, á Italia.

LX

Dita flórida sim, mas dita breve!
Subito o gallo invade a lusa terra,
Porque céga ambição contente e ceve,
Embora á custa de aleivosa guerra.
João, que a tanto risco expôr não deve
Á prole e a genitriz, eis se desterra;
Ásylo vae buscar n'outro hemispherio,
E as bases lança de futuro imperio.

LXI

Da Santa Cruz no solo assenta o throno:
Sobe o Brazil illustre a mór alteza:
Esclarecido principe e patrono,
D'elle promove a solida grandeza.
Ao côrso não valêra astucia, entono;
Colher não póde a cubiçada preza:
Raivoso freme, e, com ferina sanha,
O reino assola em triplice campanha.

LXII

Não desmaias, ó luso, em tanto aperto,
Nem ao jugo odioso o collo inclinas:
Com valor singular, com sabio acerto,
Á respeitar teu solo ao gallo ensinas.
Com Albion n'um intimo concerto,
Levas da Gallia ao centro as sanctas quinas:
Em vão para domar-te, eis vem do Sena,
Derrotado Junot, Soult e Massena.

LXIII

Depois que, defendendo a grão Lisboa,
Do vencedor d'Esling o fasto abates,
Desde as margens do Tejo ao Bidassoa,
Sustentas, bravo, innumeros combates.
Sempre que o cavo bronze horrendo troa,
A furia franca intrepido rebates:
Burgos só te constrange, altiva e forte,
A provar o rigor de iniqua sorte.

LXIV

Mas, prospera de novo, e então constante,
Torna fortuna a militar comtigo:
O gallo arrostas com feroz semblante,
Buscando os lances de maior perigo.
Marchas, sempre luctando, e sempre ávante,
Ajudando a livrar o solo amigo:
De ignivomos canhões estrondo crebro
Leva longe o terror ás margens do Ebro.

LXV

Em Victoria, após lucta porfiada,
Prodigios de valor, cedem vencidas
Em campal, celeberrima, jornada,
De Bonaparte as tropas aguerridas.
Na Gallia, assim que Hespanha é libertada,
Entram as hostes das nações unidas:
Em vão se tenta á triumphal carreira
Nos Pyrenéus, no Nive oppôr barreira.

LXVI

Rompe toda a barreira em breve espaço
O vencedor exercito: renova
Cada dia a peleja: abrem-lhe o passo
Tenaz valor e feitos de alta prova.
Em Orthez se assignala o luso braço;
Os Bourbons alvoroça alegre nova:
Já tremola em Bordéus, com fausto agouro,
O candido pendão dos lizes de ouro.

LXVII

Agradeça Luiz, inda exilado,
Aos anglo-lusos o felice evento;
Que á sua causa foi por elles dado
Nas margens do Garumna, impulso e alento:
Mas inda estava nos nossos reservado
Um novo esforço, um novo vencimento:
A bandeira das quinas gloriosa
Eis ondeia nos campos de Tolosa.

LXVIII

Soult, o bravo caudilho, embalde emprega
Os recursos do genio, os da bravura:
De Bonaparte á causa o céu denega
Todo o favor e a pristina ventura.
Em troco de um imperio, a Europa entrega
Ao grande heroe vencido (altiva e dura
Depois que da ambição lhe açaima a furia)
Uma ilheta e não mais, no mar da Etruria.

LXIX

Após tanta fadiga, acções tão bellas,
Volvei, ao som de applausos e cantares,
C'roados de immortaes laureas capellas,
Dignos filhos da patria, aos patrios lares!
Ella em carmes procure, em bronze, em télas,
Dar brilho eterno aos feitos singulares,
Com que igualado haveis nas lides feras
O luso alto primor de antigas eras.

LXX

Mas não permitta o céu que a lusa gente
Tanto por patrio amor se offusque e cegue,
Que á inclyta Albion, feliz, potente,
De justa gratidão tributo negue!
Louvor ao grande heroe, bravo e prudente,
Sob o qual tanta gloria assim consegue!
Honra aos bretões cuja valente espada
Nos ajudou na lucta memorada!

LXXI

De Beresford ó nome aos lusos caro
Ha de sempre soar: inda hoje ensina
Do caudilho britanno o exemplo raro
Em Portugal a marcia disciplina.
Arthur, o grande Arthur, desluz preclaro,
A prisca fama hellenica e latina,
Deixando unida, em perennal memoria,
Á gloria d'Albion a lusa gloria!

LXXII

Igual quinhão na gloria então ganhada,
Nas marcias lides, cabe á nobre Hespanha:
Com enorme poder embora a invada
O gallo; embora empregue esforço e manha:
Ao vêr como, na lucta porfiada,
Ella, intrepida, arrosta a furia estranha,
E não curva a cerviz, se alenta e folga
Mais de um povo e de um rei do Tejo ao Volga.

LXXIII

Qual fôra mãe de heroes na idade antiga,
Mãe se ostenta de heroes na nossa idade,
Quando a malicia perfida castiga,
Que lhe roubára o rei e a liberdade.
Do contínuo pugnar não se fatiga,
Á viuvez, á misera orphandade,
Paes e esposos vingando, o pranto enxuga,
Ás aguias susta o vôo, e as põe em fuga.

LXXIV

Nas margens do Danubio eis se convoca,
Regulador da paz, congresso augusto:
Reinos divide, tira, entrega ou troca,
Oppostas pretensões compõe a custo.
Mais de um queixoso clama, o jus invoca,
E accusa o tribunal de pouco justo;
Mas ao menos logar não se recusa
Entre as grandes nações á nação lusa.

LXXV

Erguem da patria em prol n'esta assembleia,
Tres ministros de Lysia a voz facunda:
Tal o luso na paz brilha e campeia,
Qual brilhára na guerra furibunda.
Déra a dois d'esses tres berço Ulysseia,
Em illustres varões sempre fecunda;
Deu sepultura a dois — Saldanha e Sousa —
Cobre os restos de Lobo estranha lousa.

LXXVI

Sousa entre os dois mais alto se sublima,
Não só por fausto de ducal grandeza,
Por dois dotes tambem que mais estima
Quem aquilata a solida nobreza —
Por engenho e saber — Em prosa ou rima
Tome alguem de louval-o a nobre empreza;
Aqui nas faldas do heliconio monte
Bardo ignoto lhe curva a humilde fronte.

LXXVII

Curva-lhe, humilde, a fronte, e n'elle acclama
Um insigne cultor das artes bellas,
Mecenas digno dos pregões da fama,
Digno do premio que conferem ellas.
Camões cantara e denodado Gama,
Que levou até ao Gange ousadas velas,
Em franco idioma, interprete preclaro,
Sousa o rasto seguiu do luso Maro.

LXXVIII

Cinge o SEXTO JOÃO do imperio avito,
Morta MARIA, a triplice corôa,
Quando, após o geral, feroz conflicto,
Os canticos da paz o mundo entoa:
Mas não regressa ao Tejo o luso Tito,
E nas margens do Douro um brado soa,
Que novas leis proclama, e, altivo e ovante,
Rapido echoa além do mar de Atlante.

LXXIX

O universal clamor, benigno, escuta
O desejado rei, e á patria volve;
Mas o horizonte mais e mais se enlucta,
Alecto sacros vinculos dissolve.
Vejo irmãos contra irmãos, que em fera lucta
Civil discordia miseros envolve!
Persegue o luso ao luso a ferro e fogo...
A taes scenas, afflicto, os olhos cerro.

LXXX

Mas se das scenas de civis furores
A vista afasto, pio e humilde vate
(Cante embora Lucano atros horrores
E o pharsalico asperrimo combate.)
Pagar a quatro illustres escriptores,
Antes que aos versos meus ponha remate,
Pobre feudo me praz. Seus nomes claros
Gravem-se em bronze, ou marmore de Paros.

LXXXI

Entre os sabios de Lysia a nossa idade
Talvez colloque no logar primeiro
O, desvelado em prol da humanidade,
Publicista e philosopho Pinheiro.
De instruir, já provecto, a mocidade
Folgava, douto, grave e prazenteiro,
Qual Platão, quando expôz quasi divina,
Nos jardins de Academo, alta doutrina.

LXXXII

Saraiva á nossa lingua, á nossa historia,
Sabio, dedica estudo porfiado,
E titulo conquista á vera gloria,
Que por zoilo nenhum lhe é contestado.
Lobo tem jus á posthuma memoria,
Em criterio e sciencia abalizado.
Tambem Dom Fortunato a igual conceito
Tem, por vasto saber, justo direito.

LXXXIII

Gallo-franco escriptor com falsas cores,
Os patrios fastos esmaltar quizera,
E á Normandia e aos seus navegadores
Gloria aos lusos devida, injusto, dera.
Mas usurpa-la a nós, com vãos rumores,
Orgulho mal cabido embalde espera:
Santarem se lhe oppõe, e em nobre liça,
Pleiteia e ganha a causa da justiça.

LXXXIV

Plena, em nosso favor, victoria alcança;
A patria folga e applaude, agradecida:
Elle a novas emprezas se abalança,
Em litteraria infatigavel lida.
Naufrago outr'ora, em placida bonança
O resto emprega assim da illustre vida,
E com tenaz estudo, e douta penna,
Assombra os sabios do famoso Sena.

CANTO VI

I

Gravado tendes, jovens, na memoria
De nossos reis a serie em tosca rima;
Mais de um heroe, que lhes esmalta a gloria,
Com seu exemplo, vosso esforço anima:
Nomes agora ouvi, que a nossa historia
Folga de memorar com justa estima.
De Portugal as inclytas rainhas
Lustre darão por fim ás trovas minhas.

II

A historia dos heroes nos offerece
Mais de um facto que a todos horroriza:
A humanidade misera padece
Quando o marcio valor mais se abaliza:
Mas em quanto o guerreiro se encruece,
Transpõe da justa colera a baliza,
E as leis mais sanctas vezes mil posterga,
Em peito feminil piedade alberga.

III

Piedade feminil, por modos varios
Em nosso prol ao mundo te revelas :
Domas ás vezes monstros sanguinarios,
O culto divinal promoves, zelas ;
Reconcilias asperos contrarios,
Inspiras nobre ardor ás almas bellas,
E alongando talvez da vida o termo,
Prestas conforto ao desgraçado enfermo.

IV

Por outros modos mil ao sexo forte
Piedade ensina o sexo feminino ;
Piedade exerce, e com humano porte
Oppõe contraste ao proceder ferino :
Mas quantos dons e bens de toda a sorte
Nos chove o céu, se prospero destino
Do solio eleva á summa dignidade
Mulher insigne em solida piedade !

V

Em solida piedade abalizadas
O povo portuguez, em varias eras,
Ao lado de seus reis viu assentadas
Princezas immortaes, christãs de veras :
Hoje, inda mais que então, afortunadas,
Calcam no empyreo as sideraes espheras :
Taes vultos exornar tentára embalde...
Melhor engenho os pinte e os engrinalde.

VI

Prole de Sexto Affonso — Soberano
Potente e vencedor no solo ibero,
De cujo zêlo e esforço sobrehumano
Devêra ser cantor um novo Homero —
Thereza deu ao povo lusitano
O seu primeiro rei. Vulgo severo
Embora indicios note, ou provas busque
Com que da sua fama a gloria offusque.

VII

Imparcial, a historia nos presenta
Digna de um throno a iberica princeza:
Fiel esposa, ao bem geral attenta,
Modelo de constancia e fortaleza.
Viuva, vivo e incolume, sustenta
O brilho, o jus da gente portugueza.
Só a mancha ambição: com pena amarga
As redeas do governo ao filho larga.

VIII

Do fundador da lusa monarchia
É consorte feliz, gentil Mafalda,
Que bem aqui de encomios merecia
Em doces versos flórida grinalda.
Seus meritos a fama aos céus erguia;
Expectação tão alta se não balda:
Salve, prole sabauda! Astro benino
Fulge ao pobre, ao asceta, ao peregrino!

IX

De fé sincera, em obras abundante
(Do que uma esteril fé melhor mil vezes)
Propicia ao cenobita, ao viandante,
Dá prova, e sancto exemplo, aos portuguezes.
Ainda agora, em tempo tão distante,
Recordam Guimarães e Canavezes,
Uma, do nobre claustro o beneficio,
Outra, a ponte alterosa, e o sacro hospicio.

X

Aldonça ou Dulce, catalã princeza,
De Sancho esposa, o patrio lustre afina:
N'ella, a par da mais flórida belleza,
Brilhar se vê virtude peregrina.
Soccorrer, prompta, a misera pobreza,
Orar, cumprir em tudo a lei divina,
Dos bens do mundo com total despego,
É da vida de Dulce o sancto emprego.

XI

Ramo illustre do tronco de Castella,
Desposa Urraca o luso rei terceiro;
Digna consorte, por piedosa e bella,
Do soberano impavido guerreiro.
Do seraphim de Assis, que ardente anhela
Por conquistar a Christo o mundo inteiro,
Hospicio aos filhos dá. Serena e forte,
Previsto o sévo instante, encara a morte.

XII

Tem jus a encomios, e á geral estima,
Princeza rica, meiga, honesta e bella,
Que um lusitano infante acolhe e amima,
E por servi-lo em tudo se desvela:
Quando, ditoso, ao throno se sublima,
Affonso as leis mais sanctas atropella...
Nada aproveita á misera Mathilde
Ternura, o sacro laço, o rogo humilde!

XIII

Do quinto rei do povo lusitano
Brites segunda esposa, exemplo raro
É de amor filial. Se alheio engano
Cumplice a faz de injusto desamparo,
Deplorando comsigo o crime e o damno,
Dos orphãos de Ulysseia é doce amparo;
E deixa, usando assim de seus thesouros,
Illustre nome aos seculos vindouros.

XIV

Salve, Izabel, que ao throno lusitano,
Esposa de Diniz, dás mais fulgores:
Em vão tenta exercer para teu damno
Negro genio do mal os seus furores:
Descobre o justo céu um torpe engano,
Convertendo alvos pães em frescas flores:
A virtude triumpha, a occulas brame
A vencida calumnia, atroz e infame.

XV

Termo outr'ora pozeste ás feras iras
Entre o rebelde principe invejoso,
E o rei, esposo teu, que armar-se víras
Para o filho punir, com causa iroso:
Anjo de paz, os animos uníras,
Influxo agora tens mais poderoso;
Agrilhoado o monstro da discordia,
Faze entre nós reinar firme concordia!

XVI

Do *Bravo* Affonso esposa, ao desvalido
Brites consagra maternal affecto:
Afouto o pobre a implora, é soccorrido;
Sempre acha n'ella compassivo aspecto.
Soberana feliz! que vê cumprido
Seu desejo, vencida a fera Alecto,
Quando com modo emprega austero e brando,
Rainha, esposa e mãe, o rogo e o mando.

XVII

Do infante Pedro esposa, em florea idade,
Constança vê sorrir-lhe amiga sorte...
Mas cedo encantos de maior beldade
O coração lhe roubam do consorte:
Suspira, geme em triste soledade,
Talvez o dissabor lhe apresse a morte...
Tal, se nunca do sol influxos gosa,
Definha, murcha e morre a flor mimosa.

XVIII

Outro nome aqui ler tambem espera
Todo o luso leitor... nome dilecto...
O de Ignez, a quem Pedro um solio dera,
Se ella da sanha atroz não fôra objecto!
Se menos formosura ella tivera,
Se ao principe a escondêra um pobre tecto,
Não teriam tres monstros perpetrado
Contra a infeliz o barbaro attentado!

XIX

Fôra adorada... amou... víra-se erguida,
Por hymeneu excelso, á mór altura:
Dita fallaz, em breve convertida
Em lastimosa extrema desventura!
Mas se n'um throno não se assenta em vida,
Abriu-se, á voz de Pedro, a sepultura,
Que seus restos mortaes cerrados tinha,
E «Depois de ser morta foi rainha».

XX

A Fernando desaire, á patria damno,
Leonor Telles sobe ao regio toro;
Fatal belleza, accende affecto insano,
Brilha qual fulge infausto meteoro.
Telles, vencido o fraco soberano,
Chama, calcando as leis e o seu decoro,
Sobre o reino infeliz do crime a pena,
Qual sobre Troia e Grecia outr'ora Helena.

XXI

Té no seio dos seus ella derrama
Peçonha de malefica influencia:
Contra iniquas paixões debalde clama
A voz do sangue, a voz da consciencia.
Tece da irmã em damno horrenda trama;
Succumbe inerme a candida innocencia...
Vejo (scena de horror!) de sangue tinto
De Maria o domestico recinto.

XXII

Ás propostas da perfida rainha,
João ouvidos dera allucinado;
Ambição de reinar no peito aninha,
D'acre ciume finge-se agitado:
Á conjugal estancia se encaminha;
Chega a deshoras, entra n'ella armado,
E na esposa infeliz, que se espantava
Do subito regresso, o ferro crava.

XXIII

De pantanos, de lymphas corrompidas,
Que espalham em redor ascoso cheiro,
A varzeas olorosas e florídas
Passa longe, gostoso, o caminheiro.
Fujamos nós de enredos humicidas
Ao odor, qual de putrido lameiro,
E de christã virtude, e seus extremos
O balsamico aroma respiremos.

XXIV

Filippa de Lencastre, em cujas veias
Gyra de inclytos reis sangue britanno,
Pisas do Douro as rubidas areias,
Depois que cede ao luso o povo hispano.
De todos o respeito e amor grangeias,
E inda hoje te proclama o lusitano
Do Primeiro João consorte dina,
«Mãe de prole em valor quasi divina».

XXV

Ditosa em vida, mais ditosa ainda
Na do curso terrestre hora postrema,
Em que a mente que mais ao céu se guinda
É forçoso que emfim vacille, e tema!
Maria a ti se mostra, e diz: «Bemvinda
Sejas dos justos á mansão suprema».
Fallando assim, com maternal sorriso,
Meiga, te aponta aberto o paraiso.

XXVI

Se, como rei, Duarte é desditoso,
Logra ao menos domestica ventura,
Que esposa o céu lhe dera, generoso,
De raro siso, engenho e formosura.
Leonor chora em breve o claro esposo
Roubado ao reino e á conjugal ternura,
E após desgosto acerbo e grave queixa,
Larga a tutela, e, triste, os lusos deixa.

XXVII

Do Quinto Affonso a esposa, a cara filha
Do infante Pedro, lagrimas derrama
Para seu pae salvar: em vão se humilha,
Em vão tenta frustrar iniqua trama.
Izabel, com valor seguindo a trilha
De seus reaes avós, a dor açama,
E do aurifero Tejo ás margens ergue
Para ascetas christãos sagrado alvergue.

XXVIII

Em Leonor, do *Principe Perfeito*
Esposa digna, angelica princeza,
De nobres prendas rica a mente e o peito,
É o menor dote a fulgida belleza.
Sente do zêlo seu ind'hoje o effeito
O pobre, a quem faltou (brutal fereza!)
Nos annos infantis, em proprio ninho,
Paterno amparo, e maternal carinho.

XXIX.

De caridade ardente e sempre activa,
Que de contínuo o coração lhe abraza,
São aos posteros prova decisiva
As thermas de seu nome, e a sancta casa.
Em Leonor a devoção mais viva
Com prudencia e vigor tão bem se casa,
Que Manuel, a Iberia demandando,
Quer que exerça em seu nome o regio mando.

XXX

Da humanidade assigna aos bemfeitores
Logar no Elysio o vate mantuano,
Onde entre fontes, arvores e flores,
Logrem goso perpetuo e soberano.
Pois foi do paganismo aos seguidores
Ignoto o arcano do destino humano,
Certo, indigna não é do côro aonio
A sublime ficção do cisne ausonio.

XXXI

Porém que montam mythos, se a verdade
É por nós n'este ponto conhecida?
Oraculo divina a caridade
Das virtudes declara a mais subida.
Leonor bem mereceu da humanidade
N'esta vida mortal, na eterna vida
Terá de gloria auréola inestimavel,
Junto ao throno de Deus, dita ineffavel.

XXXII

Izabel, que perdêra, em florea idade,
O desgraçado Affonso, o terno esposo,
Sobe do throno á summa dignidade,
A que a chama o monarcha *venturoso*.
Sorte fatal da triste humanidade!
Da nova dita sua é breve o goso;
Ao dar á Hespanha inteira um regio herdeiro,
Chega da vida ao termo derradeiro.

XXXIII

Estirpe aragoneza e de Castella,
Maria ao luso rei afortunado
Se une, morta Izabel; não menos que ella
Digna d'esse a que sobe excelso estado.
Fecunda mãe de prole illustre e bella,
De virtudes christãs vivo treslado,
Quando é mais venturosa e mais querida,
Após parto infeliz, lhe foge a vida.

XXXIV

De Manuel consorte derradeira,
Ás mais igual nos dotes soberanos,
É Leonor, que da mortal carreira
O vê chegar ao termo em breves annos.
Do rei da Gallia esposa, sobranceira
Ao desamor se mostra e aos desenganos.
E exhala, sem temer o fim postremo,
Hispana, em solo hispano, o arranco extremo.

XXXV

Da augusta esposa de João Terceiro
Verace historia os meritos pregoa:
Vê victima da morte o filho herdeiro
Da gloria antiga e da paterna c'rôa;
Com animo esforçado e rosto inteiro,
Reprime a viva dôr. Faro e Lisboa
De Catharina ao zêlo (ao mundo exemplo)
Devem pias mercês, cenobio e templo.

XXXVI

Consiga embora seu maligno intuito
Quem tramas sóe urdir, quem as protege:
Ninguem que probidade estime em muito
De astuto enredador a dita inveje...
Pouco tempo inda mal! com siso, e fruito
De seu siso, a princeza os lusos rege,
Do neto em nome; como outr'ora Branca
No do filho regêra a nação franca.

XXXVII

Ducal grandeza herdada em pouco estima
LUIZA de Gusmão, que a mór fastigio
Com jus aspira, e o seu consorte anima
Os riscos a correr do grão litigio:
Após que o povo ao solio ambos sublima,
A defende-lo ajuda, e o seu prestigio
Exerce em prol geral, nobre princeza,
Exemplar de prudencia e de firmeza.

XXXVIII

Do crepe vidual coberta a coma,
Morto o QUARTO JOÃO, seu caro esposo,
Do reino em guerra envolto as redeas toma,
E o salva em mais de um trance perigoso.
Nunca matronas teve Esparta ou Roma,
De peito mais altivo e valoroso:
Por fim, sem que do claustro a vida a enoje,
Calca as pompas do mundo, e ao mundo foge.

XXXIX

Francisca de Nemours, rompendo o laço
Que ao Sexto inerte Affonso unido a tinha,
Troca por cella angusta o regio paço,
Onde doce união nem sempre aninha:
Rogada, o claustro deixa, em breve espaço,
De Pedro esposa, que a busca-la vinha;
Mas em parte o consorcio se mallogra,
Que dar herdeiro ao throno ella não logra.

XL

Pedro Segundo, a quem cruel destino,
Após a esposa cara, a filha tolhe,
No neoburgense ramo palatino
Nova consorte, venturoso, escolhe.
Influxo em tal escolha houve divino,
E d'ella Portugal os fructos colhe.
Caridosa, fecunda, em tudo egregia,
Sophia adita o rei, o reino e a regia.

XLI

No luso throno outra allemã princeza
Do *magnanimo* rei se assenta ao lado,
E, firme e sabia, a gente portugueza
Rege mais de uma vez, por seu mandado.
Não esquece no fasto da grandeza
Do pobre a triste sorte e o bem do estado.
De Maria Anna d'Austria o nome e a gloria
Vivem, e hão de viver na lusa historia.

XLII

Ao martyr do sigillo, heroe de Praga,
Um templo erige, e o culto seu promove:
Quanto lhe é dado, a devoção propaga,
Honra a virtude, o escandalo remove.
Chama, dota, protege, anima, afaga
(Para que do Carmelo aqui renove
Prisco zêlo, fervor, longa vigilia)
Piedosa teutonica familia.

XLIII

Ao rei *reformador* formosa e pia
Esposa o céu concede, a todos cara,
Que no terror que todos opprimia
Mostra, em risco geral, firmeza cara.
MARIANNA VICTORIA em Deus confia;
Elle a guarda: ella, grata, o pobre ampara,
E ao calabrez Francisco portentoso,
Devota, erige templo magestoso.

XLIV

Entre os nomes dos reis o de Maria
Foi memorado n'este humilde canto,
Pois ella, por jus proprio, é monarchia
Deu leis, bem digna de fastigio tanto.
Mas de sob'rana tão clemente e pia
Á virtude, ao candor e ao zêlo sancto,
De novo aqui convém devido preito
Render de affecto, encomios e respeito.

XLV

Qual de propicia estrella a luz serena
Alenta em noite escura o navegante,
Que espedaçados, leme, mastro e antenna,
De fragil barco a morte vê diante:
Tal se dissipa a dôr, a acerba pena
De infortunados mil no alegre instante
Em que o céu faz fulgir na summa alteza,
Astro a todos benigno, a grã princeza.

XLVI

De carceres no horror á luz defeso
Quanto innocente, misero, gemia,
Oppresso ha longos annos, e indefeso
Contra a calumnia, contra a tyrannia!
Do governo Maria assume o peso;
Eis já volve, feliz, á luz do dia
Quem provou, sem ser réu, maguas extremas,
Em trevas avernas, grilhões e algemas.

XLVII

Carlota de Bourbon, progenie hispana,
O regio infante por esposo houvera,
Que depois sobre a gente lusitana,
Sexto João, com brando sceptro impera.
O bando popular quanto se engana,
Se com rosto minaz doma-la espera!
Em vão manda intimar-lhe um triste encerro,
E os desconfortos de final desterro.

XLVIII

Curvar seu collo a intrepida princeza,
Tenaz em seu proposito, recusa:
N'ella se ostenta a imagem da firmeza,
Tal como a pinta o vate de Venusa:
Mas um rasgo de tanta fortaleza
Civis luctas recorda á gente lusa...
Lanço um véu sobre quadro tão medonho,
E ao já longo meu canto um termo eu ponho.

XLIX

Ponho-lhe termo, e o coração levanto
A Deus, ao Rei dos reis, que humilde adoro:
D'elle o favor superno, o auxilio sancto,
Erguendo a debil voz, submisso imploro.
Verteu-se tanto sangue e tanto pranto
Nas discordias civis, que eu calo e choro...
Agora a paz, fecunda em dons e mimos,
Brote entre nós, quaes sóe, fructos opimos!

L

Vós, nova geração, que inda os effeitos
Sentindo estaes das luctas intestinas,
Escutae sempre, á lei e ao rei sujeitos,
Do evangelho de Christo as sãs doutrinas:
Avivar procurae, com nobres feitos,
O pristino folgor das sanctas quinas,
E no seio da paz, por igual sorte,
Tende o publico bem por fixo norte!

LI

Tempo virá que um vate mais ditoso,
Em quadra menos turbida nascido,
Das nove irmãs Camenas mais mimoso,
Proseguirá no thema interrompido:
De tranquillo pensar no pleno goso,
Nomes e acções não deixará no olvido,
Cuja simples menção a muitos hoje
É forçoso que os animos enoje.

LII

Esse tambem, sem medo dos hervados
Farpões da inveja, ou critica maligna,
Dando no Pindo a engenhos sublimados
O logar que justiça lhes assigna.
Mostrará que dos seculos dourados
Não é a nossa idade herdeira indigna,
Pois lhe dão lustre, e ao nome lusitano,
Um Garrett, um Castilho, um Herculano!

RESUMO

DA

HISTORIA DE PORTUGAL

PARA SERVIR DE ELUCIDAÇÃO AO BOSQUEJO METRICO

PERIODOS EM QUE SE PÓDE DIVIDIR A HISTORIA DE PORTUGAL

A historia de Portugal póde dividir-se em cinco periodos.

O primeiro comprehende os factos anteriores á existencia de Portugal como estado independente: desde tempos remotos até ao governo do conde D. Henrique, pelos annos 1094 ou 1095 do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo.

O segundo encerra os successos do governo do conde D. Henrique, o estabelecimento da monarchia real de D. Affonso Henriques, e os outros acontecimentos occorridos sob o governo dos reis da primeira dynastia *(Affonsina)* e durante o interregno que se lhe seguiu: desde 1095 até 1385.

O terceiro periodo decorre do sobredito anno 1385 até ao anno 1580, durante o qual occupou o throno a dynastia de *Aviz* ou *Joannina*.

O quarto periodo é o da usurpação castelhana: desde 1580 até 1640.

O quinto periodo, finalmente, envolve os acontecimentos occorridos desde a restauração de 1640 até aos nossos dias, debaixo do regimem dos reis da serenissima casa de Bragança.

N. B. N'este resumo não faremos as divisões correspondentes a estes cinco periodos: referir-nos-hemos, como principio de capitulo, á oitava em que no *Bosquejo* se comece a fallar dos factos pertencentes ao primeiro d'elles, e depois, successivamente, áquella em que principiarem a apontar-se os principaes factos pertencentes a cada reinado, e os varões notaveis que n'elle floreceram, e de que faz menção o texto metrico.

RESUMO

DA

HISTORIA DE PORTUGAL

PARA SERVIR DE ELUCIDAÇÃO AO BOSQUEJO METRICO

Da derradeira Hesperia o solo ameno, etc. (Cant. I, Est. II)

A parte mais occidental da Hesperia ultima ou menor, nome dado pelos antigos á Hespanha, chamou-se Lusitania. Os carthaginezes, povo dado á navegação, e muito emprehendedor, de origem phenicia, fundaram colonias e dominaram por algum tempo em grande parte das Hespanhas. Em resultado da segunda guerra entre Roma e Carthago, os carthaginezes foram expulsos de toda a peninsula iberica. No principio d'aquella guerra os lusitanos haviam posto á disposição dos carthaginezes um corpo de tropas auxiliar, que muito se assignalou sob o commando supremo do grande capitão Hannibal. A terceira guerra punica, que apenas durou tres annos, decidiu definitivamente a competencia entre as duas republicas rivaes. Roma, desassombrada da sua formidavel competidora, em pouco tempo dictou leis a todas as nações. A Lusitania porém lhe oppoz a mais porfiada resistencia. Viriato, simples pastor, natural do monte Herminio (Serra da Estrella) tendo jurado de punir a aleivosia do pretor Sergio Galba, que trucidára á traição o exercito lusitano, dividido, desarmado e illudido com falsas promessas de paz, poz-se á frente de briosos soldados, sustentou uma lucta heroica, durante nove annos, em defeza da independencia nacional, e venceu alem de outros caudilhos romanos, a Unimano, Pompeu, Plaucio e Fabio. A final foi assassinado por tres traidores, subornados pelo general inimigo. O mesmo fim teve Sertorio, caudilho do partido de Mario, que, vencido este, viera capitanear os lusitanos, a cuja frente se tornára formidavel ás armas de Roma. Com o assassinio de Sertorio não terminou ainda de todo a lucta da independencia. Só meio seculo depois, o imperador Octaviano Augusto conseguiu submetter completamente os lusitanos á dominação romana; dominação que durou perto de quatro seculos.

Nos principios do seculo V, Roma, que com tanto orgulho e

prepotencia opprimíra a maior parte das nações do antigo mundo, viu derribado o seu poderio, e eclipsado o esplendor da sua gloria. Godos, suevos, hunos, vandalos, alanos e outros povos de origem germanica e escandinava, invadiram as mais florescentes provincias do imperio. A propria metropole, a cidade dos Cesares, foi mais de uma vez tomada, saqueada e destruida. Pelo que respeita á nossa Lusitania, n'ella fizeram assento os alanos e os suevos. A monarchia sueva foi destruida (em 585) pelos godos, povo sectario da heresia de Ario, que negava a divindade de Jesus Christo, mas que se converteu á fé catholica em 587, seguindo o exemplo do seu rei Recaredo. A dominação d'este povo na peninsula durou até 714.

N'esta data os mouros de Africa, aproveitando-se das discordias civis dos godos, e convidados por alguns magnates inimigos do rei Rodrigo, que havia usurpado a corôa, invadiram a Hespanha. Derrotados os christãos na funesta batalha de Guadalete, toda a Hespanha teve de submetter-se aos vencedores.

Todavia um punhado de valentes, refugiando-se nos montes das Asturias, commetteram a nobre empreza de libertar a patria da escravidão dos infieis. Poz-se á sua frente Pelaio, nobilissimo cavalleiro, que foi por elles acclamado rei. Começou então uma gloriosa lucta, que durou por muitos seculos, cujos acontecimentos foram as mais das vezes favoraveis ás armas dos christãos, de modo que se formaram na peninsula diversos estados, successivamente remidos do captiveiro dos sarracenos. Um d'estes estados foi Portugal.

O CONDE D. HENRIQUE

O Borgonhez Henrique ao solo Hesperio, etc. (Cant. I, Est. XX.)

Nos fins do seculo XI se achavam reunidos sob o governo de um só soberano, D. Affonso VI, os reinos de Castella, Leão e Galliza, na qual se comprehendia o territorio desde o Minho até ao Mondego, já conhecido pelo nome de Portugal. Proseguindo este principe (saudado, em razão do seu vasto poderio, com o nome de imperador) em suas conquistas, vieram, pelos annos de 1080, coadjuva-lo em seus gloriosos commettimentos, dois principes da casa de Borgonha, e do sangue dos reis de França, D. Raymundo e D. Henrique. Ao primeiro d'elles deu D. Affonso VI a Galliza e a mão de sua filha D. Urraca; ao segundo deu em casamento sua filha D. Thereza (*Tareja* lhe chamavam os antigos) e o territorio Portucalense com o mais que podesse arrancar ao poder dos mouros. D. Henrique começou a governar com o titulo de conde o novo estado em 1094 ou 1095. Desbaratou os mouros em muitos recontros, e dilatou consideravelmente os limites do mesmo estado. Movido pelos impulsos da sua piedade, foi á Palestina visitar os logares sanctos. Falleceu junto á cidade de Astorga, que sitiava, em 1114, segundo as mais bem fundadas conjecturas.

D. AFFONSO HENRIQUES

(Affonso Henriques já na inteira idade, etc. (Cant. I, Est. XXII)

D. Affonso Henriques, glorioso fundador da monarchia portugueza, filho do conde D. Henrique, e de sua esposa D. Tareja ou Thereza, nasceu em Guimarães, provavelmente no anno de 1109. Tendo

dezoito annos de idade tomou as redeas do governo contra a vontade de sua mãe, com cujo partido e com os leonezes auxiliares da princeza, sustentou uma lucta sanguinolenta, de que saíu victorioso. Firmada a independencia do seu novo estado, voltou toda a sua attenção a guerrear os mouros. Ganhou a batalha de Ourique, antes da qual, segundo uma antiga e piedosa tradição (que está bem longe de ser ponto de fé), lhe appareceu Nosso Senhor Jesus Christo crucificado, que, animando-o, lhe prometteu a victoria, e protecção ao reino de que seria fundador. A este miraculoso acontecimento attribuem os antigos chronistas (mas sem seguro fundamento) a adopção das sagradas quinas ou chagas para o brazão de armas de Portugal. D. Affonso, já acclamado rei, tomou (1147) a cidade de Lisboa aos sarracenos, ao cabo de perto de cinco mezes de cerco, ajudado n'esta empreza por um corpo de cruzados, que dirigindo-se á terra sancta viera, impellido pelo vento, á costa de Portugal. Depois d'este prospero e tão importante successo, conseguiu muitas outras vantagens, libertando toda a provincia da Extremadura e grande parte do Alemtejo. Não menos religioso que guerreiro, fundou muitos mosteiros, entre elles o de Sancta Cruz de Coimbra, de conegos regrantes de Sancto Agostinho, de que foi primeiro prior S. Theotonio, e o de Sancta Maria de Alcobaça, de monges da congregação de Cister. Tinha o primeiro monarcha portuguez sido sempre feliz em todos os seus commettimentos; mas veiu a experimentar a instabilidade da ventura humana. Havia tomado aos mouros a cidade de Badajoz. Sobrevindo o rei D. Fernando II de Leão, com quem o nosso estava desavindo, achou-se D. Affonso como cercado na praça que expugnára; ao saír d'ella, quebrou uma perna no ferrolho da porta, e caíu em poder dos leonezes. Em breve recuperou a liberdade; mas teve de desapossar-se das praças que lhes tomára. Este revés foi attribuido, por alguns pios interpretes da providencia, a castigo de Deus pelo rigor com que elle tinha tratado sua mãe, depois de esbulhada do poder. D. Affonso Henriques assignalou os ultimos tempos da sua vida por uma esplendida victoria, soccorrendo seu filho, que havia sido cercado em Santarem por um poderoso exercito de mouros. Recolhendo-se depois a Coimbra, e dando-se com fervor a todas as praticas de piedade, falleceu com cerca de setenta e seis annos de idade em 1185.

Foi casado com D. Mafalda, filha de Amadeu III, conde de Saboia e Moriana.

Floresceram no reinado d'este soberano, entre outros varões abalizados, os seguintes:

Egas Moniz, seu aio, que no tempo da lucta com os leonezes se i[illegible]mortalisou por um lanço de heroica lealdade. Achava-se o prin[illegible] Affonso Henriques cercado em Guimarães, e em perigo de [illegible] de render-se. Egas Moniz conseguiu persuadir o rei a le[illegible]ar o cerco, fazendo promessas de cujo cumprimento ficou por fiador. D. Affonso não quiz ratifical-as. O vassallo, zeloso e fiel, foi a Toledo, levando sua esposa e filhos, todos descalços e de corda ao pescoço, entregar-se á vingança do soberano justamente irritado. Este porém, admirando os magnanimos sentimentos e o heroico sacrificio de Egas Moniz, generosamente lhe perdoou.

D. Fuas Roupinho, a quem antigas chronicas attribuem a defeza de Porto de Moz e duas victorias navaes, referindo tambem que veiu a perecer, pelejando denodadamente contra uma poderosa armada de mouros, defronte de Ceuta.

S. Theotonio, primeiro prior de Sancta Cruz, cujas fervorosas orações piamente se póde crer terem contribuido para a victoria das armas christãs em varios recontros.

Gonçalo Mendes da Maia, que toda a sua longa vida empregou no serviço da patria, combatendo os mouros, tão contínua e indefessamente, que grangeou o cognome de *Lidador*.

Paio Pelagio Guterres, que dizem ter mais que todos concorrido para se quebrarem as portas do castello de Lisboa, quando esta cidade foi tomada aos mouros.

Giraldo Giraldes, cognominado o *Sem pavor*, a cuja industria e destemor se deveu, segundo a fama tradicional, a tomada de Evora.

O Beato Godinho, arcebispo de Braga.

D. SANCHO I

Cingida a fronte de virente louro, etc. (Cant. I, Est. XXXVI.)

D. Sancho I, filho de D. Affonso Henriques e da Rainha D. Mafalda, nasceu em Coimbra no anno de 1154. Quando subiu ao throno em 1185 já se havia assignalado por brilhantes façanhas na Andaluzia, tendo-se adiantado, victorioso, até perto de Sevilha, perseguindo o rei mouro Albajaque, que viera cercar Santarem, e fôra desbaratado e posto em fugida. Não desmentiu, depois de rei, a expectação que excitára sendo ainda infante. Em 1189 tomou Silves aos mouros, ajudado de uma frota de cruzados allemães, flamengos e inglezes, que se dirigia á Syria. Em consequencia da tomada d'aquella cidade, e de se haver apoderado de outras praças ao sul do reino, assumiu o titulo de rei do Algarve, titulo que largou, alguns annos depois, por haver perdido as conquistas que ali fizera. Perdeu tambem algumas villas no Alemtejo. Então tudo pareceu conspirar-se contra Portugal, assolado ao mesmo tempo pela guerra, pela fome e pela peste (1198).

Ao desgosto de tantos infortunios deu algum lenitivo a melhoria que aos reis mouros de Cordova e de Sevilha levou o joven principe D. Affonso, seu filho, o qual lhes fez levantar o cerco de Thomar e de Torres Novas. Ainda mais importantes foram os ultimos acontecimentos do seu reinado—a derrota do rei mouro Jacub que viera de Africa, e a recuperação de Palmella e de Elvas. Nem sómente contra os infieis se assignalou o valor de D. Sancho. D. Affonso IX, rei de Leão, alliando-se com o rei mouro Al Mansur, incorrêra em excommunhão fulminada pelo Vaticano. D. Sancho, aproveitando-se d'esta conjunctura, entrou com mão [illegible] pelo territorio leonez, onde submetteu a cidade de Tuy, e [illegible] de Lobios, Sampayo e Pontevedra, cuja posse porém não foi [illegible]doura. O indefesso cuidado com que este soberano promoveu a cu[illegible]tura dos campos, a fundação de villas, e o augmento da povoação, lhe grangeou o honroso cognome de *Povoador*.

Falleceu em Coimbra em 27 de março de 1211, com cincoenta e sete annos de idade, e vinte seis de reinado. Foi sua esposa D. Dulce (ou Aldonça) filha de D. Ramon Berenguer, conde de Barcelona, de quem téve, alem de outros filhos, D. Affonso que lhe succedeu, as infantas D. Thereza, D. Sancha e D. Mafalda, todas tres insignes em virtudes, pelas quaes mereceram ser beatificadas pela Sancta Sé.

D. AFFONSO II

Eis o segundo Affonso o sceptro toma, etc. (Cant. I, Est. XL.)

D. Affonso II nasceu na cidade de Coimbra em 1186, e subiu ao throno tendo vinte e cinco annos de idade. Pouco tempo depois da sua acclamação, correram os christãos da peninsula hispanica um grande perigo. O imperador de Marrocos os ameaçava com um formidavel exercito. Os reis de Castella, Aragão e Navarra fizeram entre si uma estreita alliança em defeza dos seus estados. O nosso D. Affonso lhes enviou um luzido corpo de tropas. Deu-se uma terrivel batalha nas planuras junto á Serra Morena, chamadas as Navas de Tolosa. Os sarracenos experimentaram uma derrota total (1112).

Cinco annos depois d'essa gloriosa victoria, aportando a Lisboa uma frota de cruzados que dos portos de Hollanda se dirigia á Syria, o nosso rei D. Affonso II, por conselho de D. Sueiro, bispo de Lisboa, os convidou a coadjuvarem os nossos no ataque de Alcacer do Sal, praça occupada pelos mouros, de grande importancia para as suas operações contra os christãos. Aceita a proposta, Alcacer foi cercada e rendida, depois de porfiosa resistencia, derrotados os regulos que tinham acudido em sua defeza (1217.)

D. Affonso II reuniu em Coimbra, logo nos principios do seu reinado (1812), os prelados, os ricos homens e outros fidalgos, e de concerto com elles promulgou n'aquella curia, ou n'aquellas côrtes, sabias e uteis leis, que são o seu maior titulo de gloria. Teve depois graves desavenças com o clero do seu reino, que foram, ao menos em grande parte, terminadas por intervenção do papa Honorio III.

Tambem (logo ao cingir a corôa) tivera desavenças com seus irmãos e com suas irmãs, recusando fazer-lhes entrega das villas e das riquezas que seu pae lhes legára.

Os infantes D. Fernando e D. Pedro, dando-se por aggravados, sairam do reino, indo o primeiro para Castella, e o segundo para Marrocos.

Em favor das infantas D. Thereza e D. Sancha se interessaram o rei de Leão, Affonso IX, que interveiu com mão armada (o que não bastou para terminar a contenda), e o summo pontifice Innocencio III, que a muito custo conseguiu restabelecer a concordia entre o rei e suas irmãs, cedendo assim estas como aquelle de algumas pretensões. Menos ruidosa foi a dissidencia entre D. Affonso e D. Mafalda, que tambem se vira esbulhada da herança paterna.

D. Affonso II foi casado com D. Urraca, filha de D. Affonso IX de Castella. Falleceu em Coimbra em 1223, na idade de trinta e sete annos.

[illegible] o seu reinado se abalizou no exercicio de heroicas virtu-
cipe D. [illegible] religioso da ordem dos menores franciscanos, Sancto An-
haver [illegible]atural de Lisboa, que morreu na cidade de Padua em 1231,
[illegible] solem[illegible]mente canonisado pelo papa Gregorio IX em 1232.

D. SANCHO II

Sancho segundo occupa o luso throno, etc. (Cant. I, Est. XLVIII.)

D. Sancho II, filho de D. Affonso II e de D. Urraca, nasceu, conforme a opinião mais provavel, em 1209. Logo que chegou á idade de poder pôr-se á frente de seus soldados, começou a occupar-se em operações militares, e libertou do jugo dos mouros muitas povoações

do Alemtejo e do Algarve; sendo a sua primeira façanha a tomada de Elvas, em cuja expugnação correu perigo de vida (1226).

Este monarcha, feliz como guerreiro, não teve igual ventura no governo do estado. O povo começou a murmurar, vendo-o dominado pela influencia de seus validos. Ainda maior foi o descontentamento do clero e nobreza. O papa Innocencio IV, perante quem o infeliz soberano foi accusado de gravissimos excessos, dando ouvidos a taes queixas, o privou do exercicio do poder real, e lhe substituiu no governo seu irmão D. Affonso, casado com D. Mathilde, condessa de Bolonha, o qual então se achava em França (1245).

O infante promptamente se recolheu ao reino, depois de ter jurado os capitulos que lhe foram apresentados, e tomou posse do seu excelso cargo.

D. Sancho II, vendo-se desamparado de quasi todos os seus, retirou-se para Toledo. O rei de Castella reuniu tropas para lhe fazer recuperar a auctoridade real. Intimando-se porém aos castelhanos as censuras pontificias, comminadas contra os que quizessem estorvar a regencia do infante D. Affonso, desistiram da empreza os defensores de D. Sancho.

Este principe, resignando-se ao seu infortunio, e todo occupado em praticas de piedade, acabou os seus dias na sobredita cidade de Toledo em 1248, tendo reinado vinte e cinco annos.

Deram lustre ao seu reinado os seguintes tres varões, insignes pela sua lealdade e valor:

Martim de Freitas, alcaide-mór de Coimbra, que guardou inviolavel fidelidade a D. Sancho, recusando entregar o castello e a cidade a D. Affonso, emquanto foi vivo aquelle soberano, de cuja morte elle mesmo quiz certificar-se, indo a Toledo.

Fernão Rodrigues Pacheco, alcaide mór de Celorico, celebre tambem pela sua fidelidade ao desenthronisado monarcha.

D. Paio Peres Correia, que se immortalisou durante o governo de D. Sancho, e depois no reinado de D. Affonso III, pelas suas victorias e conquistas no Algarve, e foi mestre da ordem de S. Thiago em toda a Hespanha.

D. AFFONSO III

O tercio Affonso após civil procella, etc. (Cant. I, Est. LII.)

D. Affonso III, filho de D. Affonso II e de D. Urraca, nasceu na cidade de Coimbra em 1210. Foi cognominado o *Bolonhez*, por haver casado em França com a princeza Mathilde, condessa de Bolonha. Tinha trinta e cinco annos de idade quando tomou conta do governo, como fica dito, em consequencia de haver sido deposto seu irmão D. Sancho. Todavia só depois da morte d'este infeliz soberano assumiu o titulo de rei.

Logo nos principios do seu reinado prestou relevantes serviços a D. Fernando (o Sancto) rei de Castella e Leão, enviando-lhe um corpo auxiliar de tropas, que muito contribuiu para se conquistar aos mouros a cidade de Sevilha. N'esta gloriosa empreza muito se assignalaram os portuguezes; porém mais que todos o mestre de S. Thiago, D. Paio Peres Correia, e Martim Fernandes. No reinado de D. Affonso III, conquistado definitivamente o Algarve, todo o territorio portuguez ficou inteiramente livre da dominação dos mouros. Infelizmonte porém este monarcha desluziu em parte

a sua fama pela ingratidão com que se houve para com a condessa Mathilde, sua esposa, e pela obstinação com que se negou a separar-se D. Brites, filha natural de D. Affonso X de Castella, com a qual contrahìra segundas nupcias, vivendo ainda sua primeira mulher. Tendo porém fallecido a condessa Mathilde, el-rei foi absolvido das censuras em que incorrêra e, por intercessão do clero de Portugal, o papa Urbano IV revalidou o segundo matrimonio, que tanto escandalo havia causado. Serenada esta tempestade, sobrevieram graves desavenças entre o monarcha e o clero, as quaes só se compozeram no pontificado do papa João XXI. Durante taes dissidencias saíram do reino os bispos de Coimbra, Porto e Lamego.

Morreu D. Affonso III na cidade de Lisboa em 1279, com sessenta e nove annos de idade e trinta e dois de reinado. Poucos dias antes do seu fallecimento, ecutando os escrupulos da sua consciencia, se submetteu á obediencia da sé apostolica no tocante á reparação dos aggravos de que se haviam queixado os prelados do reino, e foi absolvido das censuras em que estava incurso.

Floresceu no reinado d'este soberano um sabio insigne nas letras, divinas e humanas, nascido em Lisboa, e conhecido pelo nome de Pedro Hispano, o qual elevado ao summo pontificado em 1276, se ficou chamando João XXI.

D. DINIZ

Diniz, filho de D. Affonso, hymnos merece, etc. (Cant. I, Est. LXII.)

D. Diniz, filho de D. Affonso III e de D. Brites, nasceu em Lisboa no anno de 1261. Como não tinha ainda dezoito annos quando succedeu na corôa (1279) por algum tempo governou o reino conjunctamente com elle a rainha sua mãe. Assim que entrou no pleno exercicio da auctoridade real, visitou as principaes comarcas do reino, e tomou providencias tendentes á boa administração da justiça. O desvelado empenho com que protegeu a agricultura lhe grangeou o honroso epitheto de *Rei lavrador*. Instituiu em Lisboa (1290) a primeira universidade que houve no reino, a qual foi depois (1308) transferida para Coimbra. Em consequencia do grande conceito que se fazia da sua intelligencia e rectidão, foi escolhido (1304) arbitro, juntamente com o rei de Aragão, para decidir o grande pleito entre D. Fernando IV de Castella e o infante D. Affonso de Lacerda, que ambos pretendiam a corôa d'aquelle reino. A decisão foi a favor do primeiro d'estes dois principes : ao infante foram adjudicadas valiosas compensações. Na sua viagem a Castella, o soberano portuguez deu novo realce á sua fama, praticando muitos actos de esplendida generosidade.

Instituiu a ordem militar de Nosso Senhor Jesus Christo, á qual doou os bens que haviam pertencido á dos templarios, extincta em 1311 no concilio geral de Vienna, sob o pontificado de Clemente V. Os novos cavalleiros tiveram a sua primeira séde em Castro Marim, d'onde depois foram trasladados para a villa, hoje cidade, de Thomar.

A esta ordem se deveram, muito tempo depois, em grande parte, os descobrimentos ultramarinos, os quaes foram emprehendidos sob os auspicios do immortal D. Henrique, que despendia em tão gloriosa empreza os rendimentos que lhe provinham do seu cargo de governador e administrador do mestrado.

D. Diniz cultivou com desvelo as letras, nem se dedignou de consagrar nos intervallos de suas graves occupações algum tempo

á composição de pequenas peças de poesias, algumas das quaes se conservam no Cancioneiro que tem o seu nome.

Nos ultimos tempos da sua vida experimentou D. Diniz grave desgosto, em consequencia do ciume que seu filho D. Affonso concebeu pela preferencia com que era tratado D. Affonso Sanches, seu irmão. A inimizade d'este chegou a rebentar em aberta rebellião. Só se restabeleceu a concordia pela mediação da sancta rainha D. Izabel, esposa de D. Diniz, e mãe do principe aggravado.

Falleceu D. Diniz em Santarem em 1325 com sessenta e seis annos de idade e quarenta e cinco de reinado. Sua esposa D. Izabel, filha de D. Pedro III, rei de Aragão, mereceu as honras dos altares, sendo canonisada pelo Papa Urbano VIII em 1625. D. Pedro, conde de Barcellos, filho natural de D. Diniz, dedicou séria attenção ao estudo das antiguidades genealogicas de Hespanha, e compoz, segundo a opinião vulgar, o celebre *Nobiliario* que traz em frente o seu nome.

D. AFFONSO IV

Do quarto Affonso as inclytas proezas, etc. (Cant. I, Est. LXVII.)

D. Affonso IV, filho d'el-rei D. Diniz e da rainha Santa Izabel, nasceu na cidade de Coimbra, em 1291, e começou a reinar em 1325, tendo trinta e tres annos de idade. Pouco auspiciosos foram os principios do seu reinado, em consequencia da perseguição que moveu a seu meio irmão D. Affonso Sanches, a quem esbulhou da herança paterna. Só depois de uma desastrosa lucta, de que foram theatro as provincias do Alemtejo e Traz os Montes, se restabeleceu a concordia entre os dois irmãos. Houve tambem entre o monarcha portuguez e D. Affonso XI de Castella desabridas pendendencias, em consequencia do mau tratamento que este dava a sua esposa D. Maria, filha do nosso D. Affonso, e tambem em resultado da opposição que o rei castelhano fizera ao projectado consorcio de D. Constança, filha de D. João Manuel, com o infante D. Pedro, successor da corôa portugueza. O vantajoso enlace, apesar de todos os suscitados embaraços, veiu a realisar-se; mas a virtuosa princeza pouco tempo viveu, e assim não se colheram os esperados fructos de tal alliança.

Deu lustre ao reinado de D. Affonso IV a coadjuvação por elle prestada ao rei de Castella, seu genro, em um lance de grande aperto e perigo. Ali-Boacem, imperador de Marrocos, colligado com o rei mouro de Granada Aben-Hamet, e á frente de um poderosissimo exercito, propunha-se restabelecer a dominação musulmana em toda a peninsula (1340). O nosso soberano, com um luzido corpo de valentes tropas, marchou até Sevilha a reunir-se com as forças castelhanas, que, reforçadas com as nossas, ganharam, em 30 de outubro, nos campos de Tarifa, nas margens do Salado, uma assignalada e completa victoria.

D. Affonso IV desluziu em parte o brilho da sua reputação por um acto de crueldade. Seguindo as barbaras suggestões de alguns conselheiros, ordenou, ou pelo menos permittiu que fosse morta, na cidade de Coimbra, a infeliz D. Ignez de Castro, com quem o infante D. Pedro, seu filho, depois do fallecimento de D. Constança, se desposara clandestinamente. O infante, então ausente de Coimbra, ao saber o atroz acontecimento, rompeu em excessos de furor,

e desejando vingar-se desde logo dos assassinos da sua idolatrada esposa, tomou armas e espalhou terror e estragos por mais de uma povoação ao norte do reino. Finalmente por intervenção da rainha D. Brites cessaram tão lastimosas calamidades, e se effectuou a reconciliação entre o rei e D. Pedro, que em seu desatinado furor transgredira os deveres de filho e os de vassallo.

Falleceu D. Affonso IV em Lisboa, em 1357, com sessenta e seis annos de idade e trinta e dois de reinado.

D. PEDRO I

Pedro, esposo infeliz, de Affonso herdeiro, etc. (Cant. I, Est. LXXI.)

D. Pedro I, filho de D. Affonso IV e de D. Brites, nasceu, segundo a opinião mais provavel, em 1320, na cidade de Coimbra. Assim que subiu ao throno (1357) foi seu primeiro cuidado vingar-se dos matadores de sua chorada consorte D. Ignez. Haviam-se elles refugiado em Castella. Do soberano d'aquelle reino, tambem chamado D. Pedro, solicitou o nosso a entrega dos tres asylados. Um d'elles, Diogo Lopes Pacheco, acertou de evadir-se a tempo. Alvaro Gonçalves e Pedro Coelho foram entregues, a troco de alguns nobres castelhanos, que estavam refugiados em Portugal. Nos dois cevou o ultrajado monarcha o seu odio, arrancando-lhes a vida com atroz crueldade. Declarou depois solemnemente, perante os grandes do reino, haver recebido em legitimo matrimonio a finada princeza, cujo cadaver fez trasladar, com apparatosissima pompa, do mosteiro de Santa Clara de Coimbra para o de Alcobaça, onde lhe havia preparado um tumulo.

Este soberano foi tão severo na punição dos crimes, que o vulgo acrescentou ao seu nome o epitheto de *Crú*. Não se póde negar que em alguns casos transcendeu os limites de um rasoavel rigor. Com mais propriedade porém se lhe póde chamar o *Justiceiro*. Quanto era severo para com os maus, outro tanto era affavel para com os vassallos benemeritos, e generoso para com os necessitados. Visitava, sempre que podia, as principaes povoações do reino, e era incansavel em perseguir os poderosos que abusavam da força para avexarem os fracos.

Falleceu na villa de Extremoz, em 1367; com quarenta e sete annos de idade e dez de reinado.

D. FERNANDO

Mais formoso que bravo e que discreto, etc. (Cant. I, Est. LXXIII.)

D. Fernando, filho de D. Pedro I e de D. Constança, nasceu na cidade de Coimbra, em 1345. Cingiu a corôa tendo vinte e dois annos de idade.

Além da formosura e da gentil presença, que lhe grangearam o cognome pelo qual é conhecido na historia, o de *Formoso*, este soberano foi dotado de algumas egregias qualidades, taes como: clemencia, generosidade, zêlo pela boa administração; qualidades porém desprimoradas por graves defeitos, e principalmente por uma desregrada ambição, pela inconstancia do caracter, e pela pouca lealdade no cumprimento de solemnes estipulações de tratados que concluira, e de pactos nupciaes a que se ligára.

Tres vezes o mal avisado principe, por immoderado desejo de

engrandecer-se, aproveitando-se das dissenções entre as corôas de Castella e de Aragão, acarretou sobre o seu reino os flagellos da guerra. Duas vezes a intervenção do summo pontifice Gregorio XI veiu atalhar a continuação de luctas temerariamente emprehendidas pelo monarcha portuguez, que ultimamente, pela sua falta de firmeza e de lisura, não só exasperára os animos de seus inimigos castelhanos, mas tambem provocára o resentimento dos inglezes, seus alliados. Finalmente o casamento do rei de Castella com D. Beatriz, filha do inquieto soberano portuguez, veiu sellar a reconciliação entre os dois monarchas por tanto tempo desavindos. Alem da excessiva ambição e da leveza de caracter, que tanto deslustraram os bons predicados de D. Fernando, poz este principe feia nodoa em sua reputação, recebendo por sua mulher D. Leonor Telles de Menezes, tirando-a a seu legitimo marido, João Lourenço da Cunha, senhor de Pombeiro.

Apesar de tão lamentaveis defeitos, e de um procedimento tão escandaloso, não se póde negar que D. Fernando deu provas de grande capacidade na administração interna do paiz. Entre outras sabias providencias por elle adoptadas, merecem especial menção as seguintes: poz termo ao abusivo direito que os grandes se arrogavam dando asylo em sua casa aos malfeitores; reprimiu a mendicidade dos ociosos e vagabundos; creou dois censores, encarregando-os da boa policia, e protegeu o commercio, a navegação e mais que tudo a agricultura.

Falleceu em Lisboa em 1383, tendo trinta e oito annos de idade e dezeseis de reinado.

Os varões que mais se distinguiram n'este reinado foram:

Nuno Gonçalves de Faria, alcaide mór do castello de Faria, que sendo prisioneiro dos castelhanos em 1373, levado para junto das muralhas a fim de persuadir a seu filho que entregasse o castello, lhe disse que o amaldiçoava se tal fizesse; pelo que foi logo ali por elles feito pedaços, como lhe haviam declarado que o haviam de fazer.

Gil Paes, alcaide mór de Torres Novas, que no mesmo anno de 1373, antes quiz deixar enforcar o filho diante da praça, do que deixa-la entregar aos castelhanos.

Pela morte de D. Fernando findou a primeira dynastia dos reis de Portugal, denominada *Affonsina* por começar em D. Affonso Henriques, filho do conde D. Henrique; a qual deu a este reino nove soberanos. Extincta a descendencia legitima do primeiro nosso monarcha, veiu a empunhar o sceptro um filho natural de el-rei D. Pedro I, o mestre de *Aviz* D. João, que deu o seu nome á segunda dynastia, chamada *Joannina*, ou de *Aviz*.

INTERREGNO

Antes que longa idade o quebrantasse, etc. (Cant. II, Est. I.)

Tendo fallecido el-rei D. Fernando (1383) ficou regente do reino a rainha viuva D. Leonor, a qual mandou logo acclamar rainha de Portugal sua filha D. Beatriz, casada com el-rei D. João de Castella. Uma grande parte da nobreza não teve duvida em sustentar a causa de D. Beatriz, e em obedecer em tudo ás ordens da regente. Esta senhora porém ia experimentando de dia para dia mais decidida malquerença da parte do povo, o qual murmurava da excessiva privança que gosava junto d'ella João Fernandes An-

deiro, fidalgo gallego, por sua protecção nomeado conde no reinado de D. Fernando. Além d'isso, como D. Beatriz estava casada com um principe estrangeiro, havia receios de que sob o seu governo os interesses de Portugal fossem sacrificados, ou pelo menos subordinados, aos dos castelhanos. D'aquella indisposição e desconfiança soube aproveitar-se o mestre de Aviz, D. João, filho natural de D. Pedro I. O joven principe, de todos bemquisto, foi coadjuvado, na realisação de seus projectos patrioticos e ambiciosos, principalmente por dois esclarecidos varões. Um d'elles foi D. Nuno Alvares Pereira, então fronteiro mór do Alemtejo ; outro o celebre jurisconsulto João de Aregas ou das Regras. Poz-se o mestre de Aviz á frente dos descontentes da regencia, e matou por sua propria mão no paço, e quasi na presença da rainha, o aborrecido privado. Este acto de arrojo foi festejado com enthusiasmo pelo povo de Lisboa, que acclamou *defensor do reino* o joven D. João. Seguiu-se a guerra com Castella, cujo soberano, D. João I, entrára em Portugal com um corpo de exercito, e se fizera acclamar em Santarem rei de Portugal.

D. Nuno Alvares Pereira, governador do Alemtejo, desbaratou uma divisão castelhana no sitio chamado dos Atoleiros. Os castehanos vieram pôr cerco a Lisboa ; porém foram mal succedidos, e obrigados pela peste a levantar o cerco. Então o defensor do reino convocou côrtes em Coimbra (1385) para n'ellas se tratar da questão sobre a successão ao throno. N'ellas, principalmente em consequencia dos esforços do dr. João das Regras, excluidos os infantes D. Diniz e D. João, filhos de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro, e a rainha de Castella D. Beatriz, declarou-se vago o throno, e o mestre de Aviz foi solemnemente eleito para o occupar.

D. JOÃO I

O primeiro João na lusa terra, etc. (Cant. II, Est. III.)

D. João I, que cingiu a corôa em virtude da solemne decisão das côrtes de Coimbra, era filho natural de el-rei D. Pedro (como acima se disse), e tinha nascido em Lisboa em 1357. Logo depois de acclamado, teve de sustentar pelas armas os seus direitos e os da nação que o pozera no throno. El-rei de Castella entrára em Portugal com um poderoso exercito. No sitio de Aljubarrota deu-se uma renhida batalha em 14 de agosto (1385). Os portuguezes ganharam uma decisiva victoria, pelejando com um exercito muito superior em forças, e que tinha á sua frente o proprio rei, competidor do nosso. A perda do inimigo não baixou de doze mil homens, a metade dos quaes feitos prisioneiros. Para tão brilhante triumpho contribuiu muitissimo, além do valor e acertadas disposições de D. João I, o extraordinario denodo do condestavel D. Nuno Alvares Pereira. Este heroe colheu novos louros, derrotando um corpo de tropas no territorio inimigo, em Valverde, não longe de Badajoz. A fortuna que até ali tinha acompanhado constantemente o nosso monarcha, não lhe foi favoravel em Coria, cujo cerco foi obrigado a levantar. Este revez porém nada influiu no exito da guerra, a qual terminou em favor e com grande gloria de Portugal, celebrando-se entre este reino e o de Castella umas tréguas de tres annos, que foram renovadas varias vezes, até que em 1411 se concluiu entre os duas potencias um tratado de paz.

Consolidada a independencia nacional, voltou el-rei D. João I

suas miras a guerrear os mouros, os quaes, desde as cidades na costa fronteira á Hespanha, não cessavam de molestar a navegação e o commercio dos christãos.

Esquipou uma poderosa frota de mais de duzentas vélas, em que foram passante de vinte mil homens, e accommetteu e tomou Ceuta (1415), onde deixou por primeiro governador a D. Pedro de Menezes. Regressando ao reino, acrescentou aos seus titulos o de *Senhor de Ceuta.* Com a tomada d'esta importante praça se abriu caminho aos importantissimos descobrimentos maritimos, que tanto lustre deram a Portugal. Foram elles devidos n'esta epoca ao illustrado zêlo e incansaveis esforços do infante D. Henrique, filho d'este monarcha. Sob os auspicios do esclarecido infante se descobriram as ilhas de Porto Santo, da Madeira, dos Açores e de Cabo Verde. Para promover o progresso dos estudos cosmographicos, estabelecera o mesmo infante uma escola em Sagres, no Algarve, onde nos nossos dias se lhe erigiu um singelo monumento.

D. João I não foi menos habil politico, que valoroso na guerra; e attentou sempre pelo bem publico, como principal objecto de seus cuidados. Convocou vinte e duas vezes as côrtes da nação. Mandou proceder a uma reforma e compilação das leis do reino; obra que só veiu a concluir-se e a publicar-se no reinado de seu neto D. Affonso V, na regencia do infante D. Pedro. Ordenou que d'ali em diante, em todos os actos e documentos se fizesse uso, em logar da era de Cesar, da de Nosso Senhor Jesus Christo, trinta e oito annos mais moderna do que a do dictador romano. Mandou construir quatro palacios, e fundou, levantando-o desde os alicerces, o sumptuoso templo e vasto mosteiro de religiosos dominicos, vulgarmente chamado da *Batalha*, em testemunho de gratidão a Deus e á Virgem Santissima pela victoria de Aljubarrota.

Foi casado com D. Filippa, filha do duque ce Lencastre.

Falleceu em Lisboa em 1433 com setenta e seis annos de idade e quarenta e oito de reinado.

Floresceram no reinado de D. João I, além dos infantes seus filhos, D. Duarte, D. Pedro, D. Henrique, D. João e D. Fernando, todos dignos dos pregões da fama, e mais que todos o infante D. Henrique, os seguintes varões:

O grande condestavel D. Nuno Alvares Pereira, que depois das gloriosas façanhas que o immortalisaram, se dedicou inteiramente ao exercicio das virtudes christãs, vestindo o habito de religioso no convento do Carmo em Lisboa, por elle fundado.

O doutor e insigne jurisconsulto João de Aregas, ou das Regras, chanceller mór, e orador nas côrtes de 1385, em cuja decisão a favor do mestre de Aviz teve a principal parte.

Mem Rodrigues de Vasconcellos, commandante da ala direita do exercito na batalha de Aljubarrota.

Antão Vasques de Almada, commandante da ala esquerda na mesma batalha.

D. Pedro de Menezes, primeiro conde de Vianna, e depois marquez de Villa Real, primeiro governador de Ceuta; praça que defendeu, mais de uma vez, com estupendo valor, contra vigorosos ataques de innumeraveis soldados mahometanos

D. DUARTE

Duarte da facundia á illustre palma, etc. (Cant. II, Est. XV.)

D. Duarte, filho de D. João I e de D. Filippa de Lencastre, nasceu em 1391 e succedeu na corôa em 1433. Foi um dos mais esclarecidos e virtuosos principes que empunharam o sceptro portuguez. Igualmente versado no exercicio das armas, como distincto na cultura das letras, a nenhum dos soberanos contemporaneos foi inferior no esforço e na pericia militar, e a todos excedeu na instrucção e na eloquencia. Infelizmente porém, apenas reinou quatro annos, e n'este curto espaço de tempo experimentou revezes, e padeceu gravissimo desgosto.

A rogo de seus irmãos D. Henrique e D. Fernando, mandára D. Duarte uma forte e luzida expedição á Africa, pondo mira na conquista de Tanger. A praça, que se achava bem guarnecida e bem municiada, resistiu por vinte e cinco dias, ao cabo dos quaes um exercito numerosissimo de mouros poz em risco de total exterminio as forças portuguezas. Para evita-lo foi forçoso estipular a restituição de Ceuta, ficando em refens o infante D. Fernando (1437). As côrtes, que para tratar d'este caso se reuniram em Leiria, oppozeram-se á entrega da praça. O proprio captivo recusou a liberdade por tal preço, e veiu a morrer em Fez, victima de maus tratamentos, por elle supportados com heroica resignação.

Achando el-rei D. Duarte, ao tomar as redeas do governo, o estado falto de recursos, em consequencia das muitas doações que seu pae fizera para remunerar os serviços prestados durante a lucta contra Castella, publicou (1434) a chamada *lei mental*, que havia sido ideada pelo sobredito fallecido rei, por conselho de João das Regras, e cuja essencial disposição era não se admittir á successão dos bens da corôa senão os filhos primogenitos e legitimos, com exclusão das femeas, e dos ascendentes e collateraes, excepto intervindo licença regia.

Escreveu el-rei D. Duarte differentes obras, a principal das quaes, intitulada *Leal Conselheiro*, foi por elle dedicada a sua esposa, a rainha D. Leonor de Aragão; livro cheio de optima doutrina, e cujo estylo é assás culto para o tempo em que foi escripto.

Ao quinto anno do seu reinado grassou em Portugal uma terrivel peste, e foi d'ella victima o proprio rei, que falleceu em Thomar (1437) contando apenas quarenta e sete annos de idade.

Uma das filhas d'este monarcha, a infanta D. Catharina, abalizada em virtude e instrucção, traduziu da lingua latina para a portugueza o livro *da perfeição dos Monges*, composto pelo patriarcha de Veneza, S. Lourenço Justiniani.

D. AFFONSO V

De Affonso em nome, intrepido governa, etc. (Cant. II, Est. XIX.)

D. Affonso V, filho de D. Duarte e de D. Leonor, nasceu em Lisboa em 1432.

Foi o primeiro infante herdeiro da corôa que teve o titulo de principe. Ainda não tinha completado sete annos de idade, quando por morte de seu pae foi acclamado rei. Ficára entregue á tutela da rainha viuva, sua mãe, á qual tambem fôra confiada a regencia do reino, conjunctamente com o infante D. Pedro, irmão de el-re

D. Duarte. Em consequencia porém de lamentaveis enredos, a rainha foi esbulhada da tutela e da regencia, ficando tanto esta como aquella a cargo do infante D. Pedro. Este principe, havendo desempenhado com o maior zêlo e acerto as obrigações de ambos os cargos, e havendo casado sua filha D. Izabel com o joven monarcha, assim que este completou quatorze annos de idade, quiz entregar-lhe a governação do estado. Não a quiz por então aceitar D. Affonso; mas pouco mais de um anno depois, tendo já começado a dar ouvidos aos malignos detractores de seu tio, assumiu as redeas do governo. Os emulos do regente, e entre elles o duque de Bragança (filho natural de el-rei D. João I) redobraram seus ardilosos esforços para o malquistar com o inexperiente soberano. Seguiu-se um total rompimento. O infante partiu de Coimbra para pessoalmente vir justificar-se. Como viesse acompanhado de uma numerosa comitiva de gente armada, el-rei lhe veiu ao encontro com um troço de gente tambem armada. Travou-se uma lucta renhida no sitio da Alfarrobeira. O infante, defendendo-se com as armas, pereceu no recontro. O seu corpo esteve tres dias no campo, despido, ninguem se atrevendo a dar-lhe sepultura. Fôra declarado traidor juntamente com todos que o tinham acompanhado na infaustissima briga, entre os quaes se assignalára por prodigios de valor, Alvaro Vasques de Almada. Alguns annos depois foi reconhecida a innocencia do infante, e rehabilitada a sua memoria.

Desejoso de pelejar com os infieis, foi D. Affonso V o primeiro principe, que, acudindo ao convite do papa Calixto III, se cruzára para a reconquista da terra sancta. Não se tendo porém realisado a cruzada para a qual se offerecera, planeou e executou tres expedições á Africa. Na primeira (1458) rendeu Alcacer Ceguer. A segunda foi infructuosa. Na terceira tomou Arzila e Tanger. Não o acompanhou a mesma ventura na guerra que teve de sustentar em defeza dos seus direitos por cabeça da princeza D. Joanna, filha de el-rei D. Henrique IV de Castella, e da rainha D. Joanna, irmã do mesmo D. Affonso. Este principe, tendo perdido a rainha D. Izabel, sua esposa, se desposára com sua sobrinha em Placencia (1475). Foram porém desconhecidos os direitos d'esta senhora á successão do throno por morte de seu pae. Os magnates de Castella lhe preferiram D. Izabel, irmã do rei fallecido, e a casaram com D. Fernando, rei de Aragão, no qual o nosso D. Affonso achou um competidor poderoso e feliz. Perdida pelo nosso monarcha, apesar das gloriosas proezas do principe D. João seu filho, a batalha de Toro (1476), desvaneceram-se as rasoaveis esperanças da desejada união de Portugal e Castella sob o sceptro de D. Affonso e de D. Joanna. Esta princeza recolhendo-se em 1478 ao convento de Santa Clara em Santarem, ali professou e viveu o resto de seus dias, com a simples qualificação de *excellente senhora*.

D. Affonso ainda tentou conseguir por meio de negociações o que não podera obter por meio das proprias armas. Deixando a regencia do reino ao principe seu filho, foi a França solicitar o auxilio do rei Luiz XI. Frustrada esta diligencia, annunciou o seu proposito de ir visitar os sanctos logares, e ordenou a seu filho que se fizesse acclamar como rei. Todavia mudando logo de resolução, inopinadamente regressou ao reino (1477) onde reassumiu o governo, e fez a paz com Castella, renunciando ao throno d'aquella monarchia. Poucos tempos depois, accommettido da peste que então

grassava, falleceu no paço de Cintra em 1480, tendo apenas quarenta e nove annos de idade, dos quaes havia reinado quarenta e tres.

Este soberano foi affavel, generoso e dotado de felicissima memoria. Teve no seu paço de Evora uma livraria consideravel para aquelles tempos. Favoreceu as letras, e ordenou que se escrevesse em latim a historia do reino ; o que não veiu então a realisar-se, por falta de saude do religioso dominico Balduino, que para esse fim mandára vir de Italia.

Teve este monarcha a dita de ver distinguir-se por virtudes christãs em grau heroico sua filha a infanta D. Joanna, religiosa da ordem de S. Domingos no mosteiro de Jesus, em Aveiro, a qual, tendo fallecido em 1490, foi beatificada pelo papa Innocencio XI.

No valor militar esclareceram-se no seu reinado, entre outros, os seguintes varões : D. João Coutinho, conde de Marialva, que morreu no assalto de Arzila.

D. Alvaro de Castro, que teve igual sorte no mesmo commettimento.

Gonçalo Peres e D. Duarte de Almeida, que se cobriram de gloria na batalha de Toro.

D. Duarte de Menezes, segundo capitão de Ceuta, que morreu salvando a vida a D. Affonso V perto da mesma praça.

D. JOÃO II

O segundo João, em gloria, em dita, etc. (Cant. II, Est. XXX.)

D. João II, filho de D. Affonso V e D. Izabel, nasceu na cidade de Lisboa em 1455, e foi acclamado rei em 1481, por morte de seu pae, tendo-o já sido depois da abdicação que não tivera effeito em consequencia de D. Affonso haver regressado ao reino, como fica referido. Insigne no valor e na politica, grangeou o glorioso appellido de *principe perfeito*. Todavia alguns actos por elle praticados deslustram, e não pouco, a sua memoria.

Acompanhára seu pae na facção de Arzila, onde por elle foi armado cavalleiro no campo da batalha, junto do cadaver do conde de Marialva, D. João Coutinho. Na batalha de Toro pozera em duvida o resultado da jornada, arrostando por sua parte com vantagem a furia dos castelhanos, e impedindo que elles ganhassem uma victoria completa.

Assim que tomou as redeas do governo, trabalhou em tornar mais independente e mais vigoroso o poder real.

Nas côrtes de Coimbra de 1481 publicou uma lei em que se exigia dos donatarios da corôa e dos alcaides móres uma nova fórma de homenagem, e restringiu muito as prerogativas dos grandes e a jurisdicção criminal dos mesmos donatarios. Os nobres, assim despojados notavelmente da sua importancia politica, déram manifestas e descomedidas mostras do seu descontentamento. Seguiram-se praticas, enredos e tramas, que custaram a vida, primeiro ao duque de Bragança D. Fernando, que foi degollado na praça de Evora em 1483 ; e depois ao duque de Vizeu, em quem o proprio rei cravou um punhal no paço de Setubal [1]. Estabele-

[1] Perguntára-lhe o rei : «Que fizereis vós áquelle que vos constasse querer-vos tirar a vida?» Tendo o duque respondido : «Eu lh'a tiraria primeiro». «Por tua propria bôca te condemnaste», replicou o monarcha, e o matou immediatamente.

cida e consolidada a independencia e plenitude do poder real, gosou el-rei D. João II alguns annos de tranquillidade e de ventura publica e domestica. Veiu porém a experimentar um gravissimo desgosto. O principe D. João, seu filho, e da rainha D. Leonor de Lencastre, que havia apenas oito mezes se desposára com a princeza D. Izabel, filha do rei D. Fernando o *Catholico*, correndo a cavallo nas margens do Tejo, junto a Santarem, deu uma quéda tão desastrosa, que, recolhido na choça de um pescador, algumas horas depois expirou nos braços de seus augustos paes e esposa (1491), tendo pouco mais de dezeseis annos de idade.

Por este infausto acontecimento o direito á successão da corôa ficou pertencendo ao duque de Beja, D. Manuel, irmão do infeliz duque de Vizeu, acima mencionado. Esta devolução de direito penalisou ainda mais o já magoado monarcha, o qual comtudo desistiu do projecto que tivera de fazer reconhecer como seu successor o seu filho illegitimo, D. Jorge.

No reinado d'este soberano continuou a assignalar-se na Africa o valor dos cavalleiros portuguezes, e o zêlo dos missionarios pela dilatação da fé. Tambem se proseguiu com prospero successo nos descobrimentos maritimos por navegadores portuguezes. Por mandado do rei, fundára Diogo de Azambuja o castello e povoação de S. Jorge da Mina, na costa de Guiné (1481-1482). Diogo Cão descobriu o grande rio Zaire e o reino do Congo (1484-1485), cujo rei algum tempo depois abraçou o christianismo. João Affonso de Aveiro descobriu (1486) o reino e terras de Benin em Guiné, e Bartholomeu Dias dobrou o grande cabo que termina a Africa ao sul. El-rei mudou áquelle promontorio o nome que por aquelle arrojado navegador lhe fôra dado, de *cabo das Tormentas,* no auspicioso nome de *cabo da Boa Esperança.*

Tinha o nosso emprehendedor monarcha já quasi prompta a armada que destinava para ir descobrir a India, quando morreu na villa de Alvor em 1495, com pouco mais de quarenta annos de idade e quatorze de reinado.

Teve este soberano um entranhavel odio aos mentirosos, aos jogadores, aos devassos e aos perjuros; e abonou a sua piedade com a edificação de alguns templos, e com promover zelosamente a promulgação do evangelho entre os infieis. Foi sua esposa D. Leonor, filha do infante D. Fernando, duque de Vizeu.

Floresceram no seu reinado entre outros varões notaveis os seguintes:

O conde de Borba, D. Vasco Coutinho, D. Fernando e D. Antonio de Menezes e D. Martinho de Tavora; todos esforçadissimos cavalleiros nas guerras de Africa.

Ruy de Pina, escrivão da camara de el-rei, por elle empregado em varias embaixadas, e auctor de varias chronicas muito estimadas.

D. MANUEL

Eis Manuel no solio! Eis sublimado, etc. (Cant. II, Est. XXXVII.)

Nasceu este rei na villa de Alcochete em 1469, e porque D. João II falleceu, como vimos, sem deixar filho legitimo, veiu a succeder-lhe (1495) como parente mais proximo, sendo filho do infante D. Fernando e neto de el-rei D. Duarte. Antes de reinar teve o titulo de duque de Beja.

Este soberano, feliz em tudo, sò n'um ponto viu frustradas as suas esperanças, pois tendo sido jurado herdeiro do reino de Castella (1499) com sua mulher D. Izabel, perdeu, dois annos depois, a expectativa d'aquella corôa, pelo fallecimento d'esta senhora, e de seu filho o principe D. Miguel. Consolidado o poderio portuguez em Africa por novas victorias, tratou D. Manuel de levar ao cabo o descobrimento da India, que seu predecessor, salteado pela morte, não podéra conseguir. Esta heroica empreza foi confiada a Vasco da Gama, que saindo do porto de Lisboa em 28 de julho de 1497, com quatro embarcações em que ìam cento e setenta homens, entrou de novo no Tejo em 29 de julho de 1499, havendo realisado, vencidos innumeraveis perigos e difficuldades, o desejado descobrimento, que veiu a ser cantado pelo principe dos nossos poetas na sua admiravel epopéa *Os Lusiadas.*

Um anno depois que a frota portugueza, vindo de Calecut, cidade da costa de Malabar, regressára a Lisboa, foi descoberto o Brazil por Pedro Alvares Cabral, o qual, mandado em segunda expedição à India, fôra arrojado por uma tempestade àquelle continente, a que deu o nome de *Terra da Santa Cruz.*

Outras terras e ilhas foram achadas por Gaspar Côrte Real, João de Nova, D. Lourenço de Almeida, Tristão da Cunha, etc., expedidos em diversas occasiões por el-rei, em cujo serviço tambem fez duas viagens o celebre florentino Americo Vespuci, que teve a felicidade de dar o seu nome ao novo mundo. Reconhecido ao favor divino, fundou o venturoso monarcha muitos templos, entre os quaes o magnifico de Belem, que doou, com o mosteiro adjunto, aos religiosos de S. Jeronymo, dotando-o generosamente. Enviou a Roma como embaixador extraordinario, com uma numerosa comitiva, Tristão da Cunha, que fez n'aquella metropole uma luzidissima entrada, e entregou ao Papa Leão X, da parte de el-rei, valiosos presentes, como primicias das riquezas havidas no oriente.

Logo depois de descoberto o caminho maritimo para a India, tomára D. Manuel (1499) o titulo pomposo, mas então justificado, de *Rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'alem mar em Africa, Senhor de Guiné e da Conquista, Navegação e Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e India.* A tantos brazões de gloria acresceu ao afortunado soberano o de *legislador,* pois mandou proceder a uma nova compilação das leis do reino, que se publicou em 1514, e mais emendada e completa em 1521, e é conhecida pelo nome de *Ordenação Manuelina.* Não se deve comtudo dissimular que um acto deshumano em si mesmo, e prejudicial à população, commercio e industria de Portugal, empanou algum tanto o brilho da reputação de D. Manuel, como homem e como politico. Condescendendo com as instantes solicitações dos reis catholicos, D. Fernando e D. Izabel, cuja filha, viuva do desgraçado principe D. Affonso, desejava haver por esposa, expulsou (1497) do reino todos os judeus e mouros forros que não quizeram baptizar-se. Sem embargo, porém, d'este lamentavel erro (procedido mais de calculo interessado que de espirito intolerante) protegeu, poucos annos depois (1505), os christãos novos na occasião de um alvoroto popular, excitado em Lisboa pelo zêlo fanatico de alguns visionarios, que na igreja de S. Domingos phantasiaram um milagre, o qual foi posto em duvida por um ex-sectario do judaismo.

Logo nos principios do seu reinado, o illustrado monarcha promovera os progressos da instrucção, dando novos estatutos à universidade, cuja séde era então em Lisboa, augmentando n'ella o

numero das cadeiras, fundando novas escolas, e augmentando os honorarios dos lentes e professores. Tambem lhe deveu grande favor a utilissima arte typographica, cujos professores receberam d'elle grandes mercês e privilegios. Fez grande apreço da classe nobre, tendo na devida conta os relevantissimos serviços que os fidalgos haviam prestado, e continuavam a prestar á religião, ao throno e á patria. Para dar-lhes uma prova de consideração, mandou colligir os brazões de armas das familias mais illustres, e pinta-los no tecto de uma das salas do seu palacio de Cintra.

Falleceu el-rei D. Manuel em 1521 aos cincoenta e dois annos de idade, tendo reinado vinte e seis.

Fôra casado tres vezes: a primeira com D. Izabel, viuva do principe D. Affonso; a segunda com D. Maria, irmã da mesma senhora D. Izabel; a terceira com D. Leonor, filha de el-rei D. Filippe I de Castella.

Teve entre outros as seguintes filhos:

O principe D. João, seu successor.

A infanta D. Izabel, que foi casada com o imperador Carlos V.

A infanta D. Beatriz ou Brites, que foi esposa de Carlos III, duque de Saboia.

Os infantes D. Luiz, D. Fernando, D. Affonso, que foi arcebispo de Lisboa e cardeal, D. Henrique, cardeal e depois rei, e D. Duarte. Todos os referidos principes e princezas foram havidos do segundo matrimonio. Do terceiro nasceu a infanta D. Maria. Esta princeza distinguiu-se entre todas as do seu tempo pela cultura das letras. Rodeou-se de um luzido cortejo de damas estudiosas e discretas, taes como as duas irmãs Sigêas, Luiza e Angela, filhas do francez Diogo Sigeu, nascidas em Toledo, Publia Hortencia de Castro, muito instruida na philosophia e na theologia, sobre as quaes disciplinas discursou doutamente na presença de muitos sabios, do cardeal D. Henrique e de D. Filippe II de Castella.

No reinado de D. Manuel se assignalaram entre outros famigerados varões os seguintes:

O grande D. Vasco da Gama, descobridor da India, primeiro conde da Vidigueira.

Paulo da Gama, seu irmão, e Nicolau Coelho, commandantes das embarcações que o acompanharam.

Pedro Alvares Cabral, descobridor do Brazil.

O duque de Bragança D. Jayme, que, expiando a culpa de haver matado sua mulher por meras suspeitas de que lhe fosse infiel, se cobriu de gloria, commandando uma poderosa expedição, para cujas despezas contribuiu em grande parte; expugnando a praça de Azamor, assenhoreando-se depois tambem de Tite e de Almedina, cujas guarnições se retiraram sem ousarem resistir-lhe.

D. Vasco Coutinho, conde de Borba, capitão e defensor de Arzila.

D. Fernando Coutinho, que morreu no assalto de Calecut em 1509.

Nuno Fernandes de Athaide, famoso capitão de Çafim.

D. Francisco de Almeida, primeiro vice-rei da India. Desbaratou mouros, arabes, persas e turcos, e veiu a ser morto pelos cafres nas praias africanas em uma briga temerariamente emprehendida. D. Lourenço, seu filho, que morreu heroicamente no porto de Chaul, pelejando contra as armadas do Egypto e de Cambaya.

Duarte Pacheco Pereira, defensor de Cochim, sete vezes vencedor de Samorim, rei de Calecut.

Affonso de Albuquerque, o *Grande*, governador da India; a quem

pelas brilhantes victorias que alcançou dos persas, dos malabares, e dos turcos, se deve principalmente o poderio asiatico portuguez.

Fernão de Magalhães, que, aggravado de el-rei D. Manuel, se passou ao serviço de Castella; descobriu o estreito a que deu o nome, e veiu a ser morto pelos malaios em uma das ilhas Filippinas.

Diogo Lopes de Sequeira, descobridor de Malaca e governador da India.

Tristão da Cunha, fidalgo muito valoroso, e embaixador enviado a Roma, como acima se disse.

D Garcia de Noronha, famoso governador da India.

Deram lustre litterario a Portugal n'este reinado, entre outros varões, os seguintes:

Bernardim Ribeiro, que escreveu com boa dicção e suavidade de estylo no genero pastoril.

Garcia de Rezende, que se distinguiu como chronista e como auctor de versos chistosos.

Ayres Barbosa, insigne humanista, que muito contribuiu para o renascimento das letras em toda a Hespanha. Foi mestre dos cardeaes infantes D. Affonso e D. Henrique.

D. JOÃO III

O terceiro João, volvendo a mira, etc. (Cant. III, Est. V.)

D. João III, filho de el-rei D. Manuel e da rainha D. Maria, nasceu em Lisboa em 1502, e foi acclamado em dezembro de 1521.

Este monarcha, se bem que menos instruido que alguns dos reis seus predecessores, deu activo impulso ao estudo das letras, e teve a fortuna de as ver florescer a tal ponto, que ainda hoje o seu reinado é havido como o tempo aureo da lingua e da litteratura portugueza.

Transferiu definitivamente de Lisboa para Coimbra (1537) a universidade, que fôra fundada por el-rei D. Diniz. Dotou-a magnificamente, e com grande dispendio mandou vir de varios paizes os melhores mestres para n'ella professarem differentes disciplinas; e até aos seus dominios da India estendeu a sua solicitude pela instrucção da mocidade. Querendo obstar á reincidencia dos christãos novos no judaismo, e á introducção das novas heresias de Luthero e de Calvino, obteve (1536) o estabelecimento do terrivel tribunal da inquisição em Portugal. Promoveu com o maior empenho a reforma de alguns institutos claustraes em que se havia resfriado o primitivo fervor. Introduziu no reino a ordem dos religiosos, denominados da *Companhia de Jesus,* recentemente fundada por Santo Ignacio de Loyola, e approvada pelo summo pontifice Paulo III; cujos primeiros socios em Portugal foram o padre Simão Rodrigues de Azevedo, e o glorioso apostolo do oriente S. Francisco Xavier. Aos religiosos do mesmo instituto, alguns annos depois, confiou a direcção dos estudos de humanidades, para o que os poz de posse do denominado *collegio das artes;* o que foi visto com desprazer pelos cathedraticos d'aquella academia.

Ponderando que as dioceses de Braga, Lisboa e Guarda eram demasiadamente vastas, alcançou de Roma a erecção de tres novas sés episcopaes, a de Miranda, a de Leiria e a de Portalegre.

Auxiliou com uma armada o imperador Carlos V na expedição

de Tunis (1533), em que tomou parte o infante D. Luiz, com a mais luzida nobreza do reino.

Cuidou seria e perseverantemente na colonisação do Brazil, que dividiu em differentes capitanias, e mandou Thomé de Sousa, governador geral d'aquelle estado, fundar na Bahia a cidadé de S. Salvador, que ficou sendo por muito tempo a capital de todo elle. Sustentou a superioridade e esplendor das armas portuguezas na India, para onde enviou os mais valentes e peritos cabos de guerra, taes como Nuno da Cunha, Martim Affonso de Sousa, Heitor da Silveira, o grande D. João de Castro, etc., os quaes nas Molucas, na Arabia e em muitas partes da India, resistiram aos potentados mahometanos e gentios, e ganharam memoraveis victorias. Ficaram principalmente celebres na historia os dois cercos de Diu, cidade na ilha do mesmo nome, onde Nuno da Cunha levantára uma fortaleza em 1531. Esta fortaleza, cercada duas vezes, por forças formidaveis, foi heroicamente defendida, a primeira vez por Antonio da Silveira (1538); a segunda por D. João de Mascarenhas e por D. João de Castro em 1546.

O desejo que D. João III tivera de dilatar e consolidar mais o poderio portuguez na Asia, foi causa de que attentasse menos pelas conquistas africanas, e por isso largou, logo no principio do seu reinado, a occupação das praças de Alcacer Ceguer, Çafim e Azamor.

O reinado d'este monarcha, já celebre por tantos titulos, foi tambem illustrado por tres faustos acontecimentos; o descobrimento pelos portuguezes da immensa ilha, que depois se chamou *Nova Hollanda* (1525); o do imperio do Japão (1524); e o estabelecimento de uma colonia portugueza em Macau na China, com aprazimento dos chins, cujos portos, infestados pelos piratas, haviam sido defendidos pelos nossos bravos marinheiros (1557).

Falleceu D. João III em Lisboa em 1557, na idade ainda vigorosa de cincoenta e sete annos, tendo reinado mais de um quarto de seculo com grande prosperidade e não menos gloria. Foi casado com D. Catharina, filha de D. Filippe I de Castella. D'esta senhora teve entre outros filhos, o principe D. João, que morreu na flor dos annos, pouco tempo depois do seu consorcio com uma filha do imperador Carlos V, a princeza D. Joanna, de quem nasceu D. Sebastião, que succedeu na corôa.

Immortalisaram-se no reinado de D. João III entre outros os seguintes illustres varões:

O infante D. Luiz, seu irmão, que se distinguiu ao lado do imperador Carlos V, seu cunhado, na tomada de Tunis aos mouros, e que tambem se tornou notavel pelos seus progressos nas mathematicas, sob o magisterio do dr. Pedro Nunes.

Martim Affonso de Sousa, heroe celebre no Brazil e na India.

Nuno da Cunha, famoso governador da India.

Pedro Barreto Rolim, que se assignalou por grandes gentilezas na India.

Lourenço Pires de Tavora, valente capitão e insigne diplomatico.

Antonio de Saldanha, esforçado capitão na Asia e na expedição de Tunis.

D. Manuel de Lima, denodado capitão, que se distinguiu principalmente na praça de Diu.

Heitor da Silveira, expugnador de Baçaim.

Antonio da Silveira, defensor de Diu.

D. João de Mascarenhas, que se immortalisou na defeza da sobredita praça
Antonio Galvão, governador das Molucas.
Jorge Cabral, governador da India.
D. Henrique de Menezes, tambem governador da India.
Lopo Vaz de Sampaio, que submetteu Cambaia e humilhou os reis de Calecut e de Narsinga.
Antonio Correia Baharem, cujo ultimo appellido lhe proveiu de haver rendido o rei da ilha d'este nome, ao qual impoz o pagamento de um tributo em perolas, a maior riqueza d'aquella ilha.
Pedro de Mascarenhas, capitão de Malaca e vencedor de Bintão.
Reinando em Portugal D. João III, celebrou-se na cidade de Trento o penultimo dos concilios geraes que tem havido na igreja, convocado principalmente para condemnar as heresias de Luthero e Calvino, e para reformar os abusos que se haviam introduzido em alguns pontos disciplinares. N'este concilio se distinguiram, pelo seu zêlo e saber, principalmente os seguintes portuguezes :
D. fr. Bartholomeu dos Martyres, arcebispo de Braga, que depois renunciou o arcebispado, e falleceu em Vianna do Castello em um convento de religiosos dominicos, ordem em que fôra professo.
Fr. Jeronymo de Azambuja, religioso dominico, insigne theologo, conhecido, como escriptor latino, pelo nome de *Oleaster*.
Fr. Francisco Foreiro, tambem famoso theologo, da mesma ordem.
Diogo de Paiva de Andrade, famigerado theologo e distincto orador.
Nas letras humanas brilharam, alem de outros :
João de Barros, cognominado o *Tito Livio Portuguez*, historiador justamente afamado.
D. Jeronymo Osorio, que escreveu em latim muito puro e elegante a vida de el-rei D. Manuel, e foi insigne humanista.
Fernão Lopes de Castanheda, historiador do descobrimento e conquista da India.
Gil Vicente, poeta comico, muito festejado na côrte de Portugal, e admirado pelo famoso Erasmo.
Francisco de Sá de Miranda, poeta celebre principalmente pelas suas quintilhas muito conceituosas ; excellente modelo de estylo conciso, e ao mesmo tempo natural e claro.
O dr. Antonio Ferreira, que além de compor outras obras poeticas, recommendaveis por boa dicção e assisadas doutrinas, foi auctor da primeira tragedia portugueza, a *Castro*.
Diogo Bernardes, suavissimo poeta bucolico.
Pedro de Andrade Caminha, poeta bucolico, epistolar e epigrammatico.
Francisco de Moraes, auctor do romance o *Palmeirim de Inglaterra*.
Fernão Alvares do Oriente, auctor da obra, parte em prosa parte em verso, intitulada *Lusitania transformada*.
Jeronymo Côrte Real, auctor de dois poemas, o *Naufragio de Sepulveda* e o *Segundo cerco de Diu*.
Como politico e estadista merece honorifica menção Pedro de Alcaçova Carneiro, habil e integro ministro de D. João III.
Em sanctidade floresceu o philantropo christão S. João de Deus, natural da villa de Montemór o Novo, fundador da ordem dos hospitalarios.

D. SEBASTIÃO

(Sebastião succede em tenra infancia, etc. (Cant. III, Est. XLIV)

D. Sebastião, filho do principe D. João e da princeza D. Joanna, e neto de D. João III, nasceu em Lisboa, em 1554, e tres annos depois herdou a corôa por morte de seu avô. A rainha D. Catharina, viuva do fallecido rei, tomou conta da regencia do reino e da tutoria do menino rei, cuja educação e instrucção foram confiadas a D. Aleixo de Menezes e ao padre Luiz Gonçalves da Camara, religioso da companhia de Jesus. Cinco annos depois (1562), por desistencia da rainha, ficou encarregado da tutela e da regencia o cardeal infante D. Henrique, que exerceu os dois cargos por quasi nove annos. O joven monarcha, que em 1568 assumiu as redeas do governo, era dotado de brios e valor em nada inferiores aos dos maiores heroes. A estas brilhantes qualidades ajuntava o exercicio de todas as virtudes moraes e christãs. Só lhe faltavam docilidade e prudencia. A falta d'estas duas virtudes veiu a ser funesta a elle a toda a nação.

Desde o principio do seu reinado promulgou boas leis e uteis regimentos, e mostrou-se zeloso protector da igreja. Os interesses religiosos lhe mereceram especial cuidado, e por isso ordenou que se désse plena execução a todos os decretos do concilio geral Tridentino, já aceito e mandado publicar durante a regencia do cardeal D. Henrique.

Em quanto o joven soberano entendia com actividade na governação politica do estado, alguns illustres capitães sustentavam a reputação do valor portuguez na Asia, onde D. Constantino de Bragança, D. Francisco Coutinho, conde de Redondo, e D. Luiz de Athaide, conde de Athouguia, successivamente se assignalaram por muitas e grandes façanhas.

El-rei, desejando emular estes seus nobres vassallos, e humilhar o orgulho dos mahometanos, phantasiou a conquista de toda a Barbaria : fez uma rapida excursão ás praias de Tanger, e depois de algumas correrias em que ostentou o seu denodo, voltou promptamente a Lisboa (1574). Passado algum tempo julgou que a Providencia lhe deparava occasião opportuna para realisar o seu projecto de conquista africana. Muley-Hamet, rei de Marrocos, tendo sido desenthronisado por seu tio Muley Maluco, solicitou soccorros do monarcha de Portugal. Prometteu-lh'os o mal avisado soberano e, contra o parecer de seus mais prudentes conselheiros, reuniu para a temeraria expedição cerca de dezoito mil homens, em que entrava um certo numero de estrangeiros, castelhanos, italianos e allemães, e a mais luzida nobreza do reino. Com este exercito, composto de gente valorosa, mas inexperiente pela maior parte, tendo deixado entregue a regencia do reino a cinco governadores, por que o cardeal não a quizera acceitar, saíu do porto de Lisboa em 25 de junho de 1578, e foi desembarcar perto de Tanger. Pouco depois, a 4 de julho, se deu em Alcacer Quibir a infaustissima batalha em que os nossos, depois de haverem derrotado o inimigo no primeiro recontro, opprimidos pela immensa superioridade numerica dos mouros, foram totalmente desbaratados. Muley Maluco morreu durante a batalha ; Muley Hamet pereceu na fuga. O nosso infeliz soberano não foi visto depois da peleja. Passados tres dias, foi reconhecido por alguns fidalgos portuguezes, como sendo de D. Sebastião, um cadaver retalhado de feridas, e

meio corrupto. Assim, em resultado de uma lamentavel temeridade, pereceu na flor dos annos um dos mais esforçados e virtuosos principes de que a historia faz menção. Com elle perderam a vida oito mil christãos, e entre elles mais de cem fidalgos portuguezes.

Em 22 de agosto chegou a Portugal a noticia de tão lastimosa derrota e de tão irreparavel perda. Só passados quatro annos se recebeu em Lisboa, mandado pelo rei de Marrocos, sem preço de resgate, o corpo do infeliz monarcha portuguez, que morreu solteiro, na idade de vinte e quatro annos, victima de um mal regulado zêlo religioso, e de um valor inconsiderado e temerario.

No reinado de el-rei D. Sebastião distinguiram-se pelo seu esforço e por outras qualidades marciaes, muitos illustres cavalleiros, de alguns dos quaes acima se fez menção. Tambem floresceu um não pequeno numero de distinctos escriptores em prosa e em verso. Os nomes de alguns d'elles já foram indicados, como tendo começado a illustrar-se no precedente reinado. Aqui cumpre mencionar os seguintes:

O dr. Pedro Nunes, insigne mathematico, mestre do infante D. Luiz e de D. João de Castro.

Garcia da Horta, medico, auctor de um livro sobre drogas medicinaes e fructos da India, que se imprimiu em Goa, e foi traduzido em latim, hespanhol, italiano, e francez.

André de Gouveia.

Diogo de Gouveia.

Pedro Vaz Castello.

Achilles Estaço, insigne humanista.

Fernão Mendes Pinto, auctor de uma curiosissima obra em que historia as suas peregrinações por muitas e diversas terras orientaes.

Frei Heitor Pinto, monge da ordem de S. Jeronymo, auctor de varias obras latinas, e classico portuguez, que compoz o aureo livro intitulado *Imagem da vida christã.*

Mais porém que todos os sobreditos, deu lustre ao reinado de D. Sebastião (como o dera ao de D. João III e á nação portugueza) o principe dos poetas de toda a Hespanha, Luiz de Camões, cuja epopeia, que intitulou *Os Lusiadas*, em que celebrou o descobrimento da India, por si só, na opinião de um sabio litterato estrangeiro, vale por uma litteratura inteira. Nasceu o immortal cantor de todas as glorias patrias, em Lisboa, no anno de 1524, e falleceu na mesma cidade em junho de 1580.

D. HENRIQUE

Toma Henrique o supremo o regimento, etc. (Cant. III, Est. LVIII)

O cardeal D. Henrique, filho de D. Manuel e da rainha D. Maria, nasceu na cidade de Lisboa em 1512.

Desde os seus primeiros annos, a sua grande piedade o inclinou ao estado ecclesiastico, e no decurso de toda a sua vida correspondeu sempre á sanctidade da sua vocação. Cumpriu com zêlo exemplar as obrigações inherentes ás muitas e elevadas dignidades de que foi revestido, taes como as de inquisidor geral, arcebispo de Braga, Evora e Lisboa, e cardeal da sancta igreja romana.

Na saída de el-rei D. Sebastião para a infausta jornada de Africa, recusára a regencia, como acima fica dito. Recebida em Lisboa a noticia da catastrophe de Alcacer, começou a governar

com o titulo de *Protector*, e seis dias depois (28 de agosto) constando a morte do desafortunado monarcha, foi acclamado rei, tendo sessenta e sete annos de idade. O primeiro cuidado do novo rei foi tratar do resgate do duque de Barcellos e dos outros muitos fidalgos captivos dos mouros em Africa; negociação que foi incumbida a D. Francisco da Costa, o qual a desempenhou com o maior acerto, e veiu a fallecer em Marrocos, no reinado de D. Filippe I.

Entretanto como D. Henrique estava velho, fraco e achacado, e além d'isso a profissão do celibato, inherente ao seu estado ecclesiastico, lhe não permittia procurar ter successão, activos enredos começaram a amargurar-lhe cada vez mais a existencia. Não menos de cinco principes, todos descendentes de el-rei D. Manuel, allegavam ter direito a succeder-lhe na corôa:

1.º D. Filippe II, rei de Hespanha, filho da infanta D. Izabel.

2.º Manuel Felisberto, duque de Saboia, filho da infanta D. Brites.

3.º D. Antonio, prior do Crato, filho (mas illegitimo) do infante D. Luiz.

4.º Rainucio, principe de Parma, filho de D. Maria, filha do infante D. Duarte.

5.º D. Catharina, duqueza de Bragança, filha do mesmo infante D. Duarte.

Além d'estes principes tambem fez opposição a rainha de França, Catharina de Medicis, allegando descender de D. Affonso III e de sua primeira mulher Mathilde, condessa de Bolonha, descendencia que não pôde provar. Esta ultima opposição dava pouco cuidado. O direita de D. Catharina, casada com o duque de Bragança, era manifestamente o melhor, sendo esta senhora, d'entre os descendentes de D. Manuel, a só neta d'aquelle rei, filha de pae e mãe portuguezes, e casada com um senhor portuguez. Tinha porém D. Catharina dois principes antagonistas, um, e o mais temivel pelo seu poder, D. Filippe de Castella; outro, tambem de alguma consideração, por ser varão portuguez e gosar de certa aura popular, o prior do Crato, D. Antonio, que adduzia provas (mas insufficientes) de que sua mãe, D. Violante Gomes, fôra legitimamente casada com seu pae, o infante D. Luiz.

Convocadas por D. Henrique côrtes em Lisboa (1579) n'ellas se propozeram quinze pessoas, a fim de que d'entre ellas el-rei escolhesse cinco para no caso do seu fallecimento governarem o reino, e decidirem quem tinha direito á corôa.

Excluidos, com razões solidas e concludentes, todos os outros pretendentes, só D. Filippe II obstava a uma decisão favoravel á duqueza de Bragança, allegando especiosos argumentos, e empregando ao mesmo tempo meios mais efficazes, intimidação e suborno. O idoso soberano, posto que inclinado a favor de sua sobrinha, D. Catharina (cujo direito foi sustentado pela universidade de Coimbra) não acabava comsigo tomar uma resolução decisiva. N'esta incerteza veiu a fallecer em Almeirim, a 31 de janeiro de 1580, com sessenta e oito annos de idade e dezesete mezes de reinado.

O cardeal D. Henrique concluiu a construcção da torre de S. Julião na foz do Tejo, e mandou restaurar o aqueducto de Evora. Foi munificente protector das letras, principalmente das sagradas, e com mais disvelo antes de empunhar o sceptro, porque depois de acclamado rei, cuidados mais urgentes lhe absorveram a attenção. Edificou em Coimbra o collegio das artes; estabeleceu em Evora um famoso collegio da companhia de Jesus (1555), erecto

em universidade por bulla do papa Paulo IV. Em Braga, de que tambem foi prelado, como fica dito, instituiu uma escola de humanidades, onde floresceram por algum tempo as letras gregas e latinas.

No breve reinado d'este soberano continuaram a distinguir-se na cultura das letras, e lhe sobreviveram, alguns varões doutissimos, entre elles D. frei Thomé de Jesus, da ordem dos eremitas de Sancto Agostinho, auctor da excellente obra ascetica *Os trabalhos de Jesus*, por elle composta durante o seu captiveiro em Africa, tendo caído em poder dos mouros na batalha de Alcacer; e D Antonio Pinheiro, bispo de Leiria, distincto orador, grande parcial de Castella.

Com a morte do cardeal rei acabou a segunda dynastia, chamada *Joannina* ou de *Aviz,* a qual deu oito reis a Portugal.

INTERREGNO

O desditoso rei, afflicto, exhausto, etc. (Cant. III, Est. LXIV)

Por morte do cardeal rei ficaram governando os cinco personagens designados em consequencia da decisão das côrtes de Lisboa de 1579; a saber: o arcebispo de Lisboa, D. Jorge de Almeida, D. Francisco de Sá e Menezes, D. João de Mascarenhas, Diogo Lopes de Sousa e João Telles de Menezes.

O primeiro cuidado dos governadores foi convocar côrtes para Almeirim. El-rei de Castella, apesar de seus bem tramados enredos, receiando uma decisão contraria aos seus interesses, reuniu em Badajoz um exercito, cujo commando confiou ao famoso duque de Alba, D. Fernando Alvares de Toledo, para invadir Portugal. Entretanto D. Antonio foi acclamado rei em Santarem. Passou logo a Lisboa, onde se houve como tal, e por tal foi havido sem opposição. Mandou cunhar moeda com o seu nome, e conseguiu vêr-se reconhecido por algumas villas do reino. Os governadores, havendo-se retirado de Almeirim para Setubal, e depois para S. Lucar, declararam rei a D. Filippe II, por alvará datado de Badajoz em 7 de agosto (1580).

D. Filippe, sabendo o que se passava em Lisboa, ordenou ao duque de Alba, que entrasse com suas tropas em Portugal. O duque, adiantando-se até perto de Lisboa, acampou fóra da porta de Alcantara. Ali o esperava denodadamente D. Antonio com um troço de gente mal armada e pouco disciplinada. Em 26 de agosto travou-se a peleja, cujo resultado não podia ser duvidoso. O prior do Crato, vendo desbaratada a sua gente, fugiu; e depois de andar algum tempo profugo e disfarçado, refugiou-se em França, d'onde passou ás ilhas dos Açores, que reconheciam a sua auctoridade.

O duque de Alba entrou victorioso em Lisboa, onde, presidiado o castello com tres mil castelhanos, foi acclamado rei D. Filippe II, que em Portugal se ficou chamando Filippe I.

D. FILIPPE I

Tres Filippes em ordem successiva, etc. (Cant. III, Est. LXIX.)

D. Filippe, logo depois de submettido o reino de Portugal, convocou côrtes em Thomar (1581) onde foi jurado rei. e onde prestou

juramento de governar o reino, segundo suas leis e costumes. Vindo depois a Lisboa, foi recebido n'esta capital com sumptuosos festejos. Procurou ganhar o affecto dos portuguezes, fazendo grandes mercês a muitos, e tratando todos com grande affabilidade. Entretanto o prior do Crato, com alguns auxilios da França, defendia a propria causa nos Açores. Mas, expulso da ilha de S. Miguel pelas forças castelhanas, commandadas pelo marquez de Sancta Cruz, não teve melhor fortuna na tentativa que depois fez (1585) desembarcando na Ericeira e em Peniche com doze mil inglezes, que a rainha da Grã-Bretanha, Izabel, pozera á sua disposição, para com elles guerrear a D. Filippe de Castella. Este monarcha, bem succedido em repellir esta invasão, experimentou depois um grande revez, perdendo, em parte pelo furor da tempestade, em parte pelo valor e pericia do almirante britannico Drake, a poderosa armada, jactanciosamente denominada *invencivel*, que destinára a conquistar a Inglaterra, e que havia saído do porto de Lisboa (1588).

No reinado de D. Filippe I. os portuguezes, sob o commando de habeis capitães, sustentaram na Africa e na Asia o credito das armas nacionaes.

Falleceu este poderoso monarcha em 1598. Tinha nascido em Valladolid em 1527. Governou Portugal dezoito annos.

D. FILIPPE II

Por morte de Filippe I succedeu-lhe seu filho D. Filippe II, tendo de idade vinte annos.

No reinado d'este soberano foi publicada em Portugal (1603) a reforma das *ordenações* do reino, a que D. Filippe I, pouco tempo depois de se assenhorear de Portugal, havia mandado proceder; reforma a que deu o seu nome. D. Filippe II, dois annos antes do seu fallecimento, veiu a Lisboa para fazer jurar seu filho D. Filippe, como seu successor, e foi recebido n'esta capital com a maior pompa e solemnidade. Nos principios do seu reinado, os portuguezes haviam conservado o antigo brilho militar na Africa e na Asia: todavia os hollandezes começaram a hostilisar as nossas possessões no Brazil, e pouco depois, as da Asia principiaram a sentir os effeitos da decadente situação de seus antigos dominadores.

Morreu D. Filippe II em Madrid em 1621, com quarenta e um annos de idade e vinte e um de reinado.

D. FILIPPE III

D. Filippe III succedeu na corôa em 1621, tendo dezeseis annos de idade.

Nos começos do seu reinado fez surgir a esperança de um bom governo; porém bem depressa, guiando-se em tudo pelos conselhos do conde duque de Olivares, seu primeiro ministro, tratou os portuguezes com a maior altivez e injustiça. Vexou-os com exacções fiscaes, e conculcou todas as franquezas e privilegios concedidos ou confirmados ao reino em 1580. Em poucos annos Portugal, principalmente em consequencia do desamparo em que o governo o deixava, perdeu uma grande parte das suas possessões na Asia e no Brazil. Em estado tão deploravel se achavam os portuguezes quando a revolução de Catalunha contra o dominio de Castella

veiu offerecer-lhes favoravel occasião para sacudirem o aborrecido jugo estrangeiro. O duque de Bragança D. João, neto e representante de D. Catharina, era o legitimo herdeiro da corôa de Portugal. Para este principe, como para seu futuro rei e libertador, se voltavam os olhos de milhares e milhares de cidadãos de todas as classes. Quarenta fidalgos, entre elles João Sanches de Baena, delinearam o plano da desejada revolução.

Alcançada, não sem difficuldade, a annuencia do duque D. João, que estava na sua residencia de Villa Viçosa, levantaram aquelles briosos cavalleiros o brado da independencia e da legitimidade em Lisboa, na manhã do sempre memoravel dia 1 de dezembro de 1640.

Os moradores da capital repetiram com o maior enthusiasmo o grito do patriotismo e da liberdade; e dentro em poucas horas o duque de Bragança estava acclamado rei; a duqueza de Mantua, governadora do reino por Castella, fôra despojada de toda a auctoridade, e o seu secretario, Miguel de Vasconcellos, instrumento da intoleravel oppressão sob a qual gemiam os portuguezes, havia sido descoberto, apunhalado, e o seu cadaver arrastado pelas ruas da capital. A revolução com incrivel rapidez se generalisou por todo o reino.

Durante a intrusa dominação dos Filippes se assignalaram em valor militar alguns illustres cabos de guerra, e entre elles: André Furtado de Mendonça, cognominado o *grande capitão*, vencedor do rei de Jafanapatam, e que desbaratou mais de uma vez os hollandezes, descercou Malaca, e aprisionou e puniu com extremo supplicio o pirata Cunhales, terror dos mares do oriente.

Nuno Alvares Botelho, capitão mór do mar de Malaca, que morreu heroicamente, pelejando com os hollandezes em uma batalha naval.

Salvador Ribeiro de Sousa, que obrou maravilhosas façanhas no Pegú, e que pacificando aquelle reino, recusou o throno que lhe era offerecido pelos seus principes e magnates.

Nas letras floresceram, além de outros, os seguintes escriptores:

D. frei Amador Arraes, carmelita, bispo de Portalegre, auctor de dialogos doutrinaes escriptos em optima linguagem.

Frei Luiz de Sousa, dominico, que escreveu com dicção pura e suavissimo estylo, entre outras obras, a vida do arcebispo de Braga, D. frei Bartholomeu dos Martyres.

Gabriel Pereira de Castro, auctor de obras juridicas e de um poema epico, intitulado *Ulyssea* ou *Lisboa edificada*.

Francisco Rodrigues Lobo, elegante prosador, e famoso poeta no genero pastoril, mas pouco feliz no epico.

Vasco Mauzinho de Quevedo, auctor do poema, intitulado *Affonso Africano*, o melhor dos poemas epicos portuguezes, abaixo dos *Lusiadas*.

Frei Bernardo de Brito, e frei Antonio Brandão, monges de S. Bernardo, o primeiro dos quaes escreveu a primeira e segunda parte da obra historica intitulada *Monarchia Lusitana*, e o segundo as partes terceira e quarta da mesma importante obra.

Duarte Nunes de Leão, chronista e philologo.

Manuel de Faria e Sousa, que escreveu em castelhano a *Europa, Asia e Africa portuguezas*, commentou na mesma lingua as obras de Luiz de Camões, e compoz muitas poesias em ambas as linguas, castelhana e portugueza.

Diogo do Couto, que continuou as decadas de João de Barros.

O padre João de Lucena, jesuita, que escreveu em purissima linguagum a *Vida de S. Francisco Xavier.*

D. JOÃO IV

Viva o quarto João, do throno herdeiro, etc. (Cant. IV, Est. I.)

O oitavo duque de Bragança, D. João, acclamado rei de Portugal em Lisboa no 1.º de dezembro de 1640, como acima se referiu, e successivamente em todo o reino e seus dominios de Africa, Asia e America, tinha nascido em Villa Viçosa em 1604, e em 1633 se havia desposado com D. Luiza Francisca de Gusmão, filha dos duques de Medina Sidonia. Esta senhora, dotada de animo varonil e de grande siso, não concorreu pouco para a exaltação de seu augusto esposo ao throno de seus maiores, persuadindo-o a aceitar as propostas de João Pinto Ribeiro e dos outros conjurados.

O novo rei, tendo saído de Villa Viçosa em 3 de dezembro, fez no dia 6 a sua entrada em Lisboa, onde foi recebido com grande enthusiasmo, e em 28 de janeiro do anno seguinte (1641) viu reunidas em Lisboa as côrtes que havia convocado. N'ellas foram authentica e solemnemente reconhecidos os seus direitos á corôa, e se tomaram acertadas providencias para a defeza e segurança do reino.

Pouco tempo depois da sua acclamação, foi descoberta e punida uma conspiração tendente a entregar o reino ao poder dos castelhanos, tramada pelo duque de Caminha, pelo marquez de Villa Real, pelo conde de Armamar, pelo arcebispo de Braga D. Sebastião de Mattos, e por Agostinho Manuel de Vasconcellos

O monarcha, recentemente acclamado, não fiou a consolidação do seu throno e da independencia nacional tão sómente dos apparelhos bellicos, empregou tambem os recursos da politica. Mandou embaixadores a França, Inglaterra, Suecia e Hollanda.

Em 1643 começaram abertas hostilidades entre Portugal e Castella. Dos muitos feitos de armas que então houve entre portuguezes e hespanhoes, o mais celebre foi a batalha de Montijo, em que Mathias de Albuquerque e D. João da Costa desbarataram as forças castelhanas commandadas pelo barão de Molingen, general da Extremadura hespanhola, que no principio da peleja levara a melhor, tomando a artilheria ás tropas portuguezas.

Rompera de novo a guerra entre Portugal e a Hollanda, terminadas as tregoas que se haviam estipulado. Na Africa, e mais ainda no Brazil, obtivemos grandes vantagens. Francisco Barreto de Menezes, João Fernandes Vieira, André Vidigal e Henrique Camarão, cobriram-se de gloria na capitania de Pernambuco, onde os portuguezes ganharam as duas memoraveis victorias dos Gararapes. Salvador Correia de Sá expulsou os hollandezes de Angola e de Cabo Verde. D. João IV não só tomou as mais acertadas providencias para a defeza do reino e para a recuperação de alguns de seus dominios ultramarinos, de que os hollandezes se haviam apoderado durante o intruso governo castelhano, mas tambem attentou pela boa administração interior, com zêlo activo e illustrado. Revalidou as ordenações publicadas por D. Filippe II. Erigiu novos tribunaes, taes como o Conselho de guerra, a Junta dos tres estados e o Conselho ultramarino.

Animado de sincera e fervorosa piedade, tomou nas côrtes de Lisboa de 1646, por padroeira do reino, a Virgem Sanctissima da Conceição, de cujo mysterio foi summamente devoto.

Experimentou o grande desgosto de vêr preso em Allemanha, entregue a Castella, e encerrado no castello de Milão, o infante D. Duarte, seu irmão, que se achava ao serviço do imperio com o posto de general, quando se effectuou a restauração de Portugal. Quasi nos ultimos tempos do seu reinado (1650) mostrou a magnanimidade do seu destemido coração, dando asylo no Tejo aos dois principes palatinos, Mauricio e Roberto, perseguidos pela esquadra dos parlamentarios inglezes, que haviam levado ao cadafalso o desgraçado rei Carlos I. Nem as ameaças do governo republicano de Inglaterra, nem os argumentos especiosos de alguns de seus proprios conselheiros, conseguiram demove-lo do proposito de proteger, como protegeu, a saída dos dois principes, a qual elles effectuaram com felicidade, através de muitos perigos.

Se bem que envolvido na terrivel guerra para a defensão da sua corôa, não deixou de mandar (1645) uma esquadra de sete naus em auxilio da França, no assedio de Porto Longone.

Falleceu este excellente soberano em Lisboa, em 6 de novembro de 1656.

Teve da rainha sua esposa, D. Luiza Francisca de Gusmão, além do principe D. Theodosio, mancebo de grandes esperanças, que falleceu na idade de dezenove annos, D. Affonso e D. Pedro, que vieram a reinar, e a infanta D. Catharina, que casou com Carlos II, rei da Grã-Bretanha.

Distinguiram-se nas armas, durante o reinado do rei *restaurador*, além dos bravos militares acima mencionados, Antonio Moniz Barreto e Antonio Teixeira de Mello, restauradores do Maranhão contra os hollandezes; Martim Affonso de Mello, que commandou a enterpreza de Valverde; André de Albuquerque, general de cavallaria; Salvador Correia de Sá, que submetteu o rei do Congo e expulsou de Angola os hollandezes.

Não devem aqui ficar no esquecimento os nomes de duas damas, verdadeiras heroinas em valor e patriotismo, D. Marianna de Lencastre e D. Filippa de Vilhena, que na manhã do fausto dia 1.º de dezembro armaram seus filhos, e os exhortaram a pelejar denodadamente, e a morrer, se fosse necessario, na defeza da patria e do rei que íam acclamar.

Nas letras se abalizaram principalmente os seguintes varões:

João Pinto Ribeiro, sabio jurisconsulto, que muito contribuiu para a acclamação do duque, seu amo.

O padre Antonio Vieira, jesuita, grande orador, cujas obras são um riquissimo thesouro de dicções e phrases puras e elegantes.

D. Francisco Manuel de Mello, poeta e prosador muito erudito e conceituoso.

Jacinto Freire de Andrade, elegante biographo do heroe D. João de Castro.

Francisco de Sá e Menezes, auctor do poema epico *Malaca Conquistada.*

O padre Jorge Cardoso, auctor do *Agiologio Lusitano* ou *diccionario da vida dos sanctos portuguezes.*

D. AFFONSO VI

Ao rei restaurador um rei succede, etc. (Cant. IV, Est. XXVII)

A prematura morte do esperançoso principe D. Theodosio (1653) deixára herdeiro da corôa o infante D. Affonso, nascido em 21 de agosto de 1643, o qual subiu ao throno em 6 de novembro de 1656. Na sua infancia padecera um accidente de paralysia, que lhe debilitou para toda a vida as forças do corpo e as faculdades da alma.

Como não tinha mais de treze annos quando veiu a cingir a corôa, ficou entregue á tutoria de sua mãe, a rainha D. Luiza, tambem nomeada governadora do reino pelo seu finado marido. O governo da rainha foi tal como se podia esperar da sua consummada prudencia, e durou até ao anno de 1662. Então assumiu D. Affonso o exercicio do poder real, havendo completado dezenove annos. Tendo aproveitado pouco, ou nada, da educação cujos meios sua mãe lhe subministrára, não se houve com o decoro proprio da magestade. Desterrado para o Brazil Antonio Conti, obscuro individuo, que fôra o principal motor de seus lamentaveis desvios, o fraco soberano deixou-se dominar quasi exclusivamente por seus dois privados, o conde de Athouguia, Sebastião Cesar de Menezes, e o conde de Castello Melhor, Luiz de Sousa e Vasconcellos. Ao menos a confiança que D. Affonso depositava n'este ultimo fidalgo, era bem justificada. As vantagens militares alcançadas, em parte, durante a administração d'este activo ministro, foram taes, que grangearam a D. Affonso VI o cognonome de *Victorioso*. Com effeito, quatro grandes batalhas se deram entre os exercitos de Portugal e os de Castella no reinado d'este soberano, e em todas ellas decisiva victoria coroou os esforços dos nossos valentes.

Em 14 de janeiro de 1659 o conde de Cantanhede, depois marquez de Marialva, D. Antonio Luiz de Menezes, derrotou nas linhas de Elvas o exercito hespanhol do mando de D. Luiz de Haro. Foi peleja rijamente ferida, e em que cahiu morto o valoroso general André de Albuquerque.

Em 8 de junho de 1663 o conde de Villa Flôr, D. Sancho Manuel, desbaratou no sitio do Ameixial o celebre general D. João d'Austria.

Em 7 de julho de 1664, Pedro Jacques de Magalhães ganhou ao duque de Ossuna a batalha de Castello Rodrigo.

Finalmente, em 17 de julho de 1665, o marquez de Marialva e o conde de Schomberg ganharam a grande victoria de Montes Claros, sendo general dos castelhanos o marquez de Caracena. Esta batalha, em que ficaram prisioneiros seis mil homens do inimigo, acabou de decidir a favor de Portugal a lucta que durava passante de vinte e cinco annos. Para o triumpho definitivo da causa nacional tambem concorreram os tratados concluidos com varias potencias, principalmente com a França. A alliança intima de Portugal com a Grã-Bretanha foi cimentada pelo casamento da infanta D. Catharina com el-rei Carlos II, cedendo-se por aquella occasião aos inglezes a praça de Tanger na Africa e a cidade de Bombaim na India.

D. Affonso VI tinha-se desposado em 1666 com a filha do duque de Nemours, D. Maria Francisca Izabel de Saboya. Este enlace, porém, não foi venturoso. Pouco mais de um anno depois de effectuado, a rainha se recolheu ao convento da Esperança. O ma-

trimonio foi julgado nullo por uma junta de theologos e canonistas. O infeliz monarcha, em resultado de uma conspiração palaciana, a cuja frente estava o infante D. Pedro, seu irmão, foi despojado do exercicio da soberania, como incapaz de exercer as funcções a ella inherentes. Privado da sua liberdade, mandado (1669) para o castello de Angra, voltou dos Açores passados seis annos, e veiu a fallecer repentinamente, recluso no paço de Cintra, em 12 de setembro de 1683, tendo quarenta annos de idade.

Reinou vinte e sete annos, dos quaes só cinco com o nominal exercicio da realeza.

Immortalisaram-se pelo valor marcial, durante o reinado de D. Affonso VI, além dos caudilhos acima mencionados, Joanne Mendes de Vasconcellos, igualmente distincto na Bahia, onde foi o primeiro acclamador da independendia nacional, e depois nas campanhas do Alemtejo; e Diniz de Mello e Castro, primeiro conde das Galveias, que dizem ter entrado em mais de cem combates, sem jámais ter levado a peior.

REGENCIA DO INFANTE D. PEDRO

O infante D. Pedro (que havia nascido em Lisboa a 26 de abril de 1648), deposto e preso seu irmão D. Affonso VI, em 1667, como acima se disse, ficou governando o reino com o titulo de principe regente. Como tal, e como herdeiro da corôa, foi reconhecido e jurado pelos tres Estados reunidos em côrtes na capital, no mez de janeiro do anno seguinte. No mesmo anno (1668) se concluiu felizmente a guerra entre Portugal e Castella, reconhecendo esta potencia a soberania da augusta casa de Bragança e a plena independencia de Portugal.

Proferida em Lisboa, pelo tribunal competente, a sentença que declarava nullo o casamento de D Affonso VI com a princeza D. Maria Francisca Izabel de Saboya, e alcançado breve do papa Clemente XI o principe regente se desposara com a mesma senhora em 2 de abril de 1668.

D. PEDRO II

Pedro segundo á lucta gloriosa, etc. (Cant. IV, Est. XL)

Por morte de D. Affonso VI, em 12 de setembro de 1683, o principe regente tomou o titulo de rei, que de direito lhe pertencia. O seu consorcio com a senhora D. Maria Francisca Izabel de Saboya, fora em breve dissolvido pelo fallecimento d'esta princeza, acontecido no mesmo anno, em 27 de dezembro. Do referido matrimonio não houvera outro fructo mais do que uma princeza, a senhora D. Izabel.

Desejando o viuvo monarcha ter um filho varão para lhe succeder no throno, passou a segundas nupcias, casando (1687) com a princeza palatina, D. Maria Sophia Izabel de Neuburgo, da qual houve numerosa descendencia.

Duas vezes em 1683 auxiliou o nosso soberano ao de Hespanha D. Carlos II contra os mouros; uma vez, mandando a Orão uma esquadra commandada por Pedro Jacques de Magalhães; outra vez, reforçando a guarnição de Ceuta com algumas tropas ás ordens de D. Pedro Mascarenhas Barreto.

A morte de D. Carlos II, em 1700, veiu envolver grande parte da Europa, inclusivamente Portugal, n'uma porfiada lucta ácerca da successão áquella corôa. Dois eram os pretendentes: o duque de Anjou, neto de el-rei de França Luiz XIV, e o archiduque Carlos de Austria. O duque de Anjou, nomeado successor em primeiro logar no testamento de el-rei D. Carlos, foi acclamado em Madrid com o nome de Filippe V (1700), e Portugal o reconheceu como tal. Todavia, variando a politica européa, D. Pedro II entrou na alliança da Inglaterra, Allemanha, Hollanda e Suecia, a favor do archiduque Carlos (1703).

As primeiras campanhas da guerra que se seguiu foram em quasi tudo favoraveis á causa do archiduque que, obtidas grandes vantagens, rendidas muitas praças pelas tropas portuguezas sob o commando do marquez das Minas, se viu acclamado rei em Madrid, em julho de 1706. Infelizmente, porém, as nossas tropas não se poderam sustentar na capital, e d'ella se retiraram para Valencia, onde se reuniram com as outras forças do archiduque. No mesmo anno de 1706, em 9 de dezembro, falleceu D. Pedro II, na sua quinta de Alcantara, perto de Lisboa, tendo cincoenta e oito annos de idade. Governou trinta e oito annos, dezeseis como regente, e vinte e dois como rei.

Além do principe D. João, que lhe succedeu no throno, e de outros filhos, havidos do segundo matrimonio, tivera do primeiro matrimonio, como já se disse, a princeza D. Izabel, que, sendo herdeira da corôa, esteve contratada a casar com o duque de Saboya, e falleceu em 1669.

Reinando em Portugal D. Pedro II, ganhou a palma do martyrio em Urgur, no Malabar, o padre João de Brito, da companhia de Jesus, natural de Lisboa, beatificado em nossos dias pelo sancto padre Pio IX, no anno de 1852.

Distinguiram-se pelo valor militar, principalmente, os seguintes caudilhos:

O marquez das Minas, D. João de Sousa.

D. Francisco de Lencastre, que foi morto no assalto de Valença, sendo o primeiro que subíra ao alto de seus muros.

D. João de Athaide.

Floresceram tambem n'este reinado, juntamente por virtudes e letras, alguns varões dignos de especial memoria, taes como:

O veneravel padre Bartholomeu do Quental, fundador da congregação do oratorio em Portugal.

O padre Manuel Bernardes, membro e lustre da mesma congregação.

Frei Antonio das Chagas, religioso franciscano, e fundador dos conventos de Varatojo e de Brancanes.

Do padre Antonio Vieira já se fez lembrança em outro logar.

Merecem tambem ser mencionados com louvor, como sabios escriptores:

D. Fernando de Menezes, segundo conde da Ericeira, distincto historiador.

D. Luiz de Menezes, terceiro conde da Ericeira, auctor da historia da restauração do reino, intitulada *Portugal Restaurado*.

Antonio de Sousa de Macedo, prosador elegante, philosopho e politico.

Duarte Ribeiro de Macedo, estadista e escriptor conceituoso.

Frei Francisco de Sancto Agostinho de Macedo, humanista e sabio consummado, que nas conclusões que por oito dias sustentou

em Veneza, no anno de 1667, deixou todos maravilhados do seu engenho e pasmosa erudição.

D. JOÃO V

Eis o quinto João o sceptro empunha, (Cant. v, Est. ii.)

D. João V, filho de el-rei D. Pedro II, e da rainha D. Maria Sophia Izabel de Neuburgo, nasceu em Lisboa aos 22 de outubro de 1689, e assim tinha dezesete annos de idade quando, em dezembro de 1706, succedeu ao seu augusto pae.

Logo depois da sua acclamação (acontecida no 1.º de janeiro de 1707) ratificou a alliança a favor do archiduque de Austria, Carlos III, contra Filippe V, e a ella se conservou fiel, sem embargo dos grandes revezes experimentados por aquelle principe. Duas vezes foram batidas as nossas tropas: perto de Almansa, na Castella Nova, e junto ao Caya. Em compensação d'estes dezares, o exercito do archiduque, em grande parte formado de tropas portuguezas, alcançou duas brilhantes victorias, a de Almenara e a de Saragoça. Consequencia d'esta ultima foi a entrada dos alliados em Madrid, onde Carlos III foi novamente acclamado, mas onde tambem não pôde conservar-se por muito tempo. Bem depressa a perda da batalha de Villa Viçosa foi um golpe terrivel para o principe nosso alliado. Subindo elle pouco depois ao throno imperial da Allemanha, as potencias que favoreciam as suas pretensões á corôa de Hespanha, deixaram de o auxiliar. Reuniu-se (1713) um congresso em Utrecht. Filippe V foi reconhecido como rei de Hespanha. O imperador Carlos ficou com os Paizes Baixos, Napoles e Milão.

Pelo que nos diz respeito, celebrou-se na mesma cidade de Utrecht um tratado de paz entre Portugal e Hespanha, ficando a nossa patria (como era natural, attento o exito da guerra) sem as compensações e vantagens que haveria obtido se tivesse triumphado o principe cuja causa sustentára. No começo da guerra se concluíra entre Portugal e a Grã-Bretanha o celebre tratado chamado de *Methuen,* em virtude do qual se admittiram no reino os lanificios inglezes.

Pouco tempo depois da paz do Utrecht, teve el-rei D. João V uma importante occasião de fazer um assignalado serviço ao papa Clemente XI, ou antes á Italia, ameaçada pelos turcos, que tendo-se assenhoreado da Morêa, parecia quererem accommetter a ilha de Corfú.

Uma esquadra portugueza, ás ordens do conde do Rio Grande, Lopo Furtado de Mendonça, foi em soccorro dos venezianos; mas recolheu-se ao Tejo sem pelejar, porque os turcos se haviam retirado, sem esperarem o combate (1716). No anno seguinte, a mesma esquadra, novamente expedida, contribuiu muito poderosamente para a victoria naval de Matapan, em que os turcos foram completamente derrotados.

Os acontecimentos dos ultimos trinta annos do reinado de D. João V, cifram-se na erecção de monumentos, principalmente sagrados, em fundações piedosas, e em protecção concedida com esplendida liberalidade ás letras e ás artes. A munificencia d'este monarcha brilhou mais que tudo na construcção do sumptuoso edificio de Mafra (começado em 1717), na obra colossal do aqueducto das aguas livres (1738), e na primorosa e riquissima ca-

pella de S. João Baptista, que se admira na egreja de S. Roque em Lisboa.

Zelozissimo em promover o esplendor do culto divino, impetrou de Roma que a Sé de Lisboa fosse elevada á sublime categoria de Sé patriarchal, cujo prelado fosse sempre condecorado com a purpura cardinalicia. Dotou riquissimamente a nova Sé patriarchal; e alcançou a creação de tres novas dioceses no Brazil: as do Pará, S. Paulo e Marianna.

Fundou, além de outras casas religiosas, a igreja e hospicio de Nossa Senhora das Necessidades, e reedificou o hospital das Caldas da Rainha.

Para patrocinar os doutos e animar o adiantamento das letras, instituiu a academia de historia portugueza (1720) e o seminario patriarchal, depois transferido para Santarem, e doou á academia dos arcades de Roma um edificio para n'elle mais commodamente celebrarem as suas sessões. Creou tres cadeiras de direito civil na universidade de Evora, e ordenou que se instituissem escolas militares para o estudo das mathematicas. Tambem protegeu a industria, mandando estabelecer fabricas de sedas, de vidros e outras.

Tendo chegado á idade de cincoenta e tres annos no constante goso de perfeita saude, foi então accommettido de uma paralysia que o inhabilitou de andar; enfermidade que supportou com exemplar resignação, até que falleceu em Lisboa a 31 de julho de 1750, tendo vivido sessenta e um annos e reinado quarenta e quatro.

O summo pontifice Benedicto XIV, em consideração da piedade d'este monarcha, da sua devoção á sé apostolica, e do seu zelo pela diffusão e esplendor do culto divino, lhe havia concedido em 1749 o titulo de *Fidelissimo,* que seria transmittido, como o está sendo, aos seus successores.

D. João V havia-se desposado em outubro de 1708 com D. Maria Anna de Austria, filha do imperador Leopoldo I. D'este consorcio nasceram, além de outros, os seguintes filhos:

O principe D. José, seu successor.

O infante D. Pedro, grão prior do Crato, que veiu a ter o titulo de rei, por haver casado em 1760 com sua sobrinha a princeza D. Maria, que succedeu na corôa a el-rei D. José, seu augusto pae.

Sob os auspicios de um monarcha tão amante das letras, floresceram não poucos eruditos e distinctos escriptores. Mencionaremos os mais celebres.

Francisco Leitão Ferreira, Jeronymo Contador de Argote, e os tres irmãos Machados, Diogo, Ignacio e José. Todos estes cinco foram socios da real academia de historia, e auctores de importantes obras. D. Antonio Caetano de Sousa, socio da mesma academia e auctor da *Historia genealogica da casa real portugueza.*

D. Francisco Xavier de Menezes, quarto conde da Ericeira, douto e fecundo polygrapho, epico de terceira ordem, auctor do poema *A Henriqueida.*

O padre Antonio dos Reis, da congregação do oratorio, epigrammatista latino, e collector dos principaes poemas escriptos na mesma lingua latina por auctores portuguezes.

Francisco Vieira, cognominado o *Lusitano,* insigne pintor que tambem se exercitou na poesia, e publicou uma obra em verso que intitulou: *Pintor insigne e leal esposo.*

D. JOSÉ I

Sobe José primeiro ao throno augusto, etc. (Cant. v, Est. xii.)

D. José I, filho de el-rei D. João V, e da rainha D. Maria Anna de Austria, succedeu na corôa tendo trinta e seis annos de idade, pois havia nascido em Lisboa, a 6 de junho de 1714. Foi acclamado em 7 de agosto de 1750.

O principal acto, propria e directamente emanado da vontade d'este soberano, foi a escolha que fez do grande estadista, Sebastião José de Carvalho e Mello, para seu ministro. N'elle depositou a sua plena confiança, regulando-se pelos seus conselhos em todas as resoluções.

O reinado de D. José é notavel na historia da nossa patria, principalmente por quatro grandes acontecimentos:

A reedificação de Lisboa depois do terrivel terremoto, que no primeiro de novembro de 1755 a reduzira a um montão de ruinas. O attentado contra a vida do mesmo senhor em 3 de setembro de 1758, no campo entre as reaes quintas de Belem e Ajuda, onde hoje vemos um formoso templo consagrado á Virgem do Livramento, em memoria do que ali havia succedido. A expulsão dos jesuitas de Portugal, e de todos os dominios portuguezes. As reformas litterarias e administrativas, delineadas e postas em execução pelo famoso estadista Carvalho e Mello.

Para minorar os males da terrivel catastrophe do 1.º de novembro, desenvolveu o grande ministro admiravel actividade e energia, tomando as mais promptas e acertadas providencias. Nos supplicios infligidos aos réus sentenciados como auctores do acommettimento nocturno em que fôra ferido o soberano, não é possivel deixar de lamentar um requinte atroz de severidade. Depois de barbaras torturas, expiraram em um cadafalso, levantado no largo de Belem, o duque de Aveiro, o marquez de Tavora, o conde de Athouguia e outros fidalgos e alguns plebeus, pelo crime de tentativa de regicidio que lhes foi attribuido. A marqueza de Tavora, condemnada como cumplice do mesmo delicto, foi decapitada.

Pouco depois d'estas horriveis execuções capitaes (1759) foram expulsos de Portugal e de seus dominios os religiosos da companhia de Jesus; ordem que veiu a ser extincta alguns annos depois, a instancias de varias côrtes, e entre ellas da de Lisboa, pelo papa Clemente XIV (1773). Os bens confiscados aos jesuitas, foram em grande parte applicados a usos pios ou de publica utilidade; taes como hospitaes, collegios, recolhimentos.

El-rei D. José soube galardoar condignamente o merecimento e serviços do seu primeiro ministro, Sebastião José de Carvalho e Mello, elevando-o ás maiores dignidades. Em 1759 o fez grande de Portugal, conde de Oeiras, e em 1770 lhe conferiu o titulo de marquez de Pombal. Em 1772 o enviou a Coimbra, como seu logar-tenente, para pôr em execução os novos estatutos que decretára para a universidade; estatutos organisados pela *Junta da Providencia Litteraria*, pouco tempo antes creada para a reforma dos estudos em todo o reino.

Não cabe aqui nem a simples enumeração de todos os serviços que o marquez de Pombal fez á patria nos ramos de administração e como fautor das letras. Bastará indicar o estabelecimento de deposito publico em Lisboa; a reforma da Junta do commercio; instituição da Companhia geral das vinhas do Alto Douro; a

creação do Erario regio; a abolição da escravatura em Portugal; a fundação do real Collegio de nobres e a da aula do commercio; e a creação de um grande numero de cadeiras de humanidades.

A paz de que Portugal gosava desde 1713 foi interrompida em 1762, ainda que, felizmente, por pouco tempo. Tendo o nosso governo resolvido conservar-se neutral na guerra que rebentára entre Hespanha e Inglaterra, em consequencia do celebre *pacto de familia*, [1] um exercito hespanhol invadiu a provincia de Traz os Montes, e se assenhoreou de algumas praças. Entretanto chegou a Lisboa o conde de Lippe, principe allemão, que fôra convidado a dirigir as operações das nossas tropas, com o posto de marechal general. Organisado e bem disciplinado o exercito portuguez, em breve os hespanhoes se retiraram e se fez a paz (1763).

Com a côrte de Roma tinha havido um rompimento em 1760, originado de não ter o nuncio posto luminarias nas noites de festejo pelos desposorios da princeza do Brazil, filha e herdeira de el-rei, com o infante D. Pedro, tio da mesma augusta senhora. Dez annos depois, compostas todas as dissidencias, restabeleceram-se as antigas relações entre as duas côrtes, governando a igreja o papa Clemente XIV. D'este pontifice impetrou el-rei D. José a creação de cinco novas dioceses: Penafiel, Beja, Castello Branco, Pinhel e Aveiro.

Reedificada em grande parte a cidade de Lisboa, que pelo terremoto e subsequente incendio, ficára quasi reduzida a ruinas, quiz o marquez de Pombal orna-la com um grandioso monumento, que fosse perenne testemunho do affecto, reverencia e gratidão dos moradores d'ella ao seu soberano. No dia 6 de junho de 1775, anniversario natalicio de Sua Magestade, se inaugurou com faustosissima pompa a estatua equestre do mesmo senhor, admirada por nacionaes e estrangeiros, na praça do Commercio.

Falleceu el-rei D. José em Lisboa, aos 24 de fevereiro de 1777, tendo sessenta e quatro annos de idade e vinte e sete de reinado,

Foi casado com D. Marianna Victoria, filha dos reis catholicos. com a qual se desposára, sendo principe do Brazil, em 1728.

D'este consorcio nasceram, entre outras filhas, a princeza D. Maria Francisca, que lhe succedeu; e a infanta D. Maria Francisca Benedicta, que tendo nascido em 1746, casou em 1778 com seu sobrinho o principe D. José, de quem ficou viuva em 1788, e falleceu em 1829. Esta senhora fundou no sitio de Runa um hospital para militares invalidos. Foi dotada de muita discrição e de grandes virtudes.

Merece aqui ter logar, ao lado do famoso ministro marquez de Pombal, de que acima se fez mais larga menção, o distincto jurisconsulto dr. José de Seabra da Silva, que foi secretario dos negocios do reino no ministerio do marquez, a quem prestou sabia e activa coadjuvação. Foi por duas vezes victima de lamentaveis enredos: da primeira, no reinado de D. José, foi exautorado e degradado para o presidio das Pedras Negras; da segunda, na regencia do principe D. João, a quem tambem prestou grandes serviços como ministro, foi, além de demittido, desterrado para longe de Lisboa.

[1] Deu-se este nome ao tratado celebrado em agosto de 1761, entre os reis de França, Hespanha, das Duas Sicilias e o duque de Parma. Chamou-se assim, porque todos os soberanos contratantes pertenciam á mesma familia, a de Bourbon. Tinha por fim obstar á preponderancia maritima da Inglaterra.

Nas letras floresceram, além de outros, os seguintes notaveis litteratos e escriptores:

Antonio Diniz da Cruz, mais conhecido pelo nome arcadico de Elpino Nonacrience, poeta lyrico e heroe-comico.

Pedro Antonio Correia Garção, que teve como socio arcade o nome de Corydon, poeta lyrico, epistolographo e satyrico, no estylo de Horacio.

Luiz Antonio Verney, escriptor erudito e judicioso, que apontou com muita sagacidade os principaes defeitos do methodo de estudos estabelecido no seu tempo em Portugal.

José Monteiro da Rocha, philosopho e mathematico, que teve grande parte na composição dos novos estatutos da universidade de Coimbra.

O padre Antonio Pereira de Figueiredo, puro e elegante escriptor, principalmente na lingua latina, erudito socio da Real Academia das Sciencias de Lisboa.

Domingos dos Reis Quita, na arcadia Alcino Mycenio, cabelleireiro de profissão, auctor de excellentes poesias bucolicas e de algumas tragedias, das quaes a melhor é a sua *Castro*.

Joaquim Machado de Castro, estatuario muito instruido, e habilissimo na sua nobre arte, ao qual se deve a invenção e modelo da estatua equestre de el-rei D. José.

Bartholomeu da Costa, distincto engenheiro, sob cuja direcção se fundiu a sobredita estatua.

A SENHORA D. MARIA I

Estirpe varonil ao regio toro, etc. (Cant. V, Est. XXXII.)

A Senhora D. Maria I, filha de el-rei D. José e da rainha D. Marianna Victoria, nasceu em 17 de dezembro de 1734, e casou com seu tio o infante D. Pedro, como acima se disse, em 6 de junho de 1760.

Pelo fallecimento de seu augusto pae, começou a reinar em 24 de fevereiro de 1777. Tambem seu esposo, por ter já um filho, fructo do seu consorcio, tomou o titulo de rei. O primeiro acto do governo da rainha foi mandar soltar todos os presos de estado, que eram muitos, e alguns da mais alta jerarchia. O marquez de Pombal, tendo cahido no completo desagrado da soberana, foi demittido do cargo de ministro, e algum tempo depois mettido em processo. Afinal a rainha contentou-se com desterra-lo para longe vinte leguas de Lisboa. A requerimento das pessoas accusadas de crimes contra o estado durante o ministerio do marquez, tanto as vivas como as já fallecidas, que haviam sido victimas d'aquellas perseguições, foram declaradas innocentes.

Logo no começo do seu reinado, concluiu a Senhora D. Maria I dois vantajosos tratados com Hespanha, e soube conservar a neutralidade na guerra da Grã-Bretanha com as suas colonias da America, que luctaram pela sua independencia desde 1776 até 1782.

Aproveitando a tranquillidade de que gosava o reino, promoveu efficazmente o progresso das sciencias e o desenvolvimento da instrucção. Abriu-se então a academia da marinha. Creou-se uma escola de desenho, e depois a academia militar de fortificação. Instituiu-se, por diligencia do duque de Lafões, D. João de Bragança, a Academia real das sciencias (1781). Fundou-se a Casa

Pia para amparo dos orphãos desvalidos, no que teve grande parte o primeiro intendente geral da policia da côrte e reino, o visconde de Manique, Diogo Ignacio de Pina Manique. Finalmente a munificencia da piedosa soberana resplandeceu mais que tudo na erecção do sumptuoso templo da Estrella, dedicado ao Sanctissimo Coração de Jesus, de que era devotissima, e na edificação do grandioso mosteiro a elle contiguo, que doou ás religiosas carmelitas da reforma de Sancta Thereza (1790). No intervallo d'estas fundações experimentou a Senhora D. Maria I dois pungentissimos desgostos. Perdeu, em 25 de maio de 1786, seu esposo, el-rei D. Pedro III, o qual falleceu com sessenta e nove annos de idade. Dois annos depois, em 20 de setembro, viu succumbir na flôr da idade, de um ataque de bexigas, seu filho primogenito, o principe D. José, delicias e esperanças da nação. Pelo fallecimento d'este principe, ficou sendo successor ao throno o infante D. João, o qual em 1784 havia casado com a infanta de Hespanha, D. Carlota Joaquina de Bourbon. Os dois terriveis golpes que successivamente a feriram, e escrupulos religiosos, talvez frouxamente combatidos por quem os devia ter desvanecido resolutamente, começaram (1792) a annuviar a razão e a alterar a saude da virtuosa rainha. O principe do Brazil, o senhor D. João, tomou a seu cargo a governação do estado; sendo porém despachados todos os negocios em nome da Senhora D. Maria I, até ao dia 14 de julho de 1799.

Em 1793 não foi possivel a Portugal conservar-se inteiramente estranho á lucta entre a França (tornada republica no anno antecedente), e a Hespanha, cujo territorio fôra invadido pelos francezes. Enviou-se á Catalunha, em auxilio dos hespanhoes, uma divisão composta de seis regimentos de infanteria e um corpo de artilheria, que muito se distinguiu nas campanhas do Roussilhão.

Tomaram-se por aquelles tempos algumas providencias de publica utilidade. Instituiu-se o tribunal do almirantado; organisou-se a brigada real da marinha. Creou-se a Bibliotheca publica de Lisboa (1796).

REGENCIA DO PRINCIPE D. JOÃO

Perdida toda a esperança de que a senhora D. Maria I recuperasse a saude, o senhor D. João começou a governar em seu proprio nome, tomando, por decreto de 15 de julho de 1799, o titulo de principe regente.

Em 1801, como Portugal não se quiz declarar contra a Inglaterra, potencia á qual a França e a Hespanha haviam declarado guerra, um exercito hespanhol entrou no territorio portuguez, e se apoderou de Olivença. Tomado de subito, o nosso governo não pôde levantar e organisar a tempo forças sufficientes para sustentar a guerra com o necessario vigor. Concluiu-se a paz com a Hespanha e a França, conservando a primeira d'estas potencias a posse de Olivença, de que acabava de apoderar-se, e cedendo-se á segunda uma parte da Guiana (1801-1802).

Então por alguns annos Portugal gosou de perfeita tranquillidade: prosperou o commercio, animou-se a industria, protegeram-se as letras. Mas não foi duradoura tal prosperidade. Em 1807, o imperador dos francezes, Napoleão I, exigiu absolutamente que Portugal, accedendo ao chamado *systema continental*, fechasse os seus portos aos inglezes, confiscasse as suas propriedades, e prendesse todos os subditos britannicos que se achassem no reino. Por um

tratado secreto, celebrado entre a França e a Hespanha, em outubro do mesmo anno, Portugal havia de ser occupado por um exercito de quarenta e cinco mil francezes e hespanhoes, e o seu territorio dividido em tres partes, uma das quaes pertenceria á Hespanha; outra ao principe da paz (o celebre Godoy, valido de Carlos IV); e a terceira ficaria em deposito em poder dos francezes até á paz geral. Para a execução d'este tratado secreto, um exercito francez (em que entrava uma divisão hespanhola) invadiu Portugal, sob o commando do general Junot. O principe, deixando nomeada uma regencia para governar o reino emquanto durasse a sua ausencia, saiu do Tejo com toda a familia real, em 29 de novembro, dirigindo-se ao Brazil. A 30 do mesmo mez entrou o general Junot em Lisboa, onde no dia 1.º de fevereiro do anno seguinte (1808) constituiu nova regencia em nome de Napoleão, pondo-se á frente d'ella; e publicou um decreto do imperador, que impunha a Portugal uma contribuição de quarenta milhões de cruzados; parte da qual effectivamente nos foi extorquida.

Emquanto Portugal estava assim opprimido pelos francezes, o principe regente, que fizera a sua entrada no Rio de Janeiro a 8 de março, declarou guerra á França, erigiu tribunaes, organisou as necessarias repartições, e abriu os portos do Brazil ás embarcações de todas as nações amigas. O exercito de Junot pouco tempo conservou a posse do territorio que aleivosamente occupára. A cidade do Porto foi a primeira que procurou sacudir o jugo. Outras sublevações em varias partes do reino inquietaram os francezes. Tropas inglezes desembarcaram em differentes pontos da costa. A batalha do Vimieiro, ganhada em 17 de agosto pelo inclyto Welesley (depois lord duque de Wellington) deu em resultado a completa restauração do reino (15 de setembro). Todavia para se sustentar a independencia nacional contra a ambição do grande conquistador Napoleão, ainda Portugal, auxiliado pela sua intima alliada a Grã-Bretanha, teve que resistir a duas formidaveis invasões; a primeira das quaes foi dirigida (1809) pelo marechal Soult, e a segunda, ainda muito mais temerosa, pelo marechal Massena, que na frente de mais de oitenta mil homens, chegou a adiantar-se (1810) até perto de Lisboa, cujas linhas de defeza, rapidamente construidas, não se atreveu a accommetter. Seguiu-se uma brilhante serie de operações militares, nas quaes as tropas portuguezas, disciplinadas pelo marechal Beresford, coadjuvadas pelas inglezas, e commandadas em chefe pelo duque de Wellington, ganharam assignaladas victorias, expulsando do reino os exercitos francezes, concorrendo com as forças hespanholas para libertar todo o solo da peninsula, e finalmente perseguindo o inimigo no proprio territorio da França até á cidade de Tolosa, na primavera do anno de 1814. Restaurado o throno dos Bourbons, e concluida a paz geral em Paris, em 30 de maio, o exercito portuguez voltou á patria, coroado de louros, que havia ganhado em seis annos de guerra com as tropas mais valentes e mais disciplinadas da Europa.

Para representarem Portugal no congresso que no seguinte anno se abriu em Vienna d'Austria, nomeou o principe regente tres plenipotenciarios; o conde de Palmella, D. Pedro de Sousa e Holstein (depois marquez e ultimamente duque), Antonio de Saldanha (depois conde de Porto Sancto), e D. Joaquim Lobo da Silveira (depois conde de Oriola). Estes habeis diplomatas representaram ali com dignidade e lustre o seu soberano e a sua patria, fazendo admittir

Portugal no numero das grandes potencias signatarias do acto final do mesmo congresso (9 de junho de 1815). Não poderam porém conseguir que a Hespanha nos restituisse Olivença e o seu territorio.

Em 20 de março de 1816 falleceu na cidade do Rio de Janeiro a senhora D. Maria I, com oitenta e dois annos de idade e trinta e nove de reinado.

Do consorcio d'esta senhora com o senhor D. Pedro III nasceram o principe D. José, de que acima se fallou, o senhor D. João, que succedeu na corôa, e a senhora infanta D. Marianna, que casou com o infante de Hespanha, D. Gabriel.

No reinado da senhora D. Maria I, e durante a regencia de seu augusto filho D. João, distinguiram-se por serviços feitos ao estado, ou por virtudes e letras, não poucos varões benemeritos. Aqui só se apontarão os nomes de alguns mais notaveis :

O duque de Lafões, D. João de Bragança ; fundador da academia real das sciencias.

D. frei Manuel do Cenaculo, bispo de Beja, e depois arcebispo de Evora ; insigne em varios ramos de erudição, e fundador e enriquecedor de mais de uma bibliotheca.

D. frei Caetano Brandão, bispo do Pará, e depois arcebispo de Braga ; prelado douto e animado de um verdadeiro espirito apostolico.

D. Francisco Gomes de Avellar, bispo do Algarve ; zeloso e esclarecido prelado, generoso protector das letras e das artes.

D. Rodrigo de Sousa Coutinho conde de Linhares ; Antonio de Araujo de Azevedo, depois conde da Barca ; Thomás Antonio de Villa Nova Portugal ; ministros d'estado de differentes repartições.

O dr. Ricardo Raymundo Nogueira ; reitor do collegio dos nobres.

D. Miguel Pereira Forjaz e João Antonio Salter de Mendonça ; membros da regencia.

Entre os sabios e litteratos que illustraram esta epoca bastará nomear alguns d'elles :

Jeronymo Soares Barbosa, Pedro José da Fonseca, Pedro José de Figueiredo, e o desembargador Antonio Ribeiro dos Santos ; todos distinctos pela sua grande erudição.

Como mathematico, ganhou duradoura fama José Anastacio da Cunha.

Como philosopho assignalou-se o padre Theodoro de Almeida ; auctor da celebre obra intitulada *Recreação philosophica*, em que combateu engenhosamente o *peripatetismo*, ou a philosophia de Aristoteles ; mas, infelizmente, sustentou algumas doutrinas da escola de Descartes, inadmissiveis, por exemplo, a que reduz os brutos a meros automatos.

Como botanicos, esclareceram, José Correia da Serra e Felix de Avellar Brotero.

Na poesia grangearam merecida reputação :

Thomé Joaquim Gonzaga ; lyrico no genero anacreontico.

Antonio Pereira de Sousa Caldas ; lyrico algumas vezes sublime.

Manuel Maria de Barbosa du Bucage, Elmano entre os arcades ; felicissimo traductor de varios trechos de Ovidio, e de algumas obras de Delille, de Castel, etc. ; insigne nos sonetos e nas cantatas, e principe nos primores da metrificação, até aos nossos dias, em que lhe roubou a palma um poeta nosso contemporaneo, de todos conhecido, o visconde de Castilho.

Domingos Maximiliano Torres; tambem poeta lyrico.
Belchior Manuel Curvo Semmedo; auctor de excellentes apologos.
João Vicente Pimentel Maldonado; distincto fabulista.
O padre José Agostinho de Macedo, *Elmiro* na arcadia; polygrapho muito douto e fecundo, eloquente orador, critico mordaz, e não poucas vezes injusto, auctor de uma epopêa intitulada *O Oriente,* e de varios outros poemas.
D. Leonor de Almeida, condessa de Oyenhausen e marqueza de Alorna, mais conhecida pelo nome arcadico de Alcippe; elegante escriptora, versada em estudos philosophicos, e celebre poetiza.
D. Catharina de Lencastre, viscondessa de Balsemão; dama dotada de peregrino engenho, muito instruida e insigne poetiza.
Nas bellas artes adquiriram indisputavel gloria dois egregios pintores de historia:
Francisco Vieira, nascido na cidade do Porto, e por isso cognominado *portuense;* e Domingos Antonio de Sequeira. Ambos foram concluir seus estudos artisticos em Roma, e ali, e em outras cidades da Italia, foram altamente conceituados, e na patria deixaram perduraveis monumentos de seus grandes talentos e admiravel pericia.
Na musica, principalmente na sagrada, esclareceu o insigne compositor Marcos Portugal.

D. JOÃO VI

Cinge o sexto João do reino avito, etc. (Cant. V, Est. LXXVIII.)

Pelo fallecimento da senhora D. Maria I, em 20 de março de 1816, o principe regente D. João, que em 16 de dezembro de 1815 elevára o principado do Brazil á categoria de reino, assumiu o titulo de rei do reino unido de Portugal, Brazil e Algarves; porém só dois annos depois foi solemnemente acclamado no Rio de Janeiro, em 6 de fevereiro de 1818.
Havia-se ateado a guerra em varias provincias da America hespanhola, que começavam a querer sacudir o jugo da metropole. As desordens que por esta occasião rebentaram em Buenos-Ayres, e as incursões do general Artigas, ameaçavam a tranquillidade dos povos visinhos. O governo do Rio de Janeiro julgou dever empregar a força para os proteger. As tropas portuguezas, do commando do general Carlos Frederico Lecór, houveram-se com o maior valor, e em janeiro de 1817 se assenhorearam de Montevideu, a mais importante cidade do Uruguay, na margem esquerda do Rio da Prata.
Pouco tempo depois se celebraram os desposorios do principe real, o senhor D. Pedro de Alcantara, com a archiduqueza d'Austria, D. Maria Leopoldina.
Passados alguns mezes, uma conspiração descoberta em Lisboa, e uma revolta effectuada em Pernambuco, vieram amargurar o animo do monarcha. Os conspiradores de Lisboa tinham por fim proximo livrar o paiz da excessiva influencia ingleza. Aspiravam, além d'isso, a uma mudança politica; ao estabelecimento de um governo constitucional. A regencia procedeu contra elles com a maior celeridade e rigor. Doze dos conspiradores padeceram a pena capital no campo de Sant'Anna, e o general Gomes Freire de Andrade, fóra da fortaleza de S. Julião da Barra (18 de outubro de

1817). A revolução republicana de Pernambuco, promptamente suffocada, tambem foi seguida de execuções capitaes.

A conspiração de Lisboa e a revolta de Pernambuco eram preludios de mais graves acontecimentos.

Em 24 de agosto de 1820 rebentou na cidade do Porto uma revolução militar. Creou-se ali uma junta provisoria do governo supremo do reino, e deram-se vivas á religião, a el-rei e á constituição que as futuras côrtes haviam de fazer. Estas vozes bem depressa foram repetidas em todo o reino, e Lisboa adheriu ao movimento revolucionario em 15 de setembro. As côrtes, convocadas pelo systema da constituição decretada em Cadiz no anno de 1812, e que estava novamente em vigor na Hespanha, reuniram-se em Lisboa, nos fins de janeiro de 1821, decretaram, juraram e mandaram jurar as bases da futura constituição; juramento a que se negou o cardeal patriarcha, D. Carlos da Cunha, o qual por isso foi desterrado. Em abril foi o senhor D. João VI obrigado a reconhecer a nova ordem de cousas existente em Portugal, e entregando o governo do Brazil ao senhor D. Pedro, seu augusto filho, principe real do reino unido, regressou a Portugal com o resto da real familia. Chegado ao Tejo em 3 de julho, e havendo desembarcado no dia seguinte, ratificou na sala das côrtes, no edificio das Necessidades, o seu juramento ás bases da constituição. Concluida esta, depois de longas, sabias, e ás vezes acaloradas discussões, foi jurada pelos membros do soberano congresso em 30 de setembro, e por el-rei no primeiro de outubro. A rainha porém, a senhora D. Carlota Joaquina, resolutamente recusou prestar o exigido juramento; em consequencia do que, se procedeu contra ella com a maior severidade. Não chegou, todavia, a saír de Portugal, porque, em attenção ao seu estado de saude, se lhe permittiu conservar-se (mas reclusa) na sua quinta do Ramalhão, perto de Cintra. Em resultado do movimento reaccionario de maio do anno seguinte, ficou de nenhum effeito o decreto que a exautorava e bania.

Entretanto haviam occorrido no Brazil, que aspirava a tornar-se independente, gravissimos acontecimentos, em consequencia dos quaes o principe real, regente d'aquelle estado, não pôde voltar a Portugal, como lh'o ordenava o decreto das côrtes de 29 de setembro de 1821. Em 12 de outubro de 1822, o mesmo augusto senhor foi acclamado *Imperador constitucional e defensor perpetuo do Brazil.*

Em Portugal, nos fins de fevereiro de 1823, o conde de Amarante, Francisco da Silveira, proclamou em Traz os Montes o restabelecimento do governo absoluto.

Seguiu-se uma sanguinolenta lucta entre os partidarios do antigo regimen e os defensores do systema constitucional; lucta fecunda em acontecimentos, alternadamente favoraveis a uns e a outros, até ao definitivo triumpho da causa liberal em 1834. Falleceu o senhor D. João VI no paço da Bemposta, em 10 de março de 1826. Fôra casado com a senhora D. Carlota Joaquina de Bourbon, de cujo consorcio houve numerosa successão. Pouco tempo antes de fallecer, assumira o titulo de Imperador e Rei, em virtude do tratado em que foi reconhecida a independencia do Brazil (novembro de 1825.)

Aqui não se faz menção de mais alguns acontecimentos d'este reinado, porque elles não se acham indicados na parte metrica do *Bosquejo historico.* Vem elles summariamente apontados no *Novo*

Epitome de Historia de Portugal, escripto pelo mesmo auctor, e publicado em 1861 e 1878. Todos estes opusculos foram approvados pelo Conselho superior de instrucção publica, para uso das escolas.

Entre os varões que mais se ennobreceram pelas letras nos ultimos tempos do reinado do senhor D. João VI, e que lhe sobreviveram e continuaram a illustrar a patria com os seus escriptos, merecem especial menção os seguintes:

O general Stokler, barão da Villa da Praia; mathematico, e auctor de varios opusculos em verso e em prosa, justamente estimados.

O chefe de esquadra José Maria Dantas Pereira; tambem insigne mathematico, por muitos annos secretario da academia real das sciencias de Lisboa, da qual foi muito benemerito.

Silvestre Pinheiro Ferreira; publicista, philosopho, auctor de um grande numero de obras publicadas umas em lingua franceza, outras em lingua portugueza. Nos ultimos annos da sua vida dava na propria casa prelecções de direito publico a um escolhido numero de mancebos estudiosos, que ambicionavam ser oralmente doutrinados por tão grande mestre.

D. frei Francisco de S. Luiz, monge benedictino, bispo conde de Coimbra, ultimamente cardeal patriarcha de Lisboa; que compoz muitas memorias, dissertações e outras obras sobre philologia e sobre historia patria, todas recheadas de profunda erudição.

D. Francisco Alexandre Lobo, bispo de Vizeu; escriptor cujo estylo póde considerar-se como modelo de elegancia, nobreza e gravidade, revelou todas as qualidade de um critico esclarecido e imparcial, nas memorias em que avaliou o merecimento de Luiz de Camões e de frei Luiz de Sousa.

O segundo visconde de Santarem; que colligiu e coordenou um sem numero de documentos relativos ás relações de Portugal com as côrtes estrangeiras, fez profundas investigações sobre a geographia e cosmographia antiga e da idade media e, refutando as pretensões de alguns escriptores francezes, principalmente a do normando Villault, demonstrou triumphantemente a prioridade das navegações portuguezas a que foram devidos os descobrimentos maritimos tão fecundos em resultados da mais alta importancia.

CATALOGO

DAS

RAINHAS DE PORTUGAL

EXTRAHIDO PRINCIPALMENTE DO MAPPA DE PORTUGAL

DE JOÃO BAPTISTA DE CASTRO

D. THEREZA

Casou em 1090 — Falleceu em 1130?

D. Thereza, esposa do conde D. Henrique de Borgonha, era filha de D. Affonso VI, rei de Leão, a quem, em razão do seu grande poderio, tambem se deu o titulo de imperador. Casou no anno de 1090, e trouxe em dote a seu marido o territorio portucalense, que ella governou em seu proprio nome, depois da morte do esclarecido conde, durante dezeseis annos. Foi senhora muito formosa, e dotada de excellentes e brilhantes qualidades. É porém accusada de excessiva ambição de governar, e de se haver deixado dominar pela influencia de um estrangeiro odioso aos portuguezes, o cavalleiro gallego D. Fernando Peres, conde de Transtamara. O principe dos nossos poetas (*Lusiadas, Cant.* III, *Est.* XXXII) talvez com alguma leveza, adoptou uma tradição pouco favoravel ao credito d'esta princeza; tradição que não se estriba em fundamento solido.

Esta senhora, a quem se deu o titulo de rainha, manifestou a sua piedade pela fundação da igreja de S. Pedro de Rates em Braga, e por varias doações ás sés de Braga, Porto e Coimbra; e introduziu em Portugal a ordem militar dos Templarios.

D. MAFALDA (SABOYANA)

Do fundador da lusa monarchia. VI. 8

Casou em 1146 — Falleceu em 1157

D. Mafalda, que os italianos conhecem pelo nome de Mathilde, esposa de D. Affonso Henriques, foi filha de Amadeu III, conde de Saboya e Moriana. Dotou um hospital na villa de Canavezes,

para n'elle se agasalharem nove passageiros e peregrinos. Uniu-lhe as rendas da ponte que mandou construir grandiosamente ; e fundou o mosteiro da costa de Guimarães, que deu aos conegos regrantes de Sancto Agostinho.

D. DULCE (ARAGONEZA)

Aldonça ou Dulce, catalã princeza. VI. 10

Casou em 1175 — Falleceu em 1198

D. Dulce, esposa de D. Sancho I, foi filha de D. Ramon Berenguer, conde de Barcelona, e principe de Aragão. Foi senhora muito affavel e piedosa.

D. URRACA (CASTELHANA)

Ramo illustre do tronco de Castella. VI. 11

Casou em 1202 — Falleceu em 1220

D. Urraca, mulher de el-rei D. Affonso II, era filha de D. Affonso IX, rei de Castella. Recebeu em seu palacio a S. Francisco de Assis, e os cinco religiosos que depois foram martyrisados em Marrocos ; e deu sitio em Coimbra para se fundar o primeiro convento de frades menores que houve no reino. Conta-se que lhe foi revelado por Deus o dia em que havia de morrer.

A CONDESSA MATHILDE (FRANCEZA)

Tem jus a encomios e á geral estima. VI. 12

Este senhora, que foi condessa de Bolonha em França, não costuma ser incluida no catalogo das rainhas de Portugal ; ao que aliás teria direito por ter sido casada com o infante D. Affonso, que tendo governado o reino pela deposição de seu irmão D Sancho II, assumiu depois da morte do infeliz soberano o titulo de rei, como seu legitimo successor. A condessa Mathilde, que em primeiras nupcias fôra esposa de Filippe, conde de Clermont, principe da casa real de França, foi cruelmente abandonada pelo seu segundo consorte D. Affonso, que ainda em vida d'esta princeza se desposou com D. Brites.

D. BRITES (CASTELHANA)

Do quinto rei do povo lusitano. VI. 13

Casou em 1253 — Falleceu em 1303

D. Brites, segunda esposa de el-rei D. Affonso III (que a recebeu por mulher, vivendo ainda a primeira, a condessa Mathilde) foi filha de D. Affonso X de Castella, cognominado o *Sabio*. Cumplice, mas não voluntariamente, da grave culpa e ingratidão de seu consorte, fez esquecer a inicial illegitimidade do seu enlace matrimonial, pela pratica de todas as virtudes christãs, e pelo bom uso que fez de seus thesouros em fundações pias, e em soccorrer seu pae, que se viu em apuradas circumstancias.

SANCTA IZABEL (ARAGONEZA)

Salve Izabel que ao throno lusitano. VI. 14

Casou em 1282 — Falleceu om 1336

Santa Izabel, esposa de el-rei D. Diniz, foi filha de D. Pedro III de Aragão. Assignalou a sua piedade com a pratica de heroicas virtudes; a sua caridade para com os pobres era tão extremosa, que uma piedosa tradição lhe attribue a miraculosa transformação de pães e dinheiro em flores, em uma occasião em que se pretendia interpretar desfavoravelmente um acto de pura caridade. Fez mais de uma fundação pia; e influiu para a reconciliação entre seu esposo e seu filho, que andavam desavindos. Mereceu as honras publicas dos altares, sendo canonisada pelo summo pontifice Urbano VIII no anno de 1625.

D. BRITES (CASTELHANA)

Do bravo Affonso esposa, ao desvalido. VI. 16.

Casou em 1309 — Falleceu em 1359

D. Brites, esposa de el-rei D. Affonso IV, foi filha de D. Sancho IV, rei de Castella. Instituiu na Sé de Lisboa as mercearias, que chamam de D. Affonso IV, por concorrer tambem para ellas seu marido D. Affonso IV.

D. LEONOR (PORTUGUEZA)

A Fernando desaire, à patria damno. VI. 20

Casou em 1371 — Falleceu em 1386

D. Leonor Telles, filha de Martim Affonso Tello de Menezes, sendo casada com João Lourenço da Cunha, não teve duvida de prestar-se ás solicitações de el-rei D. Fernando que a tomou por mulher. Favorecendo as miras ambiciosas do infante D. João, e fazendo-lhe esperar a mão de D. Brites, sua filha, herdeira da corôa, não foi estranha ao crime por elle commettido de assassinar barbaramente, fingindo-se allucinado de violentos zêlos, sua propria esposa, D. Maria, irmã da perfida rainha D. Leonor.

D. FILIPPA (INGLEZA)

Filippa de Lencastre em cujas veias. VI. 24

Casou em 1387 — Falleceu em 1416

D. Filippa, esposa de el-rei D. João I, foi filha do duque de Lencastre João de Gante. Distinguiu-se por muitas acções de religião e caridade. É fama, que estando perto da hora final, lhe appareceu a Virgem Nossa Senhora, fortalecendo-a com a certeza do proximo goso celestial.

D. LEONOR (ARAGONEZA)

Se como rei, Duarte é desditoso. VI. 26

Casou em 1428 — Falleceu em 1445

D. Leonor, esposa de el-rei D. Duarte, foi filha de el-rei de Aragão D. Fernando I. Seu marido a deixou por tutora e gover-

nadora do reino na menoridade de seu filho D. Affonso; o que foi visto com desprazer pelos infantes tios d'este; do que se seguiram enredos, em resultado dos quaes a rainha viuva largou a tutela e o governo ao infante D. Pedro, e se retirou para Castella, onde falleceu.

D. IZABEL (PORTUGUEZA)

Do Quinto Affonso esposa, a cara filha. VI. 27

Casou em 1448 — Falleceu em 1455

D. Izabel, esposa de el-rei D. Affonso V, foi filha do infante D. Pedro, duque de Coimbra, filho de D. Pedro I. Não pôde obstar aos enredos tramados contra o infante seu pae junto de el-rei seu marido, que produziram a catastrophe da Alfarrobeira. Edificou no sitio de Xabregas um convento para os conegos seculares de S. João Evangelista.

D. LEONOR (PORTUGUEZA)

Em Leonor do principe perfeito. VI. 28.

Casou em 1470 — Falleceu em 1525

D. Leonor, esposa de el-rei D. João II, foi filha do infante D. Fernando, duque de Vizeu, filho de el-rei D. Duarte. Foi princeza dotada de grandes virtudes e singular discrição. Ficou governando o reino durante a ausencia d'el-rei D. Manuel, quando esteve em Castella. Além de muitas outras fundações pias, mandou edificar o hospital das Caldas no termo da villa de Obidos, chamadas por isso Caldas da Rainha. e instituiu a Misericordia de Lisboa, d'onde emanaram todas as outras misericordias de Portugal e de Hespanha.

D. IZABEL (CASTELHANA)

Izabel que perdera em florea idade. VI. 32

Casou em 1497 — Falleceu em 1498

D. Izabel, filha dos reis catholicos D. Fernando e D. Izabel, primeira mulher de el-rei D. Manuel, casou primeiramente com o principe D. Affonso, filho de el-rei D. João II, que apenas oito mezes depois do seu consorcio morreu de uma quéda de cavallo, junto a Santarem. Passou depois a segundas nupcias, casando com el-rei D. Manuel, e passando a Castella, foi jurada herdeira d'aquelle reino juntamente com el-rei seu marido, e indo a Aragão para tambem ali serem jurados, morreu em Saragoça de parto do principe D. Miguel, o qual tambem falleceu pouco tempo depois.

D. MARIA (CASTELHANA)

Estirpe aragoneza e de Castella. VI. 33

Casou em 1500 — Falleceu em 1517

D. Maria, segunda esposa de el-rei D. Manuel, era filha dos mesmos reis catholicos D. Fernando e D. Izabel. O céu abençoou com numerosa prole este consorcio, para o qual se impetrára dis-

pensa pontificia, porque os dois contrahentes eram cunhados. Foi princeza dotada de grande discrição.

D. LEONOR (CASTELHANA)

De Manuel, consorte derradeira. VI. 34.

Casou em 1518 — Falleceu em 1558

D. Leonor, terceira mulher de el-rei D. Manuel, foi filha d'el-rei D. Filippe I de Castella. Tendo fallecido el-rei D. Manuel, voltou para Castella, e passou a segundas vodas com Francisco I, em cuja companhia provou não pequenos desgostos. Onze annos depois de haver perdido o seu segundo esposo, morreu em Talavera, junto a Badajoz.

D. CATHARINA (CASTELHANA)

Da augusta esposa de João Terceiro. VI. 35

Casou em 1525 — Falleceu em 1578

D. Catharina, esposa de el-rei D. João III, foi filha de el-rei D. Filippe de Castella. Foi senhora dotada de grande prudencia, e muito virtuosa. Governou por algum tempo o reino, por morte de el-rei seu marido, na menoridade de el-rei D. Sebastião, seu neto; mas em consequencia de rivalidades e enredos renunciou á tutela e á regencia. Á sua religião e caridade se deveram muitas instituições pias, e a fundação do mosteiro de freiras de S. Francisco na cidade de Faro.

D. LUIZA (CASTELHANA)

Ducal grandeza herdada em pouco estima. VI. 37.

Casou em 1633 — Falleceu em 1666

D. Luiza Francisca de Gusmão, esposa de el-rei D. João IV, era filha de D. João Manuel Peres de Gusmão, oitavo duque de Medina Sidonia. Foi princeza de espirito altaneiro, de caracter resoluto, e dotada de grandes qualidades. Não contribuiu pouco para fazer determinar o duque seu marido a aceitar a corôa que lhe pertencia, e que os fidalgos conjurados lhe offereciam. Governou o reino durante a menoridade de el-rei D. Affonso VI, seu filho. Fundou muitos conventos; em um dos quaes, o de religiosas carmelitas descalças no sitio do Grillo, perto de Lisboa, se recolheu, e passou os ultimos annos da sua vida na pratica da mais exemplar e acrysolada devoção.

D. MARIA FRANCISCA IZABEL (FRANCEZA)

Francisca de Nemours, rompido o laço. VI. 39

Casou em 1668 — Falleceu em 1683

D. Maria Francisca Izabel de Saboya, foi filha de Carlos Amadeo de Saboya, duque de Nemours. Foi casada primeiramente com el-rei D. Affonso VI, em 1666; porém tendo sido declarado nullo este casamento pela competente auctoridade ecclesiastica, passou

a segundas nupcias com o principe regente D. Pedro, que depois foi rei, precedendo para este segundo consorcio dispensa pontificia. Fez diversas fundações religiosas, e deixou creditos de muito espirituosa e discreta.

D. MARIA SOPHIA (ALLEMÃ)

Pedro cruel a quem cruel destino. VI. 40

Casou em 1687 — Falleceu em 1699

D. Maria Sophia Izabel de Neuburg, segunda mulher de el-rei D. Pedro II, foi filha do eleitor palatino do Rheno, Filippe V. Foi princeza muito devota e caridosa.

D. MARIA ANNA DE AUSTRIA (ALLEMÃ)

Ao luso throno outra allemã princeza. VI. 41

Casou em 1708 — Falleceu em 1754

D. Maria Anna de Austria, esposa de el-rei D. João V, foi filha do imperador de Allemanha, Leopoldo I. Foi princeza muito affavel e muito religiosa. Quando el-rei seu esposo passou ao Alemtejo em 1716, ficou governando o reino, e o mesmo succedeu durante a molestia de el-rei. No desempenho de tão elevado cargo, houve-se com o maior acerto. Assignalou o seu zêlo forcejando por que se evitassem quaesquer escandalos publicos. Fundou em Lisboa um convento de carmelitas descalços allemães, que foi dedicado ao martyr do sigillo sacramental, S. João Nepomuceno.

D. MARIANNA VICTORIA (ALLEMÃ)

Ao rei reformador formosa e pia. VI. 53

Casou em 1729 — Falleceu em 1781

D. Marianna Victoria, esposa de el-rei D. José, foi filha de el-rei catholico D. Filippe V. Mostrou grande fortaleza de animo na occasião do horroroso terremoto de 1755. Mandou edificar o magnifico templo de S. Francisco de Paula em Lisboa.

A SENHORA D. MARIA I (PORTUGUEZA)

Entre os nomes dos reis, o de Maria. VI. 44

Casou em 1760 — Falleceu em 1816

D'esta virtuosa soberana, por ter sido reinante, se fallou ao tratar-se dos reis.

A SENHORA D. CARLOTA JOAQUINA (CASTELHANA)

Carlota de Bourbon, progenie hispana. VI. 47

Casou em 1775 — Falleceu em 1830

A senhora D. Carlota Joaquina de Bourbon, esposa do senhor D. João VI, foi filha de el-rei catholico D. Carlos IV. Esta senhora, de um genio altivo, severo, e ás vezes violento, sem embargo d'isso era muito affavel e lhana com as pessoas com quem

tratava. Instituiu, com o beneplacito de seu augusto esposo, a ordem de Sancta Izabel, para ser conferida ás damas da primeira nobreza que se fizessem dignas de tão alta distincção. Em 1822 recusou prestar juramento á constituição feita e decretada pelas côrtes, e sustentou com a maior firmeza a sua resolução, sendo por isso exautorada do titulo de rainha, e intimada a saír do reino; o que não se effectuou, porque uma junta de medicos declarou que tal sentença não se podia cumprir sem que a vida da princeza corresse perigo. Ficou encerrada no seu palacio do Ramalhão, perto de Cintra, até que a contra-revolução de junho do anno seguinte lhe restituiu a liberdade.

Não costumam ser incluidas no catalogo das rainhas, mas merecem aqui ser mencionadas as seguintes princezas, de que tambem se faz menção no *Bosquejo Metrico*.

A condessa de Bolonha Mathilde; que tendo enviuvado de Filippe, principe da casa real de França, casou com o infante D. Affonso, por quem foi abandonada depois que elle tomou conta do governo em consequencia da deposição de seu irmão D. Sancho, como acima fica referido.

D. Constança, filha de D. João Manuel, duque de Penafiel, marquez de Vilhena; que casou em 1340 com o infante D. Pedro, depois rei. Ralada de desgostos, por ver que lhe era preferida a formosa dama D. Ignez de Castro, morreu em 1345, poucos dias depois de haver dado á luz o infante D. Fernando, que veiu a reinar.

D. Ignez de Castro, filha de D. Pedro Fernandes de Castro, grande senhor em Galliza, que foi a segunda esposa do infante D. Pedro. Em 1357, dois annos depois que fôra barbaramente assassinada, como se contou em outro logar, D. Pedro, já rei, pelo fallecimento de D. Affonso IV seu pae, declarou com juramento que ella fôra sua mulher legitima, e como tal a fez sepultar com insignias reaes na igreja do mosteiro de Alcobaça, para onde a fizera trasladar com solemnissima pompa.

NOTAS AO BOSQUEJO METIRCO

PREAMBULO

OITAVA II

As tres nações a que se allude n'esta oitava são, como é obvio, a romana, a ingleza e a franceza.

CANTO I

OITAVA I

Sem que chame em auxilio Apollo, as musas.

Entende-se que no *Bosquejo* não se achará ficção alguma ; e por isso o auctor que na primeira edição d'este opusculo o intitulára *Bosquejo historico-poetico*, nas seguintes edições lhe mudou o titulo no de *Bosquejo metrico da historia de Portugal.*

Dada esta explicação, releve o leitor culto e benevolo que ella seja seguida de algumas reflexões, não totalmente improprias d'este logar.

Na poesia moderna a invocação a Apollo (a não ser em assumpto burlesco) bem póde ser qualificada de estranha e absurda. Chistosamente a condemna Miguel do Couto Guerreiro :

> Menos póde esse Apollo noveleiro
> Para o verso que póde o teu tinteiro;
> Porque n'este achas tinta aparelhada,
> E em Apollo, patranhas e mais nada.
>
> (ARTE POETICA.)

Talvez mereçam mais indulgencia os poetas que em seus versos se lembram das musas. Como personagens do pantheon olympico, as nove virgens do Hélicon têem tanta realidade e tanta influencia no estro como o neto de Saturno e filho de Latona. Mas foi tão feliz a idéa de pôr cada um dos ramos mais nobres do saber humano debaixo da especial protecção de uma das nove filhas de *Zeus* e de *Mnemosyne*, isto é, de Jupiter e da Memoria, que á mingua de outra ficção igualmente engenhosa, parece desculpavel a adopção, convencional e emblematica, de um mytho de inexcedivel belleza. Por isso vemos que, dando a um vocabulo profano

uma sublime significação, a orthodoxia christã, desde S. Basilio até Torquato Tasso (e ainda posteriormente a este) não teve escrupulo de aproveitar n'este ponto as reminiscencias classicas do polytheismo. O sabio e sancto bispo de Cesarêa, em uma de suas elegantissimas cartas ao sophista Libanio, elogiando a eloquencia d'este seu mestre, misturou com a encomio da cidade de Minerva uma especie de invocação ás nove deidades do Pindo. O altiloquente cantor da *Jerusalem libertada* não duvidou designar com o nome de *musa* a mysteriosa diva cujos influxos implora no começo da sua epopêa immortal.

Nem só no que respeita á fabula das musas parece forçoso reconhecer a excellencia da mythologia hellenica; em muitas outras de suas ficções achamos peregrinamente symbolisadas muitas e importantes verdades e maximas proveitosas. Revolvam-se, estudem-se nas boas horas, as lendas e mythos celticos, germanicos, scandinavos, indianos; de certo n'elles não se encontrarão imagens tão ridentes como as das Charites ou Graças, tão terriveis como as das Eumenides ou Furias; narrativas de tanto interesse dramatico como as fabulas de Pandora e de Psyche; ficções de tão facil e proficua applicação moral, como as de Phaetonte, de Icaro, de Narciso, e muitas outras que fôra inutil enumerar. Todavia muito rasoavel foi desterrar para os desertos paizes da chimera toda aquella chusma de personagens mythologicos, que occupavam tão consideravel parte das composições poeticas nos tempos de nossos bons avós, tão christãos nas crenças, como pagãos ou pelo menos semi-pagãos no frequente ou antes continuo emprego da mythologia grega. Se em Camões, por ser admiravel a muitos outros respeitos, se perdoa um tal abuso; ninguem certamente o poderá tolerar no resumo da historia de Portugal em verso por Francisco do Nascimento da Silveira, intitulado *Coro das musas junto por Venus na casa do Sol*, impresso em Lisboa, no anno de 1792 (tres vol. em 8.º)

De tão inepta rapsodia transcreveremos aqui, como uma amostra, os seguintes insulsissimos versos:

> O sancto Dom Affonso foi herdeiro
> Do titulo brilhante paternal;
> E por zêlo da fé feito guerreiro
> Os limites estendeu de Portugal.
> Ourique o acclamou em rei primeiro,
> Jesus Christo lhe dá sceptro imperial,
> Pois n'elle e na preclara descendencia
> Os olhos sempre põem de clemencia.
>
> Herdou Dom Sancho o sceptro e regalia,
> E foi segundo rei dos portuguezes:
> Os termos dilatou da monarchia,
> Sem excluir na guerra os leonezes.
> Sevilha lamentou tal valentia,
> E Santarem prostrou aos marroquezes:
> Foi da patria feliz povoador,
> Monarcha liberal, rei de valor.

OITAVA IV

Causa á lacia nação de immenso damno.

Allude-se ao corpo auxiliar de tropas lusitanas, que debaixo do commando de Viriato o I, muito contribuiram para a victoria que

o grande caudilho carthaginez, Hannibal, gânhou aos romanos em Cannas. Lêa-se Silio Italico, *De Bello Punico Secundo*. Libr. IX.

OITAVA V

Assim, ó Roma, o barbaro assassinio, etc.

A horrorosa carnificina aleivosamente ordenada pelo pro-consul Sergio Galba. Leia-se o *Novo epitome da historia de Portugal*, adoptado pelo conselho geral de instrucção publica, 3.ª edição. Lisboa, 1864, pag. 10.

OITAVA XVII

E mais cauto e sagaz, nunca ao malino, etc.

O imperador Constantino foi summamente benemerito da religião christã, pois a abraçou solemnemente, deu a paz á igreja, e a protegeu publicando em seu favor muitas leis e decretos; porém infelizmente algumas vezes se deixou illudir pelas astucias da facção ariana, em prejuizo da causa catholica.

OITAVA XXIII

Nem menos que bellaz, devoto e pio, etc.

Não achámos exemplo classico que auctorise o uso d'este adjectivo, senão no superlativo. Turcos *bellacissimos* disse Camões (Lusiadas II, 46.) Não duvidamos, porém, dizer *bellaz*, visto dizermos audaz, capaz, pertinaz, cujos superlativos são tambem terminados em cissimo.

OITAVA XXIV

Inteira idade, por idade adulta, é de Camões. Lus. I, 9.

OITAVA XXV

Das quinas o brazão no campo adopta, etc.

Esta explicação da origem do escudo das armas de Portugal não tem fundamento solido; porém a poesia não costuma desprezar as tradições populares, principalmente quando ellas afervoram os sentimentos patrioticos e religiosos. Por esta mesma razão não escrupulizámos de mencionar as façanhas attribuidas pela tradição a Martim Moniz, Fuas Roupinho, etc., e referidas por antigos auctores, ainda que não ignoremos carecerem de certeza historica por falta de testemunhas contemporaneas ou quasi contemporaneas. Sobre todos os pontos controversos ou difficeis de deslindar, pertencentes á historia dos antigos tempos da monarchia, consulte-se a *Historia de Portugal* do sr. Alexandre Herculano.

OITAVA XXX

Seus erros juvenis Affonso expia, etc.

Camões (Lusiadas III, 69) attribue o desastre acontecido a D. Affonso Henriques em Badajoz, a punição celeste pelo modo por

que este principe tratára sua mãe D. Thereza, depois de vencer o partido da mesma senhora.

OITAVA XXXVI

Qual outr'ora Moysés no arabio monte, etc,

Em quanto os israelitas, commandados por Josué, pelejavam com os amalecitas no deserto da Arabia, Moysés implorava o favor divino no alto de um outeiro, orando com grande fervor; e a isso foi devida principalmente a victoria do povo de Deus. *Exodo*, capitulo XVII.

IBIDEM

Do braccharense a rigida censura, etc.

O arcebispo de Braga, Estevão Soares, tomou grande parte nas desavenças entre D. Affonso II e o seu clero; ameaçando o rei, e fulminando censuras contra os violadores das immunidades ecclesiasticas.

OITAVA L

Padua, que seu (sem jus) folga chamar-te, etc.

Não sómente em Padua, mas tambem em toda a Italia, e ainda em outros paizes estrangeiros, o nosso sancto thaumaturgo é conhecido pelo nome de S. Antonio de *Padua,* em vez de S. Antonio de *Lisboa.*

OITAVA LIV

Contra o mouro, a quem damna o teu regresso, etc.

D. Payo Peres Correia era mestre da ordem de S. Thiago; e de Castella, onde ella tinha a sua séde, é que veiu guerrear os mouros no Algarve. Camões, no magnifico episodio das bandeiras, faz que Paulo da Gama o aponte ao Catual com estas palavras:

> **Olha um mestre que desce de Castella,**
> **Portuguez de nação, como conquista**
> **A terra dos Algarves, e já n'ella**
> **Não acha quem por armas lhe resista.**
> **(Lus. VIII, 25.)**

OITAVA LX

Após tanta derrota, ao vê-lo, areia, etc.

O verbo neutro *arear*, significando ficar attonito, perder o tento, é usado pelos nossos melhores auctores, e entre elles pelo padre Antonio Vieira e pelo padre Manuel Bernardes. Sem embarg

d'isso, quem o julgar mal cabido no remate do verso, leia: *Do proprio esforço os impetos sopeia.*

OITAVA LXIV

Que á do Templo succede, e as armas tinge, etc.

É geralmente sabido que muitos cavalleiros da ordem de Christo, desde que ella foi instituida em substituição á dos templarios, se distinguiram pelo seu valor em todas as guerras que Portugal teve de sustentar.

IBIDEM

Pois se cumprem por ella altos desenhos, etc.

O immortal promotor dos descobrimentos maritimos, o infante D. Henrique, era governador e administrador do mestrado da ordem de Christo; e dos rendimentos que de taes cargos lhe provinham, gastava uma grande parte no custeamento das expedições exploradoras dos mares.

OITAVA LXVI

Nobre conde D. Pedro abre aos vindouros, etc.

Ácerca do *Nobiliario* do conde D. Pedro, filho natural de el-rei D. Diniz, consulte-se a memoria do sr. Alexandre Herculano inserta no tomo 1.º da parte 1.ª da nova serie das memorias da segunda classe da academia real das sciencias de Lisboa.

OITAVA LXXIII

Faz a nobre vassallo atroz affronta

A João Lourenço da Cunha, senhor de Pombeiro, a quem D. Fernando tirou sua legitima mulher D. Leonor Telles de Menezes, com a qual se casou, em menoscabo das leis divinas e humanas, e com gravissimo e geral escandalo.

CANTO II

OITAVA I

Brites, fructo (se o é) de indigno enlace, etc.

Houve, antes e depois da morte de el-rei D. Fernando, quem duvidasse que D. Brites ou Beatriz, fosse filha d'este soberano. A esta duvida allude Camões, dizendo:

Beatriz era a filha, que casada
Co'o castelhano está que o reino pede;
Por filha de Fernando reputada,
Se a corrompida fama lh'o concede.

(Lus. IV, 7.)

OITAVA VII

Sacro padrão levanta e magestoso.

O sumptuoso templo e convento de Nossa Senhora da Victoria, vulgarmente chamado da *Batalha*, perto da villa de Obidos, na provincia da Extremadura.

Ao senhor sabaoth. Ao senhor dos exercitos. *Sabaoth* é vocabulo hebraico adoptado pela igreja. Quem não approvar o seu uso n'esta oitava, leia: *Das hostes ao senhor.*

OITAVA IX

Mais que a Stoa, Lyceu ou Peripato, etc.

Entenda-se quanto aos resultados praticos que da escola nautica de Sagres se colheram; alludindo-se ao descobrimento de tantas e tão vastas regiões, e á dilatação da sancta fé e da civilisação.

IBIDEM

Um singelo padrão vemos erguido, etc.

Em 24 de julho de 1840, na praça da Villa de Sagres, sobre a porta interna da entrada principal da referida villa, se collocou uma lapide em que estão esculpidas duas inscripções commemorativas do sublime merecimento e immortaes façanhas de tão grande principe. Uma das inscripções é escripta em puro e elegante latim, a outra é a sua traducção em vulgar.

Veja-se o *Resumo da Historia de Portugal*, pelo sr. conselheiro Monteverde, pag. 51.

OITAVA XVI

Dictas maximas d'oiro em nobre estylo, etc.

No livro que compoz, e dedicou á rainha D. Leonor sua esposa, e a que deu por titulo *O leal conselheiro.*

Consulte-se o *Diccionario bibliographico* do sr. Innocencio Francisco da Silva, no artigo respectivo. Á mesma eruditissima e utilissima obra do douto academico convirá que recorram os leitores do nosso *Bosquejo,* sempre que n'elle achem mencionado algum escriptor portuguez.

OITAVA XVIII

Poz em romance a ascetica doutrina, etc.

A infanta D. Catharina, filha de el-rei D. Duarte, verteu para a lingua portugueza o livro da *Regra e perfeição da conversação dos Monges*, composto em latim por S. Lourenço Justiniano, patriarcha de Veneza. A versão imprimiu-se em Coimbra, no mosteiro de Sancta Cruz em 1531.

OITAVA XXVII

A' lusa gloria
Pregão suscita de latina historia.

D. Affonso V, desejando que os nobres feitos dos portuguezes fossem mais conhecidos na Europa, quiz que se escrevesse em latim a historia do reino, e com esse intuito mandou vir de Italia, promettendo generosa remuneração, o religioso dominico frei Balduino ; o qual todavia, chegando enfermo, falleceu em pouco tempo, sem haver deixado escripto algum.

OITAVA XXX

De um poder oppressor o jus limita, etc.

Os excessivos privilegios e ampla jurisdicção dos senhores de terras e donatarios da corôa, que vexavam os povos, e limitavam em demasia as prerogativas e auctoridade do soberano.

IBIDEM

Dá fausto nome ao fero promontorio, etc.

El-rei D. João II mudou o nome de *Cabo das Tormentas*, que tinha sido dado áquelle promontorio por Bartholomeu Dias, no de *Cabo da Boa Esperança*, pela confiança que tinha de cedo se conseguir o desejado descobrimento da India.

OITAVA XXXIII

Lançam sementes do eloquio divinal.

Prégam a palavra de Deus, a doutrina evangelica.

IBIDEM

Targa o diga e Çamice, e a cavalgada, etc.

A respeito das façanhas dos portuguezes em Africa no reinado de el-rei D. João II, lêa-se a chronica d'este monarcha, escripta pelo chronista Ruy de Pina, que se acha no 2.º volume dos *Ineditos da historia de Portugal*, publicados pela academia real das sciencias.

OITAVA XLII

Após triumpho pomposo.

Duarte Pacheco Pereira, quando, depois de suas estupendas façanhas, regressou a Lisboa a 22 de janeiro de 1505, foi recebido por el-rei D. Manuel com extraordinarias demonstrações do mais alto apreço, e singular reconhecimento ; pois o levou a seu lado, indo debaixo de um palio, desde a igreja matriz até á de S. Domingos, onde foram render solemnemente graças a Deus pelos triumphos obtidos.

OITAVA XLIII

Vendo tal desamor, e odio tão cego, etc.

Desamor refere-so ao rei; *odio*, diz respeito aos malevolos e invejosos detractores do grande Albuquerque.

OITAVA LII

Mais venturoso heroe que o macedonio, etc.

O grande Alexandre, rei de Macedonia, visitando o tumulo de Achilles, no promontorio Sigeu, derramou algumas lagrimas, exclamando: «Ditoso guerreiro que tiveste em Homero um digno pregoeiro de tuas façanhas». A esta exclamação alludiu Camões nos ultimos dois versos dos Lusiadas, exprimindo com isso um sentimento de bem cabido orgulho. Auctorisou-o a isso o conselho de Horacio: *Sume superbiam quaesitam meritis. Pregão meonio* vale o mesmo que pregão do poeta *meonio* ou *meonide*, isto é, Homero, que alguns auctores pretendem ter nascido na Lydia, paiz a que tambem se deu o nome de *Meonia*.

OITAVA LXI

A's Sigéas irmãs, etc.

Consulte-se a obra de mr. P. Allut, intitulada: *Aloysia Sigêa et Nicolas Chorier*. Lyon 1862, em 12.º

OITAVA LXII

Quanto em Pella dictára o 'Stagirita, etc.

O grande philosopho Aristoteles, natural de Estagira, foi mestre de Alexandre Grande, a quem doutrinou na cidade de Pella, capital da Macedonia. Pelo *bom Lombardo* entende-se Pedro Lombardo, bispo de Paris no seculo XIV, cognominado o *mestre das sentenças;* por cujas obras se ensinou por muito tempo a theologia escolastica.

Entende-se portanto dizer nos primeiros quatro versos d'esta oitava, que Publia Hortencia de Castro estudou philosophia e theologia.

IBIDEM

Por seu vasto saber, que assombro excita, etc.

Publia Hortencia de Castro, filha de um nobre cavalleiro, Thomaz de Castro, cursou, em companhia de seu irmão Jeronymo de Castro, humanidades, philosophia e theologia na universidade de Coimbra, com maravilhoso aproveitamento. Admittida ao serviço da infanta D. Maria, filha de el-rei D. Manuel (da qual tambem se faz menção no *Bosquejo*) defendeu conclusões na presença do cardeal infante e depois rei D. Henrique, e, tempos depois, na de el-rei D. Filippe I de Portugal. Foi muito applaudida e galardoada por ambos aquelles principes.

Ácerca da infanta D. Maria, das irmãs Sigêas, de Publia Hortencia de Castro e de outras damas portuguezas de grande enge-

nho e instrucção, contemporaneas ou quasi contemporaneas d'aquella inclyta princeza, lêam-se as eruditas notas do sr. Antonio Feliciano de Castilho ao seu drama *Camões*, pag. 266 e seguintes da 1.ª edição.

OITAVA LXIV

Das musas aggregado aos sacerdotes, etc.

Garcia de Rezende, chronista de el-rei D. João II, como poeta não teve estro, nem elevação, e por isso se diz que não passou além do peristylo do templo das musas, de que foi, fallando figuradamente, mais *aedituus* que *sacerdos.* Todavia as suas trovas merecem ser lidas, por muito moraes e chistosas.

CANTO III

OITAVA X

Aos céus ergueu alguns o claro Elpino, etc.

Uma grande parte das odes pindaricas do desembargador Antonio Diniz da Cruz, cognominado entre os arcades *Elpino Nonacriense*, é consagrada a glorificar os heroes portuguezes que se immortalisaram no ultramar.

OITAVA XVI

Não perde em que de um throno o fado o prive

Mais de uma vez se tratou de conferir ao infante D. Luiz o supremo governo de um estado; porém não vingaram taes projectos.

OITAVA XVII

De Siloé só bebe as sacras lymphas, etc.

O infante D. Luiz consagrou os ultimos annos da sua vida a estudos sagrados, e compoz poesias religiosas. N'este logar se contrapõe a fonte de *Siloé,* existente na cidade sancta de Jerusalem, e de que fallam os evangelistas, á *Castalia,* fonte tão celebrada dos poetas profanos.

OITAVA XVIII

Longo tempo depois feliz memora, etc.

Jacinto Freire de Andrade escreveu, como todos sabem, a vida do heroe D. João de Castro; obra classica, em que procurou imitar a concisão do historiador latino Sallustio, como se indica na oitava XXIV do canto IV.

IBIDEM

Vingado o filho, etc.

D. Fernando, que morreu combatendo valorosamente.

OITAVA XXI

Letras, sciencias, do supremo lume
Duplice facho, emanação celeste.

Sapientia *vapor est virtutis Dei, et emanatio* quaedam est claritatis omnipotentis Dei.
Livro da *Sabedoria*, cap. VII, verso 25.

OITAVA XXXIII

Sepulveda e Leonor que a tempestade, etc.

O lastimoso caso de Manuel de Sepulveda e de sua esposa D. Leonor de Sá, que naufragaram na costa da Cafraria, e depois de infinitos trabalhos vieram a morrer com seus filhinhos no interior d'aquellas inhospitas plagas, além de ser celebrado no poema de Jeronymo Côrte Real, foi commemorado em tres sublimes e patheticas oitavas pelo principe de nossos epicos no canto V dos Lusiadas (46, 47 e 48.)

OITAVA XXXVI

Já muitos lustros antes se extremára, etc.

No reinado de D. Affonso V, e já algum tempo antes, florecera o insigne pintor Vasco, chamado o *Grão Vasco*, natural de Vizeu, ao qual se attribue um grande numero de paineis, alguns d'elles de duvidosa procedencia. Modernamente fez ácerca d'este celebre artista muitas e curiosas investigações um diplomatico prussiano, residente por alguns annos n'esta côrte, o sr. conde de Rackzinsky, cujos resultados publicou na sua importante obra, escripta em francez, intitulada *Les arts en Portugal*, impressa em Paris em 1846.

OITAVA XXXVII

Mas a todos Coelho a palma leva, etc.

Alvaro Sanches Coelho, nascido em Portugal, no anno de 1515, segundo se crê, passou a Castella, onde produziu a maior parte das suas obras, muitas das quaes se admiram no Escurial.

Ácerca dos pintores, estatuarios e architectos portuguezes, vejam-se, além da obra citada, as *Memorias* de José da Cunha Taborda, publicadas em Lisboa em 1815, e as de Cyrillo Wolmar Machado, tambem impressas em Lisboa, em 1823.

OITAVA XLII

Oito nações publicam os louvores.

O grande servo de Deus S. João, natural de Montemór o Novo, foi cognominado homem de Deus pelo arcebispo de Granada Guerrero, cuja diocese foi o berço da ordem dos Hospitalarios, fundada pelo nosso inclyto compatriota, o qual ficou sendo conhecido pelo nome de João de Deus. O papa Alexandre VIII o canonizou em 1690. O instituto de S. João de Deus, ainda existe e florece em França, Italia, Austria, Bohemia, Hungria, Baviera, Prussia e Po-

lonia. Tem presentemente 99 conventos-hospitaes, e conta 1:159 religiosos professos, entre os quaes 75 presbyteros, 14 doutores em medicina e cirurgia, 57 doutores só em medicina, e 78 pharmaceuticos com os estudos e diploma exigidos para o exercicio da sua profissão. Leia-se o jornal *Le Monde*, de 24 de agosto de 1864.

OITAVA XLIII

Lyra do luso Homero a perda chora

O tão prematuro fim do esperançoso principe D. João, foi lamentado por Camões, na primeira das suas eglogas, e tambem por outros poetas contemporaneos, Sá de Miranda, Antonio Ferreira, etc.

CANTO IV

OITAVA XIII

Galliza o diga por Coutinho entrada, etc.

Ácerca d'este e outros acontecimentos da guerra da acclamação, consulte-se a obra do conde da Ericeira, intitulada *Portugal restaurado*.

OITAVA XV

Em sazão para o luso infausta e triste

Os hollandezes estabeleceram a sua dominação em algumas provincias do Brazil, quando Portugal estava sujeito aos castelhanos, com quem a Hollanda se achava em guerra.

OITAVA XXI

Do ausonio cisne os versos vividouros, etc.

Virgilio, no VI canto da Eneida (versos 860-886), deplora de um modo engenhoso e summamente pathetico, a morte de Marco Claudio Marcello, mancebo de grandes esperanças, que se finou na idade de vinte annos. Era filho de Octavia, irmã de Octaviano Augusto, e fôra adoptado por este imperador, e declarado seu successor.

OITAVA XXIII

Em mais de um lance de tristeza e lucto, etc.

As obras de D. Francisco Manuel de Mello, por muito varias, moraes e repassadas do mais fino atticismo, são maravilhosamente adaptadas para a leitura util e agradavel de mais de uma qualidade de leitores, nas mais diversas situações da vida. Consolam no infortunio, recreiam na prosperidade.

OITAVA XXXI

Regio heroe entra em Lysia, etc.

D. João de Austria, filho natural de D. Filippe IV. Havia-se assenhoreado de Napoles, e recuperado Barcelona; mas tendo sido mandado a Portugal á frente de um numeroso e luzido exercito, depois de obtidas successivas vantagens e de ter tomado a cidade de Evora, foi desbaratado completamente nos campos do Ameixial por D. Sancho Manuel, o primeiro conde de Villa Flôr.

OITAVA XXXIV

Qual o guerreiro, heroe do grande Tasso.

Godfredo de Bulhão, de quem disse o poeta na proposição do poema:

«*Molto egli oprò col senno e colla mano.*»

OITAVA XXXVII

A Schomberg, etc.

O marechal de França, Armando Frederico de Schomberg illustrou-se sob o pendão dos lizes, isto é, nos exercitos da França, sua patria, e militou ao serviço do principe de Orange, e depois ao serviço de Portugal. É aqui assemelhado a Iphicrates, porque este general, sendo atheniense, mais de uma vez commandou corpos de exercito em auxilio de principes estrangeiros. Leia-se a sua vida em Cornelio Nepote.

CANTO V

OITAVA IX

Bella Ignez, por quem tanto se desvela, etc.

Francisco Vieira, cognominado *Lusitano*, casou com D. Ignez Helena de Lima e Mello, senhora pertencente a uma familia de esclarecida nobreza. A opposição que experimentou para a realisação d'este enlace, e a perseguição que se lhe moveu depois de effectuado, foram estimulos para o joven pintor aperfeiçoar-se nos estudos artisticos, e cultivar as letras, procurando assim compensar com o seu merecimento pessoal a falta de lustre herdado, a que n'aquelles tempos se dava importancia excessiva. Elle proprio o confessa nos cantos lyricos que compoz e publicou em Lisboa, 1780, com o titulo de *Pintor insigne e leal esposo.*

OITAVA XIII

Nem brandiu contra Assur, etc.

Allude-se ao anjo exterminador, que fez em uma só noute horrivel estrago no exercito dos assyrios, a cuja frente o rei Sen-

nacherib sitiava a cidade de Jerusalem. V. o liv. IV *dos Reis*, cap. XIX.

OITAVA XV

Nocturno assalto, etc.

Muitos, adduzindo ponderosos argumentos, pretendem que os auctores d'este assalto nocturno não se propunham tirar a vida ao soberano, mas sim a um obscuro individuo empregado no serviço real, cumplice em factos criminosos, offensivos da honra dos aggressores.

OITAVA XVI

...... Cumplices infames, etc.

A cumplicidade dos jesuitas no attentado de 3 de setembro de 1758, nunca foi provada, e afoutamente se póde affirmar que elles lhe foram completamente estranhos.

OITAVA XXI

Dás a um frivolo orgulho a digna pena

Elpino Nonacriense ridiculisou no poema heroe-comico *O Hyssope* a frivola vaidade do bispo de Elvas, D. Lourenço de Lencastre, que, com o maior empenho (afinal frustrado) forcejou por ser conservado na posse de vir o deão offerecer-lhe o hyssope á porta da sala do cabido, todas as vezes que o prelado ía exercer as suas funcções na cathedral. Elpino no seu poema propoz-se por modelo o de Boileau, intitulado a Estante, *Le Lutrin*.

OITAVA XXV

Verney, Rocha, Pereira, etc.

Luiz Antonio Verney, famoso humanista e distincto sabio, foi o auctor da obra intitulada *Verdadeiro methodo de estudar*, que apontando a imperfeição dos methodos seguidos no ensino das differentes disciplinas em Portugal, provocou graves e prolongadas altercações sobre tão momentoso assumpto.

José Monteiro da Rocha, teve grande parte na composição dos *Novos estatutos* dados á universidade de Coimbra na epoca da sua reforma.

Ninguem desconhece os serviços feitos á cultura das letras latinas pelo padre Antonio Pereira de Figueiredo, tambem benemerito das letras portuguezas.

OITAVA XXVI

Mil sonhos vãos de Peripáto, etc.

Deu-se então impulso e a devida direcção ao estudo das sciencias naturaes, até ali estacionarias desde seculos pela pertinaz adhesão ás doutrinas peripateticas.

OITAVA XXIX

Suppre genio inventivo, etc.

Com effeito é muito de admirar que a primeira tentativa feita em Portugal de fundir uma estatua colossal em bronze, surtisse tão satisfactorio resultado.

OITAVA XXX

Nas lides do governo ao grão Carvalho, etc.

A respeito do illustrado ministro José de Seabra da Silva, leia-se o seu *Elogio historico*, composto pelo sr. marquez de Rezende, por elle lido em sessão solemne da academia real das sciencias, e que se publicou em 1863, nas *Memorias* da mesma academia, tom. III, part. I, da nova serie.

OITAVA XXXVI

Nimio culto rendesse ao seu Descartes.

O padre Theodoro de Almeida, aliás muito benemerito dos estudos philosophicos em Portugal, foi demasiadamente afferrado ao cartesianismo, e propugnou, na sua obra intitulada *Recreação philosophica*, a absurda doutrina de alguns sectarios d'aquella escola, que sustentavam serem os animaes uns meros automatos, carecentes de todo o sentimento.

OITAVA XL

Pelo feliz Godoy que ostenta ufano, etc.

Na bellissima collecção de poesias do sr. dr. D. Antonio de Trueba, intitulada: *El libro de los cantares*, a pag. 181 da sexta edição, se lê o seguinte:

Ese Godoy, por mal nombre
el principe de la paz,
el principe de la guerra
se debiera titular.

IBIDEM

Mas finda a lucta (com não leve damno)

A perda de Olivença, de que os hespanhoes ficaram de posse, e a cessão de parte da Guyana á França.

OITAVA XLIX

Mas vate sem primor, sem rica veia, etc.

A traducção da *Arte poetica* de Horacio, em verso rimado, por Jeronymo Soares Barbosa, uma das mais infelizes versões poeticas de que temos noticia, deve servir de escarmento a quem, não sendo favorecido das musas, fôr tentado de escrever em verso, quer compondo quer traduzindo.

OITAVA XLII

Nas disciplinas que da nobre Samos, etc.

Pythagoras, nascido na ilha de Samos, fundador da escola philosophica italica, além de grande philosopho, foi insigne mathematico, e as sciencias exactas lhe mereceram a maior attenção, e lhe deveram grandes progressos.

OITAVA LXXVIII

A triplice corôa

O senhor D. João VI, por fallecimento de sua augusta mãe, a senhora D. Maria I, tomou o titulo de *Rei do reino unido de Portugal, Brazil* e *Algarves;* por isso se chama triplice a corôa d'este reino, em relação áquelle tempo.

CANTO VI

OITAVA XXX

Da humanidade assigna aos bemfeitores, etc.

Leia-se a bellissima descripção dos campos Elysios no sublime episodio do liv. VI da *Eneida.* N'aquelles deliciosos sitios, entre amenos vergeis, colloca o poeta as almas dos que beneficiaram os seus similhantes: *Quique sui memores alios fecere merendo.*

OITAVA XXXV

Com animo esforçado e rosto inteiro

Rosto *inteiro*, quer dizer não turvado, não abatido. N'esta accepção usou do adjectivo *inteiro,* Camões, no canto VI, estancia 98 dos Lusiadas:

E com forçar o rosto que se enfia,
A parecer seguro, ledo, *inteiro,*
Para o pelouro ardente que assovia,
E leva a perna ou braço ao companheiro.

OITAVA XLVIII

N'ella se ostenta a imagem da firmeza, etc.

O auctor não pretende aqui approvar, nem reprovar o procedimento da rainha a senhora D. Carlota Joaquina, em haver recusado prestar juramento á constituição de 1822: só encarece a intrepidez e firmeza de que ella deu prova n'aquellas criticas circumstancias. A imagem do varão constante, a que se allude n'esta oitava, é a que foi pintada pelo vate venusino, isto é, por Horacio, nos primeiros oito versos da terceira ode do livro III das suas composições lyricas.

INDICE ALPHABETICO

DOS

NOMES PROPRIOS

N. B. — O numero romano denota o canto; o algarismo que se lhe segue, a oitava. Ainda que o nome proprio se ache mais de uma vez no «Bosquejo Metrico» só se cita no indice a 1.ª vez. N. significa nasceu. A. significa foi acclamado. F. significa falleceu.

A

Academo. V. 81. Proprietario de um jardim perto de Athenas, no qual jardim muito depois da morte do antigo proprietario, ensinava o grande philosopho Platão as suas sublimes doutrinas.

Achem. III. 47. Cidade da ilha de Sumatra na Oceania.

Affonso (o Sexto) I. 22. Imperador de Hespanha, sogro do conde D. Henrique, tronco dos reis de Portugal.

Affonso. I. 24. D. Affonso Henriques, rei de Portugal. N. segundo a opinião mais seguida, em 1109. Tomou posse do governo em 1128, e foi acclamado rei segundo o parecer dos srs. historiadores, em 1139. F. em 1185.

Affonso. I. 43. D. Affonso II, terceiro rei de Portugal. N. 1186. A. 1211. F. 1233.

Affonso. I. 43. D. Affonso III, quinto rei de Portugal. N. em 1210? Tomou posse do governo em 1246. A. 1248. F. 1279.

Affonso. I 67. Affonso IV, setimo rei. N. 1291. A. 1325. F. 1357.

Affonso. II. 24. D. Affonso V, decimo rei. N. 1432. A. 1438. F. 1481.

Affonso. IV. 27. D. Affonso VI, vigesimo segundo rei. N. 1643. A. 1656. F. 1686.

Affonso. II. 36. O principe D. Affonso, filho d'el-rei D. João II.

Agareno. I. 26. Toma-se por synonymo de arabe, de mouro.

Agostinho. I. 37. S. Agostinho, bispo de Hippona, doutor da igreja.

AJACE IV. 34. O mesmo que Ajax (o Telamonio) depois de Achilles, o mais valente dos caudilhos gregos confederados contra Troia.

ALBA III. 59. O duque d'Alba, general castelhano.

ALANOS. I. 13. Povo de origem scythica que invadiram as terras do imperio romano no V seculo, e entre ellas a Hespanha.

ALBION. V. 62. O mesmo que Inglaterra.

ALBUQUERQUE. II. 43. Affonso de Albuquerque, segundo governador da India, celeberrimo pelas suas victorias e conquistas.

ALBUQUERQUE. IV. 14. Mathias de Albuquerque, governador das armas do Alemtejo, nos primeiros tempos da guerra da acclamação.

ALBUQUERQUE. IV. 36. André de Albuquerque Ribafria, um dos heroes da guerra da acclamação, que morreu pelejando valorosamente na batalha das linhas de Elvas.

ALCACER. I. 42. Villa de Portugal na Extremadura.

ALCACER. III. 50. Alcacer Quibir, cidade de Africa, no reino de Fez.

ALCIDES. I. 71. O mesmo que Hercules.

ALCIPPE. V. 52. Nome arcadico da marqueza de Alorna, senhora muito instruida e notavel poetiza.

ALCUINO. V. 36. Sabio inglez do seculo oitavo, fundador de varias escolas sob os auspicios de Carlos Magno.

ALDONÇA. V. 10. Veja-se Dulce.

ALECTO. V. 79. Uma das furias, na mythologia grega.

ALEIXO. III 46. Varão muito esforçado e muito prudente, aio d'el-rei D. Sebastião.

ALJUBARROTA. II. 3. Villa de Portugal na Extremadura.

ALMADA. II. 20. Antão Vasques de Almada, general que muito se distinguiu na batalha de Ajubarrota.

ALMADA. II. 20. Valoroso capitão que morreu na batalha d'Alfarrobeira combatendo a favor do infante D. Pedro.

ALMEDINA. II. 57. Cidade de Africa no imperio de Marrocos.

ALMEIDA. II. 29. D. Duarte de Almeida, que não largou o estandarte real na batalha de Toro senão depois de lhe cortarem os braços.

ALMEIDA. II. 49. D. Francisco de Almeida, primeiro vice-rei da India portugueza, valorosissimo guerreiro.

ALMEIDA. IV. 9. D. Miguel d'Almeida, um dos 40 acclamadores d'el-rei D. João IV.

ALMEIDA. V. 36. O padre Theodoro de Almeida, auctor da obra intitulada *Recreação philosophica.*

ALMEIDAS. II. 45. Um d'elles é D. Francisco, outro D. Lourenço seu filho, ambos immortaes pelo seu heroico valor.

AMEIXIAL. IV. 35. Campos do Ameixial no Alemtejo, onde o conde de Villa Flor, D. Sancho Manuel, venceu o exercito castelhano, commandado por D. João de Austria.

ANDEIRO. II. 2. João Fernandes Andeiro, conde de Ourem, valido da rainha D. Leonor, viuva de el-rei D. Fernando.

ANDINO. V. 47. Por cisne *andino* entende-se Virgilio, principe dos epicos latinos, nascido em *Andes*, pequena povoação perto da cidade de Mantua

ANDRADE. IV. 24. Jacinto Freire de Andrade, distincto classico portuguez, que escreveu a vida de D. João de Castro.

ANGOLA. IV. 18. Estado de Africa na Negricia meridional, sujeito á corôa de Portugal.

Anselmo. V. 36. S. Anselmo, arcebispo de Cantuaria, celebre theologo e philosopho do seculo xi.
Antonio. I. 48. Sancto Antonio de Lisboa, o thaumaturgo portuguez.
Antonio. III. 70. D. Antonio, prior do Crato, um dos pretendentes á corôa de Portugal, por morte do cardeal rei.
Aonia. IV. 30. Lympha Aonia é a agua da fonte Aganippe, consagrada ás musas, e que ficava na Aonia, parte montanhosa da Beocia.
Apollo. I. 1. Um dos grandes deuses da mythologia grega. Presidia ás letras e especialmente á poesia.
Arabio. I. 36. O mesmo que arabe; toma-se pelo falso propheta Mafoma, ou pelos sectarios do mahometismo.
Araujo. V. 59. Antonio de Araujo de Azevedo, que veiu a ser conde da Barca, illustrado ministro do senhor D. João VI, quando principe regente.
Arcades pastores. V. 11. Os socios da arcadia de Roma, a quem el-rei D. João V doou um edificio para celebrarem suas sessões. A arcadia foi um paiz no centro do Peloponeso, antigamente celebre pela amenidade do clima, e pela singeleza de costumes de seus habitantes.
Aregas. IV. 10. João de Aregas ou das Regras, jurisconsulto, que muito concorreu para D. João I ser elevado ao throno.
Argos. II. 10. Navio em que Jasão foi á conquista do véllo de oiro.
Argote. V. 6. D. Jeronymo Contador de Argote, eruditissimo socio da academia real de historia portugueza.
Ario. I. 16. Heresiarcha do seculo iv da igreja, que negava a divindade de Jesus Christo.
Aristippo. IV. 50. Philosopho grego, fundador da escola cyrenaica ou edonica, que fazia consistir o summo bem nos prazeres dos sentidos.
Arraes. III. 74. D. fr. Amador Arraes, frade carmelita, bispo de Portalegre, auctor de *Dialogos* muito elegantes e doutrinaes.
Arthur. V. 71. Lord Wellington, duque da Victoria, o heroe inglez na guerra da Peninsula.
Arzila. II. 24. Cidade de Africa no reino de Fez.
Asopo. V. 21. Rio da Beocia. Pindaro foi natural de Thebas, cidade da Beocia.
Assiz. I. 49. Cidade de Italia nos antigos estados do papa. Por asceta e seraphim de Assiz entende-se S. Francisco, fundador da ordem dos frades menores.
Assur. V. 13. O mesmo que assyrio. Allude-se ao exercito de Sennacherib.
Assyria. III. 69. Vasto imperio da Asia na antiguidade.
Asturias. I. 19. Provincia de Hespanha, berço da monarchia hespanhola.
Athaide. II. 45. Nuno Fernandes de Athaide, famoso capitão de Çafim.
Athenas. III. 71. Celebre cidade da Grecia, antigo emporio das letras e das bellas artes.
Atlante. V. 78. Rei da Mauritania, que, segundo a fabula, deu o seu nome ao monte Atlas e ao mar Atlantico.
Atouguia. III. 47. D. Luiz de Athaide, conde de Atouguia, duas vezes vice-rei da india, e n'ella restaurador da gloria portugueza.

Attalicos (Thesouros). V. 10. Houve tres reis de Pergamo chamados Attalos, cujas riquezas se tornaram proverbiaes.
Ausonia (Terra). I. 3. O mesmo que Italia.
Ausonio (Cysne). IV. 21. O grande poeta Virgilio.
Austria. IV. 40. N'este logar se allude ao archiduque de Austria Carlos, que pretendeu succeder na corôa de Hespanha por morte de D. Carlos II.
Avellar. V. 41. D. Francisco Gomes de Avellar, bispo do Algarve, illustrado e zeloso promotor da instrucção e prosperidade dos seus diocesanos.
Aviz. II. 1. Aviz, villa do Alemtejo, séde da ordem militar de S. Bento. Por mestre de Aviz entende-se aqui D. João, depois rei, o 1.º d'este nome.
Azambuja. III. 52. Fr. Jeronymo da Azambuja, religioso dominico, insigne theologo e escriptor ecclesiastico.
Azamor. II. 57. Cidade de Africa no imperio de Marrocos.
Azurara. II. 34. Gomes Eannes de Azurara, celebre chronista.

B

Bactro. III. 12. O rio Bactro na Asia, o qual desemboca no Oxo.
Badajoz. I. 30. Cidade de Hespanha na fronteira de Portugal, nas margens do Guadiana.
Baena. (João Sanches de) IV. 9. um dos mais distinctos restauradores de 1640.
Baharem. III. 15. Ilha do golfo persico, onde se pesca aljofar.
Barbaria. II. 14.. Região da Africa septentrional.
Barbosa. II. 65. Ayres Barbosa, grande humanista e um dos restauradores das letras na peninsula hispanica.
Barbosa. V. 49. Jeronymo Soares Barbosa, distincto philologo e philosopho; mas que se mostrou pessimo poeta na sua traducção da arte poetica de Horacio.
Barreto. IV. 16. Francisco Barreto de Menezes, um dos generaes que mais se distinguiram no Brazil contra os hollandezes.
Barros. (João de) III. 20. Famoso historiador cognominado o *Livio portuguez*.
Batavo. I. 43. O mesmo que hollandez.
Beatriz. IV. 10. V. Brites.
Beda. V. 36. Cognominado o *Veneravel*, sabio inglez que floresceu no seculo VIII, e foi mestre de Alcuino.
Beja. III. 74. Cidade na provincia do Alemtejo.
Belgas. III. 66. Habitantes da Belgica. Poeticamente, fallando com menos propriedade, confundem-se ás vezes com *batavos* ou hollandezes.
Beresford. V. 71. O marquez de Campo Maior, valente general inglez e habilissimo disciplinador do exercito portuguez, de que foi marechal general.
Bernardes. III. 29. Diogo Bernardes, poeta pastoril muito suave.
Bernardes. IV. 47. O padre Manuel Bernardes, da congregação do oratorio, zeloso prégador e escriptor ascetico de muita uncção e elegancia.
Bernardim. II. 63. Bernardim Ribeiro, excellente poeta bucolico.
Bernardo. I. 27. S Bernardo, reformador da ordem de cisterciense, e primeiro abbade do mosteiro de Claraval.

Berulle. IV. 46. O cardeal Berulle, que estabeleceu em França a congregação do oratorio.
Beticas (Campinas) I. 39. O mesmo que da Andaluzia.
Bidassoa. V. 63. Rio que separa a Hespanha da França.
Bidpay. V. 54. Filho do vizir de um rei da India, que viveu, segundo alguns auctores mais de mil annos antes da vinda de Christo, e conforme outros, só dois seculos antes da mesma era. É conhecido como auctor de apologos escriptos em sanscrito, obra muito celebre entre os orientaes. Ha quem em logar de *Bidpay*, escreva *Pilpay*.
Bintão. III. 15. Reino na India.
Bocage. V. 43. Manuel Maria Barbosa de Bocage, illustre poeta dos fins do seculo passado e principios do actual.
Boileau. V. 21. Poeta francez satyrico e critico do seculo de Luiz XIV.
Bojador. II. 12. Cabo na costa occidental de Africa.
Bolonhez (O conde). I. 53. Affonso III. Este monarcha foi chamado *Bolonhez* por ter sído casado com Mathilde, condessa de Bolonha em França.
Bonaparte. V. 65. José Bonaparte, rei intruso de Hespanha.
Bonaparte. V. 68. O mesmo que Napoleão I, o maior guerreiro e conquistador dos tempos modernos.
Borba. II. 34. O conde de Borba, D. Vasco Coutinho, celebre pelo seu valor nas guerras de Africa.
Bordéus. V. 66. Cidade de França, capital do departamento da Gironda
Borgonhez. I. 22. Natural de Borgonha, antiga provincia de França.
Botelho. III. 67. Nuno Alvaro Botelho, capitão mór do mar de Malaca, que morreu heroicamente, pelejando em uma batalha naval com os hollandezes.
Bourbons. V. 66. Dynastia real de França, restaurada no throno d'aquella monarchia em 1814.
Bracchabense. I. 47. allude-se n'este logar ao arcebispo de Braga, D. Estevão Soares da Silva.
Braga. I. 28. Cidade capital da provincia do Minho, séde primacial muito antiga e celebre na historia da igreja.
Bragança. II. 32. «*Um Bragança infeliz*». O duque de Bragança D. Fernando, decapitado em Evora como conspirador.
Bragança. (Estirpe de) IV. 10. A augusta dynastia felizmente reinante em Portugal.
Brahma. II. 47. Nome que dão ao ser supremo os sectarios de uma religião idolatra muito espalhada no Indostão.
Branca. VI. 36. A rainha de França, Branca de Castella, mãe de S. Luiz, regente na menoridade de seu filho, e depois durante as expedições d'aquelle monarcha.
Brandão. III. 76. Fr. Antonio Brandão, chronista do reino, que escreveu a 3.ª e a 4.ª partes da *Monarchia luzitana.*
Brandão. V. 41. D. frei Caetano Brandão, arcebispo de Braga, prelado virtuosissimo e varão verdadeiramente apostolico.
Brazil. IV. 16. Vastissimo continente da America meridional, hoje imperio, como todos sabem.
Brigantina estirpe. II. 57. A serenissima familia de Bragança.
Britanno. V. 71. O mesmo que inglez.
Brites. I. 57, e VI. 13. D. Brites, segunda mulher de el-rei D. Affonso III.
Brites. I. 70, e VI. 16. D. Brites, mulher de el-rei D. Affonso IV.

Brites. II. 1. Rainha de Castella, filha de el-rei D. Fernando I de Portugal, de cuja morte pretendeu succeder-lhe.

Brito. III. 76. Fr. Bernardo de Brito, chronista do reino, auctor da 1.ª e 2.ª partes da historia de Portugal, intitulada *Monarchia luzitana*.

Brito. IV. 44. O beato João de Brito, jesuita, martyr na India, beatificado em 1854.

Brotero. V. 48. Felix de Avellar Brotero, insigne botanico.

Bulhões. I. 49. Distincta familia de Lisboa, de que foi filho o thaumaturgo Sancto Antonio.

Burgos. V. 63. Cidade de Hespanha, capital de Castella Velha; cujo cêrco o exercito luso-anglo foi obrigado a levantar em 1812, retirando-se então até á fronteira de Portugal.

C

Cabraes. III. 9. Allude-se n'esta estancia a Jorge Cabral, governador da India.

Cabral. II. 12. Gonçalo Velho Cabral, descobridor da ilha de Sancta Maria, uma dos Açores.

Cabral. II. 53. Pedro Alvares Cabral, descobridor do Brazil.

Cafres. II. 50. Habitantes da Cafraria, vasta região da Africa austral.

Caldas. V. 44. Antonio Pereira de Sousa Caldas, excellente poeta lyrico, natural do Brazil.

Calecut. II. 50. Famosa cidade do Malabar, onde aportararam os argonautas portuguezes, commandados por Vasco da Gama.

Calliope. III. 75. Uma das nove musas, que presidia á poesia heroica.

Calvino. III. 52. João Calvino, heresiarcha, chefe dos pretensos reformados da França, de Genebra, etc.

Camarão. IV. 17. Valente official, que se distinguiu na guerra de Pernambuco contra os hollandezes.

Cambaia. III. 14. Cidade muito rica e populosa da India, no golfo que tem o seu nome.

Camenas. I. 63. O mesmo que as musas.

Çamicé. II. 33. Grande povoação na Barbaria, fortissima pela sua posição em uma eminencia.

Caminha. III. 29. Pedro de Andrade Caminha, poeta bucolico e epigrammatico, contemporaneo de Diogo Bernardes.

Camões. I. 1, e III. 55. Luiz de Camões, o principe dos poetas portuguezes.

Canavezes. VI. 9. Villa na provincia do Minho.

Capitolio. I. 4. Templo e cidadella de Roma antiga, no monte Tarpeio.

Caracena. IV. 31. O marquez de Caracena que, succedendo a D. João de Austria no commando do exercito castelhano, foi desbaratado pelo marquez de Marialva em Montes Claros.

Cardoso. IV. 25. O padre Jorge Cardoso, auctor do *Agiologio lusitano*, isto é, vidas dos sanctos portuguezes.

Carlos. V. 4. O archiduque Carlos de Austria, pretendente á corôa de Hespanha, por morte do rei D. Carlos II.

Carlota. VI. 47. A senhora D. Carlota Joaquina de Bourbon, esposa do senhor rei D. João VI.

Carmelo. III. 74. Hoje Acre, monte da Syria, o qual deu o seu nome a uma ordem de eremitas, que reconhecem por seu patriarcha o propheta Elias.
Carneiro. III. 38. Pedro de Alcaçova Carneiro, illustrado e probo ministro de el-rei D. João III.
Carthago. I. 3. Capital de uma poderosa republica na Africa, rival de Roma.
Carvalho. V. 16. Sebastião José de Carvalho e Mello, conde de Oeiras, marquez de Pombal, grande estadista, privado e ministro do senhor rei D. José.
Castalia. III. 17. Fonte nas fraldas do Parnaso, consagrada ás musas.
Castanheda. III. 19. Fernão Lopes de Castanheda, historiador do descobrimento e conquista da India.
Castella. I. 73. Região de Hespanha, dividida em Castella Velha e Castella Nova. Ás vezes toma-se por toda a Hespanha.
Castello Melhor. IV. 39. O conde de Castello Melhor, Luiz de Sousa e Vasconcellos, habil ministro, celebre pela sua fidelidade ao senhor rei D. Affonso VI
Castello Rodrigo. IV. 31. Villa da Beira Baixa, junto da qual Pedro Jacques de Magalhães derrotou os hespanhoes na guerra da acclamação.
Castilho. VI. 52. O fallecido 1.º visconde de Castilho, principe dos poetas portuguezes contemporaneos, para sempre maior lustre das letras portuguezas.
Castro. I. 68. D. Ignez de Castro, infeliz esposa do principe D. Pedro, depois rei de Portugal.
Castro. II. 29. D. Alvaro de Castro, conde de Monsancto, cavalleiro de extremado valor, que morreu no assalto de Arzila.
Castro. III. 18. D. João de Castro, vice-rei da India, um dos grandes heroes portuguezes.
Castro. III. 73. Gabriel Pereira de Castro, jurisconsulto e poeta insigne, auctor do poema heroico intitulado : *Ulyssêa ou Lisboa edificada.*
Castro. IV. 35. Diniz de Mello e Castro, primeiro conde das Galveias, que se assignalou na provincia do Alemtejo, como soldado e como general, em todos os vinte e cinco annos que durou a guerra da acclamação ; e de quem se diz ter entrado em mais de cem combates, levando sempre a melhor.
Catalã. VI. 10. Natural da Catalunha.
Catharina II. 18. A infanta D. Catharina, filha de el-rei D Duarte, princeza dotada de grandes virtudes e instrucção, que traduziu em vulgar o livro da *Perfeição dos Monges*, composto em latim pelo patriarcha de Veneza S. Lourenço Justinianno.
Catharina. III. 44, e VI. 35. D. Catharina, esposa de el-rei D. João III.
Catharina. III. 60. D. Catharina, duqueza de Bragança, filha do infante D. Duarte e neta de el-rei D. Manuel.
Catharina. V. 53. D. Catharina Michaela de Sousa Cesar e Lencastre, viscondessa de Balsemão, senhora de grande talento e instrucção, distincta poetiza. *Carinthia* é o anagramma de seu nome.
Celorico. I. 53. Villa de Portugal, na provincia da Beira Baixa.
Cenaculo. V. 41. D. frei Manuel de Cenaculo, arcebispo de Evora, prelado doutissimo e benemerito das letras sagradas e das profanas.
Ceuta. II. 8. Cidade de Africa defronte de Gibraltar.

Chagas. IV. 48. Frei Antonio das Chagas, religioso franciscano, fundador dos conventos do Varatojo e de Bracanes, auctor de obras espirituaes muito estimadas.

Chaldeu III. 77. Povo da antiga Babylonia.

Chaul. II. 51. Cidade da India, no reino Adecão.

Chrysippo. IV. 50. Philosopho estoico que floreceu duzentos e tantos annos antes da nossa era. Combateu com grande ardor as doutrinas das escolas de Epicuro e de Aristippo, que faziam consistir o summo bem no prazer.

Claraval. I. 27. Villa de França, no departamento do Aude.

Cochim. II. 46. Cidade da India na costa de Malabar.

Cocles. I. 34. Publio Horacio Cocles, heroe dos primeiros tempos de Roma, que assignalou o seu destemor na ponte Sublicia, combatendo contra Porsena, rei dos etruscos

Codro. I. 34. Ultimo rei dos atheniense, que se sacrificou pelos seus n'uma batalha contra os dorios.

Coelho. III. 37. Alvaro Sanches Coelho, famoso pintor portuguez, muitas de cujas obras se admiram na igreja e mosteiro do Escurial. Trabalhou principalmente para el-rei D. Filippe II de Castella.

Coimbra. III. 22 Antiga e nobilissima cidade de Portugal, nas margens do Mondego.

Colbert. V. 20. Celebre estadista francez, ministro de Luiz XIV.

Congo. IV. 18. Reino da Africa, cujo rei é vassallo da corôa de Portugal.

Constança I. 68, e VI. 17. D. Constança, primeira mulher do infante D. Pedro, depois rei de Portugal.

Constantino. I. 17. Imperador romano, que abraçou o christianismo nos principios do quarto seculo da era christã, e deu a paz á igreja, perseguida durante tres seculos com a mais atroz violencia.

Constantino. III. 47. D. Constantino de Bragança, vice-rei da India, immortal por suas façanhas n'aquelle estado.

Corfú. V. 4. A mais importante das ilhas Jonias.

Correia. I. 54. D. Paio Peres Correia, mestre da ordem de S. Thiago, esforçadissimo capitão, conquistador do Algarve.

Correia. III. 15. Antonio Correia Baharem, valoroso caudilho, vencedor do rei da ilha de Baharem, na India.

Correia. IV. 18. Salvador Correia de Sá, valente cabo de guerra, que restaurou Angola do poder dos hollandezes.

Corso III. 9. Toma-se por Bonaparte, natural da ilha de Corsega.

Corte Real. III 32. Jeronymo Corte Real, epico portuguez.

Costa. IV. 14. D. João da Costa, depois conde de Soure, um dos generaes que ganharam a batalha do Montijo.

Costa. V. 29. Bartholomeu da Costa, engenheiro sob cuja direcção se fundiu a estatua equestre do senhor rei D. José.

Coutinho. II. 29. D. João Coutinho, conde de Marialva, esforçadissimo cavalleiro, que morreu no assalto de Arzila.

Coutinho. III. 47. D. Francisco Coutinho, conde de Redondo, vice-rei da India.

Coutinho. IV. 13. D. Gastão Coutinho, general de Entre Douro e Minho, que se distinguiu nos principios da guerra da acclamação.

Coutinhos. II. 45. Um por nome D. Vasco, conde de Borba, outro D. Fernando, ambos illustres guerreiros.

Couto. III. 76. Distincto historiador que continuou as *Decadas* de João de Barros.

Creso. V. 23. Riquissimo rei da Lydia, vencido por Cyro.
Crispo. IV. 24. Crispo Salustio, famoso historiador romano, modelo na concisão do estylo.
Cunha. IV 9. D. Rodrigo da Cunha, arcebispo de Lisboa, um dos quarenta acclamadores de D. João IV.
Cunha. V. 42. José Anastacio da Cunha, auctor de excellentes compendios de disciplinas mathematicas, em que foi insigne.
Cunhales. III. 66. Pirata façanhudo.
Cunhas. I. 35. Familia nobilissima, da qual dizem ser tronco Paio Pelagio Gutterres.
Cunhas. III 9. Allude-se aqui a Nuno da Cunha, famoso governador da India.
Cyro. III. 77. Rei da Persia, famoso conquistador, que permittiu aos judeus, captivos na Babylonia, o regresso á patria e a reedificação de Jerusalem.

D

Dabul. II. 50. Cidade da India, na costa do Malabar.
Damaso. I. 11. (S. Damaso, papa portuguez, eleito no anno 366 da nossa era) auctor de poesias e inscripções latinas.
Danubio. V. 74. Grande rio da Europa, que banha Vienna d'Austria.
Decio. I. 34. Publio Decio Mus, capitão romano que se sacrificou pela patria em uma batalha contra os latinos.
Didaleo (Artificio). V. 29. Dedalo, segundo a mythologia, foi um mechanico e estatuario atheniense, de quem se referem maravilhas.
Delille. V. 43. Poeta francez, excellente traductor em verso das obras de Virgilio, e famoso mais que tudo pela doçura da sua metrificação.
Demosthenes. IV. 11. O mais eloquente dos oradores gregos.
Descartes. V. 36. Sabio francez do seculo xvii e um dos fundadores da philosophia moderna.
Deshoulières. V. 53. Celebre poetiza franceza do seculo xvii, que se distinguiu principalmente no genero pastoril.
Dias. II. 35. Bartholomeu Dias, o primeiro navegador que descobriu o cabo, que elle dominou das *Tormentas*; nome que foi mudado no de *Boa Esperança* pelo rei D. João II.
Diniz. I. 62. D. Diniz, sexto rei de Portugal. N. 1261. A. 1279. F. 1325.
Dio. III. 34. Cidade da India portugueza, no reino de Cambaia.
Dirce. III. 17 Fonte que corria perto da cidade de Thebas, na Grecia.
Dirceu. V. 45. V. Gonzaga.
Douro. V 21. Rio de Hespanha e Portugal, bem conhecido.
Duarte. I. 15. D. Duarte, undecimo rei de Portugal. N. 1391. A. 1433. F. 1438.
Dulce. VI. 10. D. Dulce, esposa de el-rei D. Sancho I.

E

Eannes. II. 32. Gil Eannes, navegador que primeiro dobrou o cabo Bojador.
Ebro. V. 64. Grande rio da Hespanha.

EDEN. II. 54. O mesmo que paraizo terreal. Eden em hebraico significa delicia.
EGAS MONIZ. V. Moniz.
EGYPCIO (POVO). IV. 5. O Egypto foi um dos paizes mais civilisados da antiguidade.
ELPINO. III. 10. Nome arcadico do desembargador Antonio Diniz da Cruz, insigne poeta lyrico e satyrico.
ELVAS. IV. 31. Cidade de Portugal na provincia do Alemtejo.
ELYSIO. VI. 30. O Elysio, subentendendo-se campo ; e mais usado no plural, os campos elysios : a mansão das almas bemaventuradas depois da morte, segundo a mythologia grega.
ENÉAS. III. 10. O principe toiano, heroe da epopéa de Virgilio.
EPAMINONDAS. III. 67. Esforçadissimo capitão thebano, que morreu victorioso, pelejando contra os lacedemonios em Mantinea.
ERASMO. III. 26. Desiderio Erasmo, grande humanista hollandez, admirador de Gil Vicente.
ESCANDINAVA (TERRA). I. 14. Região a que hoje corresponde a Suecia e Noruega.
ESOPO. V. 54. Famoso fabulista, natural da Phrygia, que viveu quinhentos annos antes da era christã. Os apologos attribuidos a Esopo foram imitados por Fedro, por La Fontaine, e por outros auctores.
ESPARTA. VI. 38. Antiga republica da Grecia, celebre pelo valor, e pela rigidez de costumes de seus cidadãos de ambos os sexos.
ESLING. V. 63. Cidade de Austria. O famigerado marechal Massena, tão pouco feliz na sua campanha de Portugal, tivera o titulo de principe de Esling, por haver contribuido para a victoria que Napoleão ali ganhara aos austriacos.
ESTAÇO. III 56. Achilles Estaço, celebre humanista, que gosou a estima de tres papas, Pio IV, Gregorio XIII e S. Pio V.
ESTAGIRITA. II. 62. O principe dos philosophos gregos, Aristoteles, mestre de Alexandre Magno.
ESTREMADURA. I. 26. Provincia de Portugal.
ESTYGIOS (MONSTROS). I. 50. Os demonios.
ETRURIA. V. 68. O mesmo que Toscana, antigo grão ducado da Italia. A ilha a que na oitava se allude é a de Elba.
EUCLIDES. III. 21. Famoso geometra grego.
EUPHRATES. III. 77. Grande rio da Asia, em cujas margens estava situada a cidade de Babylonia.
EURIPEDES. III. 28. Insigne poeta tragico grego.
EUXINO. II. 10. O Mar Negro.
EVORA. I. 38. Cidade de Portugal, cabeça da provincia do Alemtejo.

F

FABIO. I. 6. Quinto Fabio, proconsul romano, que concluiu com Viriato uma paz favoravel aos lusitanos.
FABIOS. IV. 22. Allude-se aqui a Quinto Fabio Maximo, o contemporisador, illustre general que, sendo dictador, sustou os progressos de Annibal.
FABRICIOS. IV. 22. Allude-se a Caio Fabricio, general romano, vencedor dos samnites, e celebre pela sua lealdade e desinteresse.
FARIA. I. 75. Nuno Gonçalves de Faria, alcaide mór do castello de Faria, illustre pelo seu valor e fidelidade na guerra com Castella, reinando el-rei D. Fernando.

Faria. III. 76. Manuel Severim de Faria, douto antiquario e escriptor politico.
Faro. VI. 35. Cidade do Algarve.
Fernam. III. 29. Fernam Alvares do Oriente, poeta, nascido na cidade de Goa, contemporaneo de Camões, e auctor da obra, parte em verso e parte em prosa, intitulada *Lusitania transformada.*
Fernandes (Martim). I. 60. Valoroso capitão no reinado do senhor D. Affonso III.
Fernando. I. 56. D. Fernando III, rei de Castella e Leão, cognominado o *Sancto.*
Fernando. I. 73. D. Fernando I, nono rei de Portugal. N. 1345. A. 1367. F. 1383.
Fernando. II. 15. O infante D. Fernando cognominado o *Sancto*, filho de el-rei D. João I, e que morreu captivo dos mouros em Fez.
Fernando (de Aragão). II. 26. Rei catholico, marido da rainha D. Izabel de Castella.
Fernando. IV. 49. D. Fernando de Menezes, segundo conde da Ericeira, distincto historiador, que escreveu nas linguas latina e portu ueza.
Ferreira. III. 28. O doutor Antonio Ferreira, celebre poeta portuguez
Figueirôa. IV. 17. Valoroso official na guerra contra os hollandezes em Pernambuco.
Filinto. V. 46. Filinto Elysio, nome arcadico do padre Francisco Manuel do Nascimento, poeta lyrico, e escriptor summamente benemerito da lingua portugueza.
Filippa de Lencastre. VI. 24. Esposa de el-rei D. João I.
Filippes. III. 69. Os tres reis de Castella que reinaram intrusamente em Portugal, desde 1580 até 1640, os quaes foram D. Filippe I, D. Filippe II e D. Filippe III.
Flacco. III. 28. Quinto Horacio Flacco, famoso poeta latino, lyrico e satyrico.
Flora. I. 2. Deusa das flores e dos jardins.
Florença. II. 65. Capital da Toscana, um dos mais brilhantes focos de civilisação na epoca do renascimento das letras.
Foreiro. III. 52. Fr. Francisco Foreiro, insigne theologo da ordem de S. Domingos.
Fortunadas (Ilhas). II. 54. Julga-se commumente ter-se dado este nome ás Canarias, situadas no oceano Atlantico, muito celebres pela sua fertilidade.
Fortunato. (D. Fr.) V. 70. Arcebispo de Evora. Prelado muito piedoso e escriptor erudito.
França. II. 65. O mesmo que franceza.
França. III. 59. Poderosa e florentissima região da Europa.
Francisca de Nemours. VI. 39. D. Maria Francisca Izabel de Saboia e Nemours havia esposado el-rei D. Affonso VI. Depois, tendo sido julgado nullo o matrimonio que com elle contrahíra, casou com o principe D. Pedro, que veiu a reinar com o nome de D. Pedro II.
Francisco. VI. 43. S. Francisco de Paula, nascido na Calabria, provincia do reino de Napoles, fundador da ordem dos minimos.
Freire. V. Andrade
Freitas. I. 52. Martim de Freitas, alcaide mór de Coimbra, illustre pela sua inviolada fidelidade a el-rei D. Sancho II.

Fructuoso. I. 28. S. Fructuoso, arcebispo de Braga, no seculo VII da igreja.
Furtado. III. 65. André Furtado de Mendonça, esforçado e habil capitão, governador da India, esclarecido por muitas façanhas.

G

Gallia. IV. 20. Toma-se por synonymo de França.
Gallo. V. 60. Francez.
Galliza IV. 13. Provincia de Hespanha bem conhecida.
Galvões. III. 9. Indica-se n'este logar Antonio Galvão, governador das ilhas Molucas, famoso pelas muitas façanhas que praticou.
Gama. II. 45. D. Vasco da Gama, primeiro conde da Vidigueira, o descobridor da India.
Ganges. II. 38. Rio da India muito celebrado.
Garção V. 22. Pedro Antonio Correia Garção, poeta elegante e de apurado gosto.
Garcia. II. 64. Garcia de Rezende, chronista e auctor de uma miscellanea em verso.
Garcia (Vaz Mascarenhas). IV. 52. Auctor do poema *Viriato Tragico.*
Garumna. V. 67. Rio de França, em cujas margens está situada Bordéus.
Garrett. VI. 52. O visconde João Baptista de Almeida Garrett, ha poucos annos fallecido, illustre poeta e prosador.
Germania. I. 14. Vasta região da Europa, a que hoje corresponde a Allemanha.
Germanico. I. 39. Como adjectivo gentilico, significa o mesmo que allemão.
Giraldo. I. 28. S. Giraldo, arcebispo de Braga no tempo da dominação. dos visigodos.
Giraldo. I. 38. Denodado guerreiro cognominado *Sem pavor*, que tomou Evora aos mouros por entrepreza
Goa. II. 48. Cidade capital da India portugueza.
Godfredo. III. 75. Godfredo de Bulhão, chefe da primeira cruzada. Tomou Jerusalem aos sarracenos. O cantor de tão nobre quanto feliz empreza foi o grande epico italiano Torquato Tasso.
Godinho. I. 27. O beato Godinho, arcebispo de Braga, nos ultimos annos do reinado de el-rei D. Affonso Henriques.
Godos. I. 13. Povos do norte da Europa, que nos seculos IV e V da era christã invadiram as terras do imperio romano.
Godoy. V. 40. D. Manuel Godoy, principe da Paz, ministro e valido do rei de Hespanha D. Carlos IV.
Gonçalo. I. 38. Esforçadissimo caudilho, cognominado o *Lidador.*
Gonzaga. V. 45. Thomaz Antonio Gonzaga, mimoso poeta lyrico, mais conhecido pelo nome arcadico de Dirceu.
Gouveias. III. 24. Um foi Diogo de Gouveia, outro Antonio de Gouveia; ambos admirados e applaudidos em França pela sua grande erudição.
Gracchos (A mãe dos). IV. 4. Cornelia, filha de Scipião africano, educou severamente seus filhos, Tiberio Graccho e Caio Graccho, e os esforçou nos lances mais perigosos.
Grecia. III. 21. Região da Europa, muito celebre na antiguidade pelo valor e illustração de seus habitadores

Guimarães. I. 11. Cidade de Portugal, berço da monarchia portugueza na provincia do Minho, cujos prelados tomam o titulo de primazes da Hespanha.
Gusmão. IV. 3. V. Luiza.
Gutterres. I. 35. Payo Pelagio Gutterres, parente do conde D. Henrique, e illustre tronco dos Cunhas em Portugal : diz-se ter tomado o appellido de Cunha, porque com fortes cunhas quebrou as portas de Lisboa, quando esta cidade foi tomada aos mouros.

H

Hamet. III. 48. Muley Hamet, rei de Marrocos, deposto do throno por seu tio Moluco.
Haro. IV. 32. D. Luiz de Haro, general castelhano, derrotado por D. Antonio Luiz de Menezes, conde de Cantanhede, depois marquez de Marialva, na batalha das linhas de Elvas.
Hebreu. III. 69. O povo israelita.
Heitor. III. 57. Fr. Heitor Pinto, monge de S. Jeronymo. elegante escriptor ascetico.
Helena. VI. 20. Mulher de Menelau, rei de Esparta, roubada por Páris, principe troiano ; rapto que foi causa da guerra de Troia.
Heliconio Monte V. 9. O Hélicon, monte da Beocia, consagrado ás Musas, onde estava a fonte de Hippocrene, cujas aguas se pretendia que influissem na phantasia dos poetas.
Hellenica. II. 61. O mesmo que grega.
Henrique. I. 22. O conde D. Henrique, tronco dos senhores reis de Portugal.
Henrique. II. 8. O infante D. Henrique, filho de el-rei D. João I, inclyto heroe e promotor dos descobrimentos maritimos.
Henrique. III. 58. O cardeal D. Henrique, decimo setimo rei de Portugal. N. 1512. A. 1578. F. 1580.
Henriques. V. Affonso Henriques.
Herculano. VI. 52. O sr. Alexandre Herculano, grande lustre das letras portuguezas.
Herculeo (Marco). II. 12. As chamadas columnas de Hercules, isto é. os dois montes Abyla e Calpe.
Herminio (Monte). I. 5. Serra da Estrella na Beira Baixa.
Hespanha. II. 3. Nobilissima região da Europa.
Hesperia. I. 2. A derradeira Hesperia é a Hespanha, que tambem se chamava entre os latinos *Hesperia minor*, em contraposição á *maior* ou *primeira*, isto é. á Italia.
Hipparco. II. 12. Mathematico e astronomo grego, que floreceu seculo e meio antes da nossa era.
Hispalica. I. 60. Adjectivo formado de *Hispalis*, antigo nome da cidade de Sevilha.
Hocem. II. 50. Ali-Hocem, capitão do soldão do Egypto.
Hollanda. IV. 15. Paiz do norte da Europa, hoje reino.
Homero. III. 21. O principe dos poetas gregos.
Honorio. I. 47. O summo pontifice, terceiro d'este nome.
Horta. III. 55. Garcia de Horta, medico portuguez que escreveu sobre as drogas da India.
Hortensia Castro. II. 61. Publia Hortensia de Castro. nobre donzella muito instruida, que esteve ao serviço da infanta D. Maria, filha de el-rei D. Manuel, e defendeu conclusões theologicas e

philosophicas na presença do cardeal infante D. Henrique, e depois na de Filippe I, pelos quaes principes foi merecidamente galardoada.

I

Iberia. V. 18. Toma-se como synonymo de Hespanha.
Ibero. I. 16. Habitante da Iberia.
Ignez. I. 67, e VI. 18. V. *Castro.*
Ignez. V. 9. D. Ignez Helena de Lima e Mello, illustre dama, que contra vontade dos seus parentes se desposou com o insigne pintor Francisco Vieira *Lusitano.*
Ilisso. V. 21. Pequeno rio que corre junto de Athenas.
India. III. 13. Vastissima região da Asia meridional.
Iphicrates. IV. 37. General atheniense, que prestou grandes serviços aos alliados da sua patria, e que foi grande mestre de disciplina militar.
Isabel. VI. 14. Sancta Isabel, esposa de el-rei D. Diniz.
Isabel. VI. 27. Esposa de el-rei D. Affonso V.
Isabel. VI. 32. D. Isabel que tendo ficado viuva do principe D. João, filho de D. João II, casou com el-rei D. Manuel.
Ismael. II. 40. Filho do patriarcha Abrahão e de Agar, de quem os arabes pretendem descender.
Ismenia. II. 10. Lyra *ismenia*, a de Pindaro, poeta natural de Thebas, cidade junto da qual corria o rio Ismeno.
Ismenio (Cisne). IV. 30. O mesmo que poeta Pindaro.
Israel. II. 44. O mesmo que Jacob. *Prole de Ismael*, os judeus.
Italia. I. 7. Celeberrima região da Europa, cuja importancia religiosa, politica e litteraria é geralmente conhecida e confessada.

J

Jacques. IV. 33. Pedro Jacques de Magalhães, um dos heroes da guerra da acclamação.
Jafanapatão. III. 66. Peninsula na extremidade septentrional da ilha de Ceilão.
Jaime. II. 57. D. Jaime, duque de Bragança, que expiou com a tomada de Azamor o crime de ter dado á morte á duqueza sua esposa, por meras suspeitas de que lhe houvesse sido infiel.
Jamba ou Jambia. III. 67. Rio da ilha de Sumatra.
Jasões. II. 10. Allude-se n'esta oitava a Jasão, principe da Thessalia, que, esbulhado do throno paterno, foi na nau *Argos* á conquista do véllo de oiro.
Jerichó. I. 12. Antiga cidade da Palestina.
Jesus. I. 64. O sanctissimo nome de Christo, nosso divino redemptor.
Joanna. II. 26. A princeza D. Joanna, intitulada a *Excellente senhora*, que devendo herdar a corôa de Castella, e casar com o senhor rei D. Affonso V de Portugal, seu tio, veiu a passar o resto de seus dias no convento de Sancta Clara em Santarem.
Joanna. II. 26. A infanta Sancta Joanna, filha de el-rei D. Affonso V.
João I. 61. O papa João XXI ou XXII, natural de Lisboa, conhecido antes do seu pontificado pelo nome de Pedro Hispano.

João II. 3. D. João I, decimo rei de Portugal. N. 1357. A. 1385. F. 1433.
João. II. 30. D. João II, decimo terceiro rei de Portugal. N. 1455. A. 1481. F. 1495.
João. III. 5. D. João III, decimo quinto rei de Portugal. N. 1502. A. 1521. F. 1557.
João. III. 43. O principe D. João, filho de el-rei D. João III.
João. IV. 1. D. João IV, vigesimo primeiro rei de Portugal. N. 1604. A. 1640. F. 1656.
João. V. 2. D. João V, vigesimo quarto rei de Portugal. N. 1689. A. 1706. F. 1750.
João. V. 38 e 78. O senhor D. João VI, vigesimo setimo rei de Portugal. N. 1767. A. 1816. F. 1826.
João. VI. 22. O infante D. João, filho de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro, casado com D. Maria, irmã da rainha D. Leonor Telles.
João. I. 61. João, cognominado o *Hispano,* o papa João XXII, portuguez.
João de Deus (S.). III. 41. Servo de Deus, fundador da ordem dos hospitalarios.
Jonio (Mar). V. 4. Porção do Mediterraneo entre a Italia e a Turquia da Europa.
José. V. 12. D. José I, vigesimo quinto rei de Portugal. N. 1714. A. 1750. F. 1777.
José. V. 38. O principe D. José, filho da senhora D. Maria I e do senhor D. Pedro III.
Josué. I. 54. Chefe dos israelitas, que os introduziu na terra da promissão.
Jucub. V. *Yucub.*
Judeu. V. *Hebreu* e *Israel.*
Julião. I. 18. O conde Julião, traidor, que fez entrar os mouros na Hespanha, no tempo do rei Rodrigo.
Junot, Soult e Massena. V. 62. Generaes francezes sobejamente conhecidos na nossa terra.

L

Lacia (Nação). I. 4. O mesmo que nação romana.
Lacio II. 28. Propriamente fallando, uma região da Italia, situada entre a Etruria e a Campania; poeticamente significa muitas vezes o mesmo que Roma.
Lafões. V. 34. O duque de Lafões, D. João de Bragança, que, voltando a Portugal depois de longas viagens, fundou a academia real das sciencias de Lisboa.
Latino. I. 6. O mesmo que romano, fallando com menos propriedade.
Laura. V. 45. Nobre e formosa dama de Avinhão, celebrada pelo grande poeta Petrarca.
Lebrun. V. 46. Poeta lyrico, cognominado o *Pindaro francez*, que floreceu nos fins do seculo passado e nos principios do actual.
Leitão. V. 6. Francisco Leitão Ferreira, douto socio da real academia de historia, fundada por el-rei D. João V.
Lencastre. IV. 4. D. Marianna de Lencastre, dama de animo varonil, que armou seus filhos para tomarem parte na gloriosa facção do 1.º de dezembro de 1640.

Leonez. I. 42. Habitante de Leão, um dos antigos reinos de Hespanha.
Leonor. VI. 20. D. Leonor Telles, esposa de el-rei D. Fernando, tendo-o sido de João Lourenço da Cunha, a quem foi violentamente tirada por aquelle soberano.
Leonor. VI. 26. D. Leonor, mulher de el-rei D. Duarte.
Leonor. VI. 28. D. Leonor, esposa de el-rei D. João II.
Leonor. VI. 34. D. Leonor, terceira mulher de el-rei D. Manuel.
Leonor. III. 33. D. Leonor de Sá. V. *Sepulveda.*
Libya. II. 24. O mesmo que Africa.
Lima. III. 28. Rio de Portugal na provincia do Minho.
Limas. III. 9. Aqui se allude a D. Manuel de Lima, cavalleiro de estremado valor, que se distinguiu por muitas façanhas, principalmente na praça de Diu.
Linneo. V. 48. Naturalista sueco, que floresceu no seculo xviii, a quem principalmente a botanica deve grandes progressos.
Lino. V. 43. Famoso poeta dos tempos mythologicos.
Lippe. V. 18. O conde reinante de Schaumburg Lippe, que foi marechal general do exercito portuguez, sendo primeiro ministro d'estado o marquez de Pombal.
Livio (o Luso). III. 19. Assim se costuma appellidar o nosso historiador João de Barros, por allusão ao historiador latino Titio Livio.
Lobo. V. 75. D. Joaquim Lobo da Silveira, conde de Oriola, um dos tres plenipotenciarios de Portugal no congresso de Vienna.
Lobo. V. 82. D. Francisco Alexandre Lobo, bispo de Vizeu, elegante escriptor e insigne critico, cujo estylo se recommenda pela sua pureza e gravidade.
Lombardo. II. 62. Pedro Lombardo, appellidado *Mestre das sentenças*, bispo de Paris, que compoz um celebre tratado, por onde se ensinou por muito tempo a sagrada theologia.
Lopes. II. 34. Fernam Lopes, o mais antigo chronista portuguez.
Lopo. II. 56. Lopo Soares de Albergaria, famoso governador da India.
Lourenço. II. 51. D. Lourenço de Almeida, joven heroe filho de D. Francisco de Almeida.
Lucano. V. 80. Poeta latino, natural de Cordova, auctor de um poema intitulado *Pharsalia*, em que reconta a guerra civil entre Cesar e Pompeu.
Lucena. III. 76. O padre João de Lucena, jesuita, puro e elegante auctor da vida de S. Francisco Xavier.
Luiz. III. 16. O infante D. Luiz, filho de el-rei D. Manuel, que esclareceu pelo seu valor e instrucção.
Luiz. IV. 49. D. Luiz de Menezes, terceiro conde da Ericeira, auctor do *Portugal restaurado.*
Luiz. V. 67. Luiz XVIII, rei de França, cujo throno foi restaurado em 1814.
Luiza. IV. 3, e VI. 37. D. Luiza de Gusmão, esposa de el-rei D. João IV.
Lusitania. I. 2. Antigo nome da nossa patria, como é sabido de todos.
Lusitano. I. 76. *et sæpe.*
Lusos. I. 6. *et passim.*
Luthero. III. 52. Martinho Luthero, heresiarcha do seculo xvi, chefe dos protestantes na Allemanha. etc.
Lyceu. II. 9. Escola de philosophia, fundada em Athenas por Aristoteles.
Lysia. I. 1. *et passim.* O mesmo que Lusitania.

M

Macedo. IV. 51. Fr. Francisco de Sancto Agostinho de Macedo, humanista, poeta e celebre polygrapho.
Macedo. V. 50. O padre José Agostinho de Macedo, poeta, orador sagrado e douto polygrapho.
Macedonio. II. 52. Allude-se a Alexandre, rei de Macedonia, que invejou a Achilles ter tido por pregoeiro do seu valor um poeta tal como Homero.
Macedos. IV. 50. V. Sousa de Macedo e Ribeiro de Macedo.
Machado. V. 29. Joaquim Machado de Castro, insigne estatuario, auctor da estatua equestre de el-rei D. José.
Machados. V. 6. Os irmãos d'este appellido Diogo, Ignacio e José, todos tres eruditos socios da academia real de historia, creada pelo rei D. João V.
Madeira. II. 12. Ilha bem conhecida, situada no oceano Atlantico, merecidamente intitulada a *Flor do Oceano*, em razão da amenidade do seu clima, da belleza de suas paizagens e da fertilidade do seu solo.
Maduré. IV. 44. Cidade e reino da India.
Mafalda. I. 40. A beata Mafalda, filha de el-rei D. Sancho I.
Mafalda. VI. 8. Esposa de el-rei D. Affonso Henriques.
Mafamede. I. 34. O mesmo que Mafoma.
Mafoma. I. 43. Falso propheta e legislador dos arabes, auctor do Corão.
Mafra. V. 3. Villa da Estremadura, distante seis leguas de Lisboa.
Magalhães. II. 55. Fernão de Magalhães, que, aggravado de el-rei D. Manuel, se passou a Castella, em cujo serviço descobriu o estreito que tem o seu nome.
Malabares. II. 42. Habitadores da costa do Malabar na India.
Malaca. II. 48. Opulenta cidade da India, tomada pelo grande Affonso de Albuquerque.
Malaia. II. 55. Lança malaia, a que matou Fernão de Magalhães na ilha de Zebú. uma das Filippinas.
Maldonado. V. 54. João Vicente Pimentel Maldonado, auctor de apologos muito chistosos e moraes.
Mammona. V. 55. Deusa das riquezas na lingua syriaca, o mesmo que *Plontos* entre os gregos.
Manique. V. 35. Diogo Ignacio de Pina Manique, primeiro visconde de Manique. e primeiro intendente geral da policia da côrte e reino, que fez ao paiz importantissimos serviços no ramo administrativo.
Mantuano. III. 10. Entende-se Virgilio, nascido na aldeia de Andes. perto de Mantua.
Manuel. II. 37. D. Manuel, decimo quarto rei de Portugal. N. 1469. A. 1495. F. 1521.
Marcello. IV. 21. Filho de Octavia, irmã de Octaviano Augusto, e filho adoptivo d'este imperador, mancebo de grandes esperanças, que morreu na flor dos annos.
Marcial. V. 8. Poeta latino, nascido em Hespanha, famoso como epigrammatico.
Marcos. V. 57. Marcos Portugal, insigne musico compositor, que floreceu nos principios d'este seculo.

Maria. VI. 25. A Sanctissima Virgem, mãe de Deus, e mãe e Senhora nossa.
Maria. II. 60. A infanta D. Maria, filha de el-rei D. Manuel.
Maria. VI. 21. A infanta D. Maria, irmã da rainha D. Leonor, e mulher do infante D. João, que barbaramente a assassinou com miras ambiciosas de casar com sua sobrinha D. Beatriz, esperando assim succeder na corôa a el-rei D. Fernando.
Maria. V. 32, e VI. 44. A senhora D Maria I, rainha reinante de Portugal. N. 1734. A. 1777. F. 1816.
Maria. VI. 33. D. Maria, segunda esposa de el-rei D. Manuel.
Maria Anna. VI. 41. D. Maria Anna de Austria, mulher de el-rei D. João V.
Marianna Victoria. VI. 43. Mulher de el-rei D. José I.
Mario. I. 8. General romano, cujas partes seguiu Sertorio na lucta civil entre elle e Sylla.
Maro. III. 31. Publio Virgilio Maro ou Marão, principe dos poetas latinos.
Martyres. III. 53. D. fr. Bartholomeu dos Martyres, arcebispo de Braga, modelo de prelados, que assistiu ao concilio de Trento.
Mascarenhas. III. 9. D. João de Mascarenhas, que se immortalisou no segundo cerco de Dio.
Mascarenhas III. 15. Pedro de Mascarenhas, capitão de Malaca, que se illustrou por grandes victorias.
Massena. III. 3. V. *Essling.*
Matapan. V. 5. Cabo da Grecia, na extremidade da Morea.
Mathilde. I. 58, e VI. 12. Condessa de Bolonha, primeira mulher de el-rei D. Affonso III.
Mauricio. IV. 19. Principe palatino do Rheno, que se refugiou no Tejo, fugindo á perseguição dos parlamentarios inglezes.
Mauritania. III. 48. Vasta região da Africa antiga, cujos limites variaram muito em differentes epocas.
Mauritano. II. 8. Toma-se como synonymo de mouro.
Maura gente. I. 22. Os mouros.
Media. II. 54. Região da Asia, contada por Virgilio entre as mais ferteis e deliciosas. Foi o mais poderoso dos reinos que se formaram á custa do primeiro imperio da Assyria quando este se desmembrou.
Mello. IV. 9. Jorge de Mello, monteiro-mór, um dos quarenta fidalgos acclamadores de el-rei D. João IV.
Mello. IV. 13. Martim Affonso de Mello, que commandou a entrepreza de Valverde. Os outros Mellos a que a oitava se refere, são : Pedro de Mello, superintendente das armas de Miranda, e Francisco de Mello, general de cavallaria.
Mello. IV. 23. D. Francisco Manuel de Mello, famigerado polygrapho em prosa e em verso.
Memphis. IV. 5. Cidade do Egypto nas margens do Nilo, por muito tempo capital d'aquelle reino.
Menandro. III. 26. Famoso poeta comico atheniense.
Mendonça. IV. 9. Pedro de Mendonça, um dos quarenta fidalgos acclamadores.
Menezes. II. 14. D. Pedro de Menezes, conde de Vianna, governador e defensor de Ceuta.
Menezes. II. 29. O conde D. Duarte de Menezes, segundo capitão de Ceuta, perto da qual praça morreu, tendo salvado a vida a el-rei D. Affonso V.

Menezes II. 34. D. Fernando e D. Antonio de Menezes, valorosos cavalleiros, que se distinguiram na Africa.
Menezes. III. 9. D. Henrique de Menezes, governador da India.
Menezes. IV. 24. Francisco de Sá de Menezes, auctor do poema heroico *Malaca conquistada.*
Menezes. IV. 30. D. Antonio Luiz de Menezes, marquez de Marialva, vencedor dos castelhanos nas linhas de Elvas e em Montes Claros.
Menezes. IV. 49. V. *Fernando.* V. *Luiz.*
Menezes. V. 7. D. Francisco Xavier de Menezes, conde da Ericeira, erudito polygrapho, e auctor do poema epico intitulado *A Henriqueida.*
Meonio. II. 52. Allude-se aos cantos de Homero, chamado vate *Meonio,* porque alguns pretendem que nascera na *Meonia,* nome poetico da Lydia, região da Asia menor.
Minerva. I. 62. Deusa da sabedoria, segundo a fabula.
Minho. III. 53. Rio e provincia de Portugal.
Miranda. III. 27. Francisco de Sá de Miranda, poeta portuguez muito conceituoso.
Moluco. III. 48. Moley Moluco, principe marroquino, que desenthronisou seu sobrinho Hamet.
Mombaça. II. 49. Ilha do mar da India, na costa do Zamguebar.
Mondego. I. 53. Rio de Portugal, que rega os campos de Coimbra. Por princeza do Mondego entende-se a mesma cidade de Coimbra.
Moniz. I. 32. Egas Moniz, aio de el-rei D. Affonso Henriques, a quem livrou de cair em poder do rei de Leão, quando este o cercava em Guimarães.
Moniz. I. 34. Martim Moniz, que se sacrificou pela fé e pela patria, na tomada do castello de Lisboa aos mouros.
Montes Claros. IV. 31. Sitio no Alemtejo, em que o general castelhano marquez de Caracena foi desbaratado pelo marquez de Marialva.
Montijo. IV. 14. Villa da Estremadura hespanhola, perto da qual os castelhanos foram vencidos pelos portuguezes, no principio da guerra da acclamação.
Moraes. III. 30. Francisco de Moraes, auctor do romance intitulado *Palmeirim de Inglaterra.*
Moscho. III. 28. Poeta grego insigne no genero pastoril.
Mouro. I. 20. Povo mahometano, bem conhecido na nossa historia.
Moysés. I. 36. O celeberrimo e inspirado legislador dos hebreus, sob cuja direcção os israelitas se libertaram do captiveiro do Egypto.
Musas. I. 1. Deusas que, segundo a fabula, presidiam ás letras e ás sciencias, e particularmente á poesia.

N

Narsinga. III. 14. Reino muito rico na India.
Nassau. IV. 15. João Mauricio, conde de Nassau, valente capitão hollandez.
Neri. IV. 46. S. Filippe Neri, fundador da congregação do Oratorio.
Nestor. IV. 34. O mais idoso dos capitães gregos confederados contra Troia, e entre elles considerado como um oraculo de sabedoria e discrição.

NEOBURGENSE (RAMO PALATINO). VI. 40. Familia soberana no antigo imperio de Allemanha.
NILO. V. 22. Rio bem conhecido, que fertilisa o Egypto.
NIVE. V. 65. Pequeno rio de França, nos Baixos Pyrenéus.
NORMANDIA. V. 83. Antiga provincia de França, cujos habitantes foram na idade media muito dados â navegação e á pirateria.
NORONHA. II. 56. D. Garcia de Noronha, famoso governador da India.
NORONHA. III. 47. D. Antão de Noronha, governador da India.
NUMA. I. 15. Segundo rei de Roma, soberano pacifico e civilisador.
NUNES. III. 55. O dr. Pedro Nunes, eximio mathematico, mestre do infante D. Luiz, filho de el-rei D. Manuel.
NUNES. III. 76. Duarte Nunes de Leão, distincto chronista e curioso philologo.
NUNO. II. 6. V. *Pereira.*
NYMPHAS. III. 17. Deusas de segunda ordem, na mythologia grega e romana.

OCTAVIANO. I. 9. O imperador Octaviano Augusto, que submetteu completamente os lusitanos, e veiu a ser o unico dominador de todo o imperio romano.
OCTAVIO. II. 27. V. *Octaviano.*
OLIVA. IV. 36. Villa da Estremadura hespanhola na fronteira de Portugal.
OPHIR. II. 54. Paiz oriental, onde as frotas de Salomão iam buscar o oiro de tres em tres annos. Uns querem que seja Sofala, outros Sumatra, outros Java, etc.
ORÃO. IV. 42. Cidade maritima da Africa.
ORMUZ. II. 48. Cidade da Asia, na entrada do golfo Persico.
ORPHEO. V. 43. Celebre poeta thracio, famigerado pela doçura de suas canções.
ORTHEZ. V. 66. Cidade de França nos Baixos Pyrenéus, junto da qual o exercito portuguez e inglez venceu os francezes.
OSORIO. III. 19. D. Jeronymo Osorio, bispo de Silves, elegante escriptor, que historiou as acções de el-rei D. Manuel.
OSSUNA. IV. 33. O duque de Ossuna, general castelhano, desbaratado por Pedro Jacques de Magalhães, junto de Castello Rodrigo.
OSYMANDIAS. II. 28. Rei do Egypto, que foi o primeiro a formar uma bibliotheca.
OURIQUE. I. 25. Villa do Alemtejo, perto da qual D. Affonso Henriques ganhou aos mouros a batalha d'este nome.
OVIDIO. V. 43. Engenhoso e suavissimo poeta latino do seculo de Augusto.

P

PACHECO. I. 52. Fernão Rodrigues Pacheco, alcaide-mór de Celorico, famoso pela sua fidelidade a el-rei D. Sancho II.
PACHECO. II. 41. Duarte Pacheco Pereira, heroe na India, cognominado *Achilles Lusitano.*

Padua, I. 50. Cidade de Italia no Veneto, onde estão os despojos mortaes de Sancto Antonio de Lisboa.
Paes, I. 75. Gil Paes, alcaide mór de Torres Novas, celebre pela sua lealdade e grandeza d'alma, no reinado de el-rei D. Fernando.
Paiva. III. 52. Diogo de Paiva de Andrade, famoso theologo, e notavel orador, que assistiu ao concilio de Trento.
Palmella. I. 42. Villa na provincia da Estremadura.
Parma. III. 59. Antigo ducado de Italia, cujo soberano, Rainucio Farnese, foi um dos pretendentes á corôa de Portugal em tempo do cardeal rei.
Parnaso. III. 11. Monte da Phocide na Grecia, onde, segundo a fabula, tinham a sua principal séde Apollo e as Musas.
Paros. V. 80. Ilha do archipelago, cujos marmores eram muito estimados.
Pedro Hispano. I. 61. V. João XXI ou XXII.
Pedro. I. 66. O conde de Barcellos D. Pedro, filho natural de el-rei D. Diniz. Attribue-se-lhe um celebre *Nobiliario*, em que se apontam as origens das principaes familias de Hespanha e Portugal.
Pedro. I. 69, e 73. D. Pedro I, oitavo rei de Portugal. N. 1320. A. 1357. F. 1367.
Pedro. IV. 40. D. Pedro II, vigesimo terceiro rei de Portugal. N. 1648. A. 1683. F. 1706.
Pedro. V. 37. O senhor D. Pedro III, esposo da rainha a senhora D. Maria I.
Pedro. II. 20. O infante D. Pedro, governador do reino na menoridade de el-rei D. Affonso V.
Pegú. III. 68. Reino da India trans-gangetica.
Pelaio. I. 19. Primeiro rei christão na Hespanha depois da invasão dos arabes.
Pelide. I. 33. Achilles, filho de Peleo, e o mais valente dos gregos que cercaram Troia.
Pella. II. 62. Capital do antigo reino de Macedonia, onde Aristoteles instruiu a Alexandre, filho de Filippe.
Pelopeia (Costa). V. 5. A costa da Morêa, antigamente Peloponeso.
Peno. I. 2. O mesmo que carthaginez, antigo povo africano.
Pereira. II. 5. D. Nuno Alvares Pereira, o condestavel, um dos maiores heroes memorados na historia portugueza.
Pereira. V. 25. O padre Antonio Pereira de Figueiredo, famoso humanista e elegante escriptor em latim e em portuguez.
Pereira. V. 28. Rodrigo Pereira, israelita portuguez, auctor de um methodo de ensinar os surdos mudos a lêr, anteriormente ao francez abbade de l'Epée.
Peres. II. 29. Gonçalo Peres, que na batalha de Toro se lançou com outros no meio dos castelhanos, e lhes arrancou o estandarte real portuguez.
Perestrello. II. 12. Bartholomeu Perestrello, descobridor da ilha de Porto Sancto.
Peripato. II. 9. V. *Lyceu*.
Permesso. V. 23. Rio da Beocia, consagrado ás Musas.
Pharsalico (Combate). V. 80. A batalha de Pharsalia, entre Cesar e Pompeu.
Phebeu luzeiro. V. 7. O sol.
Phidias. V. 29. Esculptor atheniense, o maior estatuario da antiguidade.

Pierides. V. 49. Synonymo de Musas.
Pignotti. V. 54. Poeta toscano, que floreceu nos fins do seculo passado e principios do presente, o qual se tornou muito popular pelos apologos que compoz.
Pina. II. 34. Ruy de Pina, chronista do reino e guarda mór da torre do tombo.
Pindaro. III. 10. O principe dos poetas lyricos gregos.
Pindo. I. 1. Monte da Grecia, no Epiro, antigamente consagrado a Apollo e ás Musas.
Pinheiro. III. 63. D. Antonio Pinheiro, bispo de Leiria, erudito e orador; grande partidario de Castella na questão da successão por morte do cardeal rei.
Pinheiro. V. 81. Silvestre Pinheiro Ferreira, sabio philosopho e publicista, nosso contemporaneo.
Pinto III. 57. Fernão Mendes Pinto, curioso narrador de suas proprias peregrinações.
Pires. III. 9. Lourenço Pires de Tavora, valente capitão e habil diplomatico.
Platão. III. 27. Famoso philosopho grego, fundador da primeira escola academica.
Plaucio. I. 6. Pretor romano, vencido por Viriato
Plauto. III. 26. Illustre poeta comico latino.
Pombal. V. 19. V. *Carvalho* (Sebastião José de).
Pomona. I. 2. Deusa dos pomares e dos fructos.
Pompeu. I. 6. Pompeu Nepos, consul romano, que tentou em vão submetter os lusitanos.
Pontevedra. 1. 42. Cidade de Galliza, não longe do mar.
Portugal. I. 2. *et sæpe.*
Praga. VI. 42. Capital da Bohemia. Por heroe de Praga entende-se aqui S. João Nepomuceno, martyr do sigillo sacramental.
Ptolemeu. II. 12. Celebre astronomo grego, que floreceu no segundo seculo da era christã.
Pydna. III. 11. Cidade da Macedonia, perto da qual Paulo Emilio desbaratou Perseu, ultimo rei da Macedonia.
Pyrene. I. 14. Donzella a qual, segundo a fabula, deu o seu nome aos montes que separam a Hespanha da França.
Pyrenéos. V. 33. Montes entre a França e Hespanha.

Q

Quental. IV. 46. O veneravel padre Bartholomeu do Quental, que introduziu em Portugal a congregação do Oratorio.
Quevedo. III. 75. Vasco Mousinho de Quevedo, auctor do poema epico intitulado *Affonso Africano.*
Quiloa. II. 49. Cidade de Africa na costa de Melinde.
Quirino. I. 6. O mesmo que Romulo, fundador e primeiro rei de Roma.
Quita. V. 23. Domingos dos Reis Quita, poeta lyrico e dramatico que exercia o officio de cabelleireiro.

R

Recaredo. I. 17. Rei dos wisigodos, que convocou o terceiro concilio de Toledo em 589, e a quem se deve a extincção da heresia ariana, até então professada pelos godos na Hespanha.

REIS. V. 8. O padre Antonio dos Reis, da congregação de Oratorio. Escreveu no idioma latino com grande pureza e elegancia, principalmente no genero epigrammatico, e colligiu e publicou um grande numero de poesias latinas compostas por auctores portuguezes.
RESTELLO. II. 59. Sitio a uma legua de Lisboa, ao poente, onde embarcaram os portuguezes que foram ao descobrimento da India, e onde hoje está a igreja consagrada a Nossa Senhora de Belem, mandada edificar por el-rei D. Manuel, e acabada no reinado de D. João III.
REZENDE. III. 24. André de Rezende, douto antiquario e insigne humanista, muito estimado de el-rei D. João III, e do cardeal infante D. Henrique.
RIBEIRO. III. 68. Salvador Ribeiro de Sousa, portuguez valorosissimo, que se immortalisou por façanhas quasi incriveis no Pegú, antigo reino na India alem do Ganges, e depois recusou o throno que lhe era offerecido pelo povo que havia vencido e pacificado.
RIBEIRO IV. 10. João Pinto Ribeiro, jurisconsulto, que muito contribuiu para a acclamação de D. João IV, cujo secretario era.
RIBEIRO. IV. 50. Duarte Ribeiro de Macedo, diplomatico, philosopho e politico, auctor de varias obras estimadas.
ROBERTO. IV. 19. Principe palatino. V. *Mauricio.*
ROCHA. V. 25. José Monteiro da Rocha, varão doutissimo que teve grande parte na compilação dos *Novos estatutos* dados á universidade de Coimbra na epoca da sua reforma.
RODRIGO. I. 18. O ultimo rei dos wisigodos em Hespanha.
RODRIGUES. II. 6. Mem Rodrigues de Vasconcellos, esforçado capitão, que muito se distinguiu na batalha de Aljubarrota.
RODRIGUES. III. 74. Francisco Rodrigues Lobo, elegante prosador e poeta distincto no genero pastoril, mas pouco feliz no epico.
ROLIM. III. 9. Allude-se n'este logar a Pedro Barreto Rolim, que se abalisou pelas suas proezas na India.
ROMA. 1. 4. Capital do maior imperio do mundo na antiguidade, e hoje metropole do mundo christão.
ROSA. V. 9. Salvador Rosa, napolitano, que foi ao mesmo tempo poeta e pintor.
ROUPINHO. I. 33. D. Fuas Roupinho, esforçado capitão por mar e por terra, de quem referem grandes façanhas as antigas chronicas.
RUMES. II. 50. Os persas e os mogores chamam assim aos turcos.

SABAUDA. VI. 8. Natural de Saboia.
SABOIA. III. 59. Nobilissimo ducado, cujo soberano, Manuel Felisberto, foi um dos pretendentes á successão do throno de Portugal, em tempos do cardeal rei.
SADO. V. 44. Rio de Portugal na provincia da Estremadura. O cisne do Sado é Bocage, que nasceu em Setubal.
SAGRES. II. 9. Villa do Algarve, junto do cabo de S. Vicente.
SALADO. I. 67. Pequeno rio, perto dos campos de Tarifa, na Andaluzia.

Salamanca. II. 65. Cidade de Hespanha, no reino de Leão, séde de uma famosa universidade.
Saldanha. III. 9. Dos muitos heroes d'esta preclarissima familia, aquelle a que se allude aqui é Antonio de Saldanha, valente capitão na Asia e na jornada de Tunis.
Saldanha. V. 75. Antonio de Saldanha, conde de Porto Sancto, um dos plenipotenciarios de Portugal no congresso de Vienna.
Salomão. V. 2. Segundo rei dos hebreus; monarcha riquissimo, que edificou o sumptuoso templo de Jerusalem.
Salvador Correia. IV. 18. V. *Correia.*
Salvaterra. IV. 36. Villa da Estremadura hespanhola na fronteira de Portugal.
Samorim. II 46. Titulo do soberano de Calecut.
Samos. V. 42. Ilha do mar Egeo, patria de Pythagoras, fundador da escola italica, grande philosopho e insigne mathematico.
Sampaio. I. 42. Villa de Galliza.
Sampaio. III. 14. Lopo Vaz de Sampaio, que ganhou uma famosa batalha naval ao grande capitão mouro Cutiale.
Sancha. I. 40. A beata Sancha, filha de el-rei D. Sancho I.
Sancho. I. 39. D. Sancho I, segundo rei de Portugal. N. 1154. A. 1175. F. 1211.
Sancho. I. 51. D. Sancho II, quarto rei de Portugal. N. 1209 ou 1210. A. 1223 F. 1248.
Sancho. IV. 30. D. Sancho Manuel, conde de Villa Flor, um dos maiores heroes da guerra da acclamação e vencedor de D. João de Austria, na batalha do Ameixial.
Sancta Cruz (Terra da). II. 53. O Brazil.
Santarem I. 30. Villa nobilissima da provincia da Estremadura, hoje cidade.
Santarem. V. 83. O segundo visconde de Santarem, que entre outras muitas obras que compoz, escreveu uma em Paris, em que erudita e solidamente revindicou para Portugal a prioridade dos descobrimentos africanos, contra a pretenção do viajante Villault e de outros francezes.
Santos. V. 51. Antonio Ribeiro dos Santos, poeta e sabio polygrapho, que viveu nos fins do seculo passado e principios do actual, a quem se deve o estabelecimento e a primitiva organisação da bibliotheca publica de Lisboa, da qual foi o primeiro bibliothecario.
Sapho. V. 52. Famosa poetisa lyrica, natural da ilha de Lesbos.
Saraiva. V. 82. D. Francisco de S. Luiz Saraiva, bispo conde de Coimbra, depois cardeal patriarcha de Lisboa, auctor de eruditissimas obras philologicas e historicas.
Sarraceno. I. 21. Nome que na idade media se deu vulgarmente aos arabes, mouros, etc.
Scipiões. IV. 22. Famosissimos capitães romanos, um appellidado *Africano Maior*, vencedor de Hannibal; outro cognominado *Africano Segundo,* destruidor de Carthago.
Schomberg. IV. 37. Marechal de França, que muito contribuiu, como general e como disciplinador, para o triumpho da independencia de Portugal, na guerra contra Castella.
Seabra. V. 30. O dr. José de Seabra da Silva, 1.º visconde da Bahia, duas vezes desterrado em consequencia de lamentaveis enredos politicos.
Sebastião. III. 44. D. Sebastião, decimo setimo rei de Portugal N. 1554. A. 1557. F. 1578,

Semedo. V. 44. Belchior Manuel Curvo Semedo, gracioso poeta dos começos do presente seculo. Escreveu, entre outras poesias, chistosos apologos.
Sena. II. 62. Rio de França, que corre junto de Paris.
Sepulveda. III. 33. Manuel de Sousa Sepulveda, esforçado cavalleiro, cujo naufragio, peregrinação e morte com sua mulher e filhos na Cafraria, foram celebradas por Jeronymo Côrte Real.
Sequeira. II. 56. Diogo Lopes de Sequeira, illustre governador da India, o qual abriu communicação pela via da India com o imperio do Preste, na Ethiopia ou Abissinia.
Sequeira. V. 56. Domingos Antonio de Sequeira, o mais insigne pintor de historia, portuguez dos principios d'este seculo.
Serra. V. 48. O sabio naturalista e profundo botanico abbade Correia da Serra.
Sertorio. I. 8. Valoroso general romano, que, poucos annos depois de morto Viriato, veiu capitanear os lusitanos na lucta por elles sustentada pela sua independencia.
Sigêas (As irmãs). II. 61. Luiza e Angela, filhas de Diogo Sigé, francez, que com ellas veiu de Toledo a Portugal. Foram muito famigeradas pela sua grande instrucção.
Sigismundo. IV. 15. Sigismundo Van Schopp, general hollandez, vencido pelos portuguezes no Brazil.
Siloé. III. 17. Fonte em Jerusalem, muito celebrada entre os antigos judeus, e junto da qual estava a milagrosa piscina de que se falla no evangelho.
Silveiras. III. 9. Um é Heitor da Silveira, expugnador de Baçaim; outro Antonio da Silveira, defensor de Dio.
Silves. I. 39. Cidade do Algarve.
Soeiro. I. 44. D. Soeiro Viegas, bispo de Lisboa.
Sophia. V. 24. Personificação poetica da sabedoria.
Sophia. VI. 40. D. Maria Sophia Izabel de Neuburgo, segunda esposa de el-rei D. Pedro II.
Soult. V. 62. Marechal de França, um dos melhores generaes de Napoleão I.
Sousa. III. 73. Fr. Luiz de Sousa, historiador e um dos mais puros e elegantes escriptores da nossa lingua. Escreveu, entre outras obras, a vida do arcebispo de Braga, D. frei Bartholomeu dos Martyres.
Sousa. IV. 50. Antonio de Sousa de Macedo, prosador e poeta, auctor do poema heroico *Ulyssipo*.
Sousa. V. 59. D. Rodrigo de Sousa, conde de Linhares, illustrado estadista, ministro do principe regente D. João.
Sousa. V. 75. D. Pedro de Sousa e Holstein, 1.º conde, 1.º marquez e 1.º duque de Palmella, ministro plenipotenciario de Portugal no congresso de Vienna, e traductor dos Lusiadas em verso francez.
Sousas. III. 9. Entre os heroes d'esta esclarecida familia, allude-se aqui especialmente a Martim Affonso de Sousa, heroe famoso no Brazil e na India.
Stoa II. 9. Quer dizer *portico*, e toma-se pela escola philosophica de Zeno.
Strabão ou Strabo. II. 12. Famoso geographo grego, que se immortalisou pelos seus escriptos, sob o imperio de Augusto e de Tiberio.
Suevos. 1. 13. Povos germanicos, invasores do imperio romano.

T

Tanger. II. 15. Cidade de Africa no imperio de Marrocos.
Taprobana. II. 56. Nome pelo qual os antigos conheciam a ilha de Ceilão.
Tareja. I. 22, e VI. 6. D. Thereza, filha do imperador D. Affonso VI, e mulher do conde D. Henrique.
Targa. II. 33. Cidade de Africa, no reino de Fez.
Tasso. IV. 34. Torquato Tasso, principe dos epicos italianos. O heroe da sua epopéa intitulada: *Jerusalem Libertada*, é Godofredo de Bulhão, ou de Bulhões.
Tavora. II. 34. D. Martinho de Tavora, que se abalisou nas guerras de Africa.
Teia. V. 45. Teia Lyra, a de Anacreonte, poeta grego, nascido em Teos, cidade da Jonia, na Asia Menor.
Teive. III. 24. Diogo de Teive, famoso humanista, um dos ornamentos da universidade de Coimbra, nos tempos de D. João III.
Teixeira. II. 12. Tristão Vaz Teixeira, um dos descobridores da ilha da Madeira.
Tejo. I. 25. Rio de Hespanha e de Portugal, bem conhecido.
Telles. V. Leonor Telles.
Tempe. II. 54. Campos da Thessalia, muito celebrados pela sua amenidade.
Templo (Milicia do). I. 64. Ordem militar, extincta reinando em Portugal D. Diniz.
Testi. V. 46. O conde D. Fulvio Testi, poeta lyrico italiano, do xvii seculo.
Teutonica. VI. 42. Familia teutonica, o mesmo que germanica ou allemã. Aqui significa uma communidade carmelita, vinda da Allemanha.
Thebano. III. 10. Cantor thebano, Pindaro natural de Thebas.
Theodosio. IV. 21. O principe D. Theodosio, filho de el-rei D. João IV; falleceu tendo pouco mais de dezenove annos de idade.
Theotonio. I. 36. S. Theotonio, primeiro prior de Sancta Cruz de Coimbra, a quem tradições antigas (mas sem fundamento grave) attribuem grandes proezas militares.
Thereza. VI. 2. V. *Tareja*.
Thereza. I. 40. A beata Thereza, rainha de Leão, filha de el-rei D. Sancho I.
Thessalia. II. 10. Um dos sete paizes da peninsula hellenica, e de que Jasão foi rei.
Thomar. I. 41. Cidade de Portugal na provincia da Estremadura.
Thomé. III. 62. Fr. Thomé de Jesus, eremita augustiniano, insigne escriptor ascetico. Escreveu, sendo captivo dos mouros, o livro intitulado: *Trabalhos de Jesus*.
Thomyris. IV. 4. Rainha dos massagetas: segundo conta Herodoto, combateu, venceu e matou o grande Cyro, que á frente de um poderoso exercito invadira os seus estados.
Tibre. III. 56. Rio que banha a cidade de Roma.
Tigre. III. 12. Grande rio da Asia.
Tite. II. 57. Pequena cidade de Africa, no imperio de Marrocos.
Tito. V. 78. Imperador de Roma, famigerado pela sua clemencia e pela brandura do seu caracter.

TODI. V. 58. Luiza Rosa de Aguiar Todi, insigne cantora e actriz muito applaudida em Portugal e em varios theatros da Europa, principalmente em S. Petersburgo.
TOLEDO. I. 17. Cidade de Hespanha, na provincia de Castella a Nova, onde se celebraram muitos concilios.
TOLENTINO. V. 47. Poeta insigne pelas suas chistosas quintilhas, quasi todas no genero satyrico urbano e festival.
TOLOSA. V. 67. Cidade de França, cabeça do departamento do Alto Garumna.
TORMENTORIO (CABO). V. *Tormentoso.*
TORMENTOSO. II. 35. O cabo das Tormentas, depois denominado da *Boa Esperança.*
TORO. II. 24. Cidade de Hespanha, no reino de Leão, junto da qual D. Affonso V não pôde vencer os hespanhoes do partido de D. Fernando de Aragão.
TORQUATO (GIRALDO, FRUCTUOSO). I. 28. Tres bispos de Braga, todos sanctos.
TORRES. V. 44. Domingos Maximiliano Torres, distincto poeta lyrico, que floresceu nos primeiros tempos do corrente seculo.
TORRES NOVAS. I. 41. Villa de Portugal na Estremadura.
TRANSTAGANO (TERRENO). I. 26. A provincia do Alemtejo
TRENTO. III. 51. Cidade do Tyrol, onde se celebrou o penultimo concilio geral da igreja.
TRISTÃO. II. 59. Tristão da Cunha, fidalgo muito valoroso, e embaixador de D. Manuel a Roma.
TROIA. VI. 20. Antiga capital da Troade, na Asia Menor, celebre pelos poemas de Homero.
TULLIO. III. 21. Marco Tullio Cicero, principe dos oradores latinos, e celebre philosopho e estadista.
TUNES. III. 16. Cidade de Africa na Barbaria, ás margens do Mediterraneo.
TURCOS. III. 66. Grande familia da raça indo-germanica, povos sequazes da religião mahometana.
TUY. I. 42. Cidade de Galliza, junto ao rio Minho.

U

ULYSSEIA. II. 44. O mesmo que Lisboa.
UNIMANO. I. 6. Capitão romano, vencido por Viriato.
URANIA. III. 17. Musa que se dizia presidir á astronomia.
URRACA. VI. 11. D. Urraca, esposa de el-rei D. Affonso II.

V

VALVERDE. IV. 13. Villa da Estremadura hespanhola, perto de Badajoz.
VANDALIA (TERRA). I. 56. O mesmo que Andaluzia.
VANDALOS. I. 13. Povos de origem slava, que invadiram Hespanha, Africa, etc.
VASCONCELLOS. IV. 30. Joanne Mendes de Vasconcellos, valente general na Bahia e no Alemtejo, durante a guerra da acclamação.

Vasco. III. 36. Insigne pintor, natural da cidade de Vizeu, conhecido entre nós pelo nome de *Grão Vasco;* floresceu nos reinados de D. Affonso V e de D. João II.
Vaticano. II. 59. Uma das sete collinas de Roma. Toma-se ás vezes como synonymo da cidade eterna, ou do pontifice que tem n'ella a sua séde.
Vaz. III. 55. Pedro Vaz Castello, medico, lente da universidade de Tolosa.
Venusa. V. 47. Cidade de Italia na Apulia, patria de Horacio.
Verney. V. 25. Luiz Antonio Verney, doutissimo philosopho e humanista, precursor da restauração dos estudos em Portugal.
Vicente. III. 26. Gil Vicente, famoso poeta comico portuguez.
Victoria. V. 65. Cidade do norte de Hespanha, celebre pela total derrota que, perto d'ella, experimentou o exercito francez defensor da causa do intruso rei José.
Vidal. IV. 17. André Vidal de Negreiros, valente cabo de guerra na lucta contra os hollandezes no Brazil.
Vieira. IV. 11. O padre Antonio Vieira, jesuita, grande orador, e um dos nossos mais distinctos escriptores classicos.
Vieira. IV. 17. João Fernandes Vieira, illustre capitão, restaurador de Pernambuco.
Vieira. V. 9. Francisco Vieira *Lusitano*, insigne pintor e mavioso poeta, no reinado de el-rei D. João V.
Vieira. V. 56. Francisco Vieira *Portuense*, egregio pintor, dos fins do seculo passado e principios do presente.
Vilhena. IV. 3. D. Filippa de Vilhena, dama que se immortalisou na manhã do fausto dia 1.° de dezembro de 1640.
Viriato. I. 5. Capitão lusitano esforçadissimo, que sustentou por muitos annos a independencia patria contra os romanos.
Vives. II. 65. Luiz Vives, celeberrimo humanista hespanhol.
Vizeu. III. 36. Cidade de Portugal, cabeça da provincia da Beira Alta.
Vizeu. II. 32. O duque de Vizeu D. Jaime, apunhalado em Setubal, pelo proprio rei D. João II, contra quem conspirava.
Volga. V. 72. O maior rio da Russia europea e de toda a Europa.

Xavier. III. 40. S. Francisco Xavier, glorioso apostolo do Oriente.

Y

Yaz. II. 50. Melique-Yaz, mouro que de captivo de um mercador veiu a ser senhor de Dio.
Yucub. I. 42. O imperador de Marrocos, Yucub Al-Mansor, cujas expedições causaram grandes perdas á Hespanha e a Portugal, mas que não pôde conservar as conquistas que fizera.

Zama. III. 11. Cidade de Africa, em cujas cercanias o primeiro Scipião venceu a Hannibal.

ZARCO II. 12. João Gonçalves Zarco, um dos descobridores da ilha da Madeira.

ZENOBIA. IV. 4. Rainha de Palmyra, viuva de Odenato: pelejou valorosamente contra os romanos, e só depois de uma longa lucta foi vencida pelo imperador Aureliano.

ZEUXIS. V. 56. Pintor grego, que floresceu quatro seculos antes da nossa era, famoso mais que tudo pela excellencia do desenho, e pela nobreza dos assumptos que escolhia para as suas composições.

ZOILO. V. 82. Detractor de Homero, e typo de um censor injusto e maledico.

ERRATAS

Canto i. Est. 1. — Folgo indicarm'rapido relance,
Leia-se :
Memoro ufano, apenas de relance.
Ibidem. — Sem que chame em auxilio Apollo, as musas,
Leia-se :
Sem que chame em auxilio Apollo e as Musas.
Canto i. Est. 18. — Em vez de inculta, leia-se : inulta.
Canto i. Est. 37. — hipponte, leia-se : hipponense.
Canto iii. Est. 22. — Al, leia-se : Ali.
Canto v. Est. 5. — Matagan, leia-se : Matapan.
Canto vi. Est. 46. — Em trevas avernas, leia-se : avernaes.
Canto vi. Est. 44. — é monarchia, leia-se : á monarchia.

No indice alphabetico omittiu-se mencionar Fortunato (D.), arcebispo de S. Boaventura, douto escriptor da ordem de S. Bernardo.

Roga-se aos leitores se dignem desculpar benevolamente algumas outras incorrecções que principalmente na parte em prosa tenham escapado na revisão das provas ao auctor octogenario e enfermo.